

SUKI KIM

Autora best-seller do
The New York Times

INFILTRADA

POR DENTRO DA COREIA DO NORTE,
A DITADURA MAIS SECRETA DO MUNDO



CONFIDENCIAL

"Extraordinário [...]. Um livro profundamente inquietante, oferecendo um vislumbre raro e perturbador da estranheza, brutalidade e claustrofobia norte-coreana [...]."

— *Chicago Tribune*

UNIVERSO DOS LIVROS



SUKI KIM

Autora best-seller do
The New York Times

INFILTRADA

POR DENTRO DA COREIA DO NORTE,
A DITADURA MAIS SECRETA DO MUNDO



CONFIDENCIAL

"Extraordinário [...]. Um livro profundamente inquietante, oferecendo um vislumbre raro e perturbador da estranheza, brutalidade e claustrofobia norte-coreana [...]."

— *Chicago Tribune*

UNIVERSO DOS LIVROS



**POR DENTRO DA COREIA DO NORTE,
A DITADURA MAIS SECRETA DO MUNDO**

Without you, there is no us: undercover among the sons of North Korea's elite

Copyright © 2014 by Suki Kim

Reader's Guide copyright © 2015 by Penguin Random House LLC.

© 2021 by Universo dos Livros

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

Diretor editorial

Luis Matos

Preparação

Alexander Barutti

Gerente editorial

Marcia Batista

Revisão

Ricardo Franzin

Aline Graça

Assistentes editoriais

Letícia Nakamura e Raquel F. Abranches

Arte

Renato Klisman

Tradução

Gabriela Peres Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

K62i

Kim, Suki

Infiltrada : por dentro da Coreia do Norte, a ditadura
mais secreta do mundo / Suki Kim ; tradução de

Gabriela Peres Gomes.

— São Paulo : Universo dos Livros, 2021.

304 p., il.

e-ISBN 978-65-5609-156-3

Título original: *Without you, there is no us:
undercover among the sons of North Korea's elite*

1. Professores de inglês – Coreia do Norte –
Biografia 2. Ciências sociais – Elite 3. Educação e
Estado – Coreia do Norte 4. Política e governo 5.
Condições sociais I. Título II. Gomes, Gabriela Peres

21-4265

CDD 818.6

Universo dos Livros Editora Ltda.

Avenida Ordem e Progresso, 157 — 8º andar — Conj. 803

CEP 01141-030 — Barra Funda — São Paulo/SP

Telefone/Fax: (11) 3392-3336

www.universodoslivros.com.br

e-mail: editor@universodoslivros.com.br

Siga-nos no Twitter: [@univdoslivros](https://twitter.com/univdoslivros)



**POR DENTRO DA COREIA DO NORTE,
A DITADURA MAIS SECRETA DO MUNDO**

São Paulo
2021

Grupo Editorial
UNIVERSO DOS LIVROS

PARA MINHA MÃE E MINHA IRMÃ



Crédito: Mapping Specialists | Tradução para o português: Equipe Universo dos Livros

PRÓLOGO

LÁ, O TEMPO PARECIA PASSAR de uma forma diferente. Quando você está desligado do resto do mundo, cada dia é exatamente igual ao anterior. Essa mesmice tem o dom de desgastar a sua alma até que você se torne nada além de uma coisa que respira, trabalha e consome, despertando quando o sol nasce e indo dormir ao primeiro sinal de escuridão. O vazio fica mais profundo a cada dia que passa, e você se torna cada vez mais invisível e desimportante. É assim que eu me sentia às vezes, um insetinho minúsculo dando voltas em si mesmo, apenas seguindo em frente. Lá, naquele vácuo implacável, nada se movia. Nenhuma notícia chegava ou saía. Nenhum telefonema era dado ou recebido. Sem e-mails, sem cartas, sem ideias que já não tivessem sido estipuladas pelo regime. Trinta missionários disfarçados de professores e 270 estudantes norte-coreanos do sexo masculino... e eu, a única escritora disfarçada de missionária disfarçada de professora. Trancados naquela prisão disfarçada de *campus* em um subúrbio deserto de Pyongyang, fortemente vigiados vinte e quatro horas por dia, tudo o que tínhamos era uns aos outros.

PARTE UM ANTIATLÂNTIDA



Aeroporto de Sunchon, Pyongyang, 2002. A recepcionista do aeroporto segura uma placa com os dizeres “Sol do século XXI”, em comemoração ao aniversário de sessenta anos de Kim Jong-il.

1

MEIO-DIA E QUARENTA E CINCO, segunda-feira, 19 de dezembro de 2011, ouvi uma batida à minha porta. Meu coração afundou no peito. Eu sabia quem estaria do outro lado. Ignorei o som e continuei enfiando as minhas roupas na mala. A batida soou novamente. Ela sabia que eu estava lá dentro e não iria embora. Por fim, parei o que estava fazendo e abri a porta. Lá estava Martha, uma garota britânica de vinte e quatro anos, esguia e usando óculos, com quem eu dividia as obrigações de professora.

– Você precisa ir à reunião neste instante – declarou ela.

Suspirei, sentindo o peso dos últimos meses que eu passara ali, entre trinta missionários cristãos, agora reunidos em segredo para uma oração antes do Natal. Então, ela apontou para o teto e sussurrou:

– Ele morreu.

Achei que Martha estivesse se referindo a Deus e fiquei confusa por um instante. Nunca li a Bíblia e a maior parte da minha família é atea. Então, ela disse “*ele*” e percebi a quem estava se referindo: o principal deus daquele mundo, Kim Jong-il.

Seria obra do destino o fato de que minha experiência norte-coreana havia começado no aniversário dele e terminaria com sua morte? Era fevereiro de 2002 quando avistei a cidade proibida de Pyongyang pela primeira vez. Estava ali como membro de uma delegação coreano-estadunidense em visita para as celebrações do sexagésimo aniversário de Kim Jong-il. Só haviam se passado alguns meses desde o 11 de setembro, e George W. Bush tinha acabado de declarar aquele país parte de um “eixo do mal”, então foi um momento desfavorável para ser a única mulher norte-americana a cruzar a fronteira com um grupo de estranhos.

Nos nove anos seguintes, a cada travessia implausível por sua fronteira imutável, eu me tornava ainda mais inebriada por aquele lugar desconhecido e incognoscível. Essa nação isolada vivia sob um sistema totalmente diferente do restante do mundo; tão diferente que, quando cheguei em 2011, me encontrei no ano Juche 100. A República Popular

Democrática da Coreia (RPDC) segue um sistema de calendário diferente, que começa a contar os anos a partir do nascimento de seu Grande Líder original, Kim Il-sung, que morreu em 1994. *Juche*, que pode ser traduzido como “autossuficiência”, encontra-se no cerne da filosofia fundamental da Coreia do Norte. Quase todos os livros que vi por lá ou haviam sido escritos pelo Grande Líder ou eram sobre ele. A mídia estatal, incluindo o jornal *Rodong Sinmun* e a Televisão Central da Coreia, veiculava notícias quase que exclusivamente sobre o Grande Líder. Quase todos os filmes, todas as músicas, todos os monumentos aclamavam os feitos milagrosos do Grande Líder, um cargo transmitido por três gerações, de Kim Il-sung e Kim Jong-il a Kim Jong-un, que tinha vinte e nove anos quando assumiu o poder, em 2012, e tornou-se o chefe de estado mais jovem do mundo. Segundo relatos, todas as casas do país estão equipadas com um alto-falante por meio do qual a propaganda do governo pode ser transmitida e há mais de 35 mil estátuas dos Grandes Líderes espalhadas por todo o país.

Porém, enquanto o regime se envolve com armas nucleares, acarretando inúmeras sanções das Nações Unidas, o povo da Coreia do Norte sofre. A Grande Fome da década de 1990 (também conhecida como Marcha Ádua) matou milhões de pessoas, quase um décimo de toda a população, e mesmo agora o Programa Mundial de Alimentos relata que 80% dos norte-coreanos sofrem de fome e escassez de alimentos. Estima-se que o trabalho forçado, as execuções e os campos de concentração tenham ceifado mais de um milhão de vidas desde 1948. De acordo com o último relatório da ONU, a RPDC mantém em torno de vinte *gulags* com cerca de 120 mil prisioneiros políticos (a Human Rights Watch estima que sejam duzentos mil). É inevitável que esses números sejam apenas estimativas aproximadas, já que não é possível verificar nada por lá. Quase nenhum norte-coreano tem permissão para sair do país – desertores correm o risco de ser executados – e quase nenhum estrangeiro tem permissão para entrar, exceto aqueles que viajam com pacotes turísticos, a maioria com passaportes europeus, e só podem ver aquilo que lhes é permitido. Nessa era global de informação, na qual os segredos se tornaram um anacronismo, a Coreia do Norte segue na contramão.

Minha obsessão por esse país problemático – porque de fato se tornou uma obsessão – baseava-se em mais do que mero interesse jornalístico. Na primeira vez que estive na Coreia do Norte, não sabia ao certo o que era um “delegado” nem muita coisa sobre o grupo com o qual eu estava viajando,

apoiador de Kim Jong-il. Isso faz com que eu soe extremamente irreverente ou extremamente jovem, mas eu não era nenhuma dessas duas coisas. Minha ignorância era deliberada. Como era muito difícil conseguir um visto para esse país, achei melhor não parecer tão inquisitiva. Mas havia algo além disso: uma parte de mim, uma voz muito insistente no meu âmago, não queria saber desses detalhes. Para aqueles de nós que cresceram na Coreia do Sul nos anos 1970, qualquer coisa relativa à Coreia do Norte é vista como um mau pressentimento. E, para aqueles de nós que tiveram parentes capturados pela Coreia do Norte, esse medo é ainda mais intenso. Se eu soubesse tudo o que sei agora, mais de uma década depois, duvido que teria embarcado naquela primeira e fatídica viagem. Porém, realmente peguei um avião no aeroporto JFK, da companhia aérea Korean Air, uma das mais modernas e luxuosas do mundo, e quase vinte horas depois, passando por Seul e Pequim, embarquei em um avião da companhia estatal Air Koryo, da Coreia do Norte, onde a única coisa que tinha para ler era uma revista sobre o Grande Líder. E eu cruzaria essa mesma fronteira para Pyongyang repetidas vezes no decorrer dos nove anos seguintes.

A origem de cada história data de uma época anterior a ela. As raízes da minha obsessão vêm do ano de 1945, décadas antes de eu sequer ter nascido. Foi naquele período, quando o reino de cinco mil anos da Coreia foi dividido pelos Aliados, que o libertaram do Japão, que tudo começou a dar errado. E, desde então, tudo continua dando errado, e nada, nem mesmo a guerra de três anos que começou em 1950, fez muita diferença.

Ou talvez minha obsessão tenha se tornado inevitável quando eu era uma criança na Coreia do Sul. Os anos que passei lá permanecem irritantemente estáticos, intactos e imaculados em minha mente. À medida que envelheço, a memória daqueles anos se torna maior, cada cantinho projetando uma sombra mais extensa. Essa é a situação de um imigrante de primeira geração, para quem tudo é separado entre o *presente* e o *futuro*, entre *antes* e *depois* da mudança. O oceano que separa o lar adotivo e a velha pátria também tem o poder de dividir o tempo.

Eu tinha apenas treze anos quando viemos para os Estados Unidos. O início dos anos 1980 na Coreia do Sul foi um período de instabilidade política e turbulência econômica, e os negócios do meu pai – desde a empresa de transportes e os empreendimentos de mineração até os hotéis – logo entraram em colapso. Na Coreia do Sul, a falência era punível com um tempo de prisão considerável, então fugimos na calada da noite. Como a de

muitos dos novos imigrantes nos Estados Unidos, minha família era pobre e se mudava de um lugar para o outro – do Queens para Jersey City, do Bronx para Fort Lee. Compreendia apenas uma parte das grandes mudanças que pareciam ter acontecido ao meu redor de uma hora para outra. Sabia que não estava mais na Coreia, mas ainda não tinha me dado conta de que havia perdido meu lar permanentemente. Outro conceito estrangeiro que demorei a assimilar: passei a ser *asiática*, um termo que eu só tinha escutado em uma aula de estudos sociais. Na minha terra, amarelo era a cor da forsítia, que florescia a cada primavera ao longo da cerca que separava nossa propriedade das casas no sopé da colina. Eu certamente nunca havia detectado em minha pele essa tonalidade. Aqueles anos também foram marcados pelo silêncio. Minha língua materna foi embora de repente, substituída por sons desconhecidos chamados de “inglês”. Pareceu um milagre quando consegui passar no vestibular e entrar na faculdade.

Depois de me formar, passei alguns anos em Londres, em busca de algo que nunca consegui nomear. Em seguida, voltei para Nova York, tive uma série de empregos de meio período e aluguei um apartamento no East Village, onde passei meus vinte anos. Contudo, nunca me senti em casa lá e costumava sublocar meu apartamento e ir embora, muitas vezes com bolsas miseráveis de escrita que exigiam que eu morasse em algum lugar remoto, fosse uma cabana centenária em New Hampshire, fosse um quarto vazio de frente para uma colina no deserto em Wyoming. Não havia celulares naquela época e eu sempre ligava a cobrar para os meus pais. Lembro-me de ter saído de um ônibus certa tarde e parado em uma cabine telefônica em frente a um café, em Taos, Novo México. Meu pai, que estava do outro lado da linha, em Nova Jersey, encerrou a ligação dizendo: “Se você continuar pulando de galho em galho desse jeito, uma hora vai estar longe demais para encontrar o caminho de volta”.

Durante aqueles anos itinerantes, certa vez fui parar na costa da Ligúria, na Itália, cujo nome soa melhor do que de fato era. Por estranho que pareça, a beleza estonteante do lugar não me comoveu de jeito nenhum, de modo que por anos continuei procurando uma oportunidade de mencionar a *Ligúria* em conversas, em frases como “Usei este vestido várias vezes naquele outono em que morei na Ligúria” ou “Nunca terminei aquele livro que eu estava escrevendo na Ligúria”, como se para me lembrar de que havia morado lá por quase dois meses.

Algumas experiências são assim. Você as vivencia, mas é quase como se não estivesse mesmo lá. Não foi desse jeito com a Coreia. Meus primeiros treze anos de vida continuaram tão reais para mim como mais nada neste mundo. Quando você perde sua casa tão jovem, passa a vida toda procurando algo para substituí-la. No decorrer dos anos, sempre considerei temporários os apartamentos em que morei. Todos eles permaneciam vazios, com paredes nuas e nenhum toque pessoal – como se, em algum momento, eu fosse precisar apanhar tudo em segundos e sair correndo. As pessoas costumam me perguntar onde estão as minhas coisas. Essa pergunta sempre me leva de volta à Coreia do Sul; em minha mente, finalmente retorno para lá. Largo minha mala no pé da escadaria incrivelmente longa de que nunca me esqueci e olho para a casa da minha infância, assomando diante de mim.

Estranhamente, em 2002, quando visitei Pyongyang pela primeira vez, me senti mais em casa do que me senti desde que deixei Seul quando era criança. Havia uma sensação de familiaridade. O passado estava bem ali à minha frente: gerações de coreanos separados por uma divisória; décadas de saudade, perda, mágoa, arrependimento e culpa. Eu me identifiquei com o lugar de tal modo que nunca poderei me esquecer. Pensei que, se ao menos pudesse entendê-lo, conseguiria encontrar uma forma de ajudar a restaurar os fragmentos. Como a maioria dos coreanos, sejam do Norte, sejam do Sul, sonhei, talvez de modo irracional, com a reunificação. Voltei para lá várias vezes até 2011.

Muitas vezes me perguntam: “Você é de qual Coreia? Do Norte ou do Sul?”. Isso não faz o menor sentido. A chance de eu ou qualquer coreano longe de casa ser da Coreia do Norte é quase nula. Praticamente ninguém sai da Coreia do Norte. É uma nação fechada. Fechada para a Coreia do Sul, para o resto do mundo, para aqueles de nós cujas famílias ficaram presas lá. É fechada de tal modo que nenhum “abre-te, sésamo” adianta, e o mundo parece ter esquecido por que ela foi trancada e de quem jogou a chave fora.

Eu sou da Coreia do Sul – a metade boa, industrial e bem-sucedida que deu origem à Hyundai e à Samsung e que, durante as seis décadas desde a guerra sangrenta, estabeleceu-se como o décimo quinto país mais rico do mundo. Mas o Sul nunca é apenas o Sul. Sua própria existência evoca o Norte jamais mencionado, que, com suas costumeiras ameaças nucleares e as extravagâncias de seu ditador bizarro, projeta uma sombra que se estende muito além de sua própria península. Nos últimos anos, a Coreia do Norte

tem se tornado uma sereia para a mente sequiosa, fazendo com que aqueles que estão de fora esperem e conjecturem e então esperem um pouco mais, indefinidamente.

Meus pais vêm de famílias separadas pela divisão. E foi o sofrimento não correspondido dessas separações – um sofrimento que perdura por gerações – que me levou até a Coreia do Norte. Se este fosse o tipo de história que convida os leitores a assentir com compaixão e ir embora satisfeitos e instruídos, eu poderia dizer que dei a volta completa. Mas, na verdade, minha jornada mal compreende meio círculo, um trajeto triste que nunca poderia ser concluído, porque aqueles que estiveram no centro dessa história dilacerante muito provavelmente já morreram há muito tempo, ou estão velhos e à beira da morte, e o tempo está se esgotando, de modo que suas histórias se perderão em meio à poeira do passado.

A Guerra da Coreia durou três anos, e deixou como resultado milhões de pessoas mortas ou separadas. Na verdade, ela nunca teve fim; apenas sofreu uma pausa no armistício de 1953, no mesmo lugar onde começou, com Coreias em ambos os lados do paralelo 38 N. Os historiadores frequentemente se referem a ela como a “guerra esquecida”, mas nenhum coreano se esqueceu dela. O esquecimento não faz parte de sua cultura. Nas Coreias de hoje, a guerra está por toda parte.

Há, por exemplo, a história das primas do meu pai, duas jovens estudantes de enfermagem de dezessete e dezoito anos, que desapareceram durante a guerra. Décadas depois, nos anos 1970, a mãe delas, tia do meu pai, recebeu uma carta da Coreia do Norte, vinda pelo Japão, que foi o único contato que as filhas estabeleceram com ela. E, daquele momento em diante, ela passou a ter de comparecer à Agência Central de Inteligência da Coreia de meses em meses, sob suspeita de espionagem, até que finalmente foi embora da Coreia do Sul de vez e se mudou para San Antonio, no Texas, onde morreu. Nunca mais se ouviu falar das garotas. E também tem a história do meu tio, irmão da minha mãe, que tinha apenas dezessete anos quando foi capturado por soldados norte-coreanos no início da guerra, em junho de 1950. Ele nunca mais foi visto. Pode ou não ter sido levado para Pyongyang, e foi esse estado de suspensão, de não saber o que havia acontecido, que quase deixou minha avó louca, e também minha mãe e até mesmo eu, até certo ponto, pois herdei a tristeza das duas.

Histórias como essas são abundantes na Coreia do Sul, e provavelmente na Coreia do Norte, se o povo tivesse permissão para contá-las. A divisão

assombra os que foram afetados por ela mesmo muito tempo depois do seu estabelecimento. É um ato perpétuo de violação. Você sabe que os desaparecidos estão lá, a apenas algumas horas de distância, mas não pode vê-los nem escrever ou ligar para eles. Pode ser sua mãe presa do outro lado da fronteira. Pode ser a pessoa que você ama, de quem você sentirá saudade pelo resto da vida. Pode ser seu filho, a quem você não consegue alcançar, por mais que ele grite seu nome e chore todas as noites até cair no sono. De Seul, Pyongyang assoma como uma sombra, a cerca de duzentos quilômetros de distância, tão perto, mas inalcançável. Décadas de saudade adoecem uma nação. A perda é sempre lembrada e relembrada, como uma doença, um sofrimento incurável, e tudo o que resta é imaginar o que aconteceu com a vida que as pessoas deveriam ter passado juntas. Para aqueles de nós que foram criados por mães e pais que vivenciaram esse trauma em primeira mão, é impossível não continuar lembrando.

CONHECI A UNIVERSIDADE DE CIÊNCIA e Tecnologia de Pyongyang (UCTP) por acaso. Em fevereiro de 2008, a revista *Harper's* me escalou para acompanhar a Filarmônica de Nova York em Pyongyang, onde ela faria um concerto. Cerca de cem correspondentes estrangeiros foram credenciados para participar do evento. Como eu não era uma jornalista de verdade – pelo menos não me considerava uma –, fiquei intimidada com a perspectiva de cobrir a RPDC ao lado de tantos veteranos, até perceber que eles sabiam muito pouco sobre a Coreia do Norte e não haviam conseguido descobrir muita coisa sobre ela. Uma âncora de jornal apresentou um programa especial em que assistia ao concerto pela TV com uma família norte-coreana “média” que havia sido selecionada pelo governo. A âncora também fez perguntas a alguns norte-coreanos “aleatórios”, igualmente selecionados pelo governo, do tipo: “Você acha que os Estados Unidos são seu inimigo?”. Por fim, ensinou a uma das pessoas entrevistadas a palavra “amigo”, que a mulher repetiu obedientemente.

Como um prelúdio para a extravagância da mídia em Pyongyang, compareci a uma festa em Pequim. (Embora Pyongyang fique a apenas algumas horas de carro de Seul, é preciso passar pela China para chegar lá.) A festa aconteceu na embaixada dos Estados Unidos, em homenagem aos patronos da Filarmônica. Era um grupo bastante diverso – estavam presentes desde o fundador da Compaq Computadores até um guru de relações públicas da NFL e uma condessa japonesa de Veneza, Itália. As

mulheres estavam adornadas com peles. Vinte e cinco dos patronos haviam doado cinquenta mil dólares cada um para participar daquela viagem inédita e estavam visivelmente animados. Uma das mulheres me disse, pasmada, que nunca tinha ido para a Coreia do Sul, mas lá estava ela, a caminho da Coreia do Norte! Outro homem me disse que gostava muito de ir para lugares “atrasados” e que não restavam muitos lugares “atrasados” além da Coreia do Norte. Alguns outros insistiram que eu precisava, *precisava mesmo*, conhecer uma certa sra. Gund, que se revelou uma mulher coreano-brasileira mais ou menos da minha idade, cujo marido certa vez figurou na lista dos homens mais ricos do mundo da *Forbes*.

Foi a sra. Gund quem mencionou que uma universidade internacional estava sendo construída em Pyongyang e que todos os professores seriam estrangeiros. Parecia improvável, mas, quando você acompanha o que ocorre na Coreia do Norte, acaba se acostumando com cenários improváveis. Pedi mais informações, mas ela encolheu os ombros e me disse que enviasse um e-mail a um tal de presidente Kim, que estava à frente de toda a operação.

O presidente Kim na verdade era James Kim, um evangélico coreano-estadunidense, e uma rápida pesquisa na internet trouxe à tona entrevistas dele sobre uma faculdade semelhante que ele havia fundado no início da década de 1990, em Yanji, na China. Era a Universidade de Ciência e Tecnologia de Yanbian (UCTY). Em uma das entrevistas, Kim disse que tinha arrecadado dez milhões por meio de igrejas evangélicas de todo o mundo para construir a faculdade em Pyongyang. Quando lhe perguntaram se parte do dinheiro havia sido destinada ao regime da RPDC, ele alegou ter trazido todos os materiais de construção e equipamentos da China. Administrar a universidade seria muito caro, e apenas os custos de aquecimento eram estimados em pelo menos mil e quinhentos dólares por dia. Ao responder uma pergunta sobre quem financiaria o empreendimento, ele hesitou e aludiu ao “banco celestial”.

Embora a faculdade ainda estivesse em construção, imediatamente preenchi uma inscrição para lecionar lá e, nos anos seguintes, troquei e-mails sobre o assunto com várias pessoas da China, da Coreia do Sul e dos Estados Unidos. Eu não sabia quase nada sobre eles, exceto que eram porta-vozes do presidente Kim, que, de acordo com meu contato principal, Joan, estava muito ocupado viajando. Joan, que trabalhava no *campus* da UCTY, escrevia longos e-mails nos quais divagava sobre as flores de Yanji que

desabrochavam na primavera e sobre a agenda lotada que ela mantinha pela graça do Senhor supervisionando o “projeto”.

Durante o primeiro ano de nossas trocas de e-mails, o projeto parecia, na melhor das hipóteses, muito vago. Certa vez, um bibliotecário coreano-estadunidense de uma universidade em Illinois entrou em contato comigo e me convidou para um evento cujo objetivo era angariar fundos para a UCTP em uma igreja em Evanston. Aproximadamente cinquenta alunos asiáticos – em sua maioria coreano-estadunidenses ou coreanos – estavam lá e passaram cerca de uma hora orando e chorando. Por mais estranho que tenha sido, o evento pareceu comprovar a existência da universidade.

Finalmente, em dezembro de 2009, recebi uma ligação do escritório do presidente Kim em Seul, dizendo-me que eu deveria me preparar para partir para Pyongyang dali a alguns meses. Ninguém nunca me perguntou sobre minha fé e não forneci nenhuma informação voluntariamente. Quase não recebi instruções. O que eu deveria levar? Como eu poderia manter contato com as pessoas de casa? Essas perguntas ficaram sem resposta.

Então veio o incidente do barco. No dia 26 de março de 2010, o navio *Cheonan*, da marinha sul-coreana, afundou na costa oeste do país e quarenta e seis marinheiros morreram. Uma investigação internacional revelou que o navio fora explodido por um torpedo submarino da Coreia do Norte. As relações intercoreanas esfriaram e a porta, que parecia ter sido um tantinho aberta, se fechou. Eu duvidava de que a universidade pudesse começar a funcionar tão cedo ou de que alguém conseguisse obter um visto. O projeto estava novamente pausado.

No fim daquele ano, entretanto, a UCTP finalmente foi inaugurada. De alguma forma, minha inscrição havia se perdido, segundo disseram, e eles haviam selecionado algumas pessoas da filial UCTY para compor o corpo docente do primeiro semestre. “Esteja pronta para vir na primavera”, escreveu-me Joan.

Então, o silêncio reinou novamente até abril de 2011, quando um e-mail com o assunto “Lista de compras” apareceu na minha caixa de entrada. Depois de ter sido aprovado para “entrada”, meu visto teve de ser carimbado por trinta e cinco agências governamentais dentro da Coreia do Norte para ser aprovado para “liberação”. O presidente Kim havia pedido que o processo fosse acelerado ou deixado totalmente de lado para os professores da UCTP, e eles estavam esperando a aprovação de uma nova lei para que isso acontecesse. “Uma nova lei? Isso pode levar meses, talvez

anos!”, eu disse a Joan por Skype, mas ela me garantiu que, na Coreia do Norte, tal coisa poderia acontecer em questão de dias e instruiu-me a começar a arrumar as malas.

Joan disse que eu precisaria de uma geladeira, além de papel higiênico e manteiga. Fiquei me perguntando se não havia como conseguir essas coisas por lá. Disseram-me que eu tinha de levar tudo para Pyongyang. Transferi dinheiro para Joan para que ela pudesse comprar uma geladeira e despachá-la da China, mas não tinha certeza se um bloco de manteiga congelada sobreviveria aos voos de longa distância de Nova York a Pyongyang. Descobri que havia muitas coisas sem as quais eu não poderia viver. Você poderia imaginar que, por ser uma escritora, os livros estariam no topo da minha lista, mas, na verdade, livros eram a última preocupação na minha mente. Empacotei artigos mais básicos: um par extra de óculos, lentes de contato descartáveis, absorventes íntimos, ibuprofeno, vitaminas e antibióticos de todos os tipos, além de todas as barrinhas de cereais que consegui enfiar nas malas.

Os vistos para a Coreia do Norte quase sempre são emitidos às vésperas da data de chegada do visitante, e as passagens aéreas de Pequim para Pyongyang só podem ser compradas com o visto em mãos. Isso significava que eu tinha de partir para a Ásia de imediato e ficar de prontidão – e foi assim que fiquei presa em Seul pelas sete semanas seguintes enquanto aguardava meu visto, que fora retido de última hora. A espera não veio acompanhada de qualquer explicação ou pedido de desculpas. Em qualquer transação, a Coreia do Norte tem poder absoluto sobre quem faz o que e a que preço, pois sempre há um preço a pagar.

NAQUELE VERÃO, a monção chegou antes da hora. Naquela parte da Ásia, a chuva começa certo dia e cai sem parar por um mês inteiro. Isso costuma acontecer em julho, mas, naquele ano, começou em meados de junho, e eu estava muito infeliz. Quando a chuva começou, eu já estava esperando havia mais de um mês pela aprovação do meu visto pela Coreia do Norte. O som da tempestade contra a vidraça me acordava no meio da madrugada, meu cabelo encharcado de umidade. Apesar do ar-condicionado, sentia-me constantemente suada e letárgica, o que só aumentava minha sensação de impotência. O ano havia começado mal e só piorava. Eu tinha acabado de passar pelo horrível rompimento de um relacionamento, que veio logo depois de nove anos malogrados.

Seul também não foi nada fácil. Minha irmã, que sempre fora meu suporte emocional, havia voltado para lá, tendo saído de Nova York. Ela não estava bem, e minha rotina matinal consistia em cortar peras e melões asiáticos orgânicos para ela depois de tê-los higienizado com um produto específico. Estávamos preocupadas com as bactérias porque o sistema imunológico dela estava comprometido. Esse estado de preocupação me causava estranheza, já que eu sempre tinha sido a irmã mais nova e nunca tinha cuidado dela antes. À tarde, eu a acompanhava até as consultas médicas, exames de sangue ou sessões de fisioterapia. Ou, então, levava suas duas filhas, de sete e onze anos, para o ensaio da banda e para tomar suas vacinas contra catapora, o tipo de coisa que as mães fazem em qualquer lugar do mundo, embora eu não me encaixasse entre as mães sul-coreanas e fosse constantemente lembrada do fato de que nunca havia me tornado mãe.

Eu deveria ficar de olho nas últimas notícias sobre a Coreia do Norte, que inevitavelmente diziam respeito ao provável herdeiro Kim Jong-un, a quem a mídia estrangeira se referia como “Líder Precioso” ou “Líder Supremo”. Em vez disso, contudo, buscava consolo escrevendo e-mails para um antigo namorado do Brooklyn com quem eu acabara de retomar contato. Eu sabia que não estava pronta para outro relacionamento, mas queria amá-lo naquele verão. Em meio a circunstâncias difíceis, nada distrai uma alma ferida como um novo amor, mesmo que reciclado, e todas as noites, enquanto tentava pegar no sono em meio à pesada monção de Seul, eu me lembrava de que tinha alguém em casa e de que tudo o que precisava fazer era terminar a viagem em segurança para que pudesse voltar para ele. Ele não me amava e estava sempre ocupado, então não era muito bom em responder a meus e-mails, carregados de súplicas desnecessárias. Mas me respondia quando dava na telha e, naquele verão, na cidade inundada de Seul, os e-mails dele eram como vislumbres do sol.

Enquanto esperava por notícias do meu visto, pensei muitas vezes nas pessoas que haviam desaparecido, como o irmão da minha mãe e as primas do meu pai. Pensei em como as mães devem ter esperado, e então esperado mais um pouco, evitando ao máximo mudar de casa depois da guerra para que seus filhos e filhas pudessem encontrar o caminho de volta. Diariamente, as mães devem ter esperado que aquele seria o dia em que eles retornariam. Devem ter erguido os olhos, esperançosas, a cada toque da campainha. *Talvez seja meu filho. Por favor, que seja meu filho. Sim, tem*

que ser ele. Porque a ideia de que você nunca mais verá seu filho é absurda. Porque, em *nosso* mundo, nada desaparece sem deixar vestígios.

Naquele verão, houve muitas outras formas de espera. Esperei pelo dia em que pararia de sofrer pelo meu noivado frustrado. Esperei que o homem do Brooklyn demonstrasse algum sinal de afeto ao responder aos meus e-mails porque, àquela altura da vida, eu estava especialmente suscetível à gentileza. Acima de tudo, esperei que os tratamentos da minha irmã terminassem, para que ela parasse de sentir dor. No meio de tudo isso, esperei ouvir notícias do visto para a Coreia do Norte, porque, no fundo do meu coração, eu acreditava que essa era a forma de deixar para trás tudo o que estava sentindo.

Então, no fim de junho, recebi um telefonema. Meu visto tinha sido liberado e eu começaria a lecionar no semestre de verão. Haveria uma reunião dali a três dias, em Pequim e, no dia 1º de julho, partiríamos para a Coreia do Norte.

2

PARA UM LUGAR CERCADO DE rumores de violência, Pyongyang sempre parece surpreendentemente gentil, pelo menos à primeira vista. Nessa visita, já a minha quarta, não foi diferente. Não havia nada no horizonte, exceto um punhado de aviões velhos, empoleirados na pista como moscas antigas. As terras agrícolas ao redor pareciam pertencer à história de um lugar onde nada de ruim jamais aconteceu e cujos aldeões não tinham a intenção de causar nenhum mal. Um terminal de aeroporto solitário assomava contra a quietude absoluta, encimado por um retrato gigante de Kim Il-sung. Ao longe, um grupo de homens amontoados aguardava para guiar cada delegação.

Sempre que me deparo com o chavão “silêncio ensurdecador”, lembro-me daquela impressão inicial, daquela admiração silenciosa ao finalmente contemplar aquilo que havia sido alvo de tanto fascínio. Ao descobrir que essa Atlântida moderna – ou Antiatlântida – realmente existe, afinal, você quer uma explicação, um pedido de desculpas, algum esclarecimento. E, no entanto, lá está, apenas um aeroporto minúsculo nos arredores de uma capital, nada mais, nada menos.

O silêncio é estranho, pois, onde quer que você esteja em Pyongyang, seus sentidos nunca ficam em paz. Invariavelmente, a música explode de um alto-falante próximo. Às vezes é uma canção de amor, às vezes uma marcha, mas o assunto é sempre o mesmo. Praticamente todos os edifícios são adornados com um *slogan*, todas as telas de TV exibem a mesma imagem. Assim como nas cidades ocidentais, *outdoors* publicitários tomam conta do horizonte, mas na Coreia do Norte há apenas um produto: o Grande Líder. Ainda assim, por baixo de todo aquele barulho, existe um silêncio aterrador. Por décadas, tudo foi silenciado de tal modo que, se você apurar os ouvidos contra o silêncio, quase poderá ouvir os gritos abafados.

O funcionário da alfândega pegou meu passaporte estadunidense, fitou-o e perguntou se eu falava coreano. Os norte-coreanos que eu havia conhecido no passado sempre pareceram ter orgulho de sua nacionalidade.

Apesar da guerra que assomava sobre nós havia mais de meio século, quando os coreanos se veem em meio a ocidentais, somos sempre nós contra eles. Quando respondi em coreano, ele sorriu e me deixou passar. Logo em seguida tivemos de entregar nossos passaportes e celulares ao segurança que estava à nossa espera. O pequeno aeroporto parecia muito mais iluminado do que eu me lembrava, e as esteiras de bagagem estavam de fato funcionando dessa vez. (Na primeira vez que fui a Pyongyang, em 2002, logo após a Grande Fome, as malas simplesmente eram jogadas no chão e o banheiro era um buraco escuro como breu desprovido de papel higiênico.)

Os outros professores e eu seguimos o segurança até um ônibus enviado pela UCTP. A cerca de dez minutos de distância do centro de Pyongyang, depois de cruzarmos a Ponte Chungsong (Lealdade) e o Rio Taedong, pegamos uma saída para uma estradinha estreita com terras agrícolas dos dois lados. Por fim chegamos a um portão com o nome da universidade e uma pequena guarita à esquerda, e atrás dela era possível divisar o *campus*. O lugar era tão isolado que poderia ter sido um sanatório. Havia concreto por toda parte e a tristeza monótona dos prédios impregnava o lugar com uma sensação de desamparo. À esquerda havia um monumento de pedra alto e estreito, mais alto do que o prédio de cinco andares ao lado, coberto com letras enormes que diziam: “VIDA LONGA AO GENERAL KIM JONG-IL, O SOL DO SÉCULO XXI!”. O prédio continha salas de aula e se ligava por uma passarela ao prédio do refeitório, que desembocava em uma clínica de saúde e em um vestiário. Estes, por sua vez, eram interligados com os alojamentos, de modo que os prédios e a passarela formavam uma espécie de ferradura. Havia janelas em ambos os lados das passarelas, e me ocorreu que não havia privacidade nenhuma ali, que os movimentos de qualquer pessoa podiam ser observados. A única construção que não estava conectada com o resto era um edifício cinza e austero que se erguia solitário à nossa direita.

Não seria verdade se eu dissesse que fui invadida por uma sensação de pavor quando vi pela primeira vez o conjunto de edifícios naquele complexo isolado, que logo se tornaria meu refúgio e minha prisão. Simplesmente não senti nada, da mesma forma que não senti nada quando cheguei a Nova York, aos treze anos de idade. Esse primeiro vislumbre vem sem história, sem aviso. A universidade era apenas uma universidade. Os alunos cujos rostos encheriam de significado aquela propriedade de 248

acres ainda não estavam em lugar nenhum. Em vez disso, eu estava preocupada com a logística do lugar. Quem o aprovara e por que, e quem estava lá, tanto para lecionar quanto para aprender?

Na manhã seguinte, meu despertador tocou às cinco horas e, por um instante, fiquei desorientada. Isso acontece em qualquer cidade nova, mas quando essa cidade é Pyongyang, é necessário um momento extra para se orientar. Os alojamentos dos professores eram compostos de apartamentos de cerca de cinquenta metros quadrados, modernos e idênticos, com dois quartos. Olhando da porta, havia dois quartos à direita, ambos com camas *queen-size*, uma cozinha em plano aberto com mesa de jantar, uma salinha de estar com um sofá de couro, uma TV, um telefone intercâmpus, janelas que iam quase do chão ao teto e um banheiro moderno. Eu tinha um apartamento inteiro só para mim, e era melhor do que quase todos os alojamentos em que já havia morado.

A primeira coisa que vi quando olhei pela janela do quinto andar foi uma faixa de grama verde e lisa e dois prédios pouco além do *campus*. Um deles era de um tom desbotado de amarelo, com telhado azul e semelhante a um celeiro da Nova Inglaterra. O outro era um edifício de concreto cercado por uma parede de pedra. Durante toda a minha estada, nunca descobri o que eram, pois aprendi que não devia fazer muitas perguntas.

Lutando contra pontadas de solidão e medo, levantei-me e liguei a chaleira, que eu tinha comprado em Pequim, e procurei café na mala. Uma pessoa havia me dito que o café seria uma moeda de troca por ali, e ela estava certa. Não sou fiel a nenhuma marca, mas, no meu alojamento da UCTP, o café do tipo Breakfast Blend do Trader Joe's parecia um verdadeiro luxo, um símbolo do capitalismo, uma lembrança do mundo exterior. Acrescentei algumas gotas do leite longa vida que eu levava comigo, que tinha um sabor pungente e sintético com o qual nunca me acostumei. Então fiquei ali, com meu primeiro café em Pyongyang, observando os prédios sombrios e desconhecidos. Sentia-me tão distante de tudo o que conhecia que era como se eu tivesse sido apagada da noite para o dia.

Tinha sido informada de que o café da manhã era servido das seis e meia às sete e meia no refeitório e, quando saí, pude ver ao longe o monumento cilíndrico de pedra elevando-se rumo ao céu. Em ambos os lados do caminho havia florezinhas alaranjadas e cor-de-rosa que pareciam tão genéricas quanto os prédios. Não vi ninguém enquanto caminhava

lentamente em direção ao refeitório e passei por três alojamentos estudantis idênticos à minha direita. O trajeto durava cerca de cinco minutos e eu o percorreria três vezes por dia durante aquele mês do semestre de verão e por mais meses no outono, embora, àquela época, eu não soubesse que seria capaz de permanecer por tanto tempo. No caminho, vislumbrei o panorama de Pyongyang, tão nebuloso que mal conseguia distingui-lo. E, no horizonte, havia uma chaminé de fábrica solitária da qual se desprendia uma fumaça fina e ocasional, o único indício de vida naquela paisagem imóvel.

ERA O TIPO DE REFEITÓRIO que você vê em qualquer lugar. Depois da pesada porta de vidro, havia um salão enorme repleto de mesas. Havia uma estação de alimentação *self-service*, onde alunos e professores formavam filas separadas. O café da manhã era composto de mingau e ovos cozidos. Apanhei uma bandeja de metal e estava começando a me servir quando ouvi alguém gritar meu nome de uma das mesas.

– Oi, que bom que nos encontramos de novo! – disse um homem em tom alegre.

Pelo sotaque, percebi que era norte-coreano. Com quem eu poderia trombar por aqui? Respirei fundo e me virei, dando de cara com um rosto redondo, bronzeado e com olhos sorridentes. Todos os seguranças têm olhos sorridentes, mas os do sr. Ri se destacavam. Durante a cobertura da Filarmônica de Nova York, em 2008, ele havia sido escalado para acompanhar os jornalistas estrangeiros, embora tivesse ficado atrás de mim na maior parte do tempo, já que eu era a única jornalista que falava coreano e, portanto, era vista como uma ameaça. Ele tinha sido particularmente amigável e falara comigo em coreano, comentando sobre a esposa e sobre como estava tentando parar de fumar por causa dela.

Os homens que conheci por lá gostavam de cigarros. Os cigarros estadunidenses, em particular, eram uma novidade. Eles juravam que os Estados Unidos eram seu inimigo número um, mas, mesmo assim, carregar um maço de Marlboro Light parecia ser um sinal de privilégio e classe. Aqueles que visitam a Coreia do Norte costumam levar cigarros e garrafas de uísque para seus seguranças, como uma espécie de amparo contra sua vigilância eterna. Eu havia levado alguns maços naquela viagem e, quando os distribuí, todos que os receberam inevitavelmente perguntaram se tinham

sido comprados na China ou nos Estados Unidos. Eles diziam que havia muitos Marlboro Lights falsificados na China.

Na viagem da Filarmônica, o sr. Ri e eu tínhamos conversado com tanta tranquilidade que às vezes era confuso entender a natureza do nosso relacionamento, já que o trabalho dele era reportar a meu respeito e o meu, ao cobrir o evento como correspondente da revista, não era muito diferente. É impressionante a rapidez com que a camaradagem se desenvolve quando as tensões estão elevadas.

Aquela estada de trinta e seis horas em Pyongyang fora bastante eletrizante. No fim das contas, essa era de fato a intenção. Tratava-se de um evento de relações públicas cuidadosamente orquestrado pelo governo da RPDC, com a orquestra estadunidense fornecendo a trilha sonora. Não havia nada que qualquer um de nós pudesse escrever, com exceção do que tínhamos permissão de ver: um concerto como qualquer outro, algumas apresentações de boas-vindas encenadas e os pontos turísticos de costume. Foi uma aula de controle e manipulação. O verdadeiro público não era aquele que estava presente na sala de espetáculos, e sim os jornalistas, cujo papel era entregar uma versão descontaminada da Coreia do Norte para o mundo exterior, e fiquei espantada com a facilidade com que eles se deixaram seduzir. Tanto a CNN quanto o *The New York Times* relataram que a performance arrancou lágrimas do público, e não tardou para que os principais jornais do mundo publicassem matérias sobre essa experiência bem-sucedida de diplomacia cultural. Lorin Maazel, o maestro da Filarmônica na época, declarou que setenta milhões de coreanos agradeceriam a ele pelo resto da vida. Não testemunhei nenhum choro na plateia – composta de membros da elite do Partido escolhidos a dedo – e nenhum dos correspondentes com quem conversei após a apresentação tinha visto alguém chorar. As lágrimas de que me lembro naquela viagem eram de um tipo diferente.

Embora fosse minha segunda visita à Coreia do Norte, caí no choro ao me despedir de meu segurança. Naquele momento, eu não era uma jornalista fazendo seu trabalho. Em vez disso, estava pensando na minha avó e no meu tio, e na minha tia-avó e nas filhas dela, e nas milhões de vidas coreanas apagadas e esquecidas. Bem ali, na pista de decolagem, antes de embarcar no voo fretado com os demais membros da nossa delegação, eu disse ao sr. Ri que estava farta dessa divisão e que provavelmente nunca mais o veria, já que o povo de seu país não tinha

permissão de sair ou mesmo de ter contato com o resto do mundo. Disse que o país dele era tão isolado que até eu, uma compatriota coreana, só poderia visitá-lo como parte da delegação estadunidense, seguindo a orquestra estadunidense, e que partia meu coração ver como as coisas estavam ruins por lá. Desaguei tudo isso parada naquela pista, meu rosto encharcado de lágrimas, as comportas abertas depois de trinta e seis horas de silêncio forçado. Em retrospecto, isso foi uma falta de discernimento da minha parte. Eu estava prestes a embarcar naquele avião e retornaria ao mundo livre, mas ele continuaria preso ali, e os outros seguranças viram a conversa. Surpreendentemente, porém, as lágrimas também escorreram pelo rosto dele, bem como pelo rosto de dois outros seguranças que estavam por perto. Eles não disseram nada, apenas continuaram a chorar.

Minha primeira reação ao rever o sr. Ri, três anos depois, foi de alívio. Ele não fora punido por chorar comigo no aeroporto. Ele estava bem! Então, senti medo. Quando nos encontramos pela primeira vez, eu era uma jornalista, então o que ele pensaria do fato de eu ter voltado agora como uma professora missionária? A razão pela qual haviam permitido minha entrada era um mistério para mim. Joan e o presidente Kim sabiam que eu era escritora, embora me considerassem uma romancista, o que não deviam encarar como ameaça. Mas bastava uma pesquisa no Google para que descobrissem que, na verdade, eu havia publicado uma porção de artigos e ensaios sobre a Coreia do Norte. O mais recente era uma reportagem sobre deserção, um assunto proibido. Mas o presidente Kim também estivera muito interessado na organização Fulbright – que havia me concedido uma bolsa – e tinha me pedido para marcar uma reunião entre ele e o diretor da divisão de Seul, o que fiz. E eu fora recomendada a ele pela poderosa sra. Gund. Fosse qual fosse o motivo, eu havia passado pelo crivo deles.

O sr. Ri me convidou a juntar-me a ele em sua mesa, onde estava sentado com outro homem. Parecia genuinamente feliz em me ver de novo, e também o cumprimentei com animação.

– Como você está? O que veio fazer aqui? – ele quis saber.

Entrei no jogo.

– Ah, sabe como é a vida... Comecei a dar aulas logo depois que nos conhecemos. Primeiro nos Estados Unidos, depois em Seul, agora em Pyongyang. – Isso era verdade, em sua maior parte. Eu dava aulas de escrita criativa. Ele pareceu satisfeito com a resposta e me incentivou a comer. O mingau turvo, ou arroz aguado fervido, tinha o gosto que aparentava ter. Se

o sr. Ri se lembrou de nossas lágrimas de três anos antes, não disse nada. Para tornar o momento mais leve, comportei-me de forma animada. Os seguranças gostavam de falar em circunlóquios, provocando e sendo provocados.

– Pareço mais velha? – perguntei a ele. – Acho que você está me vendo como uma verdadeira solteirona agora.

– Não, ainda está bem. Mais ou menos bem. Apenas segurando as pontas! – declarou ele.

Nós dois rimos, mas parecia vazio e não ajudou a dissipar a minha paranoia.

Aquela parecia ser a área dos funcionários. Perto de nós, estava sentado um grupo de cerca de trinta mulheres jovens trajando uniformes cáqui do exército, todas debruçadas sobre suas bandejas de metal. O sr. Ri explicou-me que aquelas guardas estavam ali para garantir nossa segurança. Era difícil acreditar que aquelas mulheres de vinte e poucos anos tinham sido enviadas para ficar de guarda na UCTP, onde todos os alunos eram homens. Eu tive uma sensação de proteção em relação a elas, tão longe de casa, tão vulneráveis, tão menos numerosas que os homens. Estavam ali para proteger quem? Os professores ou os alunos? Ou eram como carcereiras, enviadas para lá a fim de garantir que não tentássemos fugir? Durante todo o tempo em que estive lá, vi-as patrulhando o *campus*. Tentei falar com elas algumas vezes, mas nunca me responderam.

Do lado de fora do refeitório, ouvi o som de uma marcha, gritada em uníssono, e, assim que o barulho cessou, dezenas de rapazes entraram no salão. Em seguida, mais deles chegaram, e então mais um pouco, até que o refeitório estivesse apinhado com centenas deles. Todos beiravam os vinte anos e estavam vestidos com camisas sociais brancas ou azuis, calças pretas e gravatas. Minha primeira impressão foi de que pareciam um exército. O armistício fora assinado havia mais de meio século e o resto do mundo seguira em frente. Até mesmo a maioria dos sul-coreanos tinha seguido em frente; embora o serviço militar seja obrigatório para todos os homens na Coreia do Sul, eles não vivem em um estado de alerta constante. Na Coreia do Norte, no entanto, era como se alguém tivesse apertado um botão para cessar o tempo em 1953, e até mesmo os alunos pareciam prontos para a batalha.

Depois que entraram no refeitório, eles logo pegaram colheres de metal e *hashis* e sentaram-se em mesas de quatro lugares. Eu sabia que teria

permissão para sentar-me com eles a partir do dia seguinte, e a ideia de conhecer os jovens norte-coreanos fez com que eu me sentisse mais esperançosa com relação ao meu tempo por lá. Quando perguntei a uma das professoras se os alunos se incomodariam se eu me sentasse com eles, ela respondeu que não haveria problema nenhum – todos estavam ansiosos para praticar o inglês. Naquele momento, pude perceber que eles estavam igualmente curiosos com relação a mim; alguns me encararam o tempo todo enquanto comiam. Quando tentava retribuir o olhar, contudo, rapidamente desviavam os olhos.

3

CALHOU DE O PRIMEIRO DIA DE AULA – o dia em que um grupo majoritariamente estadunidense de professores passou a ser responsável pela educação de 270 jovens norte-coreanos – cair no feriado de 4 de julho, mas ninguém pareceu notar a ironia. Não havia vermelho, branco e azul por ali. Nada de churrascos e fogos de artifício. Como eu nunca havia lecionado inglês como segunda língua, estava nervosa e empolgada ao mesmo tempo. Lembrei-me do código de vestimenta e coloquei uma camisa de botão azul-clara, uma saia cinza que ia até a panturrilha e um par de sapatos de salto baixo. Fora avisada de que as mulheres não costumavam usar calças na Coreia do Norte, e não me lembrava de tê-las visto usando calças nas outras viagens que eu tinha feito a Pyongyang.

Às sete e quinze da manhã, eu estava do lado de fora do meu alojamento, de frente para o edifício de cinco andares onde as aulas eram ministradas, conhecido como o prédio de TI (Tecnologia da Informação). À esquerda ficava o monumento que eu tinha visto quando chegamos ao *campus*. Os alunos o chamavam de Torre da Eternidade, pois as palavras “Nosso GRANDE LÍDER ESTARÁ CONOSCO POR TODA A ETERNIDADE” estavam gravadas em um dos lados, de cima para baixo. Parecia a Torre da Imortalidade em Pyongyang, onde a mesma mensagem está inscrita, e me perguntei quantas dessas torres existiam pelo país. Quando me aproximei do prédio de TI, pude ouvir uma música ribombando de um alto-falante no saguão de entrada. Eu logo me acostumaria com a invasão musical explosiva, mas, naquele primeiro dia, isso me pareceu ameaçador e aumentou a sensação de estar sendo observada. Eu conseguia ouvir a letra: “Quero caminhar para sempre, minha adorada noite de Pyongyang. Por favor, não vá embora, bela noite de Pyongyang”. Conforme um aluno me contou tempos depois, essa era uma das canções mais populares – uma ode a Pyongyang.

Quando entrei pela porta principal, uma guarda, que estava em uma cabine, acenou com a cabeça. As paredes ao lado da escada estavam adornadas com os retratos de Kim Il-sung e Kim Jong-il, junto com

palavras de exortação como “Mantenha os pés firmes no chão de sua pátria e os olhos fixos no mundo!” e “Vamos pensar do nosso jeito e criar do nosso jeito!”. O corredor estreito no segundo andar era ladeado pelas salas dos professores e desembocava em uma área decorada com três pergaminhos, com os dizeres: SORTE DO LÍDER, SORTE DO GENERAL, SORTE DO CAPITÃO. Na Coreia, se você nasceu em uma família boa, dizem que teve “sorte dos pais”; se arranja um bom casamento, dizem que teve “sorte do marido”. Então, de acordo com os pergaminhos, esta nação teve sorte com três coisas: Kim Jong-il, o general; seu falecido pai, o líder; e seu filho, o capitão. Essa foi a primeira menção ao herdeiro provável – Kim Jong-un – com que me deparei em todas as minhas visitas a Pyongyang até então.

No fim do corredor havia quatro salas de aula destinadas aos calouros. Era para elas que todos se dirigiam na hora da chamada. Havia cem alunos do primeiro ano, cem do segundo ano e cerca de setenta alunos de pós-graduação. Como a faculdade estava aberta havia menos de um ano, ainda não havia uma turma do terceiro ou do quarto anos – todos os alunos de graduação tinham sido transferidos de outras universidades e recomeçado como calouros. De acordo com um memorando do gabinete do presidente Kim, havia setenta e cinco professores e funcionários estrangeiros. Contei, porém, apenas cerca de trinta professores; mais ou menos a metade deles era caucasiana e a outra metade tinha origem coreana, mas era proveniente de países diversos ao redor do mundo. (Nenhum era da Coreia do Sul, principalmente por conta dos problemas com o visto.) Dos trinta professores, cerca de metade sabia falar pelo menos um pouquinho de coreano, mas o resto, não.

Os calouros foram divididos em quatro grupos de acordo com a proficiência em inglês, sendo a Turma 1 a mais avançada e a Turma 4 a de nível mais básico. Fui encarregada de lecionar Leitura e Escrita para as turmas 2 e 4 (outros professores ficaram responsáveis pela parte de Fala e Compreensão Oral). Seriam aulas de uma hora e meia para cada turma durante as manhãs. À tarde aconteciam atividades em grupo e os professores ficavam em suas salas, à disposição para tirar as dúvidas dos alunos.

Nosso livro didático, *New Horizon College English 1*, era o mesmo que havia sido usado na UCTY, na China, e fora aprovado pelas “contrapartes”. Essas tais contrapartes eram os professores norte-coreanos que supervisionavam nossas aulas. Tudo, desde os livros até os planos de aula,

tinha de ser aprovado por eles antes que pudéssemos compartilhar com os alunos. Se quiséssemos usar algum material extra em sala de aula, primeiro tínhamos de submetê-lo para aprovação alguns dias antes. Durante todo aquele verão, nunca consegui ter certeza de quem eram as contrapartes ou onde estavam, e, mesmo depois de voltar no outono seguinte e ensinar inglês para algumas delas, a simples menção da palavra “contraparte” ainda me deixava nervosa.

Beth, uma britânica de trinta e poucos anos que ocupava o cargo de diretora do Departamento de Inglês e assinava os e-mails com “Em Cristo”, escalou uma assistente para trabalhar comigo. Katie, minha professora assistente, havia se formado na Cornell recentemente e tinha passado um ano na UCTY dando aulas para os filhos dos professores. A ajuda que ela me dava para preparar as aulas se mostrou valiosa, principalmente porque eu costumava me ocupar fazendo anotações secretas para o meu livro. Recebemos um cronograma aproximado dos capítulos do livro didático que deveríamos abordar a cada semana e uma lista de atividades vespertinas elaborada por um grupo de professores, incluindo Beth.

Mas havia uma série de expectativas ainda mais importantes que haviam sido comunicadas fortuitamente, em e-mails gerais e reuniões de equipe, durante as sessões de Skype com Joan e no saguão do hotel em Pequim.

Embora a orientação prometida nunca tenha acontecido, pelo menos não de forma oficial, eu logo me vi com uma lista extensa de notas rabiscadas que serviam de aviso sobre o que eu poderia ou não fazer, ou poderia ou não dizer.

- Ferva a água antes de beber, só para garantir. Mas, se quiser ferver alguma coisa no seu quarto, precisa comprar um botijão de gás e mandar instalá-lo. Ou leve um purificador de água. Recentemente, houve um surto de febre paratifoide no distrito de Rang Rang, onde a faculdade está localizada, devido ao tratamento inadequado da água.
- Vista-se para a sala de aula como se fosse para uma reunião de trabalho: saia e paletó para as mulheres, calça e paletó para os homens. Nada muito sofisticado. Evite coisas muito extravagantes, como paletós com lantejoulas. Vista-se de maneira respeitável para circular pelo *campus*. Nada de shorts ou camisetas e chinelos. Esses trajes só são aceitáveis nos alojamentos. Jeans são proibidos. Kim Jong-il não gosta de jeans porque os associa aos Estados Unidos.

- Quando você sair do *campus* – o que só acontecerá para compras ocasionais ou passeios turísticos –, preste atenção à sua aparência e ao que você diz. Não se aproxime nem inicie uma conversa com ninguém. Se precisar fazer isso, deve haver um bom motivo. Você sempre será acompanhada por um segurança e um motorista. Quaisquer fotos ou vídeos devem ser avaliados por seu segurança. Se você tirar uma foto dos exteriores, pode ter problemas.
- Todas as viagens precisam de permissão prévia. Se você quiser visitar quaisquer monumentos ou comer em restaurantes exclusivos para estrangeiros, terá de pagar pelo segurança e pelo motorista. Também terá de arcar com os custos do combustível. Euros, renminbi chinês e dólares americanos são aceitos, mas apenas o won norte-coreano é aceito na Loja de Departamentos Potonggang ou no Mercado Tongil. Em breve essas viagens se tornarão mais escassas, pois a faculdade está montando uma lojinha no *campus*.
- Há uma clínica de saúde no *campus*, além do Hospital da Amizade para estrangeiros no centro de Pyongyang, que é usado pela comunidade diplomática, mas leve todos os medicamentos de que possa precisar.
- Você deve levar um laptop para uso próprio. Para ouvir música, leve um iPod em vez de CDs, que são temidos, uma vez que podem passar de mão em mão. Se você deixar o laptop no seu escritório durante o fim de semana, ele poderá ser inspecionado, portanto, não deixe nada sem sua supervisão.
- Leve mais de uma lanterna e muitas pilhas porque o *campus* não é iluminado à noite e a eletricidade é irregular.
- Leve dinheiro. Você não poderá usar caixas eletrônicos ou cartões de crédito.
- Ao falar com os alunos, tome muito cuidado com o tema da conversa. Não aborde questões políticas, assuntos muito pessoais ou qualquer coisa sobre o mundo exterior. Não tente dar uma de esperta ao levantar certos tópicos e não fique empolgada demais ao falar sobre sua cultura.
- Não abaixe a cabeça, não una as mãos nem feche os olhos para rezar antes das refeições. Reze de olhos abertos. Não diga nada sobre religião e não use títulos religiosos para se dirigir aos outros. Se um aluno lhe pedir uma Bíblia, você deve ser muito polida e dizer que não pode fazer isso. Sempre há uma chance de que esses pedidos sejam

feitos para testá-la. Um membro do corpo docente foi enganado por um segurança e teve de ir embora.

- Nunca dê a entender que há algo de errado no país.
- Você poderá usar a internet no seu quarto e o telefone e o aparelho de fax no escritório do presidente Kim em caso de emergência, mas a comunicação será monitorada. Tome cuidado com os sites que acessar e, quando escrever para casa, discorra positivamente sobre as coisas que estão acontecendo. Não mencione nada que envolva política.
- Nenhuma revista ou livro estrangeiro será permitido em Pyongyang, exceto aqueles declarados e pré-aprovados. Os livros físicos são ainda mais problemáticos do que os e-books, pois podem passar de mão em mão.
- Tome cuidado com a terminologia: Grande Líder, Querido Líder, Precioso Líder. Esses títulos devem ser usados com cuidado. Melhor ainda: apenas evite mencioná-los. Também tenha cuidado ao lidar com imagens. Por exemplo, a Air Koryo disponibiliza revistas para serem lidas durante o voo. Digamos que você levou para o seu escritório uma que tenha uma foto de Kim Jong-il e que, por engano, acabou se sentando nela. Nesse caso, você está em apuros, porque a foto é como a pessoa. Isso também se aplica ao retrato de Kim Il-sung que adorna os broches que todo norte-coreano usa. Esses homens são considerados divindades, pelo menos oficialmente. Certifique-se de não descartar, dobrar, rasgar ou danificar qualquer representação visual deles. Você também não deve apontar para essas imagens. É considerado um ato desrespeitoso e uma punição poderá ser imposta.
- Se alguém lhe perguntar sobre política, responda apenas “Não sei” ou diga “Ah, é mesmo?”. E fim de papo.
- A reunificação é um assunto delicado. Mantenha-se longe de discussões a respeito.
- Não diga *Bukhan* (Coreia do Norte) ou *Namhan* (Coreia do Sul). A Coreia do Norte se autodenomina *Chosun*, que é o nome do último reino coreano.
- Não fale coreano, apenas inglês. Lembre-se de que muitas pessoas à sua volta falam inglês e podem compreender o que você está dizendo, então tome cuidado com o que diz.
- Não trave conversas longas com guardas ou seguranças.

- Não faça comparações. Por exemplo, não diga que a comida deles é diferente da sua, pois isso pode ser encarado como uma crítica.
- É proibido fazer refeições com moradores locais quando você estiver em um passeio.
- Tenha cuidado com presentes. Se você der algo a uma pessoa, terá de dar a todas. Caso contrário, pode ser considerado suborno.
- Morar em Pyongyang é como morar em um aquário. Tudo o que você disser e fizer será observado. Talvez nem o seu alojamento seja seguro. Eles podem mexer nas suas coisas. Se você mantém um diário e anotou algo que não seja lisonjeiro, por favor, não o deixe no seu quarto. Mesmo lá, tudo o que você disser talvez esteja sendo gravado. Adquira o hábito de não dizer tudo o que tem em mente, de não criticar o governo e coisas assim, para não cometer um deslize.
- Quando sair de Pyongyang, recuse todas as propostas de entrevista feitas pela imprensa. Certifique-se de conhecer as pessoas com quem você vai confidenciar as coisas posteriormente. Não forneça nenhuma informação sobre a UCTP à imprensa.

Era impressionante ver como eu me adaptava rapidamente a essas regras, que pareceram absurdas quando as escrevi pela primeira vez. Às oito horas da manhã, entrei na sala de aula torcendo para me lembrar de evitar todos os tópicos proibidos. Respirei fundo e me vi diante de vinte e seis rapazes, todos muito bem-vestidos e empertigados nas cadeiras.

Mesmo agora, escrevendo em Manhattan, meu coração bate mais rápido ao relembrar aquele primeiro encontro. Por incrível que pareça, a primeira palavra que me veio à mente foi “beleza”. Algo naquele primeiro momento na sala de aula pareceu tão puro e sereno, era como se tudo tivesse mergulhado em silêncio e lá estava eu, pisando em um campo de neve branca e inexplorada. Eles eram jovens e lembro-me de que eram lindos, embora nesse quesito eu não possa ter certeza, pois logo comecei a olhar para eles como se fossem meus filhos, e não consigo mais me lembrar da época em que ainda não os olhava dessa forma.

NA NOITE ANTERIOR, Katie tinha ido ao meu quarto para me ajudar com o plano de aula.

– Estou com bolhas nos pés por causa dos saltos – disse ela, tirando os sapatos sociais e se afundando no meu sofá. Então, semicerrou os olhos e

massageou a sola do pé com a rispidez de uma garota muito mais jovem. – Uau, você tem uma TV! – exclamou, apertando um botão no controle remoto. Mas quando viu que o aparelho só sintonizava alguns canais chineses e a CNN Ásia, rapidamente perdeu o interesse e o desligou. Não havia TV no quarto dela, segundo me contou, mas ela não costumava assistir com muita frequência, de qualquer maneira. Na China, quando lecionava na UCTY, ela geralmente ia para a cama às oito da noite, logo depois de ler a Bíblia, e pretendia fazer o mesmo ali. Havia estudos bíblicos quase todas as noites e cultos dominicais na sala de reuniões do terceiro andar do alojamento dos professores – todos permitidos pelas contrapartes. Como a faculdade fora construída e seria mantida com o dinheiro da comunidade evangélica, os missionários podiam praticar sua religião, desde que a mantivessem longe dos alunos e não tentassem converter ninguém. Os missionários não recebiam salários da faculdade, mas cada um deles era financiado pela igreja de onde tinham vindo.

– Eu não passei a vida toda esperando para vir para cá ou qualquer coisa do tipo, ao contrário daquelas pessoas... Só tenho vinte e três anos. – Ela encolheu os ombros. As regras não diziam nada sobre sussurros, mas, como a conversa havia se voltado para a temática religiosa, passamos a falar baixinho. Ligamos a TV de novo, esperando que o som abafasse nossas vozes caso estivéssemos sendo gravadas. Katie explicou que alguns dos professores da UCTY passaram mais de uma década esperando para ir para a UCTP, mas muitos deles eram cidadãos sul-coreanos e não conseguiram tirar o visto. A Coreia do Norte era o Santo Graal evangélico, o lugar mais inacessível do mundo, e converter a população garantiria aos missionários um lugar no céu. O caminho que Katie havia trilhado para chegar à UCTP tinha sido mais fácil. Um emprego a aguardava em uma ONG cristã no Oriente Médio, mas só começaria em setembro.

– Joan me perguntou se eu queria passar o verão aqui, então aceitei – contou-me ela –, porque o Senhor tem os seus próprios desígnios!

Ela falava com a tranquilidade de alguém para quem o futuro se abria cheio de possibilidades. Acrescentou que talvez se inscrevesse na faculdade de Direito no fim do ano, embora não tivesse certeza, e inclinou ligeiramente a cabeça enquanto se demorava na palavra “talvez”.

Por um momento, senti uma pontada de inveja. Lembrei-me daqueles anos itinerantes depois da faculdade, partindo sozinha com uma mochila para explorar o mundo. Pensava que estava desafiando a vida naquela

época, testando meus limites, mas passava a maior parte do tempo com medo e chorava sem motivo aparente em quartos de albergue sujos na Europa e na América Central. Mas aqueles anos tinham valido de alguma coisa e a garota assustada que eu costumava ser naquela época remota tinha se dissolvido em infinitos fios invisíveis, tão finos e delicados que eu quase podia tocá-la e então perdê-la no instante seguinte. Quase duas décadas depois, parecia que ela havia retornado, ainda hesitante, ainda amedrontada.

Katie começou a me contar sua história de vida com uma exuberância juvenil, presumindo que eu estaria interessada, e de fato estava. Foi na faculdade que o pai, um estadunidense, havia conhecido a mãe dela, uma aluna sul-coreana que estava lá fazendo intercâmbio. Agora os dois moravam em Maryland, onde ele trabalhava como engenheiro. O pai estava preocupado, disse-me Katie com uma risada, que ela pudesse chamar a atenção de algum homem do alto escalão do Partido dos Trabalhadores da Coreia. Mas ela lhe disse que, na pior das hipóteses, seria deportada, ao que sua mãe respondeu: “Como assim essa seria a pior das hipóteses? Essa seria a melhor de todas! A pior hipótese seria eles prenderem você lá!”.

Eu compreendi o pai da Katie e me preocupei com ela. Katie era alta, tinha cerca de um metro e setenta e cinco, uma beleza enigmática, cabelos castanhos na altura dos ombros, pele macia e olhos castanho-esverdeados que às vezes pareciam verdes. O pai dela achava que os homens da Coreia do Norte poderiam levá-la embora na calada da noite, e fiquei apreensiva com a ideia de ela ir sozinha para o Oriente Médio. Quando externei essa preocupação, ela ficou quieta de repente.

– Eu fico longe de homens – declarou.

Em seguida, contou-me que nem sempre tinha sido fácil ser metade coreana. Ela não sabia falar coreano muito bem, mas conhecia a palavra *twiggy*, um termo depreciativo para pessoas de ascendência mista. Na faculdade, tinha namorado um coreano-estadunidense por quem era apaixonada. Sabia que ele, como o filho mais velho da linhagem mais antiga de seu clã, não poderia se casar com uma mestiça, e ela lhe contou que isso a preocupava. Mas ele disse que, quando se casassem, os avós dele já estariam mortos e isso não teria mais importância. Ainda assim, o relacionamento não acabou bem, e ela ficou de coração partido. Logo depois, Katie encontrou refúgio em Deus. Tinha sido criada como cristã, mas até então sua fé não havia sido verdadeira. Katie jurou que jamais

entregaria seu coração a ninguém, exceto a Ele. Ao contrário dos homens, Deus não a desapontaria.

Naquele momento, ocorreu-me que o limiar de sofrimento difere de pessoa para pessoa. Para alguns, o fim de um relacionamento é devastador o suficiente para justificar refúgio na religião. Para outros, é apenas uma lição de vida, algo a se ter em mente nos amores futuros. Assim como Katie, eu não conseguia me livrar do sofrimento de um relacionamento ruim e, em vez disso, passava anos remoendo a dor. No entanto, estando tão longe de casa, era difícil entender por que eu havia permanecido infeliz por tanto tempo. Às vezes, quanto mais tempo você passa dentro de uma prisão, mais difícil é compreender as possibilidades que existem do lado de fora.

Naquela noite, porém, tínhamos um trabalho a fazer. O tema da primeira aula seria como escrever cartas, e Katie e eu decidimos que pediríamos aos alunos que escrevessem sobre qualquer assunto que quisessem, e então usaríamos as cartas para avaliar sua proficiência em inglês. Queríamos manter as coisas simples, pois Beth havia nos avisado de que muitos dos alunos não entendiam nem os conceitos básicos por trás da escrita de cartas, algo que tínhamos de explicar a eles. Afinal, não estava claro se o sistema postal norte-coreano era ou não funcional. Não parecia haver nenhuma caixa de correio e as cartas demoravam muito tempo para ser entregues. Além disso, quando você suspeita de que o conteúdo está sendo monitorado, o significado das cartas se perde.

“E se você me esquecer?”. Foi essa a pergunta que eu fiz ao rapaz com quem estava me relacionando, momentos antes de embarcar no aeroporto JFK. Ele permaneceu em silêncio do outro lado da linha. Imaginei que ele não sabia como estaria se sentindo dali a meses, ou talvez minha pergunta lhe soasse infantil. Desde os treze anos, toda vez que eu ia embora de algum lugar, temia ser esquecida. Como era da Coreia do Norte de que estávamos falando, não havia como ter certeza de quando eu voltaria, e ele não queria fazer promessas. Mesmo se tivéssemos trocado juras de amor, ainda assim seriam apenas palavras. Mas eu era uma escritora. Acreditava nas palavras, mesmo que elas apenas mascarassem a incerteza da passagem do tempo.

Deste lado da fronteira, contudo, não havia como entrar em contato com ele. Disseram-me que, dentro de alguns dias, a universidade instalaria o serviço de internet no alojamento dos professores e eu poderia enviar-lhe um e-mail. Mas eu já sabia, graças às regras, que quem quer que estivesse no comando poderia ver tudo o que se passava pela tela. Eu havia criado um

novo endereço de e-mail para o período que passaria por lá, seguindo uma recomendação de Joan, para que houvesse o mínimo possível para eles monitorarem.

Pensei nos apaixonados de outrora que foram separados pela fronteira depois da guerra. Nem cartas nem telefonemas desde então. Eu os imaginava sempre à espera de um sinal da pessoa amada. Eu nunca havia vivenciado a saudade angustiante de uma mãe pelo filho – a sensação de perda e o anseio que minha avó e minha tia-avó devem ter sentido. Mas eu entendia a saudade dos namorados e os imaginava esperando que a fronteira fosse aberta, os dias se transformando em semanas e depois em anos, que então se tornaram o resto de suas vidas. Imaginei a saudade não de uma única pessoa, mas de toda uma nação. Essa perspectiva leva a outro patamar o conceito de relacionamento a distância. A espera eterna deve ter se tornado um teste de fidelidade. Quem conseguiria se manter fiel ao amado por mais tempo? O amor não venceu tudo. Pessoas apaixonadas foram punidas por amar – a separação forçada partiu seus corações. Imaginei esses sentimentos reprimidos impregnando o ar e então se misturando ao solo da península coreana, essa nação adoecida e dividida em duas.

NAQUELA PRIMEIRA MANHÃ, assim que vislumbrei seus rostos alertas, um garoto se levantou da cadeira e todos os outros o imitaram. Em seguida, disseram em uníssono, em inglês:

– Bom dia, professora!

Esquadrinhei a sala mais uma vez e respondi:

– Bom dia, cavalheiros!

Não sei por que os chamei de “cavalheiros”. Não era uma palavra que eu usaria para me referir a um grupo de universitários estadunidenses. Talvez fosse por sua aparência naquele momento, tão imaculados e organizados que me lembrei de como meu pai costumava usar a palavra “cavalheiro” para descrever qualquer estrangeiro que ele admirasse. Era uma daquelas palavras inglesas que se infiltraram no idioma coreano, e nele passou a designar certo tipo de homem moderno e arrojado.

Os garotos caíram na gargalhada. Alguns pareciam envergonhados, mas continuaram soltando risinhos. E assim começou a primeira aula – mais um momento para conhecermos uns aos outros do que uma aula em si. Disse-lhes que poderiam perguntar o que quisessem sobre mim e Katie. Um a um, eles se levantaram de suas carteiras para fazer perguntas.

“Quantos irmãos você tem?”

“Quando é seu aniversário?”

“Qual é a sua cor preferida?”

Um deles perguntou: “Você gostou das flores que viu pelo caminho enquanto vinha para a aula esta manhã?”. Devia estar se referindo às florezinhas alaranjadas e cor-de-rosa que eu tinha visto, e Katie rapidamente perguntou: “Foram vocês que plantaram?”. Eles assentiram com a cabeça, abrindo um sorriso tímido.

De repente, lembrei-me de um momento parecido, que havia acontecido poucos anos antes, em uma universidade privada no Meio-Oeste, onde eu dava aulas de escrita criativa para alunos de graduação. No primeiro dia de aula, tinha dito a eles que podiam me perguntar qualquer coisa. Imaginei que iam querer saber qual era o segredo para escrever bem e estava preparada para responder que não havia segredo, e que cada um de nós tinha de encontrar sua voz. Em vez disso, eles tinham apenas uma pergunta: “A universidade a procurou para oferecer o cargo ou você teve de se candidatar a ele?”. A mensagem era clara. Eles queriam saber se eu estava à altura da mensalidade que pagavam. Aquele momento tinha sido como um balde de água fria e, mesmo posteriormente, nunca gostei de pensar no assunto. Perguntei-me o que levava jovens da mesma idade a pensar de maneiras tão diferentes.

Os rapazes do meu primeiro período estavam na Turma 4, o que significava que seu inglês era o mais fraco, mas não tive dificuldades para entendê-los. Ainda assim, o grupo seguinte, a Turma 2, falava um inglês nitidamente melhor e suas perguntas eram mais sofisticadas. Um deles perguntou a Katie: “Você parece asiática. Você é coreana?”. Katie explicou que sua mãe era coreana e o pai, estadunidense. A turma assentiu, embora eu não tivesse como saber se a resposta tinha feito sentido para eles.

Em seguida, um garoto alto se levantou para me perguntar se eu sentia enjoo quando viajava. Contou-me que, na última vez que viajara de avião, o voo havia sido muito turbulento. Perguntei aonde tinha ido e ele murmurou que se tratara de um voo doméstico. Até então, eu nunca tinha ouvido falar de rotas domésticas na Coreia do Norte, mas achei melhor não me aprofundar no assunto. Ele devia ser um dos únicos ali que já tinha viajado de avião.

Pedi aos alunos que escolhessem um tópico e escrevessem uma carta em inglês para mim ou para Katie. Na lousa, mostrei-lhes como uma carta

formal deve ser escrita: a data, o endereço, “Prezado fulano de tal” seguido de uma vírgula, alguns exemplos de frases, “Atenciosamente” e assim por diante. Parecia estranho ensinar algo tão básico para estudantes universitários e, no entanto, enquanto estava frente a frente com o quadro-negro, um pedaço de giz entre os dedos, bastava erguer o rosto trinta graus para cima e poderia encarar diretamente os retratos de Kim Il-sung e Kim Jong-il – um morto e o outro se agarrando ao que restava de sua vida grandiosa. Quando me virei para os garotos, meus olhos recaíram sobre duas frases muito semelhantes na parede atrás deles: “Nosso Partido enviou nossos alunos para a faculdade para ler muitos livros e estudar com afinco”, atribuída a Kim Il-sung, e “Nosso Partido quer que nossos alunos estudem com afinco”, de Kim Jong-il. Os alunos estavam sempre usando um broche adornado com o pequeno retrato de Kim Il-sung em um fundo vermelho, preso no lado esquerdo do peito, provavelmente porque ficava mais perto do coração.

Disse-lhes que a carta não era apenas um exercício de escrita curto e conveniente, mas também uma forma de eu conhecê-los melhor, e que ela não seria avaliada. Ao ouvir isso, todos pareceram aliviados e desapontados ao mesmo tempo. Não sei ao certo se queriam ser avaliados ou não. Naqueles primeiros dias, os alunos assentiam com tanto entusiasmo a tudo o que eu dizia que nunca tinha como saber se haviam de fato entendido alguma coisa. Quando entregaram as cartas, vi que a maioria deles havia copiado meu exemplo palavra por palavra, começando com “Prezado fulano de tal” e assinando “Atenciosamente, Suki”.

Eles escreveram sobre suas famílias, seu desejo intenso de aprimorar o inglês e o amor que nutriam pelos esportes, principalmente basquete e futebol, embora um dos alunos tenha falado sobre sua paixão pelo golfe e comentado que o praticava com frequência. Descobri que os pais de muitos deles eram médicos e cientistas. Um aluno escreveu que a família tinha se mudado para a avenida Mansudae apenas algumas semanas antes, graças ao Grande Líder, e outro mencionou a bela casa em que morava na rua da Unificação. Com base nisso, deduzi que a avenida Mansudae e a rua da Unificação eram endereços cobiçados. Outro garoto relatou um passeio em família para o Okryu-gwan, o melhor restaurante de Pyongyang, e também discorreu sobre como ioga era seu passatempo preferido e sobre como odiava doces. Um outro aluno escreveu que tinha um amigo que havia nascido em Pequim, pois o pai dele era diplomata.

Ficou evidente que aqueles não eram os norte-coreanos que eu estava acostumada a ver retratados na mídia. Eu tinha passado meses entrevistando desertores em cidades fronteiriças da China, bem como em Seul, e nada em seus relatos poderia ter me preparado para aqueles rapazes. A maioria dos desertores eram agricultores pobres do extremo norte do país, na fronteira com a China, muito longe de Pyongyang. Meus alunos, contudo, eram oriundos da elite da RPDC. Muitos deles haviam sido transferidos da Universidade Kim Il-sung ou da Universidade de Tecnologia Kim Chaek – o equivalente norte-coreano de Harvard ou do MIT. Eles sentiam falta do prestígio de suas antigas faculdades e de seus amigos de lá. Alguns pareciam relutantes em servir como cobaias no novo experimento do governo, no qual os professores eram todos estrangeiros e as aulas eram sempre ministradas em inglês.

Curiosamente, quase nenhum dos alunos mencionou o Grande Líder naquela primeira carta, como se houvesse um entendimento tácito de não trazer o assunto à tona. Ainda assim, um dos alunos escreveu:

A ideologia Juche é a mais correta e única. Ela ilumina o caminho para a revolução mundial. O Grande Líder empregou a ideologia Juche em todo o escopo da revolução e construção. Como ele foi capaz de liderar nossa revolução de forma correta, nosso país passou de um país pobre para uma nação poderosa e próspera. Hoje em dia, a ideia dele é admirada como a melhor do mundo.

Cerca de cinco minutos antes de o segundo período terminar, avistei na janela o rosto de Beth, a diretora, que parecia nervosa e me fez um sinal para sair. Meu coração afundou no peito. Será que eu já tinha feito alguma coisa errada? Dito algo inapropriado, que de alguma forma foi relatado por um aluno da primeira aula? Cada turma tinha um monitor, que ordenava ao restante da classe que ficasse de pé e dissesse “bom dia” quando eu chegava, além de me entregar uma caderneta, na qual eu era obrigada a relatar brevemente o que ensinava a cada dia. Com o passar do tempo, acabei descobrindo que também havia um vice-monitor e um secretário, cujas identidades não eram reveladas. Ademais, o dr. Joseph, um missionário coreano-estadunidense de cinquenta e poucos anos que servia de intermediário entre nós e as contrapartes, nos contou que qualquer aluno, de qualquer turma, poderia compartilhar informações sobre nós ou gravar as

aulas com um aparelho de MP3. As contrapartes, ele adicionou, liam os relatórios dos alunos ou ouviam as gravações e às vezes observavam as nossas aulas. Fiquei nervosa com a perspectiva de ter ido tão longe apenas para acabar sendo expulsa.

Minhas preocupações se mostraram infundadas. Houvera uma mudança de última hora e eu tinha entrado na sala errada. Em vez da Turma 2, eu havia acabado de dar aula para a Turma 1. A confusão gerou um tremendo alvoroço, e Beth não sabia se eu deveria simplesmente continuar com a Turma 1 ou começar tudo de novo com a Turma 2. O problema era que a Turma 1 era composta de vinte e seis calouros de alto nível, ao passo que a Turma 4 contava com vinte e quatro garotos de nível mais baixo. Como os níveis eram muito diferentes, isso acabaria me dando muito mais trabalho, Beth disse, e em seguida declarou que pediria permissão às contrapartes para me deixar escolher para qual das turmas lecionar.

Fiquei hesitante. Parte de mim temia que mais obrigações como professora me fariam ter menos tempo para a escrita, a verdadeira razão de eu estar ali, mas sabia que essa poderia ser uma grande oportunidade de conhecer os extremos do corpo discente. Quando entrei no refeitório depois da aula, ainda indecisa, e fui até a fila de professores e pós-graduandos, alguns dos meus alunos da Turma 1 vieram ao meu encontro com expressões ansiosas no rosto. “Você vai ser nossa professora?”, perguntaram. “Vai ficar com a gente?”. Parecia que os boatos corriam com rapidez naquela pequena comunidade – o que talvez não devesse ser surpreendente, levando-se em conta que fazíamos a maioria das coisas à vista de todos. “É isso que vocês querem?”, perguntei. Eles assentiram com a cabeça, entusiasmados, como se eu estivesse prestes a lhes dar o maior presente de suas vidas. Então, me decidi naquele minuto. E, embora não tivesse entendido na hora, a decisão não se limitava a ser apenas professora.

Quando encontrei Beth no refeitório e disse que continuaria com a Turma 1, ela me lembrou de que seria muito mais trabalhoso, mas, naquele momento, ser professora daquela turma não parecia ser uma questão relativa a trabalho. A sensação era a de escolher um filho em detrimento do outro, e muitas vezes me perguntei como minha experiência teria sido diferente se eu não tivesse entrado na sala errada. Porque a Turma 1 era de fato um grupo especial, o mais inteligente, o que naquele mundo significava, entre outras coisas, que eles obedeciam muito bem às ordens. E

seria justamente essa característica, que parecia mais proeminente na Turma 1 do que na Turma 4, o que mais me incomodaria nos meses seguintes.

Depois da minha conversa com Beth, vi os mesmos garotos me encarando fixamente da fila do almoço. Então, sorri e assenti com a cabeça, indicando-lhes que sim, eu seria a professora deles. Os sorrisos radiantes que recebi como resposta tornaram aquele primeiro dia de aula inesquecível. Em muitos aspectos, aqueles jovens pareciam crianças, com toda a sua vulnerabilidade e sua inocência intactas, agarrando-se a cada passo que eu dava como se o destino deles dependesse disso. Mais tarde, eu me perguntaria se aquele foi o momento decisivo para que eu me apaixonasse por eles. Precisamos nos sentir necessários. Amamos as pessoas que querem nossa presença.

4

EU SOU DE ORIGEM SULISTA. Por gerações, o clã Gwangsan Kim, do qual provém meu pai, se estabeleceu em Chungcheong-do, a única província parcialmente sem litoral entre as oito da península. As pessoas de lá são conhecidas por seu temperamento doce e seu espírito bondoso, embora essa reputação possa ter sido exacerbada por seus compatriotas, que sentem pena deles por não terem tanto acesso ao mar. Passei a maior parte da minha infância lá, em uma casa enorme cercada por colinas. Lembro-me de olhar para o céu em busca de um vislumbre de azul, o que pode ter sido um presságio de minha futura vida na ilha de Manhattan.

De acordo com meu avô, que muitas vezes fazia meu irmão, minha irmã e eu nos sentarmos enquanto ele discorria sobre a superioridade da nossa linhagem, o clã Gwangsan era conhecido por ter dado origem aos principais eruditos confucionistas da Coreia. Éramos a mais nobre de todas as famílias coreanas, dizia ele, e certamente a mais digna entre as centenas de clãs Kim. Não éramos guerreiros, como o clã Kimhae, ou cegos pela ambição e títulos mundanos, como o clã Andong. Preferíamos pensar em vez de lutar, e muitas vezes havíamos atuado como professores de reis. Dentre os meus ancestrais, os mais eminentes eram os eruditos do século XVI, Kim Jangsaeng (Sagye) e Kim Jip (Shindokjae), que eram pai e filho, ambos consagrados entre os dezoito sábios da Coreia. Hoje em dia, sempre que visito Seul e passo pelo antigo palácio imperial que por séculos serviu de lar para nossos reis, lembro-me do sorriso presunçoso do meu avô e do mantra inevitável de que, sem nossos tataravôs, a Coreia teria ficado desprovida de sua filosofia norteadora.

Anos depois, viajei para a bela província de Gyeongsang, repleta de templos e localizada no sudeste do país. Lá, fui parada na rua por um homem muito velho, que trajava uma túnica de linho tradicional e um chapéu feito de crina de cavalo e bambu. A região era famosa por suas tradições ortodoxas. Ao contrário do que ocorria no resto do país, onde, em homenagem aos pais mortos, os filhos mais velhos dos clãs familiares

realizavam ritos de adoração ancestrais no dia do Ano-Novo Lunar, no Chuseok (Festival da Colheita) e nos aniversários de morte, ali as famílias realizavam os ritos em todos os tipos de datas comemorativas especiais, até mesmo para ancestrais muito distantes. Diziam que nenhuma mãe queria que as filhas se casassem com os homens daquela região, já que as noras tinham de passar o ano todo trabalhando, cozinhando, limpando e lavando, sem contar a pressão constante de gerar um herdeiro do sexo masculino. Quando me ouviu falar inglês com meu acompanhante, o velho perguntou de onde eu era. Respondi, em coreano, que tinha nascido em Seul, mas morava em Nova York, e que minha família era originária da província de Chungcheong. Diante disso, ele assentiu com a cabeça, em sinal de aprovação, e perguntou: “Então, de onde é seu *bonjuk*?”, querendo saber qual era a origem do meu clã. Quando respondi que era Gwangsan Kim, o rosto do velho se iluminou. Ele assentiu com a cabeça novamente, parecendo muito pensativo, e em seguida disse: “Ora, você vem de uma família muito nobre! Extremamente nobre, devo dizer. A sua família é a segunda mais nobre de toda a Coreia!”. Quando lhe perguntei qual era a primeira, ele exclamou, como se não pudesse acreditar que eu não sabia a resposta: “Ora, a minha família de Poongsan Yoo, é claro!”. Em seguida, começou a me contar sobre um de seus ancestrais, que havia salvado a Coreia de um ataque japonês no século XVI. “Se não fosse pelo meu tataravô, nosso país não existiria!”, declarou ele com orgulho.

Meu pai ainda comparece às reuniões regionais semestrais de Gwangsan Kim, que acontecem em um restaurante coreano perto da casa dele, em Fort Lee, Nova Jersey. Cerca de vinte pessoas sentam-se em volta dos pratos típicos da culinária coreana, como *kimchi chigae* e *gamjatang*, e conversam sobre as maiores conquistas de nossos ancestrais, que estão enterrados, incluindo meus avós, no bairro de Yunsan, em Nonsan, na província de Chungcheong. Impossibilitado de cuidar dos túmulos deles, como seria de se esperar de um bom filho confucionista, meu pai vive atormentado pela culpa. Certo ano, viajei para a Coreia do Sul no lugar dele, embora fosse difícil chegar aos túmulos sem a ajuda de um carro. O trajeto de trem levou cerca de duas horas, e depois disso tive de pegar um ônibus para Yunsan. De acordo com o motorista do ônibus, todas as pessoas em um raio de dezesseis quilômetros eram Gwangsan Kim, e ele me perguntou: “Quem é que cuida do seu terreno?”. Depois que respondi, ele assentiu com a cabeça. Era uma zona rural e todos se conheciam ou eram parentes. O motorista me

ajudou a encontrar um táxi, que me levou a uma curva específica na estrada, que o mapa desenhado à mão por um dos meus parentes indicava. Não havia nenhuma placa, mas desci do táxi e caminhei ao longo da trilha, na qual túmulos intermináveis começaram a se revelar diante de mim, minúsculas colinas que haviam protegido os ossos dos meus ancestrais por centenas de anos, cada uma delas com uma placa de pedra como lápide. Lá estavam elas, as pessoas responsáveis por eu ser quem sou, cujas uniões me levaram a estar naquele lugar, naquele momento: ali estava a minha história.

Os ideogramas em cada lápide eram chineses, já que os coreanos ainda usavam a escrita chinesa para assuntos relacionados à morte. Ao longo da história, a China sempre foi como o irmão mais velho de sua vizinha Coreia, esse minúsculo reino que infelizmente era adjacente ao gigantesco império, e, em alguns aspectos, aquela tradição parecia ter perdurado. Qualquer pessoa que acompanhe a Coreia do Norte diria que é a China que realmente detém o poder.

Como o ensino obrigatório de chinês só começava na sétima série, o mesmo ano em que emigrei, a única coisa que eu sabia em chinês era o meu nome. Cada lápide trazia o caractere “Kim”, seguido por nomes próprios que eu não conseguia ler. O clã Gwangsan Kim estava todo reunido ali e, se eu não fosse mulher – de acordo com o costume coreano, as mulheres são enterradas com a família do marido – e se tivéssemos continuado na Coreia, eu também teria acabado naquele mesmo lugar, junto com meu pai. (Quanto às mulheres solteiras, não faço ideia de onde são enterradas. Por muito tempo, na Coreia, ninguém falava sobre elas.)

Por milhares de anos, quase ninguém saiu da Coreia. Era o reino eremita, cuja base espiritual era o confucionismo, o budismo e o xamanismo. Isso perdurou até 1910, quando foi anexada pelo Japão e colonizada pelos trinta e cinco anos que se seguiram. Logo depois, em 1950, começou a Guerra da Coreia. Como nasceu e foi criado sob o domínio desses colonizadores brutais, meu avô paterno falava japonês fluentemente. Pouco antes de morrer, em meados da década de 1980, ele foi passar um tempo com a minha família no Queens, onde fez amizade com uma jovem japonesa, uma missionária da Igreja da Unificação. Quando meu pai o confrontou sobre seu súbito interesse por aquele culto, meu avô respondeu que não se importava com os *moonies*,¹ só queria aproveitar a oportunidade de falar japonês com sua nova amiga. Assim como outros de sua geração, ele sofria de uma espécie de síndrome de Estocolmo e sentia falta do idioma de seus

opressores. A relação de amor e ódio dos coreanos com o Japão continua até os dias de hoje, agravada por sua ligação com as superpotências que assumiram o seu lugar após a retirada: os Estados Unidos e a União Soviética, que juntos libertaram a Coreia apenas para dividi-la, um dos mais duradouros efeitos da Guerra Fria.

Nos dias de hoje, os sul-coreanos manifestam atitudes bastante diversas com relação aos Estados Unidos, que mantêm quase trinta mil soldados estacionados bem no meio da capital, ocupando imóveis de primeira linha. Muitos sul-coreanos se ressentem da presença desses protetores estrangeiros, mais de sessenta anos após o armistício, e ainda assim reconhecem perfeitamente que foi a aliança com os Estados Unidos que ajudou a Coreia do Sul a se tornar uma democracia e uma nação de primeiro mundo. Se a Coreia do Sul deve sua prosperidade aos Estados Unidos, a Coreia do Norte, em grande parte, deve à China sua sobrevivência após o colapso da União Soviética. Embora tanto a China quanto a União Soviética tenham participado da divisão da Coreia, os norte-coreanos não mencionam o assunto. Eles culpam apenas os Estados Unidos e o Japão. Pode ser difícil romper algumas alianças. A história é um registro de muitas dessas irracionalidades.

Naquela visita aos túmulos dos meus antepassados, dei-me conta de que as tradições não se ajustam muito bem à globalização. As tradições envolvem um apego ao passado, ao passo que eu pertencço a um novo mundo e, no meu novo mundo, os Estados Unidos, as pessoas estão sempre se reinventando, o que de certa forma é privilégio. Foi em 1983, após décadas de ditadura militar no Sul, que meus pais finalmente deixaram a sua velha pátria. Foram a primeira geração de Gwangsan Kim a dar as costas a tudo o que estava diante de mim naqueles túmulos, e lá estava eu, anos mais tarde, a descendente que havia cruzado o oceano para retornar, incapaz de identificar as lápides de meus avós até que o zelador do cemitério apareceu e me guiou até elas.

O LADO DA FAMÍLIA DA MINHA MÃE é mais humilde; ao menos é o que ela diz. Não sei o quanto há de verdade nisso, já que minha mãe concordava com quase tudo que meu pai dizia, incluindo o grau de nobreza de seus antepassados. Embora seu clã Yoon tenha se originado na antiga região de Papyeong, na província de Gyeonggi, ela nasceu e foi criada em Seul, assim como seus pais. Os Papyeong Yoon eram conhecidos por suas rainhas. Era

costume que a noiva do futuro rei fosse escolhida entre famílias nobres decadentes e sem ambição, visto que aqueles que detinham o poder na corte tentavam se proteger de qualquer um que pudesse usurpá-lo. A preocupação da minha mãe, entretanto, voltava-se para a história mais recente de sua família.

Conforme ela relata, 25 de junho de 1950 foi um domingo tranquilo. Ela tinha apenas quatro anos, embora se lembre de tudo como se tivesse acontecido ontem. Foi nesse dia que as bombas norte-coreanas atingiram Seul, a capital sulista, pela primeira vez. Aquele dia marcou o fim de uma infância que nem sequer pudera se iniciar.

Então, é assim que se desenvolve a nossa conversa.

As bombas estavam chegando e nós fugimos, conta minha mãe. Ela não tem certeza se as ouviu, mas sabia que estavam a caminho porque todos na vizinhança fugiam.

Para onde vocês estavam indo?, pergunto.

A reação dela é sempre a mesma: incrédula por ter de responder algo tão óbvio.

Para o sul, é claro! Para qualquer lugar, desde que ficasse ao sul. Sabíamos que, se ficássemos onde estávamos, morreríamos. Pelo menos foi o que minha mãe disse enquanto arrumava as malas.

O pai dela tinha viajado a negócios para Busan, no extremo sul do país. Aquilo era incomum. Ele trabalhava como administrador no centro comunitário local, um cargo que não costumava exigir que ele viajasse. Mas a família teve sorte de ele ter sido enviado para trabalhar no sul, e não no norte. Uma viagem de um dia à região norte, a algumas horas de distância, e famílias estariam separadas para sempre. Os anúncios relativos à guerra deviam estar sendo veiculados pelo rádio, pois quase ninguém tinha telefone ou TV. Havia um clima de urgência no ar, até mesmo de pânico, e minha mãe se lembra de uma brisa gélida repentina varrendo a sala de estar, embora fosse verão e o tempo estivesse úmido. Os vizinhos começaram a fugir, carregando seus pertences nas costas, e pararam para conferir o que a sra. Yoon estava fazendo e por que ela ainda não havia ido embora.

“Palgengis [os Vermelhos] estão chegando!”, gritaram eles. *“É uma guerra!”*. Essas pessoas tinham vivido sob o domínio japonês. Estavam acostumadas com a catástrofe.

Minha avó tinha de tomar a decisão sozinha. As crianças precisavam ser alimentadas e vestidas, e a mais nova teria de ser carregada. Minha mãe era

uma criança quieta, mas, naquele momento, estava mais quieta do que o normal; tinha notado que algo grande estava para acontecer. Minha avó disse às crianças que começassem a arrumar as malas. Todos começaram a juntar suas coisas freneticamente.

Cinco crianças no total, mas não exatamente.

Como assim “cinco crianças, mas não exatamente”?

Minha mãe costumava fazer uma pausa nesse ponto. Poderia estar fatiando *daikon* ou assando algas marinhas para a minha lancheira. Poderia estar se arrumando para sair à noite com meu pai, parada diante de um espelho com seu vestido de seda verde e luvas de couro combinando. Ainda posso ver o reflexo dela no espelho, o cabelo penteado igual ao de Farrah Fawcett, como se fora varrido pelo vento, nenhum vestígio visível da criança que havia fugido da guerra. Ela posou como modelo uma vez, nos anos 1960, para um fotógrafo japonês que a notara em um restaurante, em Seul, graças à sua notável semelhança com uma estrela de cinema do Japão. Por conta dessa semelhança, um produtor de TV coreano passou meses atrás da minha mãe tentando escalá-la para uma novela semanal, mas na semana anterior às filmagens ela saiu para um passeio à beira-mar com meu pai e não apareceu. Minha mãe não era irresponsável por natureza, mas não sabia ao certo o que uma modelo ou atriz fazia, pois, na Coreia do pós-guerra, a TV e as revistas ainda eram muito novas e misteriosas. Em momentos como esse, quando ela fazia uma pausa na história e mantinha os olhos fixos em um ponto distante, sua beleza parecia ainda mais chamativa. Minha mãe ainda era jovem. Ainda estava na casa dos trinta à época, a ferida ainda em carne viva.

O que você quis dizer com “não exatamente cinco”?

Sabe... originalmente, havia nove crianças. Quatro morreram na infância. Os bebês nem sempre vingavam naquela época.

Essa parte sempre me deixava perplexa. Eu ainda era uma criança e via a morte como algo que alguém inventara em algum lugar. Sentia-me confusa quanto ao local a que esses outros bebês tinham ido.

Minha mãe suspira pelas mortes que não havia testemunhado. Era a mais sortuda. Viera por último – a mais jovem dos nove. Sobrevivera e se tornara uma linda mulher, uma esposa, uma mãe. Quatro outros não tiveram a mesma chance. Como mãe, dizer essas coisas em voz alta a assustava, então ela me puxava para junto de si e me abraçava com força, como se tivesse medo de me perder também. Eu não gostava desse momento. Não gostava

do medo nos olhos dela, mas continuava fazendo perguntas para que se distraísse e terminasse de contar a história, embora essa história não tenha fim. Uma volta que não completa um círculo. Uma lacuna que nunca será preenchida.

Ela só se lembrava do caos repentino, da mãe e dos irmãos fazendo tudo às pressas. O irmão mais velho assumiu o comando. Tinha apenas dezessete anos, mas, como o pai não estava lá, ele era o homem da casa, dizendo à mãe que preparasse alguns bolinhos de arroz para a viagem de trem. Decidiram que iriam primeiro para Suwon, a trinta quilômetros de Seul, onde morava um parente, e de lá seguiriam para Busan, onde o pai estava. O irmão mais velho da minha mãe logo a pegou no colo. As outras três crianças os seguiram, cada uma com um embrulho nas costas. Minha avó deu uma última olhada na casa, com medo de nunca mais pousar os olhos nela. Só o faria novamente três anos mais tarde, mas ainda não sabia disso à época, então, relutante, virou-se para dar início à longa caminhada até o trem que os levaria para um lugar seguro.

Toda a parte de cima das colinas era composta de terras agrícolas, sabe, e ficava a uma boa hora de caminhada da Estação de Seul.

Situado aos pés do rochoso Bugak-san (Monte Bugak), elevando-se acima e adjacente ao Palácio Imperial Gyeongbokgung e à Casa Azul, onde o presidente reside, o bairro da infância da minha mãe, Samcheong-dong, foi considerado por muito tempo um cantinho pacato com transporte público ineficiente, cuja patrulha diária, feita por guardas armados, tornava difícil até mesmo sair para uma caminhada casual. Embora a vista de lá sempre tenha sido espetacular, Samcheong-dong permaneceu por muito tempo o primo pobre de distritos vizinhos mais abastados.

Hoje em dia, Samcheong-dong não se parece nem um pouco com as colinas esquecidas das lembranças da minha mãe. Em 2009, quando eu estava morando em Seul graças a uma bolsa de estudos, fiz aulas de tênis no Parque Samcheong, a cerca de cem metros de onde minha mãe tinha morado quando era criança. Não havia mais ninguém lá. Meu tio tinha vendido a casa da família havia anos e se mudara para os subúrbios quando o bairro passou a atrair incorporadores imobiliários. Muitas de suas *hanoks* decrépitas (casas tradicionais coreanas cobertas por telhas) foram transformadas em cafeterias e butiques, e a região se tornou um dos destinos mais populares da cidade entre os casais. Eu costumava passar em frente ao palácio imperial todas as manhãs, subindo a estrada sinuosa que,

estranhamente, lembrava o pitoresco bairro Montmartre que se vê nos filmes românticos. Jovens baristas eram a moda do momento. Em todos os cantos, parecia haver rapazes bonitos de vinte e poucos anos anotando pedidos em seus iPads e servindo café com explicações e precisão exageradas – gotejamento lento, sifão, cafeteira Chemex. Em 2009, Seul – Samcheong-dong, em particular – parecia mais moderna do que todos os outros lugares que eu visitara, mas quando contei isso a minha mãe posteriormente, em Nova Jersey, ela me encarou com uma expressão vazia. Então, após uma longa pausa, disse: “E o córrego? Eu costumava lavar nossa roupa suja lá”. contei a ela que ninguém mais lavava roupa em córregos e que eu não tinha visto nada parecido com um córrego durante minhas caminhadas. Em sua mente, porém, ela tinha voltado para lá – para as tardes em que saía mais cedo da escola e ia até o córrego para lavar as roupas.

Mais uma vez, a mente dá uma volta e todas as estradas convergem para um único momento de 25 de junho de 1950. Para aqueles da geração da minha mãe que perderam alguém, a vida estará sempre dividida entre antes e depois desse dia.

Os seis demoraram várias horas para chegar à Estação de Seul, pois as ruas estavam apinhadas de pessoas fugindo. As crianças mais velhas seguravam a mão dos mais novos de forma protetora. Era uma caminhada de cerca de quatro quilômetros, mas minha avó estava sozinha com os cinco filhos, carregando o máximo que conseguia nas costas. O líder do grupo deve ter sido meu tio de dezessete anos.

Não há nenhum retrato de família daquele dia ou dos que vieram imediatamente depois dele. As fotografias são um luxo dispensável quando você está correndo para salvar sua vida. Vi fotos em preto e branco de Seul daquele dia, evidências desbotadas de refugiados que poderiam ser de qualquer país asiático fugindo de qualquer guerra. De cabeça baixa, seguiam rumo ao sul, onde as bombas da Coreia do Norte não os alcançariam. Ninguém reclamava. Ninguém questionava. Aquela geração já tinha visto de tudo, o sofrimento de ter seu país tomado pelo Japão, seu inimigo mortal, e depois o sofrimento daquela divisão que parecia ter acontecido da noite para o dia. Aquelos anos, de 1945 a 1950, haviam sido desconcertantes, com Kim Il-sung, o major do Exército Vermelho, ao Norte, e Syngman Rhee, o protegido dos Estados Unidos, ao Sul. A política da Guerra Fria não tinha limites e as pessoas não tiveram o direito de opinar

sobre suas terríveis consequências. A resignação é um hábito, e ele é contagioso.

Foi um milagre termos chegado à estação antes do anoitecer. Tivemos sorte... a princípio.

É esse “a princípio” que sempre causa um aperto no meu coração. Não gosto da parte que vem a seguir, mas deixo minha mãe continuar porque sei que é o que deve ser feito.

Depois de ter aberto caminho em meio à estação abarrotada, minha avó descobriu que as passagens de todos os trens para o sul estavam esgotadas. Ela podia ver as pessoas subindo desesperadas no topo dos vagões em movimento. Depois de esperar por horas, ela ouviu que alguns caminhões estavam dando carona para famílias com crianças pequenas. Então, ela e as crianças correram, as mãos pequeninas segurando com firmeza as ainda menores. E, milagrosamente, havia um caminhão empoeirado em cuja carroceria já estavam algumas pessoas, mas havia espaço para mais. Então, subiram no caminhão, e minha avó, encharcada de suor, assegurou-se de que as cinco crianças estivessem lá, incluindo a garotinha em seus braços, minha mãe, colocada ali por seu irmão mais velho. Esses eram bons filhos, as sementes boas, aqueles que haviam sobrevivido apesar de todas as adversidades.

Ela se deixou cair, recostou-se na porta traseira e respirou fundo, os enormes seios arfando. Esses seios haviam alimentado nove bebês, embora só houvessem restado cinco. Tinha 45 anos, mas parecia e se sentia mais velha, e percebeu que estava cansada – exausta, na verdade. Não era a emoção ideal para sentir no início de uma guerra, embora àquela altura ela ainda não tivesse certeza de que realmente se tratava de uma guerra. Tudo o que sabia era que estavam em um veículo, longe das bombas, e que de alguma forma ela havia conseguido, sem o marido, levar todos eles para lá. Por um momento, sentiu-se orgulhosa e quis congratular a si mesma por essa façanha. Em vez disso, porém, virou-se para fitar demoradamente o filho mais velho, aquele que havia sobrevivido. Ele era seu amuleto da sorte. Tinha sido com ele que a maré havia virado. Ele sobrevivera, e os bebês que vieram depois também, como se com ele tivesse chegado a bela dádiva da vida. E lá estava ele, todo crescido e bonito aos dezessete anos. Ela mal conseguia conter o amor avassalador em seu coração e tentou desviar o olhar, mas não conseguiu. E foi nesse momento que ouviram um grito vindo de algum lugar.

De acordo com os relatos da minha mãe, ninguém conseguia se lembrar muito bem do que acontecera depois do grito. Havia muito caos e confusão. De repente, rostos sujos estavam mirando o interior do caminhão, e as pessoas se agarravam à lateral do veículo em uma tentativa desesperada de embarcar naquela arca que os levaria para longe daquele dilúvio de violência iminente. Era a única forma de fugir das bombas, de se afastar de Seul, a vasta capital montanhosa que havia abrigado a realeza coreana por séculos, o epítome dos sonhos de todos os coreanos; naquele momento, porém, de uma hora para outra, todos queriam descartá-la na lata de lixo mais próxima e sair correndo. O objetivo era dar o fora de Xanadu, só precisavam que o caminhão seguisse o seu caminho.

Se ao menos ele tivesse partido naquele exato momento...

Lá estava novamente o mantra: “se ao menos”. A atenção é sempre desviada para o universo alternativo onde as coisas aconteceram de um jeito diferente... no qual vidas foram salvas. Estou acostumada com o mantra. Para os imigrantes, o pesar pode se tornar um estilo de vida.

Havia gritos oriundos de algum lugar. Alguém, uma mãe ou um pai em pânico, uma voz desesperada implorando aos rapazes jovens que cedessem seus lugares às mulheres e crianças. Antes que os gritos fossem assimilados, antes que minha avó tivesse um momento para refletir sobre as palavras ou protestar, o filho de dezessete anos se levantou. “Eu vou sair”, disse ele, para depois tranquilizá-la: “Vou encontrar outra carona, mãe. Não se preocupe”. Então, com a mesma rapidez de antes, ele sumiu de vista, e em seguida ouviu-se o som do motor. Tudo aconteceu em um piscar de olhos, e minha avó, desnorteada com aquela reviravolta inesperada, virou-se freneticamente na direção para onde seu filho havia seguido, mas o caminhão começou a andar de súbito, rápido demais para que ela pudesse pensar com clareza. E só mais tarde ocorreu a ela que deveria ter pulado para fora naquele momento e arrastado o filho de volta. Deveria ter ido atrás de quem havia gritado e lhe arrancado os olhos. Estavam em guerra, e uma decisão tomada em uma fração de segundo cobrou um alto preço. Lá estava ela, minha avó, estupefata em um caminhão em alta velocidade, sem o filho mais velho. O bebê que tinha sobrevivido.

Seul foi tomada três dias depois.

O tom de inevitabilidade na voz da minha mãe era desprovido de emoções. “Fim”, sua voz parecia dizer, embora essa história não tenha fim. A guerra começou e a família mudou-se de cidade em cidade, hospedando-

se em barracas improvisadas e em casas de parentes e de estranhos. Durante três anos, a maior parte do país permaneceu em constante movimento. A família da minha mãe parou na cidade de Suwon para esperar meu tio, mas ele nunca chegou. Alguns dias depois, eles encontraram vizinhos que disseram tê-lo visto ser arrastado por soldados norte-coreanos. Suas mãos estavam amarradas atrás das costas com uma corda, disseram eles. A estrada para Seul estava bloqueada àquela altura, e minha avó ficou esperando em vão.

Vocês ficaram quanto tempo esperando?, pergunto.

Quanto tempo é tempo o suficiente?

Minha mãe não sabe ao certo. Afinal, ela tinha apenas quatro anos na época. Mas os outros, incluindo meu tio mais novo, que mora em Seul, também não têm certeza quanto a isso. Minha mãe se lembra da minha avó, meio enlouquecida e aos prantos, a cabeça coberta por uma saia como se fosse um lenço enquanto vagava pela vizinhança durante a noite. Todas as noites os filhos mais velhos saíam em busca dela, e ela sempre dizia que estivera procurando seu filho. Esse comportamento nunca mudou. Em alguns dias, ela saía a esmo e o procurava; em outros, permanecia quieta encarando o nada.

À medida que fui crescendo, ouvi essa história ser contada muitas vezes e, em todas elas, desejei um final diferente. Um enredo diferente. Na época, era apenas uma história triste, ainda que empolgante, de um jeito mórbido, pois minha mãe fazia parte dela. Mais tarde, porém, percebi que era também uma espécie de terapia para minha mãe, que a narrava sem parar, da mesma forma que a mãe dela havia feito por anos. E a narrativa continua enquanto digito estas palavras em Nova York, em um idioma estranho para aqueles que viveram na época da divisão, um idioma que me protege da pior parte do meu sofrimento. Mesmo agora, décadas depois de tê-lo adotado pela primeira vez, o inglês não machuca o meu coração da mesma forma que minha língua materna. A palavra “divisão” pesa menos do que *bundan*, e é mais fácil dizer “guerra” do que *junjeng*.

Anos depois de a guerra ter acabado, a única coisa que minha avó gostava de fazer era visitar os xamãs. O xamã assustadoramente certo de Inwang-san (Monte Inwang), a xamã bebê famosa por ter encontrado os ossos do filho desaparecido do vizinho, o xamã virgem, a xamã solteirona, a xamã matrona gorda – minha avó visitava todos. Todos lhe diziam a mesma coisa: *Sim, ele está vivo. Está no norte. Está em Pyongyang*. Eu queria

muito acreditar que isso fosse verdade, como ela deve ter acreditado. As palavras dos xamãs ajudaram-na a seguir em frente, embora, na época em que nasci, ela passasse os dias na cama depois de ter sofrido um derrame. Tinha sessenta e cinco anos. Eu diria que o derrame levou sua alma embora, mas, com base no relato de todos, a alma dela já tinha partido havia muito tempo.

Os fiéis da Igreja da Unificação, fundada pelo Reverendo Moon, são chamados de *moonies*. (N. T.)

5

NO MEU TERCEIRO DIA LÁ, todos os alunos apareceram para jantar por volta das sete da noite, muito depois das seis e meia, o horário programado. Isso era inusitado, já que haviam sido muito pontuais até então. Quando me sentei com alguns deles e perguntei por que se atrasaram, pareceram nervosos. Por fim, um deles disse que tiveram uma aula de estudos sociais em coreano que tinha durado duas horas. Embora isso não explicasse por que a aula se estendera trinta minutos além do que deveria, não me aprofundei no assunto. Devido às cartas que haviam escrito, eu sabia que eles passavam as tardes estudando Juche, embora não tivesse ideia de onde. Talvez as autoridades tivessem decidido que precisavam anular qualquer lavagem cerebral que nós, os estrangeiros, pudéssemos tentar incutir em seus jovens da elite.

Em seguida, vi seis de meus alunos usando uniformes cáqui do exército em vez de camisas e gravatas e perguntei aos outros o motivo.

– Eles estão em serviço – respondeu um deles.

Os outros baixaram a cabeça e encararam a comida. Perguntei-lhes que tipo de serviço, mas não responderam. Então transformei isso em uma brincadeira, dizendo:

– Eles parecem mais velhos naqueles uniformes, como elegantes jovens cavalheiros!

Com isso, suas expressões se suavizaram e eles pareceram esquecer o que quer que os tivesse deixado tão apreensivos naquela tarde. A palavra “cavalheiro” sempre os fazia enrubescer e soltar risadinhas.

Katie veio ao meu encontro depois do jantar e sussurrou alegremente:

– Não acha que Choi Min-jun é o garoto mais lindo que você já viu?

Até aquele momento, não havia me ocorrido que, com 23 anos de idade, ela não era muito mais velha que os alunos. Era perfeitamente possível que pudessem ter uma quedinha um pelo outro. Pela primeira vez desde que chegamos, o rosto dela irradiava uma emoção infantil e, por um momento, a vida parecia quase normal. Garotos e garotas. As coisas que fazem o mundo

girar, ou pelo menos de uma forma um tantinho mais radiante. Isso estava acontecendo em Pyongyang, mesmo com todas as barreiras e tabus.

– Ele fica tão bonito com aquele uniforme militar, então perguntei por que o estava usando – continuou Katie. Eu estava torcendo para que ela tivesse descoberto mais do que eu. – Ele não respondeu, só ficou todo vermelho.

Naquele complexo minúsculo e isolado, os professores eram como superestrelas. Os alunos competiam para ver quem se sentaria conosco durante as três refeições. Para eles, parecíamos ser tudo: dicionários de inglês ambulantes, uma janela para o mundo exterior. Embora fosse proibido contar-lhes qualquer coisa, eles sabiam que tínhamos as respostas. Alguns eram ousados o suficiente para me abordar diretamente e perguntar: “Professora, gostaria de se sentar comigo?”. Costumavam falar um inglês bastante formal porque, desde o ensino fundamental, haviam aprendido o inglês britânico. Outros eram tão tímidos que praticamente tínhamos de estabelecer que se juntariam a nós durante as refeições.

A questão dos lugares podia ser complicada. Cada mesa acomodava quatro pessoas, mas tínhamos sido avisados de que as contrapartes não recomendavam que comêssemos com os mesmos alunos mais de uma vez. Disseram-nos que era para que todos tivessem as mesmas oportunidades de praticar o inglês, mas também parecia que não queriam que nos tornássemos próximos de nenhum deles em particular. Apesar disso, era inevitável que acabássemos nos sentando com os mesmos alunos mais de uma vez.

O café da manhã consistia em mingau e ovos cozidos. O almoço e o jantar eram quase sempre iguais: arroz e algum tipo de sopa aguada, geralmente contendo apenas alguns legumes marinados, como *kimchi*, broto de feijão ou batata. Até o *kimchi*, um dos principais alimentos da culinária coreana, tanto no sul como no norte, não tinha gosto, porque era feito com repolho verde duro em vez do tradicional repolho napa, que estava em falta naquele ano, supostamente por causa de uma colheita ruim. Quase nunca havia carne.

Geralmente, eram os alunos que conduziam a conversa. “Como posso melhorar meu inglês, professora?” era a pergunta que eu mais ouvia em todas as refeições. Aprimorar o inglês era nosso interesse mútuo, mas também servia como nosso disfarce, o que é irônico, considerando o quanto

eles são ensinados a odiar os Estados Unidos imperialistas. Todos nos escondíamos atrás dessa pergunta.

Eles admitiram que estavam um pouco intimidados com os diferentes sotaques que tinham ouvido na faculdade. Joan, por exemplo, que estava na casa dos setenta e havia nascido no Alabama, falava com um sotaque que não lhes era familiar, e eles tinham muita dificuldade para entendê-la. Havia professores com sotaque neozelandês, australiano ou britânico. Um dos alunos perguntou qual sotaque seria mais vantajoso para seu futuro, o americano ou o britânico. Era uma pergunta pertinente, embora eu não soubesse em que circunstâncias ele usaria o inglês, visto que pouquíssimos norte-coreanos tinham permissão para viajar. Queria lhe dizer que deveria assistir aos telejornais estrangeiros na BBC e na CNN e decidir de qual sotaque gostava mais, mas sabia que os únicos canais de TV aos quais ele tinha acesso eram os norte-coreanos. Eu também queria que ele pudesse assistir a filmes hollywoodianos para entrar em contato com o inglês do cotidiano, mas é claro que isso também não era possível.

Nas raras ocasiões em que as perguntas tratavam de outros assuntos, costumavam ser mais ou menos assim:

Quanto tempo dura o voo de Nova York para cá?

Você sente saudade da sua mãe?

Com quem você preferiria se casar, com um homem estadunidense ou um coreano?

Mas eles nunca iam mais longe do que isso.

NO DIA SEGUINTE, Park Jun-ho comemoraria seu aniversário de 20 anos, e ele estava de bom humor. Era popular e perspicaz, às vezes brincalhão, embora seu olhar sorridente pudesse se tornar frio de uma hora para outra. Contou, com muito orgulho, que sua família era composta de quatro pessoas e morava no centro de Pyongyang. Era suficientemente imodesto para declarar que tinha uma habilidade de conversação excelente, já que o pai falava com ele em chinês e inglês desde a infância. Naquele dia, como era seu aniversário, sua mãe teria preparado macarrão para ele – uma tradição chinesa que não se repetia na Coreia do Sul –, mas, como ele não estava em casa, seus colegas de turma tinham organizado uma festa.

– Hong Mun-sup vai tocar violão e Park Se-hoon é o dançarino da turma! Então, nesse esquete, Kim Tae-hyun vai interpretar a garota e Ri Jin-chul, o garoto – explicou Jun-ho.

A ideia era se reunir no quarto de um deles naquela noite e fazer algumas apresentações para divertir o aniversariante. Cada um deles cantaria uma canção, e isso duraria algumas horas. Quando perguntei que tipo de música escolheriam, os alunos apenas encolheram os ombros e responderam: “Músicas sobre amizade”. Ali não havia bares, nem garotas, nem jogos de computador. Além do futebol, do basquete e dos encontros semanais para assistir à série televisiva *The Nation of the Sun*, que narrava os feitos heroicos de seu Grande Líder, a única outra forma de se entreterem era reunirem-se uns com os outros. Era triste ver que tinham tão poucas maneiras de se distrair, mas também adorável. A última vez que eu havia inventado histórias e as encenado com amigos fora na minha infância na Coreia do Sul, nos anos 1970, e fazíamos isso porque também não tínhamos muito com o que brincar e não nos restava outra escolha senão ser criativos. Fui inundada com lembranças de pegar as roupas da minha mãe para me fantasiar de princesa, de príncipe ou de pirata, e senti saudade de uma época que pertencia a um passado longínquo.

Park Jun-ho começou a provocar Choi Min-jun, seu colega de quarto, na mesa de jantar. Disse-me que, entre eles, Min-jun era conhecido como o garoto sério, e muitas vezes o chamavam de “romântico”. Min-jun ficou envergonhado e negou com as mãos. Contou-me que Jun-ho vivia brincando e que se arrependia de ter contado a ele sobre sua linda irmã mais nova, de dezesseis anos, pois Jun-ho dissera que, caso se conhecessem um dia, falaria a ela: “Espere por mim”.

Todos eles caíram na gargalhada. Afinal, o convívio com as professoras estrangeiras e com as guardas que ficavam nos andares inferiores de seus alojamentos era a única interação que tinham com o sexo oposto. O dr. Joseph me contou que, inicialmente, a faculdade pretendia trazer guardas do sexo masculino, mas acharam que talvez parecessem muito ameaçadores para os estrangeiros. A preocupação em relação às guardas do sexo feminino era de que pudessem ser uma distração para os garotos, mas acabou que eles eram de estratos sociais tão diferentes que eles praticamente as ignoravam. Por isso, naquele momento, garotas e encontros casuais não passavam de faz de conta.

– Talvez a irmã de Min-jun seja bonita, mas aposto que é tímida demais para mim – declarou Jun-ho.

Nesse momento, Ryu Jung-min, um garoto calado, inclinou-se sobre a mesa e disse:

– O mais engraçado nisso tudo é que, por mais que fale desse jeito, ele nunca teve uma namorada na vida! É um desastre com as garotas!

À menção da falta de jeito de Jun-ho com as garotas, nós quatro caímos na gargalhada. “Desastre” se tornou a palavra preferida dos meninos naquele verão, quase uma piada interna. Eles adoravam repeti-la em qualquer circunstância – às vezes diziam que “a comida era um desastre” ou que uma prova tinha sido desastrosa.

Em momentos como esse, era como se estivéssemos sentados no refeitório de qualquer faculdade, em qualquer outro lugar. Eram apenas estudantes universitários interessados na única coisa que interessava à maioria dos garotos de sua idade: mulheres. Nessas ocasiões, eu me esquecia de onde estava. Ou, caso me lembrasse, rapidamente me obrigava a esquecer. Baixei a guarda e tive uma súbita sensação de liberdade diante das restrições que tanto nos confinavam. Fitei seus rostos travessos e senti enorme ternura por eles. Tornei-me uma confidente momentânea para suas fofocas sobre garotas e diverti-me com os planos para o aniversário de vinte anos de meu aluno charmoso. Estava me sentindo à vontade e feliz, até que meu olhar recaiu sobre os broches de metal reluzentes em seus peitos, com o rosto eternamente presente de seu Presidente Eterno, presos sobre o coração de cada um, marcando território, embora não passassem de broches. Aqueles jovens poderiam simplesmente tirá-los e jogá-los no lixo junto com o resto de comida em suas bandejas, mas então me ocorreu que tal coisa nunca aconteceria, e que esse vislumbre de esperança era apenas uma miragem.

DURANTE AQUELA PRIMEIRA SEMANA, a todo momento eu notava alguma coisa que me incomodava. Em certa ocasião, pedimos aos alunos que criassem um esquete e eles decidiram escrever sobre dois professores canadenses a caminho do hospital local. Um deles estava ferido, então o outro se ofereceu para vender o próprio sangue para ajudá-lo, mas ambos descobriam que o atendimento médico era gratuito graças à solicitude do Grande General Kim Jong-il.

Katie disse aos alunos que isso não fazia sentido, pois (1) um professor estrangeiro só poderia ser atendido em um hospital para estrangeiros, e eles não eram gratuitos; (2) as pessoas não costumam ser pagas para doar sangue; e (3) os pacientes não precisam pagar adiantado por atendimento de emergência. Os alunos ficaram confusos e disseram: “Tudo bem, então o

amigo que não está ferido precisa contar à esposa do ferido, por isso, vai ao aeroporto para voltar para o Canadá e informá-la”. Katie perguntou por que ele simplesmente não ligava para a mulher em vez de fazer todo o trajeto até o Canadá. Os alunos titubearam e disseram: “Tudo bem, nesse caso, o amigo poderia usar o telefone do hospital e talvez o médico ligasse por eles, mas como o médico conseguiria conversar com a mulher canadense se ele não falasse inglês?”. Katie perguntou por que o amigo não poderia falar diretamente com a mulher. E assim por diante. Cada resposta nos deixava ainda mais deprimidas, porque era evidente que, para eles, uma coisa tão simples como ligar para um parente em outro país era inconcebível, a menos que tivessem uma autorização especial.

Em outra ocasião, brincamos de “verdade ou mentira”. Pedimos aos alunos que dissessem duas coisas verdadeiras sobre si mesmos e uma falsa, e o resto da turma tinha de adivinhar qual era qual. Quando um dos alunos se levantou e disse: “Ano passado, passei as férias na China”, toda a classe caiu na gargalhada e gritou: “Falso!”. Todos eles sabiam que isso era impossível.

Em seguida, outro aluno disse: “Quando eu era criança, comia uma carne muito dura”, e muitos dos garotos assentiram e gritaram: “Verdade!”. Lembrei-me de um desertor que havia me contado que, na primeira vez que tinha comido carne, ela parecia estranhamente coriácea. Segundo ele, durante o surto de febre aftosa de 2001, quase ninguém estava comprando carne bovina, e corria o boato de que, em vez de jogar a carne velha fora, a Austrália a doara ao povo da Coreia do Norte. Era inteiramente possível que meus alunos, que pertenciam à elite, tivessem comido aquela carne, principalmente porque aconteceu logo depois da Grande Fome. Olhei ao redor da sala de aula e me perguntei o que mais eles poderiam ter vivido durante a infância e como aquilo os teria moldado. Muitos deles já tinham até alguns fios de cabelo branco. Talvez fosse resultado da falta de nutrientes, mesmo para aqueles jovens privilegiados.

Às vezes, meus alunos demonstravam uma falta de conhecimento geral que me deixava surpresa. Certa ocasião, um aluno me perguntou se era verdade que todas as pessoas do mundo falavam coreano. Ele tinha ouvido dizer que a língua coreana era tão superior que era usada na Inglaterra, na China e nos Estados Unidos. Eu não sabia o que dizer. Talvez ele estivesse me testando para ver se eu contradiria tudo o que lhe fora ensinado até então e depois me denunciaria. Por isso, tomei o caminho mais seguro: “Bem,

deixe-me ver... Na China, eles falam chinês, e na Inglaterra e nos Estados Unidos, falam inglês, da mesma forma que falamos coreano na Coreia. Ainda assim, eu moro nos Estados Unidos e falo com meus pais em coreano, então pode-se dizer que a língua coreana é falada nos Estados Unidos”. Tive de pensar muito rápido. Mesmo a pergunta mais simples poderia ser um campo minado.

Eles insistiam categoricamente que a Torre Juche era a mais alta do mundo; que o Arco do Triunfo *deles* era o mais alto de todos, certamente mais alto que o de Paris (estavam certos); que seu parque de diversões era o melhor do mundo. Estavam sempre se comparando ao mundo exterior, que nenhum deles jamais tinha visto, e declarando que eles eram melhores. Essa insistência em serem os “melhores” parecia estranhamente infantil, e as palavras “melhor” e “maior” eram usadas com tanta frequência que, aos poucos, foram perdendo o significado.

Em outra ocasião, um aluno me perguntou qual era a minha comida preferida. Frequentemente queriam saber qual era minha flor, esporte ou instrumento musical preferido. Às vezes eu me perguntava se eles tinham recebido uma lista de perguntas permitidas. Logo aprendi a dar as respostas que imaginava que eles esperassem. Eu gostava de tênis. Tocava piano. Adorava *naengmyeon*, uma iguaria feita com macarrão frio que era popular em ambas as Coreias, mas que por acaso era a especialidade de Pyongyang. (O prato é chamado de *raengmyun* pelos norte-coreanos.) Eu realmente gostava de *naengmyeon*, mas não podia dizer a eles que preferia macarrão ou *soba*. Embora eu tivesse visto uma hamburgueria em Pyongyang, não sabia se algum dos meus alunos a tinha frequentado e eles certamente não falavam sobre culinária internacional. Por isso, quando me perguntavam qual era minha comida preferida, eu respondia *naengmyeon*, o que sempre levava um sorriso a seus rostos, enquanto diziam: “Sim, ouvi dizer que *raengmyun* é apreciado no mundo inteiro e considerado a melhor comida de todas”. Não me sentia capaz de dizer a eles que aquele tipo específico de macarrão jamais ganhara o mundo como o espaguete.

Às vezes, o horário das refeições parecia um interrogatório, aberto ou silencioso. Em certa ocasião, um aluno, que era o secretário da turma, fez um gesto para que outro garoto me fizesse uma pergunta.

– Por que temos de escrever essas cartas? – perguntou ele. – Não tínhamos de fazer isso na nossa antiga universidade.

Seu tom de voz transparecia certa desconfiança. Eu já esperava essa pergunta havia algum tempo, pois tinha transformado a redação de cartas em um exercício semanal. Respondi a eles que o parágrafo era a base de qualquer texto em inglês e que precisavam aprender a escrevê-lo, e as cartas eram uma boa forma de praticar. Eu sabia que as perguntas vinham das contrapartes.

Eram raras as ocasiões em que algum aluno se desviava do roteiro. Durante nossa conversa sobre a festa de aniversário de Park Jun-ho, um dos meninos deixou escapar que gostava de cantar rock e logo em seguida ficou vermelho, fitando os arredores às pressas para ver quem poderia estar ouvindo. Eu nunca tinha visto alguém esquadrihar um ambiente tão rapidamente com os olhos, e os outros alunos ficaram quietos e olharam para os pratos de comida. Não havia nenhuma explicação para aquela reação instintiva, exceto um medo tão arraigado que eu nem conseguia conceber. Naquele breve momento, percebi que eu estivera esperando por aquele deslize. Possivelmente até o tivesse arquitetado. E, quando ele veio, a verdade era tão patética, apenas um garoto de dezenove anos confessando que gostava de cantar em seu quarto, mas, por ter admitido isso em público, ele poderia estar em sérios apuros. Fiz minha própria inspeção nervosa para ver quem poderia ter testemunhado o deslize e, com a mesma rapidez, mudei de assunto.

Éramos sempre cautelosos uns com os outros. E essas voltas incessantes ao redor dos limites e nossos esforços para não ultrapassá-los eram exaustivos. Queríamos conhecer detalhes uns dos outros, mas quando nos deparávamos com esses detalhes, ambos os lados ficavam paralisados.

Era como uma dança. Eu queria pressioná-los, mas não muito. Queria lhes apresentar o mundo exterior, mas de uma forma tão sutil que ninguém notaria. Os missionários queriam convertê-los, mas não de maneira óbvia. (No semestre anterior, um dos professores havia sido expulso da RPDC por ter deixado textos cristãos no banheiro masculino, e todos nós tínhamos sido avisados para nunca mencionar Jesus. Até onde eu sabia, os missionários se contentavam em mostrar o amor de Cristo aos norte-coreanos simplesmente sendo bondosos com eles. Era um projeto de longo prazo, de modo que, caso a Coreia do Norte se abrisse para o mundo um dia, eles já teriam uma presença consolidada por lá.)

Isso era correto? Fazer com que meus alunos soubessem de coisas que não integravam o programa do governo poderia significar a morte para eles

e seus entes queridos. Se eles acordassem e se dessem conta de que o mundo exterior não estava de fato desmoronando, que era seu país que corria o risco de entrar em colapso e que tudo o que haviam aprendido sobre o Grande Líder era mentira, isso os deixaria mais felizes? Como eles viveriam dali em diante? Ter consciência da realidade era um luxo reservado apenas àqueles que viviam no mundo livre.

NEM TODOS SABÍAMOS DISSO À ÉPOCA, mas aquele foi um período de instabilidade na Coreia do Norte. Durante uma reunião de equipe na minha primeira semana, o presidente Kim nos contou que todas as universidades do país tinham sido fechadas, com exceção da UCTP. De acordo com Kim, a UCTP fora poupada apenas porque o Grande Líder “acreditava” nele. Essa informação nos foi dada sem nenhuma explicação adicional, mas era condizente com as notícias externas de que Kim Jong-un, o “Precioso Líder”, estava sendo preparado para assumir o posto de Kim Jong-il, de 69 anos, que havia sofrido um derrame em 2008, e de que todos os estudantes universitários haviam sido afastados das aulas e enviados para trabalhar na construção civil até abril de 2012, quando toda a nação comemoraria o centenário de Kim Il-sung.

Eu não sabia ao certo em que pensar. As notícias que a imprensa ocidental divulgava sobre a RPDC não costumavam ser confiáveis, e fechar todas as universidades, com exceção da UCTP, parecia uma medida extrema até mesmo para a Coreia do Norte.

Parecia estranho que, em um país onde religiões organizadas eram proibidas e onde qualquer um que não acreditasse no Grande Líder era considerado herege, apenas aquela faculdade – a “embaixada do reino dos céus”, de acordo com o presidente Kim – teria permissão para continuar aberta. Talvez o Grande Líder não acreditasse em Kim, e sim no dinheiro que os cristãos haviam angariado para financiar aquela universidade gratuita e relativamente luxuosa para a elite norte-coreana. Além disso, eu não tinha conhecimento de nenhum professor de ciências na faculdade, apesar de ela se chamar Universidade de Ciência e Tecnologia de Pyongyang. Queria saber por que meus alunos não tinham sido enviados para trabalhar em obras de construção civil assim como os outros, mas não havia ninguém a quem eu pudesse perguntar.

A CADA DIA QUE PASSAVA, nós, os professores, nos perguntávamos por que nos sentíamos tão cansados. Sarah, uma professora da Nova Zelândia, contou que caía no sono no meio do dia e dormia por horas. Ruth, outra neozelandesa, mas de origem coreana, disse que se sentia ainda atordoada com o fuso horário, embora tivesse chegado ali vinda de Yanji, na China, que só tinha uma hora de diferença. Eu adormecia tão profundamente que meu corpo parecia quase entorpecido. Katie disse que isso acontecia porque passávamos o dia sendo muito cautelosas. Todas as noites, eu pensava nas conversas que tinham acontecido mais cedo naquele dia, durante as refeições, tentando descobrir se eu havia dito algo que não deveria. Demanda muita energia ter que passar o tempo todo se censurando. Ter que, de certa forma, mentir sem parar.

Em algumas manhãs, eu olhava pela janela e observava o muro que separava a UCTP do lado de fora. Alguns professores sussurravam que estávamos em uma prisão cinco estrelas. Sabíamos que jamais poderíamos atravessar o portão, exceto para ir às compras no complexo diplomático ou para fazer passeios turísticos, que ocorriam em horários específicos, quando os seguranças planejavam cada minuto de nossas saídas e nos acompanhavam o tempo todo.

Nos fins de semana, havia saídas programadas, para que os professores estocassem mantimentos. A van da faculdade nos levava até a Loja Pyongyang, um armazém cujos donos eram japoneses, e a uma mercearia argentina. Todos vendiam enlatados, queijos, frutas, cereais e leite longa vida. O armazém japonês vendia mistura para panquecas fabricada no Japão por cerca de cinco dólares, além de gérmen de trigo, que custava o dobro do que nos Estados Unidos. A mercearia argentina vendia vários tipos de suco de fruta cem por cento concentrados e algumas massas enlatadas da França. Essas lojas aceitavam euros, renminbi chineses e dólares americanos como forma de pagamento, mas não aceitavam wons norte-coreanos. As regras estipulavam que só poderíamos usar a moeda norte-coreana em lugares que também fossem frequentados pelos norte-coreanos. A recém-construída Loja de Departamentos Potonggang vendia todo tipo de produto importado, desde geladeiras e cosméticos a mantimentos, dispostos em dois andares conectados por uma escada rolante, uma raridade na Coreia do Norte. As pessoas que faziam compras lá pareciam mais ricas do que as que víamos nas ruas.

Nessas saídas, éramos escoltados até o lado de fora e depois levados de volta todos juntos. Nunca saíamos por conta própria. Será que eu levaria um tiro se, durante minhas caminhadas, tentasse correr portão afora? Será que existia alguma guarita a partir da qual alguém nos vigiava o tempo todo? Mesmo no meu quarto, nunca me sentia livre. A vigilância era tão exaustiva que fiquei feliz quando, certa noite, Sarah veio até mim e disse:

– Vamos ver se os alunos nos convidam para jogar futebol com eles!

Basquete e futebol – e, às vezes, vôlei – eram os esportes mais praticados pelos alunos, pelo motivo óbvio de que o único equipamento necessário era uma bola. Depois do jantar, eles se reuniam e jogavam na quadra de basquete do alojamento estudantil ou no gramado no meio do *campus*. Não tinham uniformes, então os times eram divididos entre os com camisa e os sem camisa. Nas noites quentes de julho, eles jogavam com um entusiasmo que eu não os via demonstrar em nenhum outro momento. Gritavam uns com os outros em tom de brincadeira, caíam na gargalhada, suavam aos borbotões e se movimentavam com a graça e a beleza características da juventude. Foram muitas as vezes em que me sentei em uma pedra próxima para assistir às partidas. Nessas ocasiões, o sol se punha ao longe, tão devagar que às vezes parecia que o astro-rei se movia mais lentamente por ali, da mesma forma que a fumaça vagarosa espiralava da torre distante. Em noites assim, aquela fumaça parecia tão etérea quanto aqueles corpos em movimento e, naqueles instantes, eu me esquecia de tudo aquilo, dos assuntos proibidos que nunca trazíamos à tona e dos segredos escondidos por todo o *campus*. Em vez disso, tudo o que via era a juventude e a energia comoventes dos alunos, e desejava que eles pudessem ter o mundo inteiro, com todas as suas partes, aquilo que lhes fora negado durante vinte anos de suas vidas, porque nenhum deles fazia a menor ideia de que, por mais que seus corpos estivessem em movimento, suas mentes permaneciam inertes naquela quadra, em um *campus* que mantinha o tempo trancado do lado de fora.

Naquela noite em particular, Sarah e eu passamos por onde eles estavam e nos demoramos por ali, esperando por um convite, até que um deles perguntou:

– Quer jogar com a gente, professora?

Sarah abriu um sorriso e respondeu:

– Quero!

E foi simples assim. Surpreendentemente, as contrapartes, que devem ter sido informadas, não impediram. Quando nos demos conta, Sarah sair para jogar com os alunos à noite já havia se tornado um ritual. Ela tinha jogado futebol quando estava na faculdade, apenas alguns anos antes. Tinha cerca de um metro e cinquenta e oito de altura, olhos muito azuis, cabelos claros sempre presos em um rabo de cavalo e sardas que cobriam suas feições infantis. A aparência era de uma beata tímida do interior, mas ela era brutal na quadra, com movimentos rápidos e uma energia extraordinária. Os garotos ficavam impressionados. Não estavam acostumados a jogar com garotas. Mas aquela não era qualquer garota. Era uma das únicas pessoas estrangeiras que haviam conhecido. E professora deles, ainda por cima. Eles adoravam aquela situação inédita, e Sarah se tornou uma espécie de estrela no *campus*. Alguns dos outros professores, inclusive eu, também jogavam às vezes, mas nenhum era tão bom quanto ela.

Durante um intervalo da partida, Sarah veio até mim e disse:

– Ah, eu me sinto tão bem aqui agora. Muito bem mesmo. Posso até me imaginar morando aqui.

Os garotos devem ter se sentido igualmente à vontade, pois alguns deles, que estavam em frente ao grande edifício cinza do outro lado da rua, também se aproximaram para assistir. Estavam usando o mesmo uniforme que Choi Min-jun havia usado no jantar algumas noites antes.

– Por que vocês estão usando isso? – perguntei casualmente.

– Ah, estamos de guarda na Sala de Estudos de Kimilsungismo – respondeu um deles.

Descobri que seis garotos se revezavam para vigiar o edifício grande e austero durante toda a noite, desde a hora do jantar até o café da manhã. Eu não conseguia imaginar o que poderia haver lá dentro que precisasse ser vigiado; parecia que demonstrar devoção era o ponto principal. O mistério do uniforme nem era tão misterioso no fim das contas, então por que alguns deles tinham ficado com tanto medo de nos contar?

6

A REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES, no fim das contas, não era de fato mundial. Nenhum de nós jamais a mencionava. Alguns alunos que tinham sido transferidos da Universidade Kim Chaek disseram que a coisa de que mais sentiam falta da antiga faculdade era a rede eletrônica a que todos estavam conectados. Percebi que estavam se referindo à intranet norte-coreana, uma rede fortemente censurada que lhes permitia acessar apenas informações previamente baixadas e sites patrocinados pelo governo.

Eu não tinha permissão de dizer a eles que a intranet que tinham era diferente da internet – que o resto do mundo estava conectado, enquanto apenas eles eram deixados de fora. Procurei indícios de que algum deles soubesse disso, mas não havia nenhum. Se eu nunca tivesse usado a rede mundial de computadores, será que teria conseguido imaginá-la? Mesmo que alguém a tivesse descrito para mim, acho que nunca teria sido capaz de conceber algo do tipo.

Perguntei inocentemente se eles se comunicavam com os pais por meio dessa conexão eletrônica, mas responderam: “Não, só por telefone, às vezes”. Perguntei se os seus pais sabiam usar o computador. A maioria disse que os pais sabiam, mas as mães, não. Um deles contou que o pai era funcionário do governo, então era bom com computadores, e outro disse que o pai era médico, então também sabia como usá-los.

Todos eles já tinham ouvido falar de Bill Gates em suas antigas universidades, mas eu queria lhes contar sobre Mark Zuckerberg, que havia revolucionado a forma como nos comunicamos quando tinha a mesma idade que eles. Imagino o quanto eles teriam gostado de aprender sobre o menino prodígio que inventou o Facebook, a magia de se conectar com pessoas do mundo todo! Às vezes, eu fantasiava sobre contrabandear o filme *A rede social*, legendá-lo e distribuí-lo em segredo pelos dormitórios dos alunos, mas eu não era uma super-heroína, e tudo o que me restava fazer era sorrir, enquanto, durante nossa refeição sem graça de *kimchi* e arroz, eles discorriam sobre como sua intranet era incrível.

Na segunda semana, com o consentimento das contrapartes, os professores começaram a apresentar vários jogos de salão aos alunos – jogos de perguntas e respostas, brincadeiras de soletrar, *Imagem & Ação*. De cara, fiquei impressionada com a espantosa falta de conhecimento geral que eles tinham sobre o mundo. Eram os alunos mais brilhantes da Coreia do Norte, e ainda assim fotos do edifício das Nações Unidas, do Taj Mahal e das Grandes Pirâmides de Gizé só suscitaram expressões vazias. Alguns conseguiram adivinhar o nome e a localização da Torre Eiffel e de Stonehenge, mas só depois de muitos rodeios e hesitação. Ainda que fossem estudantes da área de ciência e tecnologia, quase nenhum deles sabia que país havia levado o homem à Lua pela primeira vez. Quando lhes perguntamos em que ano os computadores tinham sido inventados, a maioria não fazia ideia.

Por outro lado, todos eles sabiam que o Alasca tinha sido vendido aos Estados Unidos pelo valor ridiculamente baixo de 7,2 milhões de dólares – uma indicação clara do imperialismo estadunidense. E, embora os níveis de conhecimento de inglês variassem de aluno para aluno, havia uma expressão que todos conheciam: *brain drain* – a fuga de capital humano. Será que o regime tinha tanto medo de que os membros da elite desertassem que havia incutido esse termo neles? Quando decidimos fazer origami, descobrimos que os alunos não sabiam fazer nenhum, exceto aviões de guerra.

Ao responder a qualquer pergunta sobre seu próprio país – como quando ocorreu o lançamento do primeiro satélite norte-coreano, *Kwangmyongsong-1*, ao espaço (um evento do qual a RPDC se vangloriava muito, embora o resto do mundo o tenha considerado um fracasso) –, é claro que todos gritavam o dia e o ano exatos.

Gostavam de jogos que colocavam um grupo contra outro, talvez porque faziam tudo em grupo. Iam ao refeitório em grupos e viviam em grupos nos alojamentos que lhes haviam sido designados. Praticavam apenas esportes coletivos e, quando mencionei que gostava de tênis, mal esboçaram uma reação. Sabiam do que se tratava, mas não era algo familiar para eles. Ser divididos em grupos e classificados hierarquicamente – isso era tudo o que conheciam. Uma ação individual era algo impensável.

O espírito de equipe dominava tudo. Mesmo quando estavam competindo, eles se preocupavam uns com os outros. Durante o jogo de perguntas e respostas dos calouros, que aconteceu em uma das maiores

salas de aula do complexo, alguns deles sopravam as respostas para os outros. E brincar de soletrar era quase impossível, porque se algum deles ficasse empacado em uma palavra, a turma toda começava a murmurar a grafia correta para ajudá-lo.

Quando a Turma 4 finalmente ganhou o jogo de perguntas e respostas, os alunos sentiram uma empolgação desmedida, pois sempre tinham sido os azarões. Quando Katie e eu entramos na sala de aula para parabenizá-los, todos ficaram de pé e nos aplaudiram para demonstrar sua gratidão, o que nos levou às lágrimas. A turma não esqueceu a vitória tão cedo. Foram momentos muito bons. Às vezes me pergunto se, um dia, eles também vão se lembrar daquela tarde de verão, quando eram jovens e ganharam um jogo e comemoraram com duas professoras dos Estados Unidos que choraram de felicidade.

Conforme fui passando mais tempo com eles, comecei a notar vários hábitos peculiares. Não gostavam, por exemplo, de responder voluntariamente às perguntas em sala de aula. Eram alunos excelentes. Tão aplicados que muitas vezes parecia inútil corrigir seu dever de casa. As margens de seus livros ficavam repletas de anotações rabiscadas. Ainda assim, eles hesitavam para levantar a mão. Quando eu lhes perguntava alguma coisa, imediatamente se levantavam para responder, mas agir voluntariamente parecia um conceito estranho para eles.

Outra coisa que deixava os alunos perplexos eram os pronomes “meu” e “minha”. Ao se referir a Pyongyang, nunca diziam “minha” cidade, mas sim “nossa” cidade. A RPDC nunca era “meu” país, e sim “nosso” país. Na verdade, os termos Pyongyang e RPDC eram sempre precedidos por “nossa”, como em “nossa Pyongyang” ou “nossa RPDC”. Mesmo quando demos uma aula especial sobre a diferença entre “meu” e “nosso”, e deixamos claro que não era necessário usar “nosso” antes de nomes próprios, eles pareceram confusos.

Além disso, pareciam ter medo de ir tirar dúvidas nas salas dos professores depois das aulas. Isso veio à tona porque, embora fosse apenas nossa segunda semana ali, a Turma 4 já estava ficando para trás, e fomos informados de que as contrapartes queriam que déssemos uma ajuda extra aos alunos. Quando Katie e eu marcamos um horário para aqueles que precisavam de aulas particulares, porém, não conseguíamos convencer ninguém a frequentá-las, por mais que implorássemos. Os alunos não entendiam o que aquelas atividades de reforço significavam e as

enxergavam como um castigo. Também percebemos que estavam assustados com a ideia de ficar a sós conosco, então dissemos que poderiam ir em duplas. Ainda assim, um aluno insistiu: “Por favor, não tem como fazer isso na sala de aula?”. Por fim, dissemos que as aulas particulares eram obrigatórias e eles pareceram felizes em obedecer.

Durante aquela segunda semana, alguns dos professores foram chamados ao escritório do dr. Joseph, nosso intermediário com as contrapartes. Na mesa dele havia pedacinhos de papel, cujo conteúdo as contrapartes exigiram saber qual era. Mensagens como “O lugar onde a massa cresce” haviam sido escritas nas folhas. Destinavam-se a uma atividade vespertina que os professores haviam planejado juntos – uma caça ao tesouro –, e pistas e fotos seriam escondidas em vários pontos do *campus*. As fotos consistiam em imagens inofensivas do sol, da lua e de outros objetos aleatórios que os professores haviam tirado da internet. Cada aluno receberia uma espécie de gabarito com campos a serem preenchidos e teriam de marcar no cartão cada foto que encontrassem, até que, por fim, todos os campos estivessem preenchidos. Embora a atividade em si tivesse sido aprovada, as contrapartes ficaram furiosas porque as pistas e imagens não tinham sido submetidas à sua aprovação prévia e exigiram saber qual era o significado de cada uma delas.

O dr. Joseph parecia chateado. Tinha sido repreendido pelas contrapartes. Quanto a nós, entramos em pânico, pois não tínhamos planejado nenhuma outra atividade para aquela tarde. E, para piorar, ficamos preocupados com a possibilidade de as contrapartes não permitirem que organizássemos outras atividades dali em diante. Prometemos que apresentaríamos uma explicação detalhada das pistas e rapidamente decidimos exibir um documentário em vez de seguir adiante com a caça ao tesouro.

Foi assim que a caça ao tesouro foi substituída por uma exibição de *A marcha dos pinguins*. Não precisamos pensar muito para escolher: apenas documentários sobre a natureza e filmes de animação eram permitidos, e *A marcha dos pinguins* já tinha sido aprovado. Infelizmente, a arquitetura da sala de aula tornava a tarefa de projetar um filme na parede algo complicado. Havia janelas nas paredes laterais e as paredes da frente e de trás eram cobertas com quadros-negros, além de retratos e mensagens dos dois Grandes Líderes, e não podíamos tirar essas coisas de lá. Era impossível encontrar, em toda a universidade, uma única parede branca que não estivesse adornada por retratos daqueles dois homens. Por causa disso,

os cem alunos do primeiro ano se reuniram em uma das maiores salas de aula para assistir a um filme que poderia ter sido projetado em uma sala com metade do tamanho daquela.

Onde quer que estivéssemos, os líderes também estavam. Sem saber o quanto isso era iminente à época, ficava imaginando o que aconteceria quando Kim Jong-il morresse e Kim Jong-un assumisse o poder. Um terceiro retrato seria adicionado a todas as paredes do país? Teriam de retirar algumas das pinturas do pai e do filho para abrir espaço para o neto? Teriam de mudar alguns dos *slogans* de lugar para inserir as frases dele também? E quanto às músicas? E os livros? E as estátuas de bronze? Aquilo parecia não ter fim e seria um projeto extenso. Katie comentou como seria mais fácil se eles pudessem simplesmente alterar uma imagem no Photoshop em vez de fazer isso manualmente.

OS GAROTOS FLERTAVAM COM Katie durante as refeições. Park Jun-ho perguntou-lhe que qualidades ela buscava em um homem. Quando ela respondeu, ele disse: “Eu tenho todas!”. Então, quando Katie lhe perguntou do que ele gostava em uma mulher, Park Jun-ho respondeu: “Obediência”. Quando solicitamos que escrevessem sobre “Como conquistar uma garota”, alguns dos alunos pareceram confusos. Vieram falar comigo na hora do almoço e disseram: “Essa tarefa é muito difícil para nós, professora. Como é que vamos escrever sobre uma coisa dessas? Nunca tivemos uma namorada!”. Tecnicamente, estavam no terceiro ano da faculdade, tendo passado dois anos em outras universidades que eram, em sua maioria, mistas. Por serem de famílias ilustres e terem passado a maior parte da vida em Pyongyang, aqueles alunos estavam entre os solteiros mais cobiçados do país, mas as técnicas que vislumbravam para conquistar a garota dos seus sonhos beiravam a infantilidade.

Um deles escreveu que, se você visse a menina de que gostava se afogando, deveria resgatá-la, mesmo que não soubesse nadar, e então ela veria que você é legal e vocês começariam a namorar. Outro escreveu que, se estiver chovendo, é preciso dividir seu guarda-chuva com a menina de que você gosta, caso ela não tenha um. Ninguém sugeriu algo tão ousado quanto convidar uma garota para ir a um café ou ao cinema, mas vários escreveram sobre encontros no Grande Palácio de Estudos do Povo, a biblioteca nacional, o que me fez imaginar que talvez fosse o principal ponto de encontro de meninos e meninas em Pyongyang. Mais de um

descreveu a garota ideal como alguém obediente, que lhe daria ouvidos e seria uma boa mãe para os filhos. Para aquele país, afinal, a coisa mais importante já feita por uma mulher tinha sido dar à luz o Grande Líder – não muito diferente da Virgem Maria. Kim Jong-suk, a esposa de Kim Il-sung e mãe de Kim Jong-il, fora imortalizada como uma general revolucionária, uma parte da sagrada trindade dos “Três Generais” (os outros dois eram seu marido e o filho). As várias esposas de Kim Jong-il, contudo, jamais receberam qualquer reconhecimento.² A maioria dos alunos escreveu, ao fim do trabalho, que não estavam interessados em garotas e preferiam estudar para ajudar a construir sua nação poderosa e próspera e deixar seu Grande Líder orgulhoso, como se estivessem cientes de quem poderia ler aquelas palavras.

Alguns dos professores mais jovens do meu grupo eram igualmente inocentes. Sarah contou sobre um romance que vivera no passado e, depois de algum tempo, percebi que não houvera nenhum contato físico nesse relacionamento. Perguntei-lhe o que fazia daquilo um romance e não uma amizade, mas ela apenas sorriu timidamente. Katie também contou sobre alguns namoros, mas nunca havia permitido que a beijassem. Ficava repetindo que estava bem sozinha, pois Deus a completava. Fiquei imaginando se meus alunos também se sentiam completos com sua devoção ao Grande Líder.

Certa noite, depois do jantar, Sarah foi ao meu quarto. Parecia uma adolescente vestida daquele jeito, com uma camiseta e shorts largos de futebol. Ela me contou que tinha escrito um testamento antes de sair de casa. Não fazia ideia de como seriam as coisas na Coreia do Norte e perguntara a Deus se ficaria tudo bem caso ela morresse. E Ele lhe respondera que sim. Ela sabia que Ele lhe mostraria o caminho.

– Quero que minha vida valha de alguma coisa – disse Sarah com um olhar melancólico. E, por um instante, senti-me muito próxima dela.

Contou-me que queria se casar em breve, pois já estava chegando perto dos trinta, mas não havia ninguém para ela na UCTP. Se conhecesse alguém que tivesse os mesmos sonhos que ela, poderia se casar, mudar-se com essa pessoa para a Coreia do Norte e dedicar toda a sua vida a levar o cristianismo ao povo daquele país.

Perguntou-me se eu tinha namorado. Respondi que não tinha certeza, embora gostasse de uma pessoa. Arrependi-me instantaneamente de admitir isso. Eu mal a conhecia e ela era uma missionária. Acho que estava me

sentindo sozinha. A cada dia que passava, sentia-me mais isolada. Era estranho que, vivendo naquele espaço comunitário, eu sentisse tanta necessidade de interações humanas. Todas as refeições eram compartilhadas, todos os segundos do dia eram passados na companhia de outras pessoas. Como uma escritora que morava em Nova York, às vezes eu chegava a passar uma semana inteira enfiada no meu apartamento sem ver ninguém e me sentia satisfeita com isso. Ali, no entanto, eu queria abrir meu coração para alguém, independentemente de quem fosse. E, naquele momento, era como se fôssemos duas amigas sussurrando confidências uma para a outra.

– Como ele é? Você o conheceu na igreja? – ela perguntou com olhos sorridentes, baixando a voz ao dizer a palavra “igreja”.

Respondi que não.

– Ele é o tipo de pessoa que poderia vir para cá e ficar com você? – ela quis saber. Sarah tinha o costume de abrir os olhos até que ficassem arregalados, como se estivesse permanentemente surpresa.

Eu sabia o que ela estava querendo descobrir e fiquei apreensiva com o rumo que a conversa estava tomando. Então, simplesmente respondi:

– Provavelmente, não.

Os olhos dela ficaram ainda mais arregalados.

– Mas ele é cristão, não é?

Eu não tinha certeza de como deveria responder a isso, pois não queria me entregar. Então, respondi da forma mais sincera que pude, considerando o fato de que ele era escritor.

– Ele é... espiritualizado.

Ela perguntou mais uma vez:

– Mas ele *não* acredita em Jesus?

Eu podia ver o início da ruptura, a desaprovação despontando em seus olhos. Eu gostava dela e não queria perdê-la. Então, apenas repeti:

– Ele é espiritualizado.

Ela parecia confusa, mas não perguntou mais nada. Para Sarah, parecia não haver dúvidas de que eu era igual a ela, uma missionária, pois, se não estivesse atendendo a um chamado divino, por que outro motivo trabalharia sem remuneração naquela terra desolada? Mas nenhum religioso de verdade estaria interessado em ter um ateu como companheiro.

O sentido da vida era servir a um propósito, mas ainda assim havia um abismo entre nós. O propósito da vida dela era servir a Deus. Sem Ele, a

vida perderia o sentido, e Sarah poderia muito bem nem existir.

O que não contei a Sarah foi que, naqueles primeiros dez dias, tinha recebido apenas um e-mail do homem do Brooklyn. *Quando você volta para casa?*, perguntou. Foi só isso que ele escreveu. Antes de mais nada, era um homem de poucas palavras, e talvez se sentisse apreensivo por enviar e-mails para um lugar proibido que ficava do outro lado do mundo. No início de um relacionamento, dois meses separados parecem uma eternidade, principalmente porque o ritmo de nossas vidas era tão diferente. Desde que eu havia chegado a Pyongyang, o jornal inglês *News of the World* tinha sido fechado, após o escândalo dos grampos telefônicos ter vindo à tona. O último filme da franquia Harry Potter havia estreado e saído dos cinemas. Mumbai sofrera outro atentado a bomba. Uma nova nação tinha nascido no Sudão. A Amazon havia acabado de anunciar um novo tablet para competir com o iPad. Eu sabia de tudo isso porque era uma das poucas pessoas em toda a Coreia do Norte que tinha acesso a notícias do mundo todo. A CNN Ásia estava sempre ligada no meu quarto, muitas vezes com o som desligado. Antes disso, eu não tinha o costume de assistir aos noticiários na TV, mas ali isso parecia reconfortante, como uma janela para o mundo exterior.

Certa noite, eu estava corrigindo trabalhos quando, por acaso, ergui o olhar e avistei a Ponte do Brooklyn e o Empire State Building na tela da TV. Comecei a chorar, tomada por uma saudade tão imensa de casa que mal conseguia aguentar. Andei de um lado para o outro, querendo pegar o telefone e ligar para casa, mas não tínhamos telefones para fazer chamadas para outros lugares, é claro. Nada entrava ou saía. Tudo parecia tão parado que às vezes era difícil saber que dia era.

Eu havia perguntado aos meus alunos quando sua série preferida, *The Nation of the Sun*, tinha sido lançada, mas eles não faziam ideia. Dez anos antes? Vinte? Pareciam estar certos de que fazia cerca de vinte anos, e com isso percebi que nem mesmo o programa de TV favorito deles estava sendo produzido naquele momento. Os dois Grandes Líderes sempre aparentavam estar no fim da meia-idade. Ninguém sabia exatamente quantos anos o Precioso Líder tinha; foi só posteriormente, depois que ele assumiu o poder, que vários meios de comunicação confirmaram sua idade: vinte e nove anos. O jornal norte-coreano noticiava eventos vagos, sem datas específicas, e, em uma das vezes que saímos da universidade, vi lojas com placas escritas com palavras que remontavam a décadas antes, como *namse*

(uma forma de dizer “legumes” que não é mais usada na Coreia do Sul). O país inteiro era como uma Galápagos linguística e cultural.

Então, o tempo foi passando – ou não – naquele estranho *campus*, que parecia ainda mais estranho que o país que se estendia além de seus muros, e, precisando de uma âncora, eu me agarrava aos e-mails do meu amado. *Quando você volta para casa?* Quando eu acordava às cinco da manhã e abria as cortinas, eram essas cinco palavras que me davam forças para enfrentar cada novo dia.

– Então, você é escritora?

A pergunta de Sarah me tirou daquele devaneio.

Por um instante, fui apanhada desprevenida, mas depois respondi que sim, que era uma romancista, mas estava lá como professora. Para meu alívio, ela pareceu satisfeita com a resposta e nunca mais tocou no assunto.

Pouco depois da minha conversa com Sarah, descobri que um dos professores, um homem vindo de uma universidade cristã no Mississippi, tinha pesquisado no Google o nome de todas as pessoas do grupo. Alguns dos missionários pareciam alheios ao lugar em que estávamos, chegando a ser ingênuos, pois muitas vezes se esqueciam de que nosso acesso à internet era constantemente monitorado. Um professor do Texas me contou que havia entrado em um site e tentado pagar alguma coisa com o PayPal, mas não conseguiu porque a empresa havia restringido o uso em países sob sanção econômica internacional. Outro professor pareceu surpreso ao descobrir que havia *gulags* na Coreia do Norte.

Katie entrou em pânico quando soube do professor que tinha pesquisado todo mundo no Google, pois havia trabalhado em algumas ONGs de apoio a desertores. Embora eu não tivesse dito nada a Katie, estava com medo de que meu disfarce tivesse sido descoberto. Até aquele momento, ninguém do grupo havia me perguntado diretamente se eu era cristã ou não, talvez porque eles próprios quisessem manter a discrição. Só me restava torcer para que as contrapartes não descobrissem a verdade.

Ainda assim, era compreensível que às vezes nos esquecêssemos de tomar cuidado, tendo em vista que não fomos criados em um ambiente de hipervigilância. A cada dia, eu me pegava cometendo um deslize, geralmente durante as refeições, quando nossas conversas eram mais informais. Às vezes, depois de passar a manhã toda dando aulas, ficava desatenta por conta do cansaço. Outras vezes, cometi deslizes de propósito.

Certa vez, estávamos conversando sobre esportes – todos os alunos eram apaixonados por esportes, sem exceção – e eles quiseram saber mais sobre a NBA, mas o único jogador que conheciam era o Michael Jordan. O conhecimento de mundo que tinham estava sempre defasado. Até mesmo o astro do basquete norte-coreano de que falaram – Ri Myung-hun, o jogador mais alto do mundo, de acordo com os alunos – mal tinha jogado desde os anos 1990. Todos alegaram nunca ter assistido a um jogo da NBA, mas alguns pareciam mais por dentro do que deixavam transparecer. Um dos alunos perguntou: “Quem é o melhor jogador atualmente?”. Portanto, ele sabia que Jordan tinha se aposentado. contei-lhe que era o LeBron James, do Miami Heat, mas então decidi que seria mais seguro falar sobre tênis e contei a história de como tinha assistido a dois tenistas de altíssimo nível, Rafael Nadal e Roger Federer, jogarem no U.S. Open alguns anos antes.

– Você os viu pessoalmente? – perguntou um dos alunos, incrédulo.

Não podíamos dizer coisas que pudessem ser vistas como uma exaltação dos Estados Unidos, mas eu queria que eles soubessem que assistir a jogos profissionais pessoalmente era uma coisa comum no resto do mundo, e que era perfeitamente normal que jogadores da Espanha e da Suíça fossem para Nova York e vice-versa. Queria que soubessem que ninguém nos ditava aonde poderíamos ir ou não. Então, apenas dei de ombros e respondi:

– Claro, o estádio fica a quarenta e cinco minutos de metrô de onde eu moro, então vou ao U.S. Open todo ano.

Eles não disseram nada, e não sei se acreditaram em mim.

Em outras ocasiões, eu disse coisas como: “Sim, aprendi a jogar sinuca na faculdade, quando estava fazendo um intercâmbio em Londres”. Ou então: “Eu fiz um mochilão pela Europa quando tinha a idade de vocês”; ou ainda: “Nasci em Seul e alguns de meus parentes ainda moram lá, então vou a Seul com frequência”. Nunca me perguntavam: “Como foi?” ou “Como é Londres?”, mas eu sabia que tinham registrado o fato de que, ao contrário deles, nós, professores, podíamos viajar livremente. A única resposta deles vinha na forma de um silêncio repentino, de modo que eu dava seguimento à conversa e dizia algo sobre Pyongyang, o que fazia com que o rosto dos alunos se iluminasse.

Eles me perguntavam o que eu tinha visto em Pyongyang e me contavam sobre outros locais dignos de nota. Disseram que havia um lugar chamado Golden Lane, que era uma pista de boliche e um salão de sinuca. Também havia o Changgangwon, um lugar “comunitário” com piscina e barbearia. O

Centro Esportivo de Pyongyang era outro local de que se orgulhavam. Mas nenhum dos alunos proferiu as frases que normalmente se seguem às dicas que moradores locais dão aos visitantes: “Você deveria ir até lá semana que vem” ou “Eu a levo até lá”. Ninguém ali podia ir a qualquer lugar por conta própria, a menos que tivesse permissão.

Os professores comentaram sobre uma possível viagem para Kaesong no semestre seguinte, então perguntei aos alunos quantos deles já tinham ido àquela cidade. Kaesong havia sido capital da Coreia em tempos remotos e servira como moeda de troca durante a Guerra da Coreia, quando ambos os lados se recusaram a assinar um armistício, tentando garanti-la para si. Por conta de sua proximidade com o paralelo 38, a cidade servia como uma zona comercial intercoreana desde 2002. Era possivelmente a segunda cidade mais importante do país e ficava a apenas algumas horas de Pyongyang, mas só um dos alunos já havia estado lá. Enquanto estudassem na UCTP, não teriam permissão nem para visitar os pais no centro de Pyongyang, a apenas dez ou quinze minutos de carro.

Os professores sofriam da mesma restrição com relação ao deslocamento, e a comunicação também era severamente limitada. Joan contou que a filha estava de olho nos e-mails dela e tinha prometido que lhe contaria sobre qualquer assunto urgente. Katie disse que não mantinha contato com ninguém além de seus pais e que geralmente só lhes enviava breves mensagens dizendo que estava bem. As mensagens de Sarah também eram curtas e diretas. Enquanto estive na UCTP, nunca mandei um e-mail para os meus pais. Minha mãe tinha ficado tão chateada e preocupada com a minha decisão de ir para lá que mal olhou na minha cara quando parti. Toda semana, eu enviava um e-mail para o meu cunhado dizendo “Estou bem”, como forma de saber como minha irmã estava e de avisar ao resto da família que eu estava viva.

Éramos obedientes o tempo todo. Se algum de nós fosse imprudente e rebelde, poderia ter tentado escapar dos guardas ou escalar os muros que cercavam a universidade, mas ninguém ousava fazer isso. Éramos constantemente vigiados pelas contrapartes e pelos seguranças, e isso nos enchia de medo. Sabíamos que as consequências eram inimagináveis, então fazíamos o que nos mandavam fazer.

Aceitávamos nossa situação de forma resignada. Com que rapidez nos tornamos prisioneiros, com que rapidez abrimos mão de nossa liberdade, com que rapidez toleramos a perda dessa liberdade, como uma criança que,

ao ser maltratada, permanece em silêncio. Naquele mundo não havia necessidades individuais, e ter de pedir permissão para tudo beirava a infantilidade. Com isso, começamos a entender nossos alunos, que nunca puderam fazer nada por conta própria. Ali, não existia a noção de fazer o que seu coração desejasse, de ir para onde se quisesse, e não consegui encontrar nenhuma forma de lhes mostrar como seria a sensação, principalmente porque, mesmo depois de tão pouco tempo ali, eu mesma havia perdido meu senso de liberdade.

AO FIM DA SEGUNDA SEMANA, os alunos pareciam ter se acostumado com a ideia de ir à sala dos professores para tirar dúvidas depois da aula. Como foram avisados de que o reforço era obrigatório, começaram a aparecer em bandos. Certa tarde, enquanto Katie e eu estávamos nos preparando para receber os alunos, o sr. Ri apareceu à nossa porta. Até aquele momento, nenhuma contraparte e nenhuma segurança tinha aparecido em meu escritório sem aviso. Ele puxou conversa e disse para não ficarmos nervosas, o que, é claro, só aumentou nosso nervosismo. Em seguida, ele se sentou em uma das cadeiras e começou a folhear o livro didático que estava em cima da mesa. As contrapartes já tinham aprovado o livro anteriormente, então não havia por que nos preocuparmos. Mas, ainda assim, o comportamento dele era um tanto quanto ameaçador. Katie sentou-se em um canto e começou a ler as redações dos alunos, o que me causou certo pânico, pois temia que alguma delas pudesse ser muito reveladora. Então, enquanto trocava gentilezas com o sr. Ri, apanhei uma caderneta casualmente e a joguei sobre a pilha de papéis diante de Katie. Por sorte, ela entendeu de imediato e, fingindo que estava arrumando a mesa, conseguiu esconder a pilha de papéis. O sr. Ri pareceu não notar. Continuou a folhear o livro e então comentou que a língua inglesa parecia muito difícil. Eu disse a ele – em coreano simples para que Katie conseguisse entender – que deveria frequentar nossas aulas se quisesse aprender mais, mas brinquei que ele teria de fazer a lição de casa, e meu convite pareceu agradá-lo. Era difícil acreditar que, apenas três anos antes, nós dois tínhamos chorado juntos no aeroporto. Se ele se lembrava disso, nunca demonstrou, e eu certamente jamais toquei no assunto. Naquele mundo, não podíamos nos dar ao luxo de refletir sentimentalmente sobre uma história compartilhada.

Logo notei que havia vários alunos parados à porta, e eles rapidamente recuaram quando viram o sr. Ri. Aqueles eram os mais tagarelas da turma,

então foi estranho notar como tinham ficado sérios ao vê-lo. Até mesmo Park Jun-ho, sempre com seu charme endiabrado e o olhar alegre no rosto, parecia nervoso. O sr. Ri deu indícios de que pretendia ficar por ali, mas fui firme.

– Meus alunos não conseguem se concentrar com você por perto – disse com um sorriso. Ele riu, meio sem jeito, e foi embora.

Os garotos imediatamente relaxaram. Pouco depois, mais alunos chegaram e, quando nos demos conta, o escritório estava apinhado de gente. Alguns tinham dúvidas relativas ao livro didático, mas a maioria só queria conversar.

– Aula livre de conversação em inglês! – insistiram eles.

Katia começou a contar de quando quase pusera fogo em sua cozinha na China, enquanto tentava assar um frango. Eu pensava no que poderia lhes contar, mas quase tudo sobre a minha vida era considerado proibido. Então, em vez de dizer algo sobre mim, resolvi abordar o assunto de uma de suas lições de casa, “Como conquistar uma garota”, e perguntei se ainda existiam casamentos arranjados no país. Responderam que sim, havia alguns, mas eles próprios gostavam mais da ideia de se casar por amor. Eles não pensavam muito no assunto, contudo, porque as mulheres costumavam se casar aos 27 anos e os homens, por volta dos trinta. Isso provavelmente se devia ao fato de que a maioria dos homens tinha de passar dez anos no serviço militar obrigatório, ao qual ingressavam aos dezessete anos de idade, embora meus alunos fossem isentos dessa obrigação, assim como a maioria dos filhos da elite. Então, perguntaram-me como funcionava nos Estados Unidos, e eu respondi que não havia casamentos arranjados, mas que agora algumas pessoas se conheciam por meio do computador. Tive de me interromper no meio da frase, pois estava prestes a dizer a palavra “internet”. Sem poder explicar o que eram sites de namoro nem falar livremente como eles haviam pedido, não me restava nada além de retornar ao tópico de gramática inglesa.

NO SÁBADO SEGUINTE, eu estava sentada a uma mesa com três alunos que trajavam seus uniformes de guarda cáqui, o que se tornara uma visão familiar. Pareciam mais tranquilos e, quando perguntei por que tinham de vigiar a Sala de Estudos de Kimilsungismo todas as noites, responderam que estavam protegendo o espírito de seu Grande Líder. Então, perguntei o

que havia dentro do prédio, e eles disseram que eram apenas algumas salas de aula. Era o mesmo prédio no qual eles estudavam Juche nos fins de tarde, então me ocorreu que deveria ser quase como uma igreja para eles.

Enquanto eu imaginava todas as formas mais produtivas de aqueles jovens passarem suas noites de sábado, Kang Sun-pil acrescentou:

– Ah, mas não é nem um pouco cansativo. Somos seis. Nós nos revezamos. Realmente, não é difícil. Ficamos lendo e estudando inglês para passar o tempo e, se aprendermos inglês, serviremos melhor ao nosso país e ao nosso Grande General Kim Jong-il.

Isso foi dito de forma tão clara e articulada que me pegou desprevenida. Até então, Sun-pil tinha permanecido tão quieto em sala de aula que eu mal notara sua presença. Naquele momento, porém, foi impossível não pensar que, se eu cometesse um deslize, ele certamente me denunciaria. Em seguida, olhei para os dois alunos à mesa. De uma hora para outra, não confiava mais em nenhum deles. Aqueles momentos de dúvida eram como veneno. Eu não sabia ao certo quem eles eram e sentia-me como uma mãe que teme os próprios filhos, um sentimento extremamente desagradável. Mas então algum deles sempre dizia algo encantador e aquela sensação ia embora.

Para mudar de assunto, contei a eles que os professores foram levados para um passeio turístico naquele dia. Quando comentei que tinha usado seu sistema de metrô, eles logo adivinharam que eu havia passado pelas estações Buheung (Renascimento) e Yonggwang (Glória), as paradas reservadas para turistas, que tinham sido mostradas para mim todas as vezes que visitei Pyongyang. Também contei a eles que tinha sido levada ao Grande Palácio de Estudos do Povo. À menção disso, Ryu Jung-min se animou de repente e perguntou se eu tinha visto estudantes por lá. Fitava-me atentamente e, por sua expressão, deduzi que essa era uma pergunta importante. Para tentar entender suas implicações, pedi-lhe que a repetisse.

– Havia estudantes como nós? Universitários? – ele quis saber.

Quando parei para pensar no assunto, percebi que não me lembrava de ter visto nenhum estudante da idade deles por lá.

– Não, todo mundo parecia um pouquinho mais velho – respondi lentamente. – Talvez os mais jovens tivessem uns vinte e cinco anos? Então, acho que não havia nenhum universitário.

Ele baixou o olhar, demonstrando algo parecido com resignação.

– Quando você esteve lá? – perguntou outro aluno. – Se foi de manhã, talvez os universitários ainda estivessem em sala de aula. Algumas aulas são ministradas no Grande Palácio de Estudos do Povo e são gratuitas, tudo graças à solicitude de nosso Grande General Kim Jong-il.

Embora nos tivessem mostrado duas aulas animadas em andamento, não me lembrava de ter visto nenhum estudante universitário por lá, com exceção de, talvez, algumas jovens. Quando comentei isso, todos da mesa pareceram apreensivos.

Mais tarde naquela noite, pensei que havia entendido por que os alunos pareceram tão curiosos e tão tensos. Jung-min e os outros provavelmente tinham tão pouco contato com qualquer pessoa de fora da universidade que não faziam ideia de onde estavam seus amigos. Sempre que lhes perguntava se eles conversavam com a família e com os amigos, nunca me respondiam diretamente. Um dos alunos disse que ligava para os pais quando sentia saudade deles, mas, quando perguntei se havia algum telefone no dormitório, ele não respondeu. Outro aluno disse que estava esperando uma encomenda que a irmã enviara e, quando perguntei se ele também escrevia cartas para os pais, tampouco tive resposta. Suspeitei que se comunicar com alguém de fora era algo muito raro. Ou, se tivessem uma forma de entrar em contato com a família – talvez alguns deles tivessem celulares –, talvez não conversassem livremente por medo de serem ouvidos.

A pergunta de Jung-min havia chamado minha atenção para uma outra coisa. Ele queria saber se tínhamos visto algum estudante universitário no único lugar em Pyongyang onde eles costumavam se reunir. Não tínhamos visto nenhum. Será que, conforme o presidente Kim nos dissera, a UCTP realmente era a única universidade funcionando em toda a Coreia do Norte? E será que o fechamento das universidades tinha algo a ver com o fato de que a saúde de Kim Jong-il estava se deteriorando e que poderia haver uma mudança iminente no governo? Nossos alunos eram a nata daquela sociedade. É claro que não seriam enviados para canteiros de obra como os demais, mas sim para aquele lugar, um internato em sua própria cidade, onde poderiam praticar o inglês e esperar que a tempestade política passasse. Seria nosso trabalho, então, fornecer um santuário temporário aos filhos da elite norte-coreana?

O fato de Kim Jong-un ter apresentado sua esposa em público em 2012 foi considerado uma ruptura radical da tradição.

7

CERTA TARDE, EU ESTAVA ALMOÇANDO com três alunos, como de costume, e bem quando estava quase terminando Katie foi correndo até a minha mesa e pediu para falar comigo a sós. Não havia nenhum lugar para onde pudéssemos ir sem ser ouvidas, então decidimos dar uma volta pelo *campus*, na esperança de que parecesse que estávamos apenas caminhando enquanto discutíamos a aula daquele dia. Dar uma volta era a única forma que tínhamos de conversar livremente. Para não levantar suspeitas, parávamos de vez em quando para tirar fotos uma da outra.

Katie estava em pânico por conta de uma conversa que tivera com um dos alunos à mesa. O garoto havia pedido para sentar-se com ela, embora não frequentasse nenhuma de nossas aulas. Às vezes, os alunos ficavam tão ansiosos para praticar o inglês que, quando não podiam se sentar com seus próprios professores, abordavam qualquer outro que estivesse por perto. Não havia uma regra clara sobre só podermos fazer as refeições com nossos próprios alunos, então vez ou outra acabávamos nos sentando com alunos que não conhecíamos.

A conversa tinha começado de forma bastante inocente, quando o aluno perguntou a Katie por que o ensino superior nos Estados Unidos não era gratuito como na Coreia do Norte, algo que era viabilizado graças ao seu Grande Líder. Não era uma pergunta muito surpreendente. Em visitas anteriores, tinham me perguntado a mesma coisa, o que me levou a cogitar que o regime norte-coreano provavelmente usasse o custoso sistema de ensino superior dos Estados Unidos como um exemplo do fracasso do capitalismo.

Katie disse que fez o que pôde para explicar sobre bolsas de estudo e empréstimos estudantis, bem como a diferença entre educação privada e pública, mas sabia que não deveria falar sobre essas coisas e ficou nervosa. O aluno, entretanto, continuou insistindo no assunto. Ele nunca tinha ouvido a palavra “imposto” antes de entrar na UCTP, onde a vira em um dos livros didáticos, e não conseguia entender o que significava.

“O que são essas coisas que vocês chamam de ‘impostos’?”, ele havia perguntado. “Por que as pessoas pagam essa quantia ao governo?”

Katie tentou explicar, mas não sabia ao certo o que poderia ou não dizer. Estava preocupada com a possibilidade de que o aluno a estivesse testando e a denunciasse. Demos algumas voltas pelo *campus*, discutindo a melhor forma de lidar com a situação.

Por fim, decidimos que eu deveria me sentar com o rapaz para ver se ela realmente precisava se preocupar com alguma coisa. Então, na refeição seguinte, Katie me mostrou qual era o aluno. Eu me aproximei e perguntei se poderia me juntar a ele. O garoto pareceu surpreso e satisfeito e se apresentou: chamava-se Ryu Ji-hoon. Seu inglês era bom, então talvez estivesse no segundo ano.

Ele não ficou de rodeios. Assim que nos sentamos, disse-me que um dos professores havia insistido que tanto os humanos quanto os animais eram capazes de exercer a criatividade. Ele, todavia, acreditava que apenas os humanos podiam ser criativos. O que eu pensava sobre o assunto? Aquilo nunca tinha passado pela minha mente até aquele momento, e foi exatamente o que respondi a ele. Comentei que não tinha certeza, mas que os golfinhos, por exemplo, eram conhecidos por serem muito inteligentes. Mas senti que ele não estava de fato interessado na minha resposta, pois logo mudou de assunto.

– Você já ouviu falar da “Canção do General Kim Jong-il”? – ele quis saber.

– Já – respondi cautelosamente.

– O que você acha dela? – perguntou-me diretamente.

Fiquei petrificada. Franqueza total estava fora de questão, mas eu queria responder com a maior sinceridade possível. Então, disse:

– Você e eu viemos de sistemas diferentes. Os estadunidenses têm o próprio hino nacional. Os britânicos também. E os sul-coreanos também têm o seu. Ao que parece, essa canção é basicamente o hino nacional de vocês, e eu respeito isso.

Por um tempo, ele pareceu refletir sobre a minha resposta. Enquanto isso, os dois outros alunos que estavam à mesa pareciam apreensivos e permaneceram em silêncio, até um deles perguntar algo sobre futebol. Ryu Ji-hoon, porém, não se deixou intimidar e disparou outra pergunta.

– Conte-me sobre a Assembleia Nacional.

– Assembleia Nacional? Qual delas? A Assembleia Nacional de onde? – perguntei, sentindo um leve pânico. – Você está se referindo à da Coreia do Sul? Ou ao Congresso dos EUA? São todas diferentes umas das outras, então é impossível dizer.

Ele não seria dissuadido tão facilmente.

– Qualquer país, tanto faz. Conte-me qual é a ideia geral. Você é estadunidense, então me fale sobre como funciona nos Estados Unidos – pediu, mantendo o olhar fixo ao meu.

Sem saber o quanto eu podia revelar, respirei fundo e respondi da forma mais simples que pude. Disse-lhe que os Estados Unidos são constituídos por cinquenta estados e que os cidadãos desses estados elegem representantes para o Congresso. Também disse que elegíamos um presidente, e que ele e os representantes tinham de trabalhar juntos para aprovar as leis. E que então, na verdade, são as pessoas que tomam as decisões.

– Mas eu acho que é o presidente quem deve tomar as decisões – rebateu ele. – É ele quem detém o poder, não?

Acho que fechei os olhos naquele momento. Senti meus joelhos bambearem. Talvez viver entre aqueles missionários tão devotos tivesse me tornado religiosa, porque, naquele instante, comecei a rezar mentalmente para que alguém em algum lugar me desse forças para dizer a verdade. Esse era exatamente o tipo de conversa sobre o qual tínhamos sido alertados. Eu sabia que aquele aluno talvez estivesse tentando me encurralar ou, pior, que eu poderia lhe trazer problemas.

– As coisas são desse jeito – comecei com cautela. – Veja nesta faculdade, por exemplo. O presidente James Kim é o rosto da UCTP, mas o verdadeiro poder não reside nele, nem deveria residir. A finalidade desta faculdade é servir aos alunos, e não ao presidente Kim. É a mesma coisa no nosso governo. Nosso país não é do presidente, mas do povo. O presidente é apenas o rosto, o símbolo, mas o verdadeiro poder reside no povo. As pessoas tomam as decisões.

O que eu tinha acabado de descrever era, *grosso modo*, o conceito de democracia. Não consegui ler a expressão em seu rosto, mas logo em seguida ele disse:

– Obrigado, professora. Não quero tomar muito do seu tempo. Foi um prazer jantar com você.

Naquela noite, Katie e eu demos mais algumas voltas pelo *campus*, discutindo nossos temores crescentes com relação às possíveis motivações de Ryu Ji-hoon. Talvez ele estivesse determinado a ganhar algum tipo de recompensa em troca de informações sobre nós.

– E daí? – perguntou Katie. – O máximo que pode acontecer é sermos deportadas. E, se nos deportarem, somos mandadas para casa, o que seria *ótimo*. Mas e se não for o caso? E se ele estiver genuinamente interessado?

A possibilidade do segundo cenário se abateu sobre nós como algo lúgubre. E se fôssemos mesmo as instigadoras de seus questionamentos, e se ele estivesse começando a se dar conta de que tudo o que aprendera até então era uma mentira, e que nós duas estávamos em posse da chave para a verdade? Concordamos que nunca mais nos sentaríamos com ele, nem se ele pedisse.

– Jantar conosco pode acabar culminando na morte dele – declarou Katie.

Eu queria descartar aquele comentário como mero drama de uma jovem de vinte e três anos, mas sabia que não era o caso. Na Coreia do Norte, esse tipo de consequência era perfeitamente possível.

NO DIA SEGUINTE, eu estava quase terminando de jantar quando um aluno se aproximou e puxou uma cadeira para se sentar. Um grupo de alunos lhe dissera que eu comentara que animais eram capazes de demonstrar criatividade e ele queria refutar a ideia. Caí na gargalhada e disse a ele que eu nunca tinha estudado nada sobre inteligência ou comportamento animal e tinha apenas dado um palpite. Disse-lhe que eu tinha apenas comentado que, entre os milhões de espécies de animais, alguns, como os golfinhos, eram conhecidos por serem mais inteligentes que outros. Ele parecia muito incomodado com a questão e declarou que inteligência e criatividade eram duas coisas diferentes, e em seguida começou a contar uma longa história envolvendo um macaco, a fim de ilustrar o ponto de que os animais não eram capazes de pensar de forma criativa. Outros alunos se reuniram à nossa volta e entraram na conversa. Todos cursavam alguma disciplina na área de ciência e tecnologia e tinham muito a dizer sobre a criatividade dos animais *versus* a criatividade dos humanos.

– Bem, todos vocês são filósofos, e todo mundo tem direito a uma opinião – disse por fim. – Nós, humanos, não somos perfeitos. Estamos mudando tão rápido, a cada segundo, a cada mês, a cada ano. Vejam como a tecnologia está mudando a forma como pensamos sobre tudo. Talvez o

estudo dos animais também esteja passando por mudanças, e não podemos confiar apenas em descobertas de muitos anos atrás. Acho que ser humano, com nossos conhecimentos em constante expansão, significa ter a mente aberta. Eu gostaria de manter a mente aberta a respeito desse assunto.

Eles pareceram se divertir com a minha resposta e ficaram um tanto satisfeitos. Então, um deles se inclinou e disse:

– Eu sou o colega de quarto do Ji-hoon e ele está do seu lado.

Isso foi tão inesperado que, a princípio, não tive certeza de ter ouvido direito.

– Ji-hoon está do meu lado? – repeti, hesitante.

– Está. Ele pensa como você – respondeu ele, timidamente.

Passei aquela noite em claro, sem conseguir pregar os olhos. Estava apreensiva e assustada. Nossos medos e esperanças eram justificados: Ji-hoon estava ávido por informações, e não tentando nos encurralar para nos denunciar. Talvez tenha sido essa a razão que levou o regime a fechar universidades em todo o país. Talvez alguns pequenos esforços para acabar com a ditadura do Grande Líder tenham começado a se infiltrar em alguns cantos daquele país oblíquo – o início de uma Primavera Norte-coreana.

Katie tinha dito que poderíamos acabar causando a morte de Ji-hoon e que, portanto, não deveríamos mais falar com ele. Mas, se não falássemos com ele e evitássemos fornecer-lhe mais informações, qual teria sido o propósito de ir até lá?

Eram os pais dos nossos alunos que comandavam aquele país, os responsáveis por fazer dele o que era, e seriam aqueles rapazes que herdariam essa tarefa. A maioria deles estava sendo preparada para ocupar cargos de liderança e para ajudar o Precioso Líder a reprimir e isolar a população, garantindo que ele permanecesse no poder. Esse era o futuro traçado para aqueles que descendiam da classe privilegiada. E essa era a *melhor* das hipóteses. E, como professores, seríamos nós os responsáveis por equipar aqueles jovens com um inglês satisfatório para combater o mundo que eles foram condicionados a enxergar como o inimigo.

Até aquele momento, eu havia alimentado esperanças de que talvez conseguisse mudar um aluno, mostrando-lhe um caminho de compreensão. Mas que tipo de futuro eu vislumbrei para o único aluno que consegui atingir? Abrir aquele país significaria sacrificar as suas vidas. Abrir aquele país significaria o derramamento de sangue dos meus lindos alunos. Lembrei-me do rosto de Ji-hoon e tentei não pensar nas terríveis

consequências. E aquela noite, assim como muitas outras depois dela, eu passei assim em Pyongyang. Naquela noite em particular, uma chuva pesarosa caiu sem trégua. O medo pode se apoderar de você em qualquer lugar do mundo, mas quando isso ocorre na Coreia do Norte, a solidão o acompanha.

Desisti de tentar pegar no sono e liguei a TV. A CNN Ásia noticiava que haveria chuvas fortes em todo o Leste Asiático, no leste da China e na maior parte da Coreia do Sul. “E na Coreia do Norte?”, o âncora indagou. A pergunta soou quase impertinente, e a meteorologista respondeu: “Provavelmente choverá por lá também. Estava chovendo na semana passada, mas levou quatro dias para essa informação chegar até nós, então realmente não temos como saber!”.

Daquela noite em diante, quando olhava para o rosto dos meus meninos, só conseguia pensar – e depois tentaria parar de pensar – no que o futuro lhes reservava. Uma das palavras que tive de ensinar a eles foi “passageira”. Usei a frase “A juventude é passageira” e, enquanto eles a repetiam em voz alta, eu os olhava e pensava em como sua juventude fora mais curta que a dos garotos do resto do mundo. Mas eu não gostava de pensar no assunto. Sempre que imaginava a escuridão que assomava no futuro à frente deles, logo afastava o pensamento para que eu pudesse estar presente ali, naquele instante, ensinando-lhes a língua inglesa da melhor forma que podia.

Mesmo agora, alguns anos depois, suas feições me voltam à mente, uma a uma, e sou subjugada por esse sentimento maternal. Fui eu quem as ensinara a falar, aquela estranha geração de crianças, alheias ao mundo lá fora. E, ainda assim, torço para que tenham esquecido toda a inspiração que lhes incuti e simplesmente tenham crescido e se tornado soldados do regime. Não quero imaginar o que poderia lhes acontecer se tivessem mantido minhas aulas na memória, se ainda se lembrassem de mim, se começassem a questionar o sistema. Não posso suportar a ideia de que algum dos meus alunos – meus meninos que gritavam “Bom dia, professora Kim! Como está?” com tanto ânimo toda vez que eu adentrava a sala de aula – tenha terminado em algum lugar frio e escuro, em um dos *gulags* espalhados por toda a Coreia do Norte. Pensar nisso ainda me mantém acordada durante a noite.

8

DUAS SEMANAS DEPOIS, OS professores estavam eufóricos com a primeira excursão fora dos limites da cidade. Seríamos levados para uma fazenda de maçãs que ficava a meia hora de distância. Era fim de semana, mas víamos em ambos os lados da estrada pessoas trabalhando em campos tão verdejantes que pareciam ter saído de uma pintura. Por um momento, as histórias de terras áridas e montanhas desnudadas, bem como os pedidos de socorro emitidos pelo Programa Alimentar Mundial e as sanções das Nações Unidas condenando a RPDC por violação dos direitos humanos, pareciam ter sido inventados por pessoas sem nada melhor para fazer ou mal-intencionadas. Por um momento, quis acreditar no que estava diante dos meus olhos: uma paisagem imaculada e ar puro. Quase conseguia imaginar famílias carregando cestas de piquenique a tiracolo e colhendo maçãs, mas a estrada permaneceu vazia durante todo o trajeto até lá.

Em um ponto ao longe, vimos o que pareciam ser casas escuras de palha. Os seguranças nos disseram que faziam parte da reprodução de um vilarejo folclórico que estava sendo construída, e que aquela terra outrora havia pertencido à capital do Reino de Koguryo no período dos Três Reinos da Coreia. Fiquei empolgada por um momento, lembrando-me de que, na minha infância, como estudante na Coreia do Sul, tinha aprendido sobre aquele reino fantástico, famoso por seus guerreiros a cavalo e trajes exóticos, que perdurara por grande parte do primeiro milênio. E lá estava aquela terra, as montanhas baixas lançando sombras sobre o horizonte e as faixas verdes de terra se estendendo à nossa frente.

Então o ônibus se aproximou da beira da estrada e vi algumas pessoas caminhando por ela. Suas feições eram cadavéricas, como se não se alimentassem havia anos. Uma mulher esquelética estendeu um maço de cigarros, como se tentasse vendê-lo a qualquer ônibus que passasse, embora não houvesse mais nenhum além do nosso. Quando passamos ao lado de um dos canteiros de obras, pudemos ver os trabalhadores, com olhos fundos e faces encovadas, roupas andrajosas e cabeças raspadas, parecendo vítimas

dos campos de concentração nazistas. Era uma visão tão chocante que Katie e eu arfamos. Não podíamos dizer nada nem demonstrar nossos sentimentos, já que o segurança estava sentado por perto, mas trocamos um olhar e, em silêncio, Katie moveu os lábios para pronunciar a palavra exata que me viera à mente naquele momento: “Escravos”.

Ficou evidente para mim que havia um grupo de pessoas em Pyongyang – entre elas, meus alunos, os líderes do Partido e os seguranças – que eram bem alimentadas e tinham feições saudáveis e uma estatura normal, e então havia todas as outras pessoas, aquelas que vi através das janelas do ônibus. Nas saídas para fazer compras aos fins de semana, eu as tinha visto nas ruas, cortando árvores, varrendo a calçada ou andando de bonde. Eram quase todas magérrimas, com feições quase verde-escuras em razão do excesso de exposição ao sol ou à desnutrição ou a algo pior. Em geral, eram mais baixas e visivelmente menores em todos os sentidos, e tinham um olhar assombrado. Os mais velhos quase sempre andavam curvados, e eu vivia me perguntando se algum deles poderia ser o irmão da minha mãe. Se ainda estivesse vivo, ele teria setenta e cinco anos, mas quanto mais eu me aprofundava na Coreia do Norte, mais certeza tinha de que ele não poderia ter sobrevivido. Pareciam pertencer a uma raça completamente diferente da dos meus alunos. E, no entanto, as pessoas pelas quais tínhamos acabado de passar pareciam ainda mais desnutridas.

Não estávamos nem a vinte minutos de Pyongyang. Um dos *slogans* escritos em todos os cantos da faculdade e nos prédios da cidade era uma máxima de Kim Jong-il: “Vamos viver do nosso jeito”. Era exatamente esse o significado de Juche: viver por conta própria, sem depender de mais ninguém. Mas, a meu ver, “viver do nosso jeito” não se parecia muito com viver por conta própria; era mais como viver à custa do sangue do restante do povo sem ter de encará-lo. E não depender de mais ninguém parecia mais com isolamento total. Lembrei-me de “A máscara da morte rubra”, de Edgar Allan Poe, em que os príncipes e os nobres se trancam em um castelo para fugir da peste, mas é claro que não existem fronteiras para a doença e todos eles sucumbem à sua “escuridão e decadência”.

Trinta minutos após termos saído, chegamos à fazenda de maçãs, com campos intermináveis de árvores jovens estendendo-se em fileiras perfeitas à nossa frente. Nosso segurança nos contou que aquelas centenas de milhares de macieiras eram tão especiais que levava apenas um ano para darem frutos, ao passo que, em outros lugares, as árvores demoravam vários

anos para fazê-lo. A fazenda tinha cerca de mil e quinhentos acres, continuou ele, e produzia trinta mil toneladas de 106 tipos de maçã. Estávamos ficando acostumados com os exageros norte-coreanos. Certa vez, um aluno me disse que sua antiga faculdade, a Universidade de Engenharia Gráfica de Pyongyang, era a única instituição do tipo em toda a Ásia, e que no mundo só havia mais uma igual a ela, que ficava na Alemanha. Vários outros alunos insistiam que suas antigas universidades eram as melhores do mundo nisso ou naquilo. A ideia de que apenas a Coreia do Norte se destacava enquanto todas as outras nações estavam ficando para trás parecia quase uma obsessão.

Esperando por nós no topo da colina havia três homens trajando uniformes cáqui e uma guia na casa dos vinte anos – era muito bonita, como todas as mulheres que serviam como guias costumavam ser. Ao longe, avistava-se um conjunto de prédios compridos e baixos, com telhados azuis e brilhantes, e a guia explicou que se tratava de uma fábrica de fatiar e desidratar maçãs. Lembrei-me do produto embalado, com seu rótulo que dizia simplesmente “Maçãs desidratadas”, sendo vendido no supermercado Potonggang da cidade. Além de álcool, cigarros e água, esse parecia ser um dos poucos artigos produzidos por lá. A guia nos contou que, no futuro, eles também cultivariam outros tipos de fruta na fazenda, e havia planos de começar um criadouro de tartarugas.

Em seguida, ela passou a discorrer sobre os dois anos de história da fazenda, destacando as vezes em que Kim Jong-il a visitara. Ele havia comentado que as maçãs eram muito grandes e redondas, e estava feliz porque seu povo passaria a ser alimentado com elas. Depois, tinha demonstrado preocupação com as condições de trabalho dos agricultores e enviara tratores para transportá-los de árvore em árvore e de suas casas para a fazenda. Tinha enviado até mesmo uma televisão em cores para cada um dos trabalhadores e ordenado que tivessem acesso ao sinal, da mesma forma que os cidadãos de Pyongyang. Quando retornou no ano seguinte, comentou que as maçãs eram tão boas que era uma pena que só ele pudesse vê-las, e disse que gostaria de compartilhar aquela vista com todos. E o passeio se deu dessa forma, com relatos detalhados de tudo o que Kim Jong-il dissera, e até mesmo dos locais em que ele estivera ao dizer cada coisa.

– Nosso Grande Camarada General Kim Jong-il não é apenas o melhor em liderar a nossa nação poderosa e próspera, mas também é muito versado

no cultivo de maçãs – declarou a guia.

Quando ela começou a contar uma história sobre um diplomata italiano que tinha visitado a fazenda, elogiado o Grande Líder e doado mais sementes de maçã, comecei a me sentir inquieta.

Por sorte, naquele momento duas mulheres do nosso grupo disseram que precisavam ir ao banheiro e conseguiram que um dos encarregados as levasse de carro até o vilarejo, no sopé da colina. Eu não precisava usar o banheiro, mas aproveitei a oportunidade para escapar da enxurrada de histórias sobre o Grande Líder e as maçãs maravilhosas e conhecer a vizinhança logo abaixo. Dois seguranças nos acompanharam, é claro. O vilarejo consistia em um aglomerado de cinquenta ou sessenta casas e um enorme mural de Kim Il-sung como um santuário acima dos degraus de concreto. As casas eram todas térreas e pareciam idênticas, cada uma com um telhado de telhas azuis e um jardimzinho. Os seguranças nos conduziram até a primeira das casas e apontaram para um banheiro externo no quintal. O fedor era tão insuportável que senti náuseas só de ficar na fila. Como éramos todas mulheres, os seguranças permaneceram a uns cinquenta metros de distância, do outro lado da cerca de pedra.

Naquele instante, a porta de madeira da casa se abriu e uma velha pôs o rosto para fora. Era tão enrugada, pequena e desdentada que poderia ter cem anos de idade.

– Quem está aí? De onde vocês são, meninas? – quis saber a velha.

Ficamos surpresas com isso, pois os poucos norte-coreanos que tinham chegado tão perto de nós até então sempre evitavam contato visual. Aquela senhora parecia genuinamente curiosa. Eu disse “olá” em coreano e, quase imediatamente, um dos seguranças gritou:

– Elas estão visitando a fazenda, velha! Volte para dentro!

Seu tom era ameaçador e frio como gelo. A senhora nem chegou a responder, apenas fechou a porta imediatamente. Estávamos no quintal dela, usando seu banheiro sem sua permissão, e ainda assim ela foi obrigada a entrar.

Escravos. A palavra tornou a surgir em minha mente. Naquele breve momento, senti um medo paralisante e quis ir embora daquele país. Estava com medo de ficar presa ali. Estava com medo dos seguranças, que podiam simplesmente ordenar que a velha voltasse para dentro, e da rapidez com que ela obedecera. Lembrei-me de como meus alunos ficavam tensos ao avistar o sr. Ri. O terror ali era palpável.

Quando nos juntamos ao restante do grupo, todos recebemos a informação repentina de que, como era sábado, os trabalhadores estavam de folga, então não poderíamos visitar a fábrica. No caminho de volta, o ônibus tomou uma rota diferente e não cruzamos com nenhum trabalhador esquelético pelo caminho.

NO JANTAR, quando contei aos alunos em minha mesa que tínhamos visitado uma fazenda de maçãs, os três pareceram empolgados e perguntaram:

– A Fazenda de Frutas Daedonggang?

Assenti. Contei a eles que era a primeira vez que eu visitava uma fazenda de frutas, uma informação que os deixou chocados.

– Sou uma garota da cidade grande – expliquei. – E, nos Estados Unidos, os professores ficam encarregados de lecionar e os fazendeiros, de cultivar.

Diante da minha fala, um aluno respondeu:

– Que estranho. Também sou da cidade grande, mas aqui no nosso país todos, até mesmo os estudantes universitários, sabem como cultivar.

Os alunos declararam com orgulho que a fazenda de maçãs era a décima primeira maravilha *songun* (a assim chamada política dos “militares em primeiro lugar”) do país e que eles tinham ajudado a construí-la. Contaram-me que, em abril e maio de 2009, estudantes universitários de toda Pyongyang passaram todos os domingos cavando buracos para as árvores em um trabalho em equipe. Pareciam realmente apegados a suas lembranças do tempo em que tinham trabalhado lá, embora um dos alunos tenha admitido que havia sido difícil, já que aquela primavera fora extremamente fria. Perguntei se, desde então, eles tinham visitado a fazenda para ver – e provar – os frutos de seu trabalho. Houve um momento de silêncio antes de me dizerem que não viam a fazenda desde que as árvores foram plantadas. A fazenda, no entanto, ficava a menos de meia hora de carro da faculdade.

Para dissipar o clima estranho que surgiu de repente, perguntei quais eram as outras maravilhas. Os alunos pareceram aliviados e começaram a me contar sobre elas. De acordo com eles, quando o General Kim Jong-il assumiu o poder, após a morte do Grande Líder Eterno Kim Il-sung, em 1994, havia apenas oito maravilhas, mas depois elas passaram a ser doze. A primeira era o nascer do sol em Baekdu-san (Monte Baekdu), onde Kim Jong-il nasceu. A segunda eram os pinheiros invernais na Base Militar de Dabak, onde Kim Jong-il concebeu a política *songun*. A terceira eram as azaleias que brotavam na colina de Chulryong, perto de uma das bases da

linha de frente, que Kim Jong-il visitava com frequência. A quarta era a vista noturna da Montanha Jangja, onde Kim Jong-il, ainda criança, havia se refugiado durante a Guerra da Coreia. A quinta era o eco das Cataratas de Oolim, que Kim Jong-il declarou ser o som de uma nação poderosa e próspera. A sexta era o horizonte do campo Handrebul, onde ocorreu a reforma agrária de Kim Jong-il em 1998. A sétima eram as flores da planta da batata que brotavam no campo de Daehongdan, onde Kim Il-sung havia lutado contra os imperialistas japoneses e Kim Jong-il conservou seu espírito revolucionário ao inaugurar a maior plantação de batatas do país. A oitava era a vista do vilarejo de Bumanli, que Kim Jong-il havia enaltecido como um ideal socialista que se destacou durante a Marcha Ádua. A nona eram os feijões no depósito de suprimentos do exército, pois certa vez Kim Jong-il declarou que eles o alegravam, pois mantinham seus soldados bem alimentados. A décima era a colheita de arroz na cidade de Migok, tão abundante que Kim Jong-il declarou-a excelente exemplo da agricultura socialista. A décima primeira era a fazenda de maçãs e a décima segunda era o viveiro de peixes de Ryongjong, no sul da província de Hwanghae, cujos esturjões avançavam em direção ao mar, da mesma forma que os satélites da RPDC, comandados por Kim Jong-il, lançavam-se rumo ao céu. Os três alunos comentaram que o fato de terem passado de oito maravilhas para doze sob a liderança de seu Grande General era uma prova de que seu país era poderoso e próspero e assim continuaria.

Era em momentos como esse que eu não conseguia evitar de pensar que eles – meus amados alunos – eram malucos. Ou estavam tão apavorados que se sentiam obrigados a mentir e se gabar da grandiosidade de seu líder ou realmente acreditavam em tudo o que me diziam. Eu não conseguia decidir o que era pior.

Três vezes ao dia, os garotos se dispunham em fileiras organizadas, divididos em grupos, e marchavam dos alojamentos até o refeitório, entoando marchas ao estilo militar. As canções se tornavam mais familiares para mim a cada dia. Havia a onipresente “Canção do General Kim Jong-il”. E também havia outra, que ouvi com tanta frequência que, vez ou outra, me pegava cantarolando o refrão sem querer: “Sem você, não há nós. Sem você, não há pátria”. Por “você”, eles se referiam a Kim Jong-il.

Certo dia, perguntei a eles qual era o nome da música que haviam cantado naquela tarde. Responderam que se chamava “Vitória 727” e explicaram que celebrava a vitória da RPDC sobre os EUA em 27 de julho

de 1953. Naquele dia o armistício foi assinado e, é claro, o próprio fato de ter havido um armistício significava que não houvera um vencedor nem uma vitória, mas eu não poderia dizer isso aos meus alunos. Outra música se chamava “Dansumae”. Quando traduzi o título como “De um só fôlego” (a Televisão Central da Coreia traduz como “Sem descanso”), eles balançaram as mãos, como se discordassem do significado literal. A frase parecia ter ganhado outra conotação, já que me lembrava de tê-la visto como um *slogan* exposto no topo de vários prédios em Pyongyang. O verdadeiro significado, conforme os alunos me contaram, era conquistar e então destruir instantaneamente. Um dos alunos disse: “Isso significa, por exemplo, que poderíamos assumir o controle da Coreia do Sul e conquistar e matar todos que vivem lá instantaneamente!”. Devo ter parecido muito perplexa, porque o outro aluno à mesa baixou a cabeça e o terceiro soltou uma risada nervosa.

Em momentos como esse, eu me lembrava de que eles foram criados acreditando que uma guerra com a Coreia do Sul ou com os Estados Unidos imperialistas era iminente. Para eles, essa ameaça parecia muito real, ou pelo menos era o que o governo lhes dizia. E, embora fossem apenas estudantes universitários, levavam uma vida tão regulada quanto a dos soldados nos quartéis. Além de vigiar a Sala de Estudos de Kimilsungismo e a Torre da Eternidade, bem como limpar a parte externa da torre, eles passavam várias horas cuidando da propriedade ao longo da semana, limpando as salas de aula, banheiros e corredores. Tinham de contar as colheres e os *hashis* para se certificar de que não faltava nenhum. Cada grupo só podia ir ao vestiário tomar banho ou cortar o cabelo em horários determinados, e tinham de praticar exercícios em grupo toda manhã. Nos alojamentos estudantis, cada quarto era dividido entre quatro alunos, e um deles era escolhido como supervisor, ficando responsável por manter a limpeza e o moral. O supervisor dos dormitórios se reportava ao representante de classe. A cadeia hierárquica era bem estabelecida.

Comecei a perceber que alguns dos garotos menos desenvolvidos formavam duplas com outros mais espertos. Não apenas dividiam o quarto, mas também se sentavam perto um do outro na sala de aula. O ingênuo Choi Min-jun, por exemplo, estava sempre ao lado de Park Jun-ho. Ryu Jung-min, aparentemente mais inocente, sentava-se com Ri Jin-chul, que nunca dizia nada além de frases ensaiadas. Essas duplas, que a princípio imaginei terem se formado a partir de íntimos laços de amizades, passaram, com o

decorrer do tempo, a se parecer com pares cuidadosamente estabelecidos, nos quais um cuidava do outro com base em algo mais substantivo do que o simples afeto.

Todavia, eles ainda eram jovens, e sua disciplina não era absoluta. Alguns deslizes aconteciam. Um aluno admitiu que nenhum deles tinha celular, ao que seu colega de quarto rapidamente acrescentou que todos eles tinham celulares antes, mas haviam aberto mão deles voluntariamente ao entrar na UCTP, a fim de que pudessem se concentrar nos estudos. Um outro aluno disse que não via a mãe nem conversava com ela desde que entrara na UCTP, em abril, três meses antes. Depois, ficou em silêncio, como se estivesse arrependido de sua confissão, mas em seguida outros dois também admitiram que não haviam conversado com a família ou os amigos desde então. Era possível divisar o centro de Pyongyang a partir da janela dos dormitórios, tão perto que quase podíamos escutar os sons da cidade, mas não era permitido receber visitantes. O pai de um dos alunos havia passado no *campus* para vê-lo, mas não o deixaram entrar. A única coisa que pôde fazer foi deixar um bilhete.

Quando eu começava a achar que eles estavam baixando a guarda, veio a próxima leva de cartas que tinham escrito. De repente, focavam quase inteiramente em Kim Jong-il. Como grupo, tornaram-se pregadores, de tanto repetir sobre a grandiosidade do líder, à qual se referiam como sua “solicitude”. Se tiravam notas boas, era graças à solicitude dele. Se o inglês deles melhorava, também tinha a ver com a solicitude do líder. Um dos alunos contou uma história sobre sua infância, no fim dos anos 1990, quando tinha visto pessoas gritando “Por favor, aceitem meu sangue” em frente a um hospital. Ele encerrou a carta com sua própria tradução da música “Não invejamos nada no mundo”.

Um outro aluno escreveu sobre a tecnologia CNC (controle numérico computadorizado) do país, e como a notícia dessa invenção tinha sido amplamente divulgada em todo o mundo. Essa descoberta só fora possível, escreveu ele, graças à liderança do Grande General Kim Jong-il. Após a derrocada do socialismo no Leste Europeu, escreveu meu aluno, Kim Jong-il liderou as nações progressistas do mundo rumo à vitória. O verdadeiro significado de “utilidade na economia” era diferente do que eu, prezada professora Kim Suki, deveria presumir ser “lucro na economia”. O Camarada Capitão Kim Jong-un havia lhes ensinado que, na posição de cientistas, cada um deles era uma “utilidade” e que, ao fazer grandes

descobertas, ajudavam a construir uma nação poderosa e próspera, o que deixava o Grande General Kim Jong-il satisfeito.

Parecia haver certa confusão sobre como se referir a Kim Jong-il em inglês. Nem mesmo os guias sabiam ao certo. Em coreano, geralmente o chamavam de Grande General. Em inglês, contudo, referiam-se a ele de várias formas: Grande Generalíssimo, Grande Camarada General Líder, Grande Líder Marechal, Grande General, Grande Líder, Querido Líder. A alcunha “Grande Generalíssimo” parecia recente. Não me lembrava de tê-la escutado durante minhas visitas anteriores. Teria sido adotada em antecipação à ascensão de Kim Jong-un, de Capitão a Grande General?

Com exceção da placa vermelha com os dizeres “sorte do capitão” que ficava no corredor que levava às salas de aula, foi na carta daquele aluno que vi pela primeira vez uma menção a Kim Jong-un. Mas o que me pareceu mais peculiar foi o fato de que quase todos os alunos, de uma hora para outra, escolheram Kim Jong-il como seu principal assunto, além da repetição de palavras e frases idênticas, como “solicitude”, “povo unificado” e “nação poderosa e próspera”. Perguntei-me se eles tinham recebido um sermão severo das contrapartes durante a reunião do sábado anterior, conhecida como *Saenghwal chonghwa* (Unidade do Cotidiano), na qual, de acordo com o dr. Joseph, eles confessavam seus erros e criticavam a si mesmos e aos outros.

OS PROFESSORES TAMBÉM PARTICIPAVAM de uma reunião semanal na qual confissões eram feitas. Todos os domingos de manhã, em uma sala no terceiro andar de nosso alojamento, celebrávamos um culto improvisado. Embora os alunos passassem o tempo todo cantando a plenos pulmões, fomos instruídos a cantar baixinho, para que ninguém ouvisse. Geralmente, um professor levava um teclado e tocava hinos, acompanhado por outro que tocava flauta. Eu cantava junto, mas não podia deixar de notar que, se substituíssemos a palavra “Jesus” por “Grande Líder”, os hinos não teriam um teor tão diferente daquelas canções norte-coreanas que meus alunos costumavam cantarolar várias vezes ao dia. Em ambos os grupos, cantar era um ritual alegre e coletivo que lhes dava forças. Muitas vezes pensei em como era absurdo que missionários e alunos não pudessem cantar juntos.

Nosso culto sempre contava com testemunhos – histórias melancólicas em que informações pessoais eram reveladas, como se estivéssemos em uma terapia em grupo. Histórias... aquele mundo parecia repleto delas. Era

muito raro que alguém de fato visse Kim Jong-il, então tudo o que sabíamos sobre ele era uma história. E meus colegas cristãos tinham suas próprias histórias, oriundas da Bíblia.

Certa noite, vi Rachel, uma professora canadense-coreana de trinta e poucos anos, caminhando pelo pequeno campo lamacento ao lado do alojamento dos professores. Eu fui até ela e perguntei o que estava fazendo, e ela me disse que estava procurando o lugar onde “o sino” costumava ficar. De acordo com ela, o sino pertencera à primeira igreja de Pyongyang. No fim do século XIX, um missionário protestante do País de Gales tinha velejado da China até aqui, mas, quando chegou, seu navio foi incendiado por coreanos e ele ficou preso no país, junto com uma pilha de Bíblias. Ele foi morto pouco depois, mas um morador local encontrou os livros e usou as páginas como papel de parede, e as pessoas logo passaram a se reunir na casa dele e, convertendo-se ao Cristianismo ao ler aquelas páginas. Foi assim que a primeira igreja de Pyongyang nasceu e prosperou, mas foi fechada assim que Kim Il-sung assumiu o poder. Décadas mais tarde, enquanto escavavam o terreno onde está localizada a UCTP, os operários encontraram o sino que pertencera à primeira igreja. Até aquele momento, ninguém fazia ideia de que os alicerces da faculdade pertenciam a Deus.

– Isso é o que chamamos de obra divina – sussurrou ela.

Meu cinismo viu naquilo uma boa história de relações públicas. A faculdade precisava de muito dinheiro para arcar com os custos diários de funcionamento. A maior parte vinha de igrejas, e nada vende mais do que a história de um milagre. Mesmo assim, naquele momento, preciso admitir que queria acreditar na história. Queria que uma força divina, qualquer força de fora, interviesse ali. Queria muito acreditar naquele Deus que tinha planejado uma caça ao tesouro particular para os fiéis ao esconder um sino sob os alicerces da UCTP.

9

DUAS SEMANAS HAVIAM SE PASSADO, embora eu estivesse perdendo a noção do tempo. A maioria de nós não estava apenas cansada, mas também inquieta. “Tudo bem, já deu para mim. Gosto dos alunos, mas preciso respirar”, disse Rachel. Katie contou que, às vezes, ficava desesperada para voltar para casa. Um professor estadunidense do Meio-Oeste disse: “Eu só quero poder entrar no meu carro e ir até uma loja quando me der na telha. Isso parece um luxo tão grande por aqui”. Tinham ido para a UCTP por conta da profunda fé que nutriam por Deus e por seu desejo de pregar o evangelho, mas até mesmo eles estavam sendo sobrepujados por aquele lugar.

Encontramos um pouco de alívio ao conversar sobre um passeio que os professores faziam ao Myohyang-san (Monte Myohyang), um destino turístico popular fora de Pyongyang. O Monte Myohyang era uma das poucas montanhas abertas para estrangeiros. Diziam que todas as outras eram desoladas e estéreis devido à crise econômica e à Grande Fome de meados da década de 1990. Naquela época, as pessoas recolhiam de tudo para usar como alimento e combustível, e não deixavam nada no solo. E a situação talvez se devesse também à Campanha Em Busca de Novas Terras, de Kim Il-sung, no fim dos anos 1970, que acarretou desmatamento por todos os lados. Meus colegas estavam empolgados com a perspectiva de explorar a montanha. Para mim, porém, ela era um ponto turístico isolado, e era muito improvável que eu descobrisse algo novo sobre a Coreia do Norte por lá.

A excursão para o Monte Myohyang começou às sete e meia da manhã. Nem todos os professores quiseram participar. Alguns não se interessaram e outros não queriam pagar pelo passeio. Toda saída custava caro, dos gastos com combustível e ingressos às refeições. Katie e eu nos sentamos perto do fundo do ônibus para evitar os olhos aquilinos de nossos dois seguranças, que eram quase uma representação do “policial bonzinho” e do “policial durão”. O sr. Ri era o que aparentava ser tranquilo, ao passo que o sr. Han era rabugento, com uma predileção pela história coreana. Katie sussurrou

para mim que eu deveria tomar cuidado, pois o sr. Han ficava o tempo todo na minha cola. Eu não conseguia nem mesmo ir ao banheiro sem que ele me perguntasse aonde eu estava indo, ao que eu respondia: “Você pode simplesmente me seguir até lá se está tão curioso”. Isso o fazia ficar quieto.

O dr. Joseph nos alertou de que, durante a viagem de ônibus, não devíamos tirar fotos sem permissão, pois, se alguém de fora nos visse tirando fotos e denunciasse nosso veículo, nossos seguranças poderiam ter problemas. Não havia, porém, nada que valesse a pena fotografar ao longo da rodovia de 160 quilômetros que se estendia entre Pyongyang e o Monte Myohyang. A paisagem que nos cercava de ambos os lados era tão pacífica e imaculada quanto a que tínhamos visto a caminho da fazenda de maçãs. Vez ou outra, avistei o que pareciam ser fazendeiros cultivando a terra, pessoas andando de bicicleta ou caminhando ao longo da estrada, além de crianças de aspecto sujo sentadas em bandos, no meio da rodovia, como se estivessem em um parquinho. De vez em quando, ao longe, divisava o que pareciam ser vilarejos – fileiras idênticas de casas e um grande edifício de concreto que parecia uma escola, além dos inevitáveis *slogans* e retratos em prédios e *outdoors*. A maioria das casas era térrea, da cor de cimento claro, com telhados mais escuros de telhas, mas algumas delas tinham de três a quatro andares, grandes o suficiente para abrigar várias famílias. Poderiam ser apenas casas-modelo decrépitas para as quais ninguém havia se mudado, ou cidades-fantasma das quais as pessoas tinham fugido. Não passamos por nenhum carro durante os noventa minutos que levamos para chegar ao nosso destino.

Passamos, no entanto, por dois postos de controle, onde guardas portando cassetetes de metal fizeram sinal para que parássemos. Nas duas ocasiões, o ônibus parou e o sr. Han mostrou ao guarda um documento que ele trazia no bolso da frente. Os guardas trajavam os mesmos uniformes – azuis com colarinho branco – usados pelas controladoras de trânsito de Pyongyang, que são sempre mulheres. Elas muitas vezes são fotografadas por estrangeiros enquanto executam movimentos cuidadosamente coreografados, quase robóticos, para direcionar o trânsito relativamente tranquilo da capital. Aqueles guardas, porém, claramente não estavam interessados no trânsito.

Como de costume, nossa programação tinha sido planejada nos mínimos detalhes. Primeiro, tivemos de encomendar o almoço no Hotel Hyangsan, depois ir até o Centro de Exposição Internacional da Amizade antes de

voltar para comer. O Hotel Hyangsan era uma construção típica dos anos 1980, com uma parte interna de mármore que passava a sensação de estarmos em um Hotel Hilton antiquado e de segunda categoria. Vi cinco ou seis mulheres agachadas em frente ao estabelecimento, cortando a grama com uma tesoura. Essa era uma visão familiar àquela altura, mas não deixava de ser estranha. Eu já tinha visto funcionários fazendo a mesma coisa na UCTP e até mesmo nos parques de Pyongyang. O resto do mundo usava cortadores de grama, mas ali as coisas eram diferentes. Seria uma questão de controle ou apenas faltava combustível? Se as pessoas estivessem sempre se agachando em espaços públicos para manter a glória de seu Grande Líder, isso faria com que acreditassem nele mais ardorosamente? Eu já tinha ouvido falar que os degraus das pirâmides maias eram excessivamente íngremes de propósito, para que as pessoas não tivessem escolha senão subir ajoelhadas.

Na semana anterior, quando nosso ônibus chegou à faculdade depois de uma saída de compras, vi meus alunos do lado de fora, agachados e arrancando ervas daninhas, não muito diferente das mulheres em frente ao Hotel Hyangsan. Na carta que escreveram para mim depois disso, um deles disse: “Você pode ter estranhado quando nos viu perto do jardim do seu alojamento, mas é algo de que gostamos e que nos faz bem, e é nosso dever para com nosso Grande Líder”. Tive a impressão de que talvez aquilo tivesse ferido seu ego.

Dirigimos por cinco minutos até chegar ao Centro de Exposição Internacional da Amizade, que consistia em duas construções de aspecto semelhante a cerca de duzentos metros uma da outra, projetadas ao estilo dos palácios coreanos tradicionais. Em cada uma delas, havia dois soldados guardando o pesado portão de metal. A taxa de entrada era de catorze dólares por pessoa. Como sempre, fomos recebidos por uma jovem que seria nossa guia. Primeiro, fomos orientados a cobrir nossos sapatos com proteções de pano para não sujar o piso de mármore. Em seguida, disseram que tínhamos de deixar todos os nossos pertences na chapelaria e passar por um detector de metais. Câmeras eram proibidas. Em seguida, fomos revistados um a um, como em um aeroporto. Por fim, fomos levados para a parte interna, onde vimos um conjunto de carros pretos e um vagão de trem que Kim Il-sung havia ganhado de Stalin e de Mao Tsé-Tung. Um mostrador digital na parede exibia a quantidade de presentes contidos ali: 225.954 itens de 184 países, indicados por pontinhos vermelhos que

piscavam em um mapa. Cada cômodo desembocava em outro cômodo apinhado de coisas, e a guia explicou que, mesmo que nos demorássemos apenas um minuto para analisar cada presente, levaria um ano e meio para ver todos eles. Além disso, mesmo depois de sua morte, Kim Il-sung continuava recebendo presentes.

Depois, ela começou a descrever os presentes que estavam à nossa vista, um de cada vez. A réplica de Mangyongdae, a casa em que Kim Il-sung nasceu, era feita de marfim e foram necessários noventa e seis membros do Partido Comunista da China e um ano inteiro para terminá-la. Havia uma rocha de Madagascar com cem milhões de anos, contou-nos a guia. Também havia uma porção de presentes de Robert Mugabe e Fidel Castro. Madeleine Albright havia presenteado o Grande Líder com uma taça de prata em 25 de outubro de 2000. Além disso, havia uma escultura de um grou dada por Billy Graham em 2 de abril de 1992, com a inscrição “Para Sua Excelência”.

Em seguida fomos conduzidos por um longo corredor, repleto de fotos de girafas, elefantes e leões. A guia explicou que aqueles animais também foram dados de presente a Kim Il-sung e estavam no Zoológico Central Coreano, em Pyongyang. Por fim, chegamos a um cômodo com um quadro enorme e cheio de números na parede, indicando que Kim Il-sung tinha visitado dezesseis países cinquenta e quatro vezes ao todo, e viajado 52.480 quilômetros. Katie e eu começamos a fazer anotações e o nosso segurança franziu o cenho para nós. Quando dissemos a ele que Katie estava interessada em ingressar em um curso superior de Juche, sua expressão se suavizou.

Supostamente, Kim Il-sung havia recebido 5.050 funcionários de alto escalão de diferentes governos e se reunido com 65 mil pessoas importantes de vários países. Havia mil centros de pesquisa Juche espalhados em cem países diferentes e 69.102.830 traduções das obras de Kim Il-sung estavam presentes em 106 países. Existiam 450 ruas nomeadas em homenagem a Kim Il-sung em cem países, e ele recebera oitenta títulos honoríficos de universidades ao redor do mundo, bem como 180 medalhas de vinte países diferentes.

Um conjunto de números em especial me deixou intrigada: o quadro dizia que 172 países ofereceram 166.065 presentes no total. Quando perguntei por que esse valor era diferente da quantidade de presentes citada no primeiro cômodo, a guia explicou que o número maior incluía presentes

para Kim Il-sung, Kim Jong-suk e Kim Jong-il, e que o outro mostrava apenas presentes destinados a Kim Il-sung.

Depois disso, fomos levados a um grande cômodo com uma estátua de cera colossal do próprio Kim Il-sung, de pé contra um pano de fundo cheio de Kimilsungias cor-de-rosa (flores híbridas criadas em homenagem ao Grande Líder; as que levam o nome de seu filho são chamadas de Kimjongilias) e o que parecia ser o Monte Baekdu. A figura sorria como se estivesse nos cumprimentando. Fomos informados de que era obrigatório formar uma fila e prestar reverência à estátua. Naquele momento, pensei em como ele havia se tornado familiar depois de termos passado duas semanas cercados por seus retratos e suas palavras, ouvindo o nome dele em todos os contextos imagináveis. E, por um instante, realmente parecia que ele estava sempre conosco.

A guia explicou que havia duzentos cômodos no total, que os presentes eram divididos de acordo com o país de origem e o ano e o mês em que foram recebidos, e que havia tantas coisas nas diversas salas que era impossível ver tudo. Por isso, visitaríamos apenas dois dos cômodos, aqueles que continham presentes dos Estados Unidos e da Nova Zelândia. Ela nos conduziu por um corredor e tentou abrir uma porta, que estava trancada, e depois sumiu por alguns minutos. Quando voltou, disse que os cômodos que pretendia mostrar estavam trancados naquele dia e que, em vez deles, visitaríamos o outro prédio. Um dos professores cochichou que, levando em conta que a taxa de entrada era de catorze dólares por pessoa, parecia quase indelicado que não nos mostrassem nenhuma das salas especiais. Mas não tínhamos o direito de opinar sobre o assunto e tivemos de sair do local sem demora.

O outro prédio, que ficava bem ao lado do primeiro, parecia um pouco menor, mas ambos eram idênticos nos outros aspectos. Calçamos novamente as proteções de pano e fomos revistados, e a exposição de presentes começou igual à anterior. O *tour* teve início no cômodo geral, com presentes da Coreia do Sul, incluindo 850 itens enviados por Kim Dae-jung, o ex-presidente sul-coreano conhecido por sua Política do Sol, que envolvia uma maior cooperação política e econômica com a Coreia do Norte. A empresa sul-coreana Ace Furniture, cujo presidente era natural da Coreia do Norte, tinha doado 350 móveis da melhor qualidade para o local, incluindo mesas, cadeiras e armários, os quais, explicou a guia, representavam tudo o que a fábrica tinha produzido ao longo de cinco

meses. (Isso não poderia ser verdade. Aquela empresa era a principal fabricante de móveis na Coreia do Sul e certamente tinha produzido mais coisas durante aquele período.) Ali, também havia os familiares números piscando na tela: 170 países e um total de 59.864 presentes. Fomos informados de que aquilo representava apenas presentes para Kim Jong-il e era diferente do primeiro conjunto de números do outro prédio. Àquela altura, porém, havia tantos números se embaralhando na minha cabeça que não dei muita bola para nenhum deles.

Em seguida, fomos conduzidos por um corredor, também decorado com fotos de animais selvagens, até um cômodo onde os presentes estavam divididos por países. Havia uma bandeja de prata e um relógio de ouro da Câmara dos Representantes dos EUA, um vaso de flores azul dos delegados do Congresso dos EUA e uma escultura de cristal cor-de-rosa do Conselho Nacional de Cristãos. Ali também havia dois nomes familiares: em 1º de abril de 1992, Billy Graham presenteara o Grande Líder com um globo rodeado de pombas brancas e, em 2006, Madeleine Albright lhe dera uma bola de basquete autografada por Michael Jordan. A declamação interminável da lista de presentes estava começando a me deixar tonta.

Finalmente, fomos levados a uma sala com uma estátua de mármore de Kim Jong-il, sentado em uma poltrona em frente a uma parede iluminada, de modo a se assemelhar ao nascer do sol; seu rosto era impassível. Lembrei-me das palavras que adornavam o topo do prédio de TI na UCTP: “VIDA LONGA AO GENERAL KIM JONG-IL, O SOL DO SÉCULO XXI!”. Tivemos de prestar reverência ali também. Mais uma vez, nossa visita terminou sem que pudéssemos ver nenhum dos outros cômodos.

O Monte Myohyang era lindo, entretanto. A natureza não mentia, embora tivesse me ocorrido que, ali, até a natureza poderia fazer isso, já que estavam nos mostrando apenas uma parte da famosa montanha durante o passeio. A guia nos disse que estávamos perto de Bohyunsa, o templo budista onde o famoso monge Suhsan havia se reunido com seus seguidores para repelir o ataque dos japoneses no século XVI, ainda que não fôssemos passar por lá. Embora o templo de fato exista, não vi nenhuma evidência de que budistas já tivessem passado por aquela montanha. A única coisa que vi foram as enormes palavras “O herói lendário, Kim Jong-il” entalhadas no lado rochoso da encosta. Fora isso, a montanha estava vazia. Em quase qualquer outro lugar do mundo, um local como aquele estaria apinhado de famílias em uma tarde de sábado. E, no entanto, durante todo o tempo que

passamos ali, vimos apenas um grupo de crianças em uma excursão escolar. Elas se aglomeraram ao nosso redor e tiraram fotos com a gente, mas logo seus professores apareceram, interromperam a nossa sessão de fotos e levaram as crianças embora.

Comecei a bater papo com alguns dos professores mais velhos, que estavam descansando um pouco enquanto os professores mais jovens continuavam a escalada. Um deles estava na casa dos setenta e tinha nascido em Pyongyang. Contou que o pai fora um dos homens mais ricos do país antes da guerra e possuía uma casa e outras propriedades onde agora ficava o Grande Palácio de Estudos do Povo. Logo após a guerra, Kim Il-sung confiscou todas as propriedades privadas e realocou famílias por várias partes do país, da mesma forma que Mao havia feito durante a Revolução Cultural. As famílias foram separadas não apenas entre a Coreia do Sul e a do Norte, mas também dentro do próprio país. Isso explicava por que, toda vez que eu perguntava “Onde fica seu *bonjuk*?” a um norte-coreano – algo comum de se dizer a um estranho na Coreia do Sul –, a pessoa respondia que não existia nada do tipo na Coreia do Norte. Descobri que, em vez disso, a Coreia do Norte tinha um sistema de castas não oficial chamado *songbun*, de acordo com o qual os cidadãos eram divididos em três classes principais e cerca de cinquenta subclasses, com base em seus antecedentes políticos, sociais e econômicos, e, embora fingissem que tal hierarquia não existia, isso afetava sua mobilidade social. O governo tinha conseguido acabar com o antigo sistema de clãs e o substituíra por seu próprio sistema. Muitos norte-coreanos não podiam mais se valer do apoio de parentes além de pai, mãe e filhos, e não tinham com quem contar, a não ser com seu Grande Líder. Não era de se espantar, então, que não houvesse nenhum artefato histórico digno de nota naquela montanha famosa, visto que a história em si representava um obstáculo ao fortalecimento do mito do Grande Líder.

Outro membro do nosso grupo, uma mulher coreano-estadunidense de sessenta e poucos anos, me contou sobre a fuga penosa de sua família para o sul durante a guerra. Ela tinha apenas oito meses de idade quando a mãe decidiu ir para o sul de Shinuju, a pontinha noroeste da Coreia do Norte. A família dela fora uma das primeiras a se converter ao cristianismo naquela região, e o pai já havia partido para o sul para fundar uma igreja. Então, a mãe fez as malas e começou a jornada com três filhos a tiracolo. A certa altura, alguém lhe recomendou que abandonasse a filha de oito meses, pois

a bebê poderia chorar e chamar a atenção dos soldados. Mas a mãe não a abandonou e, milagrosamente, conseguiu chegar ao sul e se reencontrar com o marido. Tempos depois, durante a década de 1990, o pai dela, com oitenta e poucos anos àquela altura, voltou para Shinuju com um grupo de ajuda humanitária. Implorou às autoridades que o deixassem visitar os irmãos, que moravam dentro dos limites da cidade e ele não via há mais de quarenta anos. Não lhe deram autorização. Então, aos 96 anos de idade, pediu à filha que anotasse tudo o que visse para que tomasse nota de tudo que visse para que ele pudesse ter um último vislumbre de seu lar antes de morrer.

Pensei em como, em meio a tudo aquilo, o Monte Myohyang se erguia na direção do céu, vazio e desnudado, uma das encostas entalhadas para expressar lealdade ao Grande Líder, um resquício deformado do que antes fora um grande tesouro, inteiramente negado ao povo da Coreia do Sul e talvez negado à maioria do povo norte-coreano também.

Nesse momento, o sr. Han apareceu para perguntar sobre minha programação diária, o que parecia uma pergunta estranha de se fazer no meio de uma caminhada. Disse a ele que geralmente me recolhia antes das dez, às vezes até mais cedo, lá pelas oito.

– Então você acorda às cinco da manhã? – ele quis saber.

Pode ter sido um palpite inocente, mas foi tão repentino... Então me lembrei de que enviara um e-mail para o meu namorado dizendo que acordara às cinco da manhã e, de repente, a paranoia tomou conta de mim. Será que eu tinha revelado mais do que gostaria naqueles e-mails?

Lembrei-me de outros comentários que o sr. Han tinha feito nas duas semanas anteriores. Por exemplo, ele dizia coisas como: “Camarada Suki, fiquei sabendo que você e a camarada Katie são as professoras mais populares e os garotos são malucos por vocês. Talvez adotem um ‘estilo americano’ livre demais ao lecionar e eu deva dar uma olhada nas suas aulas, ha-ha-ha”. Ou então: “O que tem na sua bolsa? Eu gosto tanto de você, mas você sempre esconde as coisas de mim. Por que fica o tempo todo agarrada com essa bolsa? Tem algum segredo aí que você está escondendo de mim?”. A cada comentário desses, meu coração parava. É claro que eu tinha um segredo, muitos segredos, e levava a bolsa comigo para todos os cantos porque dentro dela estava o *pen drive* com todas as minhas anotações para este livro. Eu nunca salvava uma cópia no meu disco rígido, e muitas vezes ficava apreensiva pensando que, um dia, ele exigiria

revistar minha bolsa e destruiria o *pen drive*. Por isso, mantinha cópias dos documentos em três pen drives, dois dos quais ficavam escondidos no meu quarto. O terceiro eu levava comigo o tempo todo. Também passei os documentos para o cartão SIM da minha câmera. E, mesmo com tudo isso, continuava com medo de que fossem encontrados e eu ficasse sem nada.

Na viagem de volta, ao cair da noite, os seguranças estavam nervosos. Um dos professores mais velhos tinha escorregado e acabara se machucando, e teríamos de levá-lo ao hospital para estrangeiros no bairro diplomático de Pyongyang. Os seguranças fizeram uma parada no Hotel Hyangsan para verificar se lá poderiam oferecer algum atendimento emergencial, mas não havia nenhum. Eles pareciam preocupados por nossa programação ter sido atrasada e não paravam de dizer um ao outro que não deveriam dirigir por aí durante a noite. Alguém perguntou se havia algum toque de recolher na cidade e eles responderam que não, mas, ao que tudo indicava, parecia haver sim, ainda que não fosse oficialmente. Entre seis da tarde e sete e quarenta da noite, o tempo que levamos para chegar a Pyongyang, passamos novamente por pelo menos três grupos de crianças sentadas na rodovia. Elas pareciam ter entre cinco e dez anos de idade. Estava na hora do jantar, e não era comum que houvesse crianças sentadas sozinhas no meio de uma rodovia, mas é claro que não poderíamos perguntar o significado daquilo. Apesar da hora avançada, pude ver os fazendeiros arando o solo ao longe. Vez ou outra, avistava mulheres em trajes formais caminhando ao longo do acostamento, o que era curioso, visto que não havia nada atrás de nós e nenhum lugar para onde elas pudessem estar indo a pé. Também não tínhamos cruzado com nenhum ônibus nem com carros pelo caminho, e eu sabia que não havia pontos de ônibus por perto, e estava anoitecendo depressa.

Não havia luzes acesas em nenhuma das casas pelas quais passamos. Talvez não estivesse escuro o suficiente para justificar que luzes fossem acesas... e, no entanto, durante todo o trajeto, não vimos uma única janela iluminada. Ou eles não tinham eletricidade ou houvera um apagão, o que não era incomum naquele país. Mas eu nunca tinha estado em um lugar como aquele, em que não se ouvia um som sequer. Por “som” não me refiro a ruídos no sentido literal, mas ao som da vida, aos sinais da vida que acontecia por trás daquelas portas. Não vi nem cães nem crianças correndo, nenhuma fumaça de chaminé, nenhum lampejo de cor vindo de uma TV, e isso me deixou profundamente perturbada. E, ainda assim, o que mais me

incomodou foi o fato de que eu não sabia e nunca saberia qual era a verdade por trás do que meus olhos viam.

De súbito, lembrei-me de um filme holandês a que havia assistido, chamado *The Vanishing*. Uma jovem desaparece em um ponto de parada na rodovia e seu namorado, aflito, passa anos tentando descobrir o que aconteceu com ela. Quando ele enfim consegue localizar o homem que poderia tê-la sequestrado, é confrontado com uma escolha: *Quer que eu faça com você o que fiz com ela ou quer passar o resto da vida sem saber o que aconteceu? Essas são as duas únicas opções*. Você sabe, assim como ele, que a verdade certamente será horrível, mas não consegue abafar a necessidade de descobrir o que aconteceu, e o filme acaba com ele acordando em um caixão, enterrado vivo.

Ao mesmo tempo era impossível *não* saber o que estava acontecendo naquele país. A resposta estava bem diante dos meus olhos. Pessoas pequenas, escuras, esqueléticas e com olhos mortiços. Uma paisagem desprovida de qualquer sinal orgânico de vida. Lembrei-me de como Katie sussurrara a palavra “escravos”. E, quando eu via meus alunos marchando, pensava na palavra “soldados”. Em todo canto que olhássemos, lá estavam eles: soldados e escravos.

No fim das contas, o professor que sofreu o acidente precisou levar três pontos. O hospital para estrangeiros cobrou dezessete dólares pelo serviço, o que era muito caro para os padrões locais. No atendimento, não foi usado nenhum anestésico e nenhum antibiótico foi oferecido ao professor. Nem mesmo o médico da faculdade tinha algum remédio para receitar. Em vez disso, recomendaram que verificássemos se havíamos trazido conosco algum antibiótico adequado e o homem acabou tomando o Cipro que tinha levado na mala.

MAIS TARDE NAQUELA NOITE, Sarah me confidenciou que estava muito feliz por enfim ter visto as montanhas. Muitos de seus alunos cresceram em zonas rurais, então escreviam com frequência sobre as montanhas e sobre caçar sapos e libélulas. Disse que aquilo soava lindo e livre, mas, enquanto ela falava, percebi que nada daquilo fazia sentido. A infância dos alunos não poderia ter sido tão idílica.

Todos os alunos de Sarah tinham nascido alguns anos antes de 1997, o pior período da Grande Fome. Naquela época, a Coreia do Norte estivera à beira de um colapso. Mesmo que os garotos pertencessem a uma classe

privilegiada, não poderiam ter sido poupados da fome e da privação que os cercava. Por esse motivo, eu não sabia que conclusão tirar das redações felizes que ela tinha mencionado. Será que todos eles foram treinados para só dizer coisas boas sobre a infância? Eu queria acreditar nas coisas que os alunos diziam. Queria acreditar que algumas crianças não tinham sido totalmente afetadas pela escassez mortal de alimentos, que parecia ter debilitado o povo norte-coreano de forma permanente, tanto no âmbito emocional quanto no físico. Parecia injusto desejar que a classe dominante tivesse sido poupada das misérias sofridas por seus conterrâneos, mas eu convivia com os alunos diariamente e era reconfortante saber que aquelas crianças, que cresceram e se tornaram jovens bons e amáveis, talvez tivessem escapado da miséria.

Ocorreu-me então que nenhum dos meus alunos havia escrito sobre ter crescido em meio às montanhas ou sobre caçar libélulas. A maioria deles era de Pyongyang e tinha pais poderosos. Então me dei conta de que Sarah dava aulas para alunos do segundo ano e eu lecionava para calouros. Os alunos do segundo ano compunham a primeira turma da UCTP e tinham se matriculado no ano anterior, ao passo que meus alunos haviam chegado apenas três meses antes, em abril. Desde o início, fiquei intrigada para saber como as contrapartes decidiam qual professor lecionaria para qual turma. Parecia que estavam tomando mais cuidado com os alunos mais novos. Os professores selecionados para dar aulas para os calouros pareciam mais qualificados no ensino de escrita do que os outros, e contávamos com a ajuda de professores assistentes. Será que os calouros pertenciam a um estrato social ainda mais elevado que o dos alunos de segundo ano? Se esse fosse o caso, por que aquela universidade recém-inaugurada e dirigida por estrangeiros atraía, de uma hora para outra, alunos que pertenciam à nata da sociedade?

Então, a noção furtiva de todo o arranjo voltou à minha mente. Concluí que a decisão de fechar as universidades provavelmente fora tomada na primavera anterior; caso contrário, os alunos do segundo ano e os calouros pertenceriam à mesma classe social. Alguma coisa devia ter acontecido naquele ano para levar o regime a fechar todas as universidades, de modo que aqueles que estavam no poder tiveram de tirar os filhos de suas antigas escolas às pressas e matriculá-los na UCTP. Algo grande estava em andamento.

10

NA MINHA TERCEIRA SEMANA, acordei certa manhã sem me sentir confusa com o que havia ao meu redor. Já tinha me acostumado a amarrar um moletom em volta da cintura antes de correr, para o caso de meu short ser considerado indecente. Durante as corridas, passei a considerar marcadores de distância a Torre da Eternidade e os painéis vermelhos ornados com letras brancas aclamando Kim Jong-il como “O SOL DO SÉCULO XXI!”. Trilhava o mesmo caminho várias vezes ao correr, a chaminé de fábrica sempre à vista, e sabia, mesmo em dias nublados, que a cidade de Pyongyang ficava naquela direção. Já não me sentia incomodada com a música extremamente alta que saía dos alto-falantes externos às sete da manhã, e a visão dos alunos marchando havia se tornado estranhamente reconfortante. Depois do jantar, os alunos, vestindo moletom e tênis, saíam para cuidar dos jardins, cada um munido de um balde. Percebi então que vê-los arrancar ervas daninhas com tanto cuidado, algo que parecera estranho apenas algumas semanas antes, havia se tornado parte do meu ritual noturno.

Devo admitir que, durante o tempo que passava com meus alunos, havia alguns momentos em que me sentia feliz. Levávamos uma vida simples, seguindo a mesma rotina todos os dias, sem muito tempo para reflexões supérfluas. O fato de eu nunca poder sair do *campus* sozinha, de não ter permissão para fazer perguntas livremente a ninguém, de não ter acesso a um telefone, de não me ser permitido sequer um vislumbre sem filtro do restante do país... todas essas coisas ficaram em segundo plano. A cada dia, eu pensava menos no mundo exterior. Não que tivesse deixado de sentir sua falta, pelo contrário: passei a aceitar que não adiantava pensar no assunto, já que estava completamente fora do meu alcance. Meu lar estava muito longe daquele *campus* e daquele país. Naquele momento, lar era um conceito extremamente abstrato, assim como meu namorado, por mais que a saudade que eu sentia dele permanecesse escondida em algum canto do meu coração, que, vez ou outra, ainda pulsava. Mas até isso aprendi a conter,

para ser exatamente o que eles queriam que eu fosse: uma professora de inglês em Pyongyang.

Pela primeira vez na vida, o simples ato de pensar colocava a minha sobrevivência em risco.

AGORA, DE VOLTA A NOVA YORK, às vezes me pego ansiando por aquela época em que minha antiga vida não tinha mais importância, quando eu sabia exatamente como cada dia seria. Mas esses momentos de nostalgia são passageiros. Quando digo que levava uma vida simples em Pyongyang, isso era verdade apenas na aparência. Na terceira semana, alguma coisa mudou dentro de mim com relação aos meus alunos. Nas duas primeiras semanas, eles pareciam bons demais para ser verdade. Eram ambiciosos, educados e esforçados. “O paraíso dos professores” (como alguns dos professores chamavam) não era um exagero. Nenhum aluno estadunidense era tão obediente quanto aqueles. Assim que eu entrava na sala de aula, todos se levantavam ao mesmo tempo e só tornavam a sentar quando eu mandava. Gritavam todas as respostas juntos, ouviam atentamente tudo o que eu dizia e exigiam mais lição de casa. Quase me sentia um sargento, em vez de uma professora de inglês. Nunca fui tão venerada. Sarah até comentou que tinha vontade de ficar lá para sempre. Outro professor coreano-estadunidense declarou que, se não fosse pelos retratos de Kim Il-sung e Kim Jong-il nas salas de aula, seria quase possível pensar que se tratava de alunos sul-coreanos, embora nem os da Coreia do Sul fossem tão comportados.

O professor estava redondamente enganado. Eu os adorava, é claro. Ver o rostinho deles me enchia de ternura instantaneamente e, durante as refeições que fazíamos juntos, a conversa corria com tanta naturalidade que frequentemente levávamos bronca da mulher sino-coreana que cuidava do refeitório, pois éramos os últimos a sair. Mas, ainda assim, eu estava ficando cada vez mais perturbada com a facilidade com que mentiam.

Certa vez, um aluno me perguntou se eu gostava de flores. “Gosto”, respondi, “mas não tenho jardim em Nova York, então geralmente compro flores na floricultura”. O aluno retrucou em seguida: “Eu também. Antes de vir para a UCTP, nunca tinha plantado flores. Só comprava em supermercados”. Eu nunca tinha visto flores recém-colhidas em qualquer loja de Pyongyang. Em outra ocasião, um aluno levantou-se da mesa na hora do almoço e disse: “Bem, hora de ir para a loja. Temos de nos preparar

para uma festa de aniversário, então precisamos comprar algumas coisas”. Não havia nenhuma loja no *campus* àquela altura (a UCTP abriria uma mais tarde, naquele semestre), e Katie perguntou se ele tinha permissão para ir às compras fora do *campus*. Nesse momento, ele fingiu que não entendia inglês e foi embora.

Em várias ocasiões, tive de dar falta para algum aluno por ele não ter comparecido à aula ou a uma refeição. Em todas as vezes, a turma inteira me dizia que o aluno ausente estava com dor de barriga, como se não existisse mais nenhuma outra doença. Depois que comecei a determinar com antecedência quem ia se sentar comigo em cada refeição, às vezes chegava ao refeitório e via que um aluno tinha substituído o outro. Certa vez, quando perguntei sobre o paradeiro do aluno ausente, seus dois colegas responderam ao mesmo tempo: “Ah, ele está com dor de barriga”, disse um, enquanto o outro dizia: “Ah, ele foi cortar o cabelo”. Então, perguntei: “Qual dos dois? Ele foi cortar o cabelo ou está doente?”. Ao que ambos responderam, sem hesitar: “Ah, ele saiu para cortar o cabelo, mas ficou com dor de barriga”.

Alguns minutos depois, vi o aluno que supostamente estava doente jogando basquete, parecendo alheio ao fato de que seus colegas tinham se esforçado tanto para acobertá-lo. Ocorreu-me que era perfeitamente possível que ele nem fizesse ideia disso. Percebi que a turma toda tinha visto que ele havia faltado e imediatamente seus colegas ocuparam seu lugar à mesa, dando uma desculpa para sua ausência. Havia algo comovente nessa camaradagem, mas, ao mesmo tempo, era enervante constatar com que rapidez mentiam. Era algo muito natural para eles – como na vez em que um aluno me contou que havia clonado um coelho quando estava na quinta série, ou quando outro disse que um cientista de seu país descobrira um jeito de mudar o sangue de tipo A para o de tipo B, ou então quando a classe inteira teimou que jogar basquete fazia a pessoa ficar mais alta. Eu não sabia ao certo se, por terem ouvido muitas mentiras quando eram crianças, eles não conseguiam mais diferenciá-las da verdade, ou se era apenas um método de sobrevivência que passaram a dominar.

Um aluno, que tinha um inglês quase fluente e entregava as lições de casa com a gramática quase impecável, afirmou que não sabia uma única palavra de inglês até poucos meses antes, quando havia chegado à UCTP. Ao contrário de seus colegas de classe, que, em sua maioria, tinham feito pelo menos quatro anos de inglês no ensino fundamental, ele havia

estudado chinês como segunda língua e tivera de começar do zero. Isso parecia surpreendente. Como eu mesma havia aprendido inglês como segunda língua, sabia que era praticamente impossível que um jovem de vinte anos se tornasse fluente em um idioma em apenas três meses.

Em algumas manhãs, a turma toda parecia particularmente cansada, mas quando eu perguntava o que tinham feito na noite anterior, eles respondiam: “Nada de mais”. Eu me perguntava se eles haviam tido problemas durante as aulas de Juche. Às vezes, todos eles anunciavam, juntos, que não participariam das aulas extras naquele dia, dizendo que tinham uma reunião.

O tema do livro didático na terceira semana era “honestidade”, então decidimos brincar de “Verdade ou mentira” mais uma vez. Esperávamos, entre outras coisas, que aquilo os incentivasse a se abrir mais. Quando escrevemos uma frase na lousa sobre uma mulher namorando um homem quatro anos mais novo, todos os alunos imediatamente gritaram: “Mentira! Isso é impossível. Mulheres não namoram homens mais novos que elas”. Com base nisso, concluímos que isso devia ser um tabu, pelo menos entre eles. O conceito de concurso de beleza também era uma novidade para eles. Nunca tinham ouvido falar, por exemplo, do concurso de Miss Coreia. Achei isso irônico, considerando que, até então, eu tinha visto apenas mulheres trabalhando como guias ou controladoras de tráfego, ou então como funcionárias em restaurantes e hotéis, e todas elas eram jovens e bonitas. Além disso, de acordo com alguns relatos, o próprio governo mantinha um grupo de lindas jovens conhecidas como *gippumjo* (Brigada do prazer), cuja única função era agradar e entreter Kim Jong-il e os líderes do Partido. Elas obrigatoriamente tinham de ser virgens e, pelo que diziam, as mulheres eram preparadas para esse papel desde muito novas.

Por outro lado, conceitos como “protesto” e “jornal estudantil” não pareciam surpreendê-los. Pela forma como respondiam, seria possível pensar que era perfeitamente comum que se reunissem para protestos políticos, que publicassem jornais estudantis e que dissessem o que quisessem.

Depois, Katie escreveu na lousa: “Eu adoro visitar as montanhas de Nova York e andar de esqui”.

“O que é esqui?”, alguns dos alunos sussurraram entre si em coreano.

Quando Katie perguntou quantos deles sabiam o que era esqui e se as pessoas esquiavam na Coreia do Norte, a maioria assentiu. Um aluno, que

mais tarde descobri se tratar do secretário da classe, levantou a mão e disse que já havia esquiado, mas quando perguntei onde, ele ficou quieto. Assim que Katie explicou o que era esqui, alguns alunos gritaram: “Mentira!”. Declararam que era impossível que Katie andasse de esquí, pois não nevava em Nova York. Eles não sabiam nada sobre o clima nova-iorquino, nem mesmo onde ficava Nova York, mas o mais notável era o fato de que não sabiam da existência de neve artificial, então eu duvidava que eles de fato soubessem o que era esqui. E não haveria o menor problema nisso, não fosse o fato de fingirem saber o que na verdade não sabiam.

Mas isso não quer dizer que todos eles mentiam o tempo todo. Se fossem sempre desonestos, eu teria tido dificuldade de amá-los. Mas não eram desonestos a todo momento, e nossas vidas diárias estavam praticamente mescladas. Do amanhecer ao anoitecer, eu fazia três refeições com eles, lia as cartas que escreviam sobre a própria vida, assistia a seus jogos de *Imagem & Ação*, basquete ou futebol. Mesmo que estivesse ficando decepcionada com o seu comportamento, ainda era muito fácil amá-los, não apenas porque partilhávamos muitas coisas, mas porque vim de um mundo em que aprendemos a confiar com mais facilidade.

CERTA NOITE, no corredor do alojamento, vi Lydia, uma professora do Mississippi de cinquenta e poucos anos, tirando uma foto de uma janela do terceiro andar. Como se quisesse justificar o porquê de estar fazendo aquilo, ela me disse que quase não tinha fotos de seus dias na Coreia do Norte e queria algo para ajudá-la a se lembrar. Tínhamos permissão para fotografar apenas alguns poucos lugares, e o *campus* era um deles. A vista daquela janela não era lá grande coisa: dois edifícios que serviam como alojamentos principais, adjacentes a um pátio que não passava de um pedaço de terra seca com tufo de grama a intervalos irregulares. Bem no meio dele havia uma pedra grande, na qual dois alunos estavam empoleirados fazendo lição de casa. Lydia comentou que sempre via alguns jovens sentados naquela pedra estudando e queria se lembrar dessa vista.

Naquela noite, ela parecia mais quieta que o normal, então perguntei o que estava achando de seus alunos. Por um instante, ela pareceu ter perdido a fala, mas, depois de pensar um pouco, disse que os alunos dali eram muito diferentes dos sul-coreanos para quem costumava ensinar inglês como língua estrangeira. Lydia havia passado catorze anos como missionária no Japão e um ano e meio na Coreia do Sul, e tinha até mesmo adotado uma

garotinha coreana, então aquela parte do mundo não era novidade para ela. E, ainda assim, sentia-se confusa quanto aos nossos meninos.

Em seguida, contou-me algo que acontecera no dia anterior. Ela tinha encostado no braço de um dos alunos para demonstrar o significado da frase “Ele torceu meu braço”, e o garoto literalmente se esquivara. Isso a tinha deixado intrigada, principalmente porque os alunos estavam sempre muito próximos uns dos outros: frequentemente os víamos andando de braços dados, ou envolvendo a cintura de um colega, ou até mesmo de mãos dadas. Então, ela perguntou por que ficaram tão incomodados com aquela pequena demonstração física de afeto por parte dela. Eles não responderam, então ela fez uma pergunta de múltipla escolha. Era por ela ser mais velha, por ser mulher ou por ser professora? Eles disseram que era por tudo isso e pediram que ela não repetisse o gesto. Reparei que ela não lhes tinha oferecido a opção de dizer que era por ser estrangeira. Os alunos geralmente preferiam professores coreanos. Muitos deles me disseram que era simplesmente porque se sentiam mais à vontade conosco. Quando mencionei essa possibilidade, ela declarou, hesitante: “Eu sei, mas isso eu não perguntei”. Falava com um sotaque sulista arrastado que parecia estranhamente familiar para mim – até mesmo mais familiar do que o sotaque coreano dos meus alunos quando falavam inglês. Em seguida, ela meneou a cabeça e disse: “O que me incomoda é que... eu simplesmente não sei quem eles são”.

Eu tinha começado a me sentir da mesma forma. Quando um aluno da Turma 1 disse, abertamente e sem o menor pudor, que a parte mais triste de perder o jogo de perguntas e respostas era que tinham sido pegos trapaceando e deveriam ter trapaceado melhor, fiquei imaginando se nunca lhes ensinaram que mentir era errado. Talvez se sentissem livres para continuar fazendo isso enquanto pudessem se safar. Seria possível que simplesmente não soubessem distinguir certo e errado?

Quando pensava nessas coisas, sentia uma pontada de antipatia por meus alunos, e sabia que, se esse sentimento continuasse crescendo, eu não teria escolha senão ir embora. Essa antipatia era quase instintiva. Da mesma forma que os alunos de Lydia tinham se retraído por causa do seu toque, comecei a me retrair internamente com relação àqueles que eram mais desonestos que os outros. Park Jun-ho, por exemplo, vivia me contando histórias elaboradas para justificar a ausência de algum aluno. Certa vez, dissera que Jun Su-young estava tão doente que fora levado de carro a um hospital grande em Pyongyang. E então ele meneava a cabeça, levava a

mão ao peito e dizia: “Professora, hoje é um dia difícil para a nossa turma. Eu realmente espero que ele esteja bem”. Eu me esforçava ao máximo para me manter impassível nesses momentos. Aqueles alunos eram capazes de ler as expressões das pessoas com uma rapidez impressionante. Pareciam quase treinados para isso. Conseguiram sentir quando a maré estava para mudar porque talvez as marés estivessem em constante mudança, e ninguém dizia o que pensava, de modo que a única forma de sobreviver era tentar superar o outro com joguinhos mentais.

Havia mentiras deslavadas também. No dia que pedi para entregarem o rascunho de uma redação sobre honestidade, cerca de um quarto da turma me disse que havia esquecido o dever de casa no alojamento. Quando pedi que fossem buscar, eles pararam por um instante e permaneceram em silêncio antes de admitir que não tinham feito a tarefa. Um aluno disse que o trabalho estava em seu caderno, mas quando pedi que me mostrasse, ele fez uma pausa e por fim admitiu que não tinha feito nada.

A paranoia gerava ainda mais paranoia. Relacionamentos não podem se desenvolver se não houver confiança, e a minha relação com os alunos começou a estagnar. Suas mentiras me mantinham afastada. Eu não poderia ir além com eles. Nos fins de semana, eu podia ver a turma toda cuidando dos jardins ou se exercitando às seis da manhã, mas, se eu lhes perguntasse o que haviam feito naquela manhã, responderiam que tinham dormido até tarde, até umas onze horas, e sentiam-se bastante descansados. Todos os alunos, sem exceção, diziam que aguardavam ansiosamente as férias para poder ver os pais e sair com os amigos. Embora alguns deles não tivessem ideia de onde estavam seus amigos, pareciam esperar que fossem voltar de algum canteiro de obras para o qual haviam sido mandados.

Eles próprios foram alvo de mentiras durante a vida toda. Pensei nisso certa noite, quando Rachel me chamou de lado e sussurrou: “Você já ouviu falar de Dangun?”.

Dangun é o mítico fundador da Coreia, cujo primeiro reino remonta a 2333 a.C. De acordo com a lenda, ele foi gerado quando Hwanung, o filho do Senhor do Céu, soprou na direção de um urso, que se transformou em uma mulher. Ao que tudo indicava, haviam ensinado aos alunos de Rachel que os restos mortais de Dangun foram escavados por Kim Il-sung em 1993, um ano antes de sua morte. (Obviamente, o intuito era incutir na mente das pessoas a ideia de que ele estava predestinado a governar a Coreia, bem como o filho dele, Kim Jong-il, que assumiria o poder em

1994.) Os alunos comentavam sobre sua vontade de visitar o túmulo de Dangun, que ficava em um subúrbio de Pyongyang. Rachel os achava extremamente crédulos e ingênuos, mas, bem, tinha sido ela quem vagara pelo terreno ao lado do alojamento dos professores, procurando o local onde o sino sagrado da primeira igreja de Pyongyang fora encontrado “por acaso” dentro do *campus* da UCTP. Todos nós acreditamos no que queremos acreditar. Se essas pessoas infelizes estavam tão desesperadas para se agarrar ao mito de que seu Grande Líder era o herdeiro legítimo de Dangun, quem poderia culpá-las? A culpa deve ser atribuída àqueles que espalharam essas histórias para controlar as massas.

E, desse modo, passei do amor à pena, à repulsa e à desconfiança, depois retornei à empatia e ao amor, e essas reviravoltas de sentimento eram confusas. Lembrei a mim mesma de que não vinha de um lugar onde jogos mentais eram necessários para a sobrevivência em um grau tão extremo, um lugar onde o menor ato de rebeldia poderia ter consequências inimagináveis.

Pouco a pouco, fui me acostumando com as expressões que eles faziam ao mentir ou ao dizer coisas de que se arrependiam, e desenvolvi a habilidade de distinguir quais declarações eram verdadeiras, quais alunos nunca saíam da linha e quais por vezes cometiam deslizes. Em algumas noites, porém, eu não estava disposta a entrar nesse joguinho de adivinhação. Nesses momentos, minha decepção era tão profunda que eu escolhia me sentar com alunos cujo inglês era mais básico, pois haveria menos chances de mentirem para mim.

Era uma sensação semelhante àquela que nos acomete quando partem nosso coração, e demorei um pouco para compreendê-la totalmente. Até que certa noite, depois do jantar, ao olhar para os alunos espalhados pelo pátio da faculdade, trabalhando nos jardins com os baldes em mãos – algo que parecia acontecer com mais frequência à medida que nos aproximávamos do Dia da Vitória, 27 de julho –, ocorreu-me que era tudo em vão, aquela fantasia de unificação coreana e os cinco mil anos de identidade da Coreia, porque a nação unificada fora rompida, irreparavelmente, em 1945, quando um grupo de políticos traçou uma linha ao acaso em um mapa, separando famílias que morreriam sem nunca se reencontrarem, com todo seu pesar, raiva e tristeza não correspondidos, os corpos voltando à terra, tornando-se parte daquela nação. Naquele dia, quando o sol, em um pesaroso tom cor de romã, se escondeu atrás da Torre

da Eternidade, atrás da coluna de fumaça da fábrica, atrás da cidade, da faculdade, atrás dos filhos da elite que, por um breve período, passaram a ser meus filhos também – aqueles filhos adoráveis e mentirosos –, pude ver, com muita clareza, que naquele lugar não poderia haver redenção.

11

DOMINGO, 24 DE JULHO, foi dia de eleição em Pyongyang. Para nós, porém, era um dia de oração. Os outros professores haviam pedido permissão para visitar uma das duas igrejas que existiam em Pyongyang, e ficou combinado que iríamos à igreja Bongsu. O presidente Kim nos acompanhou naquele dia e explicou que não era uma igreja de verdade, mas que devíamos respeitar o desejo dos norte-coreanos de nos mostrar que ali havia liberdade religiosa, o que não era verdade. O regime da RPDC é conhecido por se valer de detenções e até mesmo execuções para reprimir atividades religiosas não autorizadas.

Do ônibus, pudemos ver que havia um clima de comemoração no ar, e as ruas estavam apinhadas de gente. Muitas das mulheres usavam *hanboks* (vestido tradicional coreano) esvoaçantes e em cores vivas. Vi um novo *slogan* em um dos prédios: VAMOS TODOS PARTICIPAR DAS ELEIÇÕES E APOIAR A REVOLUÇÃO! Criancinhas em uniformes escolares – camisas brancas, saias ou calças azul-marinho e lenços vermelhos – cantavam alto e marchavam em grupos, balançando flores Kimjongilias e Kimilsungias de plástico e segurando uma placa com os dizeres: VAMOS CONSTRUIR NOSSA NAÇÃO SOCIALISTA PARA SEGUIR NOSSO GRANDE GENERAL KIM JONG-IL! Elas estavam reunidas em filas compridas a cada poucos quarteirões, em frente a grandes placas vermelhas que diziam: “Cabine de votação”. Ficamos sabendo que o povo estava elegendo os representantes da cidade e do condado, que a eleição acontecia de quatro em quatro anos e que qualquer pessoa com mais de dezessete anos poderia votar.

Havia ainda menos carros nas ruas do que de costume, e o presidente Kim nos disse que, nos dias de eleição, apenas os militares tinham permissão para dirigir. Embora tivéssemos sido autorizados a fazer aquela viagem, fomos parados por um guarda. O sr. Han ficou visivelmente incomodado. Disse ao homem que o ônibus estava cheio de estrangeiros e que estávamos atrasados para um compromisso importante. Dez minutos depois, fomos liberados. Normalmente, o ônibus fazia o mesmo trajeto,

passando pelo Grande Palácio de Estudos do Povo, pela Torre Juche, pela Loja de Departamentos Potonggang e pelo Hotel Koryo, que ficavam localizados em um raio de alguns quarteirões, mas naquele dia seguimos por uma rota diferente. Ao longo do caminho, vi mulheres lavando roupas nas águas turvas do Rio Potonggang, que passava pelo coração da cidade. Nas margens, homens pescavam. Como sempre, havia pessoas agachadas e cortando grama ou varrendo as ruas. Não havia qualquer vestígio de lixo nas ruas. Também avistei algumas mulheres descarnadas, todas munidas de baldes, inclinando-se sobre poças de água no chão. Despejavam um pouco de terra na água, deixavam-na absorvê-la e em seguida devolviam a terra molhada aos baldes e a jogavam em uma pilha. Aquilo parecia ser a versão de Pyongyang de um sistema de drenagem pluvial. Passamos por uma grande lagoa de lírios e vimos alguém pescando por lá também. Talvez essas pessoas já tivessem votado.

A igreja ficava perto de um conjunto de apartamentos que se assemelhava a um cortiço. Os prédios de concreto estavam em um estado precário e as janelas do primeiro andar não tinham vidraças, apenas grades de metal. Através do buraco escuro que servia de janela, avistei o rosto de um homem, e o que quer que houvesse no interior parecia ainda mais escuro. Antes que eu tivesse tempo de refletir sobre o assunto, porém, nosso ônibus passou zunindo e estacionou diante de um edifício grande, moderno e de fachada simples, encimado por uma cruz e supostamente construído com doações de cristãos sul-coreanos. Um homem vestindo roupa de pastor desceu os degraus da frente para nos dar as boas-vindas. Embora tivéssemos nos atrasado por conta do incidente com o guarda, toda a igreja estava à nossa espera e nos aguardava para começar o culto.

Lá dentro, cerca de cem paroquianos e um coral estavam sentados nos bancos, e o silêncio era quase total. A maioria eram mulheres que deviam ter entre trinta e cinquenta anos. Quando entramos, todos viraram em nossa direção e sorriram ao mesmo tempo. Pareciam razoavelmente abastados, embora não tanto quanto nossos alunos, e por um momento me perguntei por que aquelas pessoas não estavam nas cabines de votação. Fomos conduzidos até a primeira fileira de bancos e recebemos Bíblias e hinários novinhos em folha, tanto em coreano quanto em inglês. Cada um de nós recebeu fones de ouvido e um dispositivo para que pudéssemos escutar o culto com o auxílio da tradução simultânea. Ao ligar o aparelho, uma voz alegre dizia: “Bem-vindo à nossa igreja”, como se estivéssemos em uma

aula de conversação em inglês. Ao lado do pastor havia uma tela de projeção na qual podíamos nos ver. Olhei ao redor para ver quem estava nos filmando, mas era impossível saber. Pouco depois, uma mulher usando um *hanbok* cintilante subiu ao altar para recitar uma oração – na verdade, parecia mais um solilóquio repleto de súplicas sobre a unificação, a tristeza do povo coreano e a maldade daqueles que nos tinham separado. Dava a impressão de que ela já havia feito aquilo muitas vezes.

O sermão foi muito parecido. O pastor falou sobre as maldades cometidas pelo regime sul-coreano, que, apoiado pelos imperialistas estadunidenses, mantivera a Coreia dividida. Esse crime seria punido, declarou ele, citando Romanos 6:23 – “Pois o salário do pecado é a morte” – para enfatizar seu ponto. Em determinado momento, todos tivemos de ir à frente e cantar para nossos irmãos e irmãs cristãos norte-coreanos, que, como se tivessem combinado, assumiram expressões alegres e entusiasmadas. Fomos encorajados a tirar fotos durante todo o tempo.

Eu não parava de observar os rostos do pastor e dos paroquianos, que não revelavam nada. Aquilo tudo não passava de um teatro e eu fazia parte dele. Eles fingiam ser cristãos e nós fingíamos acreditar nisso. Lembrei-me de que fôramos instruídos a rezar em segredo, de olhos abertos, enquanto estivéssemos na UCTP. Ali, a situação se revertera: nosso grupo rezou abertamente e os norte-coreanos desempenharam o que parecia uma farsa. Talvez, ao falar de Deus, eles no fundo pensassem em “Kim Jong-il”.

Foi um alívio ouvir o coral, que cantava com tanto fervor e beleza que me perguntei se haviam sido escolhidos por seu talento para o canto. Não era um serviço tão terrível, pensei. Poderiam ir até lá e passar uma hora cantando e sonhando acordados. Talvez seus amigos até mesmo invejassem aquela tarefa tão agradável.

Pouco depois, cantaram uma melodia que me era estranhamente familiar. Costumava ser o cântico preferido da minha avó paterna. Ela o cantarolava com frequência, embora não fosse uma cristã muito devota e só frequentasse a igreja quando seus ataques de pânico pioravam. Antes de os ataques terem começado, ela era ateia, embora, como na maioria das famílias coreanas, houvesse traços de budismo e xamanismo no nosso passado.

Minha avó se casou com meu avô aos dezesseis anos de idade, teve e criou três filhos, viveu durante a colonização japonesa e quase morreu de desnutrição durante a Guerra da Coreia. Mas quase nunca comentava sobre

essas coisas. Em vez disso, falava sobre mulheres – as mulheres do meu avô, uma das quais era uma *giseng* (gueixa) que foi morar na casa deles e se apossou do quarto principal. Não se sabia ao certo se tal amante era uma *giseng* de verdade ou se não passava de uma recepcionista de bar comum, já que essas mulheres costumavam ir e vir rápido demais para que minha avó pudesse descobrir suas reais identidades. Essa *giseng* – ou *giseng* falsa – em particular, porém, bebia *jungjong* (saquê) com meu avô todas as noites, e minha avó ficava encarregada de levar bandejas de comida para os dois. Ela sempre dizia que fora a infidelidade do meu avô que havia desencadeado seus ataques de pânico.

Foi depois de todos os médicos concluírem que a doença de minha avó era imaginária, incluindo um que recomendou que ela chupasse balas de hortelã como remédio, que ela visitou o padre local e recorreu a Jesus. Para minha avó, Jesus era uma forma de lidar com o meu avô mulherengo. Quando ele estava sem amantes e sentindo-se culpado, relutantemente a levava à igreja, sempre declarando que ninguém poderia ver um Gwangsan Kim, um descendente de grandes eruditos confucionistas, carregando uma Bíblia em público. Por isso, embrulhava a Bíblia da esposa cuidadosamente em um jornal antes de enfiá-la debaixo do braço, e em seguida deixava minha avó na soleira da igreja, mas ele mesmo nunca entrava.

Parecia inconcebível que a vida tivesse me levado àquele lugar inesperado, àquela falsa igreja norte-coreana, onde fiquei sentada ouvindo um coral falso com um grupo de fiéis verdadeiros e lidei com a lembrança de minha avó e seu cristianismo indiferente. Naquele momento, porém, percebi que, quer ela acreditasse de verdade, quer não, a igreja lhe havia proporcionado algum conforto em meio àquela vida conturbada, e eu era grata por isso.

Pouco depois, fomos conduzidos para fora e incentivados a levar uma Bíblia e um hinário como recordação. Os paroquianos sorriram, acenaram e cantaram, “Vamos nos encontrar novamente”, e o pastor ficou do lado de fora, posando para fotos com todos nós. Em seguida, entramos no ônibus, os paroquianos ainda acenando, e pudemos vê-los indo embora de uma vez, desaparecendo rapidamente nas ruas de Pyongyang como se tivessem terminado de cumprir com seu dever matinal.

Naquela tarde, alguns professores puderam conhecer uma cabine eleitoral. Foram incentivados a tirar fotos, e a guia – bonita como de costume – explicou como funcionava o processo de votação. Segundo ela, a

cédula trazia o nome de dois candidatos, e os cidadãos de Pyongyang escolhiam um deles, assim como era feito em qualquer outro país livre. Uma das professoras, entretanto, que ensinava inglês para as contrapartes, contou que seus alunos deixaram escapar que havia apenas um candidato, escolhido a dedo pelo governo, então o dia da eleição consistia apenas em ir até o local e escolher o único candidato disponível. Será que isso significava que o governo tinha armado uma eleição falsa só para nós? Além da igreja, da cabine eleitoral e das pessoas fazendo fila para votar, o que mais tinha sido montado só para nós? Será que as luzes nas janelas se apagavam assim que passávamos por elas?

Naquela noite, durante o jantar, meus alunos perguntaram, como de costume, o que tínhamos feito durante o dia. Como não podíamos falar sobre Jesus com eles, perguntei o que eles tinham feito. Todos responderam que tinham ido votar no centro de Pyongyang. Era a primeira eleição em que podiam votar, e disseram ter achado tudo muito empolgante. A universidade não tinha vans suficientes para transportar todos os 270 alunos até a cidade, e eu sabia que, além disso, eles nunca tinham permissão para sair, então perguntei como tinham ido até o local da votação. A pé, eles disseram. Eu não conseguia acreditar naquilo, mas insisti no assunto. A viagem de carro até Pyongyang demorava cerca de dez minutos, então perguntei casualmente quanto tempo tinham levado para andar até lá. Suas respostas diferiram muito nesse aspecto. Alguns disseram meia hora, outros disseram uma. A que horas tinham saído? Alguns responderam oito da manhã, outros disseram nove. E, no entanto, nós havíamos saído às nove horas naquela manhã e não tínhamos visto o menor sinal de nenhum deles.

DURANTE A REUNIÃO DE EQUIPE do dia seguinte, fomos informados de que tínhamos de reembolsar a UCTP pelo combustível e pelas refeições de nossos seguranças e do motorista. Não era um valor muito alto, cerca de cinco ou dez dólares a cada uma de nossas saídas, mas considerando que estávamos lecionando de graça e tínhamos gastado nosso próprio dinheiro – ou o de uma igreja patrocinadora – para bancar as passagens para lá, parecia estranho ter de pagar para sermos vigiados.

Depois, ficamos sabendo que teríamos de pagar quatrocentos dólares cada um se quiséssemos comparecer ao Festival Arirang, um grande evento que celebra a RPDC em todo mês de agosto. A faculdade recomendou que comprássemos os ingressos de categoria intermediária por 225 dólares. Em

uma das minhas outras viagens à Coreia do Norte, tinha assistido aos jogos e ficado perplexa com os valores. Depois de superada a sensação inicial de assistir a dezenas de milhares de crianças formando pétalas de Kimjongilias ou Kimilsungias ou a foice e o martelo em uma coreografia, era impossível não imaginar por quantas horas elas deviam ter sido obrigadas a ensaiar. Alguns outros professores pareceram chocados com o valor, mas concordaram em comprar os ingressos, pois não sabiam quando teriam a oportunidade de voltar para lá. Era sempre assim com a Coreia do Norte. Era como o namorado babaca que está sempre tão ausente que, quando você tem a oportunidade de passar um tempinho com ele, corre para aproveitar.

A notícia seguinte chegou por meio do dr. Joseph, que parecia quase envergonhado de ter de pedir a todos que fizessem doações para alimentar os alunos. De acordo com ele, “os outros” – as contrapartes, presumi – não paravam de insistir para que ele doasse quinhentos dólares ou mais para garantir “uma refeição farta, repleta de carne”. Suspeitei que a carne não seria destinada aos alunos, e em vez disso seria uma forma de satisfazer as demandas gananciosas das contrapartes. Um deles vivia me dizendo: “Ah, então você é a camarada Kim Suki. Você nos deu um trabalhão. Não faz ideia da dor de cabeça que passei para conseguir seu visto. Depois de tudo o que fiz por você, talvez devesse *me* agradecer”. Eu me senti um pouco constrangida na primeira vez que o homem disse isso, mas ri junto com ele, fingindo que era brincadeira.

Esse tipo de comportamento extorsivo era comum em transações com a Coreia do Norte. Durante a visita da Filarmônica de Nova York, conheci diversos jornalistas sul-coreanos já um tanto fartos da Coreia do Norte, e todos eles disseram que, para entender a RPDC, era preciso seguir o dinheiro. Os recursos financeiros para manter a UCTP vinham de doadores do mundo inteiro, bem como do Ministério de Unificação da Coreia do Sul, e, até onde eu sabia, a Coreia do Norte não contribuía com nada. Ao que tudo indicava, o resto do mundo estava provendo alimentação e educação para os filhos dos líderes norte-coreanos. Em uma escala menor, havia pedidos constantes de pequenas quantias, algo com que acabamos por nos acostumar. As contrapartes queriam ser alimentadas e esperavam que lhes proporcionássemos isso.

A última informação foi um pouco alarmante. O dr. Joseph nos contou que, de acordo com as contrapartes, alguns de nossos alunos não voltariam para casa durante as férias de verão. Apenas *alguns* deles o fariam,

informou-nos. Alguns dos mais ricos, provavelmente. Eu já podia adivinhar quais dos meus alunos seriam escolhidos. As diferenças entre eles eram óbvias. Alguns usavam folhas de papel brancas e imaculadas para fazer o dever de casa, iguais às que costumamos usar nos EUA, mas a maioria usava o papel áspero e amarronzado que era considerado o padrão. Aqueles que usavam as folhas brancas geralmente eram os mesmos que tinham dicionários eletrônicos, aspecto saudável e maior domínio da língua inglesa.

Fiquei sabendo que o ano dos alunos era meticulosamente planejado. Durante as férias escolares, permaneciam no *campus*, dedicando-se a tarefas suplementares, ou trabalhavam em uma espécie de fazenda coletiva. Não faziam isso por escolha própria. O dr. Joseph esclareceu que não havia férias na RPDC. Sarah corroborou a informação. O tema da aula que ela lecionaria naquela semana era “férias”, e tinha se dado conta de que o conceito de férias de lá era diferente do nosso. Havia um tempo reservado para atividades recreativas, como praticar esportes, mas simplesmente não existiam férias prolongadas. Todos os alunos tinham seis dias de aula por semana e, aos domingos, muitos deles tinham outras tarefas a cumprir. Essa programação não mudava muito durante as férias, já que continuavam indo à escola para participar das reuniões Juche ou das críticas da Unidade do Cotidiano. E, no tempo que sobrava, eram obrigados a trabalhar em fazendas coletivas. Aquele era um país onde ninguém tinha direito a tempo livre.

Todos os meus alunos me disseram que voltariam para casa no mês de agosto. A menos que estivessem mentindo, pareciam saber tão pouco quanto nós.

12

OS DIAS QUE ANTECEDERAM O FIM do semestre de verão foram caóticos. Houve muitas fotos e competições esportivas, como se a profusão de atividades pudesse nos distrair da despedida que se aproximava. Eu estava dividida entre a tristeza e a vontade de ir embora logo daquele lugar. Tinha aceitado o convite para continuar lecionando no semestre seguinte, mas, honestamente, não sabia se ia conseguir passar por tudo aquilo de novo.

No dia 26 de julho, depois do almoço, Ruth e eu fomos chamadas à sala do presidente Kim e informadas de que teríamos de comparecer à cerimônia do 58º aniversário da Grande Vitória, que aconteceria no Centro Esportivo de Pyongyang. Era um evento de Estado, organizado pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia e pelo Comitê do Povo de Pyongyang, e celebrado na véspera do Dia da Vitória. Entre os convidados estava um pequeno grupo de funcionários mais antigos da UCTP; nós duas seríamos as únicas professoras. Mais tarde, Joan me contou que trabalhava com o presidente Kim havia quase uma década, desde que a ideia da UCTP fora concebida, e que mesmo assim nunca tinha sido convidada, pois era uma “cara pálida”. Ruth e eu tínhamos sido escolhidas, disse Joan, porque voltaríamos no outono e porque éramos descendentes de coreanos.

Quando chegamos ao estádio, reinava um silêncio mortal, embora todos os vinte mil lugares estivessem ocupados. Metade dos presentes eram militares; a outra metade, cidadãos enfiados em ternos cinza de verão, uma espécie de uniforme civil para membros do Partido. Não vi ninguém que não fosse coreano. O palco fora adornado com as palavras “CEM GUERRAS, CEM VITÓRIAS! 58º ANIVERSÁRIO DA VITÓRIA 727”, e em cada lado havia frases semelhantes. O palco continha três fileiras de cadeiras voltadas para o público.

Logo em seguida, apareceram cerca de cem homens em uniformes militares idênticos aos que meus alunos usavam para vigiar a Sala de Estudos de Kimilsungismo. A plateia toda se levantou e aplaudiu enquanto os homens ocupavam seus lugares no palco. Muitos deles eram corpulentos,

com barrigas redondas e papadas protuberantes, e vestiam paletós cobertos de medalhas de ouro reluzentes. Havia duas mulheres entre eles, uma vestindo um terninho branco e a outra, um *hanbok*. É bem provável que uma delas fosse Kim Kyung-hui, irmã de Kim Jong-il e esposa de Jang Sung-taek, à época o segundo homem mais poderoso da Coreia do Norte.³

Um dos homens subiu no palanque e começou a ler um discurso, e foi impossível compreender alguns trechos porque os alto-falantes eram péssimos.⁴ Abordou principalmente os feitos gloriosos de Kim Il-sung e a forma heroica como se defendera dos ataques dos imperialistas estadunidenses e vencera a guerra. Palavrões dirigidos aos Estados Unidos e à Coreia do Sul pipocaram durante todo o discurso. O homem declarou que Lee Myung-bak, presidente da Coreia do Sul à época, estava entregando toda a península de bandeja para as mãos gananciosas dos Estados Unidos e, se as coisas continuassem daquele jeito, Seul se transformaria em um “mar de sangue”, repleto de “mortes e cadáveres”. O evento estava sendo filmado e televisionado e, de tempos em tempos, os seguranças nos mandavam aplaudir. O homem encerrou o discurso dizendo: “Vida longa ao nosso Grande Líder Kim Il-sung! Vida longa ao nosso Grande General Kim Jong-il! Vida longa ao nosso Partido dos Trabalhadores da Coreia!”. Em seguida, todos nós nos levantamos e gritamos as mesmas palavras.

Quando retornamos para a universidade, por volta das cinco e meia, sentei-me sozinha no meu escritório e fiquei intrigada ao ouvir o que pareciam ser trechos do mesmo discurso. Embora o som estivesse distorcido, consegui identificar que vinha da janela aberta de uma das maiores salas de aula do outro lado do corredor. Fingi que precisava usar o banheiro e fui até lá na ponta dos pés. Pela janela, pude ver os alunos assistindo ao discurso gravado na TV como parte de sua reunião especial daquela tarde.

Por volta de quinze para as sete, fui para o refeitório e observei meus alunos entrarem. Seus rostos estavam tomados por expressões sombrias e eles evitavam olhar para nós. Alguns chegaram a se encolher quando nos viram. Eu deveria ter ficado magoada, mas entendia. Também tinha visto e ouvido o discurso. Devia ser extremamente confuso: uma hora eram incitados a se preparar para uma guerra contra os imperialistas estadunidenses e logo depois eram obrigados a nos encarar. Eram como soldados durante a guerra, preparando-se para a morte e a destruição, enquanto nós andávamos por aí perguntando: “Quais são seus planos para

as férias de verão?” ou “Você tem namorada?”. Quando nos viram naquela noite, eu soube que tinha me tornado sua inimiga: sul-coreana e estadunidense, exatamente o alvo que eles foram ensinados a acertar e matar.

Então, fiquei ali esperando e, como eu já imaginava, ninguém queria se sentar à minha mesa. Até que, finalmente, um dos monitores de classe se juntou a mim. Assumiu o fardo de jantar comigo em consideração a seus colegas de turma, que não queriam fazer isso. Era impossível detectar qualquer coisa na expressão dele. Quando perguntei por que tinham se atrasado para o jantar e o que haviam feito na reunião daquela tarde, ele simplesmente deu de ombros e respondeu: “Assistimos à TV”.

NA MANHÃ SEGUINTE, era o Dia do Esporte, e o humor dos alunos estava visivelmente melhor. Todas as escolas do país realizavam aquele evento duas vezes por ano, então os alunos estavam familiarizados com as coreografias e os gritos de guerra. Todos, inclusive os professores, participaram, e o corpo discente foi dividido em dois times: um com boné de beisebol azul e o outro com boné branco. Os alunos ansiavam por aquele evento havia semanas, mas, depois de dias de chuvas torrenciais, estavam preocupados. Felizmente, o tempo havia melhorado.

Foi impossível não recordar a minha infância na Coreia do Sul. Também passávamos o ano todo esperando pelo Dia do Esporte, assim como garotas estadunidenses contam os dias até o baile de formatura. Lá, também nos dividíamos em times azuis e brancos e praticávamos atividades parecidas, como corrida de três pernas e cabo de guerra, além das competições entre as torcidas. A única diferença era que, à época, no fim dos anos 1970, éramos crianças do ensino fundamental. Eu não era boa em esportes coletivos e sentia-me intimidada pelo espírito competitivo que se apossava de meus colegas. Lembro-me de ficar perambulando pela casa enquanto esperava minha mãe chegar com a lancheira recheada de *kimbap* feito em casa. Todas as mães preparavam *kimbap* no Dia do Esporte e eles eram todos diferentes entre si – alguns muito elaborados, com cenouras cortadas em caracol e pepinos em forma de flor, e era como se as próprias mães também competissem entre si.

No Dia do Esporte na UCTP, fiz o que tinha de fazer: participei dos jogos, aplaudi e torci pelo time dos meus alunos. Se fosse um filme, talvez a garotinha da Coreia do Sul tivesse encontrado algum conforto naquilo tudo,

mas houve apenas momentos de conexão passageiros: durante a corrida em que eu e um aluno tivemos de correr com uma bola encaixada entre nossas cabeças; ou quando os alunos e professores dançaram em círculo, todos de mãos dadas. Mas logo o evento chegou ao fim e voltei para o meu dormitório, enquanto meus alunos retornavam a seu trabalho nos jardins. Mesmo debaixo de chuva, arrancaram ervas daninhas durante toda aquela tarde de Dia da Vitória, no qual, segundo eles, Kim Il-sung arriscara a própria vida para salvá-los.

MAIS TARDE NAQUELE DIA HOUVE a celebração da Vitória 727 no Palácio da Cultura do Povo. Mais uma vez, apenas os professores de origem coreana foram convidados. Quando chegamos, vimos muitos carros suntuosos, incluindo Land Rovers e Mercedes-Benz 300s, todos de cor preta, assim como todos os outros carros que eu já tinha visto em Pyongyang. Fiquei imaginando se alguns dos presentes eram pais dos meus alunos. Sempre que via pessoas poderosas, perguntava-me a mesma coisa. Eu as considerava a causa da ruína da Coreia do Norte e, ainda assim, amava seus filhos.

Como na cerimônia da noite anterior, a plateia era composta de oficiais do exército e civis em trajes formais. Cerca de dez líderes do Partido dos Trabalhadores da Coreia estavam sentados nas cadeiras centrais do recinto, que eram reservadas para os figurões. Vi umas vinte pessoas que não eram coreanas em um canto do salão, incluindo dois homens que trajavam uniformes militares e falavam russo, uma mulher com a cabeça envolta em um lenço e um homem negro vestindo um cafetã típico.

O show de abertura foi realizado pela banda Samjiyon, da companhia de arte Mansudae. O grupo era formado por homens e mulheres e considerado o mais renomado do país. Com seus vestidos tomara que caia felpudos e cobertos de lantejoulas, em tons de rosa, vermelho e branco, as mulheres no palco me lembraram dançarinas de Las Vegas, embora o programa do evento dissesse que muitas delas tinham recebido medalhas de Kim Jong-il e Kim Il-sung. O cenário era composto de uma projeção abstrata em neon que me lembrava o protetor de tela padrão de um laptop novo. No teto, era possível ver uns cinquenta balões cor-de-rosa e vermelhos, bem como um pequeno globo de discoteca giratório.

Depois da performance inicial, as mulheres dançaram ao som de “The Song of National Defense” e “To a Decisive Battle”, e o solista, um homem de *smoking* e aparência solene, começou a cantar “The Song of the

Assassin”, cuja temática era uma caçada. À medida que ouvíamos, ficava cada vez mais claro que o propósito daquela caçada era conseguir a cabeça do “ianque *nom*”, o que poderia ser traduzido, *grosso modo*, como “ianque desgraçado”. O refrão repetia sem parar: “Caçando os estadunidenses *noms*”. A palavra que os músicos usaram para designar a cabeça dos estadunidenses não foi *mauri*, e sim *daegari*, que só é usada para se referir a animais.

Em cada viagem que fiz à RPDC, fiquei chocada com o rebaixamento do idioma coreano. Os impropérios haviam se enraizado não apenas em conversas e discursos, mas também na linguagem escrita. Estavam por toda parte – em poemas e jornais, nos discursos oficiais do Partido dos Trabalhadores da Coreia e até mesmo nas letras das canções apresentadas naquele dia, que eles consideravam tão sagrado. Era como se deparar com as palavras “foda” e “merda” em um discurso presidencial ou na primeira página do *The New York Times*. A linguagem falada era igualmente grosseira, independentemente da ocasião. No discurso da cerimônia do dia anterior, por exemplo, Lee Myung-bak e sua administração foram qualificados como *nom* e *paetguhri-dul* (aquele desgraçado e seus capangas). Fiquei aliviada por não ouvir meus alunos falando coreano com frequência suficiente para descobrir se eles haviam herdado esse legado.

E, no entanto, eu às vezes escutava expressões que acalentavam meu coração – palavras arcaicas e de sonoridade inocente que me davam a impressão de que todo o país era um pequeno vilarejo intocado pelo tempo. Em vez do prosaico termo *soohwa*, que significa língua de sinais, os norte-coreanos diziam “falar com os dedos”; em vez de “revelar fotos”, diziam “despertar as imagens”, o que eu achava poético e adorável.

Em seguida, um grupo de cerca de vinte meninas, com idades entre oito e dez anos, cantou sobre o amor que sentiam pela mãe-pátria, sorrindo com meiguice. Depois, emendaram uma canção sobre a grandiosidade de seu Grande Líder, e as três que estavam na frente começaram a desenrolar um objeto, que se revelou a bandeira da RPDC, a qual ergueram sobre as próprias cabeças de forma teatral. Então, de repente, aquelas vozes doces engataram um refrão sobre o “ódio ardente em nossos corações”, e tive de fechar os olhos para escapar daquela casa de espetáculos, dos *slogans* implacáveis, das palavras brutais saídas de bocas angelicais.

E o show continuou. A certa altura, um homem fez um monólogo atacando a Coreia do Sul. Declarou que tudo o que a administração de Lee

Myung-bak tinha feito era o oposto de bom, e o aconselhou a parar com aquilo se não quisesse acabar morto. Ele encerrou o discurso dizendo: “Preparar, apontar, fogo”, seguido por um som de tiro feito pela orquestra, que arrancou uma salva de palmas do público.

A última artista a se apresentar foi uma mulher que trajava um *hanbok*. No pódio lateral, ela usava a mão para criar uma pintura em areia, que era projetada em uma tela gigantesca. Modelando a areia com destreza, a mulher criou a imagem de uma pessoa usando um chapéu de chefe, e o público aplaudiu. Em seguida, transformou a figura no que parecia ser uma porca e alguns leitões. Depois, surgiu alguma espécie de pássaro. Então, talvez um jovem revolucionário, embora, àquela altura, eu estivesse inclinando a cabeça junto com o resto da plateia, tentando adivinhar o que era. No teto, o globo de discoteca continuava girando.

Kim Jong-un mandou executar Jang por traição em dezembro de 2013. No momento em que este livro estava sendo escrito, o paradeiro de Kim Kyung-hui era desconhecido.

Posteriormente, descobri que se tratava de Ri Yong-ho, o vice-marechal das Forças Armadas da Coreia do Norte, que foi afastado de seu cargo por Kim Jong-un em julho de 2012. Não foi mais visto em público desde então, e acredita-se que tenha sido enviado para um campo de prisioneiros políticos ou executado.

13

QUANDO VOCÊ VAI EMBORA?

Era o último dia do semestre de verão e meus alunos não paravam de repetir a mesma pergunta, como as crianças costumam fazer. Respondia a eles que todos os professores se reuniriam às seis e meia da manhã para irem ao aeroporto.

“Professora, nós vamos aparecer para nos despedir”, não paravam de repetir.

Todos nós sabíamos que eles não poderiam fazer isso, pois acarretaria uma alteração do cronograma. Embora nossos alojamentos ficassem próximos um do outro, eles não podiam simplesmente levantar da cama e ir se despedir. E, ainda assim, continuavam prometendo que fariam isso. *Professora, amanhã de manhã, vamos ficar lá até você ir embora.* Acho que um dos alunos me disse isso umas cinco vezes.

Fiquei feliz de acreditar que eles queriam muito, e que repetiam tantas vezes para deixar isso claro, mas saber que era impossível me enchia de tristeza. Não havia nenhuma compaixão naquele lugar. Eu sabia disso e, ainda assim, ficava surpresa todas as vezes em que isso se confirmava.

Na minha última noite, os alunos se juntaram a nós no refeitório depois do jantar. Foi a primeira vez que tiveram permissão para fazer isso, e cantamos e apresentamos alguns esquetes. Durou cerca de meia hora, e depois dos primeiros vinte minutos algumas das contrapartes apareceram. O fato de estarem ali significava que o nosso tempo estava se esgotando, e os alunos ficaram visivelmente tensos. Alguns dos meninos me encararam fixamente e não desviaram o olhar; isso era tudo o que podiam fazer. Quando não se pode expressar nada abertamente, você se torna muito bom em interpretar o silêncio. E eu compreendia o deles da mesma forma como compreendiam o meu.

Fazia dias que estavam me ensinando uma canção. Era a música menos nacionalista que eu tinha ouvido por lá. Quando comentei que a tinha

adorado, eles ficaram contentes e se ofereceram para ensiná-la para mim. Traduzimos a letra juntos:

Dentes-de-leão desabrochando nas colinas da minha cidade natal,
Naqueles dias em que eu empinava uma pipa branca,
Ah, o céu azul que vi na minha infância,
Por que eu não sabia então que era o orgulho da minha pátria?

Naquela noite, cantei com eles – primeiro em inglês, depois em coreano. Era a única maneira de lhes mostrar que os amava e que morreria de saudade deles. Quando não consegui mais conter as lágrimas e comecei a chorar, alguns deles sussurraram: *Sorria, professora, por favor*. Essas palavras continuaram ecoando nos meus ouvidos: *Sorria, professora, por favor*. Fiquei imaginando o que diriam se pudessem falar livremente, e esse pensamento me fez chorar ainda mais. Então, fiquei preocupada que as contrapartes pudessem ver e não gostar.

A última coisa que tivemos permissão de fazer juntos foi posar para fotos em grupo. Por uma questão de eficiência, os professores sentaram-se formando uma fila, e cada turma de alunos se revezava atrás deles, agrupados em três fileiras. Depois de tirar a foto, os alunos de cada turma tinham de trocar um aperto de mãos com os professores e dar lugar ao grupo seguinte. Feito isso, deveriam retornar ao alojamento imediatamente. Ouvi minha turma gritar: “Os do segundo ano vão primeiro!”. Eles sabiam que os alunos que tirassem as fotos por último poderiam ficar mais tempo com os professores. Um aluno muito alto ficou atrás de mim durante a sessão de fotos e, por mais que o professor encarregado de fotografar pedisse que ele fosse para a última fileira, o garoto não se mexia. Quando me virei e nossos olhares se encontraram, ele murmurou: “Adeus e obrigado, professora”, e percebi que ele tinha insistido em ficar naquele lugar só para me dizer isso. Quando o fotógrafo pediu mais uma vez que ele saísse de lá, assenti com a cabeça, meus olhos fixos nos dele, esperando que ele soubesse que eu o entendia, e foi só então que ele cedeu. Mais tarde, o professor que tirou as fotos me contou que todos os alunos queriam ficar perto de seus professores. Estar perto deles fisicamente era o máximo que podiam fazer para demonstrar seu amor.

Fiquei tão sem palavras quanto meus alunos. Enquanto apertava a mão de cada um deles, não pude dizer: *Saia deste lugar miserável. Abandone seu*

Grande Líder desprezível. Vá embora, ou faça alguma coisa para mudar tudo isso. Por favor, faça alguma coisa. Em vez disso, tudo o que pude fazer foi chorar, e então sorrir. E cada um dos alunos olhou no fundo dos meus olhos e retribuiu o sorriso. E esse foi o nosso adeus. Alguns deles ainda disseram: “Nós viremos para sua partida amanhã, professora”. Eu queria que eles reivindicassem suas próprias ações, dizendo “eu” em vez de “nós”. Mesmo o “nós” não existia sem a permissão do Grande Líder. Quando formaram grupos e marcharam de volta para seus dormitórios naquela noite, cantaram a plenos pulmões a música que passei a conhecer melhor, como se para lembrar aos professores e a si mesmos a quem eles de fato pertenciam:

Sem você, não há nós.

Naquela noite, olhei o alojamento estudantil através da janela, mas estava tudo escuro, como se todos tivessem caído no sono ao mesmo tempo. Àquela altura, porém, já fazia um mês que estávamos juntos; então, mesmo engolidos pela escuridão, escondidos atrás daquelas janelas opacas, eu conhecia cada um daqueles garotos, tão especiais para mim.

Às seis e meia da manhã seguinte, parada do lado de fora do alojamento com os outros professores enquanto esperávamos o ônibus, olhei ao redor procurando meus alunos, mesmo sabendo que eles não apareceriam. Ainda assim, agarrei-me à esperança de que haveria uma exceção. Logo depois, eu os vi marchando rumo ao refeitório, todos cantando a plenos pulmões. Apenas cem metros se abriam entre nós, mas eles não se viraram uma única vez para olhar em nossa direção. Subimos no ônibus e fomos informados de que faríamos uma parada no prédio de TI, onde geralmente aconteciam as aulas, porque o chefe das contrapartes queria se despedir de nós.

Às sete horas, o ônibus estava estacionado em frente ao prédio de TI e vimos alguns alunos descendo a alameda. Tinham terminado o café da manhã e pareciam estar a caminho da sala de aula, embora nos perguntássemos quem ficaria encarregado de lecionar para eles. Alguém brincou dizendo que os alunos provavelmente teriam de passar por um campo de treinamento Juche para contrapor a influência de sua breve educação ocidental. Então percebi que alguns dos alunos estavam esticando o pescoço, procurando o rosto dos professores, e, quando nos avistaram pela janela do ônibus, sorriram, e alguns acenaram. Mas não podiam interromper o passo, pois do interior do prédio de TI vinha uma voz ordenando que entrassem. Eles obedeceram, embora vários andassem muito

lentamente, os rostos ainda voltados para nós. E, mesmo depois de terem entrado, alguns dos garotos ficaram parados na janela do prédio, franzindo os olhos para ter mais um vislumbre de seus professores.

E foi assim que nos despedimos, olhares fixos uns aos outros, os alunos assistindo, por trás do vidro, enquanto éramos levados para a liberdade.

PARTE DOIS

O SOL DO SÉCULO XXI



Alunos da UCTP durante suas provas finais, em dezembro de 2011.

14

RARAMENTE OS REENCONTROS acontecem da forma como imaginamos. Quando voltei para Nova York, o homem do Brooklyn e eu passamos por todas as fases dos apaixonados: expectativa, dúvidas, resistência. “Deixe-me olhar para você”, ele me disse quando nos encontramos, em um restaurante japonês na rua Smith. Parecia não saber o que dizer, com exceção do comentário preocupado sobre eu estar mais magra. Talvez tenha sido um elogio, mas, como tinha acabado de voltar da Coreia do Norte, “mais magra” não parecia algo muito lisonjeiro. Naquela primeira noite, ele era quase um estranho para mim, e ele deve ter tido a mesma impressão a meu respeito. Ele não fazia ideia do que eu tinha passado e nem tentei explicar. Em vez disso, me afastei. Ele preferia enviar mensagens de texto a ligar, mas, quando por acaso ligava, eu acabava deixando cair na caixa postal. Eu não estava agindo com indiferença, como os apaixonados às vezes fazem. Simplesmente me sentia incapaz de encará-lo depois de tanto tempo longe. A separação tinha nos custado caro. Estávamos daquele jeito apesar da separação e por causa dela. Não era simples nem fácil.

A propósito, isso também valia para Nova York. O mundo livre pelo qual eu tanto ansiara, com suas luzes e abundância inebriantes, parecia sufocante demais para mim, da mesma forma como, todos os anos, o despontar da primavera me deixava paralisada. A luminosidade intensa do sol parece intrusiva, e passo a maior parte desses meses dentro de casa. Sinto-me receosa com tanta vida jorrando de uma só vez e titubeio, como uma criança aprendendo a andar, a ver e a sentir. O mês de agosto passou dessa forma, e me senti mais confortável comigo mesma quando setembro chegou. E, àquela altura, estava na hora de arrumar as malas e voltar para o semestre de outono. Eu não *precisava* fazer isso, mas fiz. Ainda havia muita coisa que eu não compreendia, mas dessa vez ficaria até o fim de dezembro. Não sabia se seria capaz de aguentar.

O FIM DE SETEMBRO EM Pyongyang foi frio em comparação com Nova York. Eu estava nervosa, sem saber se o vínculo que havia estabelecido com meus alunos tinha sobrevivido ao tempo que passáramos separados. Durante o verão, eles tinham baixado um pouco a guarda, mas naquele momento eu era uma estrangeira outra vez, recém-chegada do mundo exterior. Talvez tivéssemos de sondar o terreno, começar de novo. No meu primeiro dia, porém, quando os alunos entraram na sala de aula e vi a felicidade em seus rostos, meu coração derreteu. Alguns deles nem conseguiram me olhar nos olhos, tais eram sua timidez e empolgação. Reparei nos pequenos detalhes – alguns pareciam mais frágeis, outro estava mancando de leve, e eu mal podia esperar para conversar com todos eles.

Na hora do almoço, perguntei a alguns alunos o que eles tinham feito durante as férias de verão e fui bombardeada com histórias de momentos de lazer repletos de atividades com os amigos. Park Jun-ho contou que tinha nadado de três a quatro horas no ginásio, pelo menos três vezes na semana. Han Jae-shik disse que tinha andado de patins no ginásio e assistido a alguns jogos do Festival Arirang com os amigos. Kim Tae-hyun contou que, em agosto, tinha comemorado seu aniversário em um restaurante, no Hotel Chongryon.

– Setenta alunos apareceram! – disse ele com um olhar risonho. – Só doze eram da minha antiga universidade, e o resto era da UCTP. Foi muito divertido!

Fiquei imaginando quem seriam os seus pais, já que tinham sido capazes de lhe proporcionar uma festa tão suntuosa, e então me lembrei da facilidade com que meus alunos mentiam.

Jae-shik explicou que as festas fora da UCTP eram diferentes, e que nelas eles podiam fazer outras coisas além de apenas cantar.

– Em uma festa de aniversário, costuma haver comida preparada pela mãe do aniversariante – ele contou. – E também há bebidas.

– Bebidas alcoólicas? – perguntei.

Como resposta, ele me ofereceu apenas um sorriso de satisfação.

Jun-ho interrompeu:

– Havia algumas garotas, mas o Tae-hyun não me deixou chegar perto delas. Ele é tão protetor com relação às irmãs mais novas que só consegui falar com algumas delas! – Ele abriu os braços para gesticular, imitando o amigo protegendo as jovens furiosamente.

– Não sei do que ele está falando – disse Jae-shik, revirando os olhos. – Tae-hyun só tem uma irmã!

– Sim, é verdade, mas todas as outras garotas bonitinhas eram amigas da irmã dele! – rebateu Jun-ho.

– Eu só vi três garotas lá! – exclamou Jae-shik.

– Porque elas não estavam interessadas em você! – retrucou Jun-ho, rindo. – Mas eu vi sete. Todas as garotas estavam comentando sobre mim: “Nossa, que sujeito charmoso”!

Por fim, um dos alunos da mesa ao lado se inclinou e disse:

– Mude de assunto, por favor. Esse cara aí – continuou, apontando para Jun-ho – está muito interessado nas irmãs mais novas de seus colegas de turma! Não para de falar sobre irmã mais nova isso, irmã mais nova aquilo...

Enquanto eles discutiam sobre garotas, lembrei-me de que o dr. Joseph dissera que alguns dos alunos seriam mandados para fazer trabalhos braçais em agosto. Ao que parecia, porém, pelo menos aqueles alunos tinham sido poupados. Estavam serenos, radiantes, como se nunca tivessem precisado mover um dedo sob o sol.

No jantar daquela noite, descobri que outros alunos não tiveram a mesma sorte. Um deles me contou que o tinham mandado passar dez dias trabalhando em uma construção, das seis da manhã às seis da tarde. Disse isso com naturalidade, explicando que estavam construindo uma expansão do Museu de História da Coreia. Tinha se sentido sozinho por lá, confessou ele, já que a maioria de seus amigos estava construindo um anexo da Universidade Kim Hyong-jik. Os outros dois garotos à mesa permaneceram em silêncio. Quando perguntei se também tinham sido enviados para alguma construção, eles negaram com a cabeça e disseram que essa honra era reservada apenas àqueles que moravam no distrito central de Pyongyang, ao passo que eles moravam em um subúrbio. Além disso, para ajudar seu Grande General e sua nação poderosa e próspera, era imperativo que os estudantes universitários contribuíssem “construindo construções”.

No dia seguinte, vi um aluno de quem eu gostava muito e que não estava mais em nenhuma das minhas duas turmas. Eu ainda estava encarregada de lecionar para a Turma 1 e a Turma 4 durante o semestre de outono, mas a distribuição dos alunos fora feita com base nas notas. Alguns foram transferidos para níveis superiores, outros para níveis inferiores. Chamei o aluno para se sentar comigo durante a refeição. Ele abriu um sorriso tímido

e ficou repetindo que estava com vergonha, então percebi que ele queria que outros alunos se juntassem a nós. É claro, tinha me esquecido de que eles nunca podiam ficar a sós conosco; então, quando avistei outro rosto familiar, chamei o aluno para se sentar conosco, e o primeiro ficou visivelmente mais relaxado.

Conversamos principalmente sobre basquete, que ele adorava, mas não podia continuar jogando porque seu novo grupo gostava mais de futebol. A princípio, perguntei-me por que ele não podia simplesmente jogar com os velhos amigos, mas logo me lembrei de que não era assim que as coisas funcionavam por ali. Cada grupo era como um pelotão do exército e, quando um aluno trocava de grupo, não bastava carregar seus pertences para o novo quarto; ele tinha de fazer tudo com o novo grupo. A vida inteira daqueles rapazes fora assim, e eles não questionavam, mas, sentada em frente a um dos meus alunos mais adoráveis, de repente achei aquilo difícil de engolir e coloquei minha colher na mesa. O garoto olhou para mim inocentemente e perguntou:

– Não está com fome, professora?

NAQUELE SEMESTRE, fui convidada a dar aulas para as contrapartes – as pessoas que liam e aprovavam todo o nosso material de ensino –, além de para os alunos. Agarrei a oportunidade. Eram treze homens, a maioria na casa dos quarenta e cinquenta anos, e duas mulheres de trinta e poucos. Um dos homens contou que tinha trabalhado no Departamento de Comunicação e Informação. Eu não fazia ideia do que isso significava, mas sabia que não devia fazer mais perguntas. Outros eram professores de ciência da computação, agricultura e engenharia, e as duas mulheres disseram que eram secretárias. Reconheci alguns que eu já tinha visto no refeitório, mas a maioria deles era desconhecida para mim.

Para onde tinham ido os outros professores, se todas as universidades do país estavam fechadas? Sem alunos para os quais lecionar, será que também estavam trabalhando em canteiros de obras? Por que aqueles homens tinham sido escolhidos e enviados à UCTP? Embora muitos deles soubessem ler bem em inglês, todos queriam aprimorar a conversação e disseram que estavam muito felizes com a oportunidade de conversar com uma pessoa fluente. Em alguns dias, eu ficava com a impressão desconfortável de que estava dando aulas para as mesmas pessoas que

monitoravam nossos e-mails; sentia que as estava treinando para que pudessem nos espionar melhor.

Espionagem não era a única coisa que me preocupava. Tinha pavor da ideia de dar de cara com algum segurança ou alguma contraparte porque eles podiam ser bem desagradáveis, mas escurecia tão cedo naquela época do ano que eu não tinha escolha a não ser praticar corrida durante o dia, entre uma aula e outra. Em uma dessas tardes, vi o sr. Hong saindo da van da escola. Ele era um dos homens que eu me esforçava para evitar, pois tinha o hábito de tecer comentários maldosos enquanto abria um sorrisinho falso. Aquele dia não foi exceção.

– A camarada Kim Suki faz o que quer, não importa onde – disse. Para ele, minha corrida deve ter parecido muito estadunidense ou muito descontraída, ou ambas as coisas. – Quanto mais eu vejo a camarada Kim Suki, mais certeza tenho de que ela não serve para a RPDC. Não sabe controlar os alunos para fazê-los se destacar, nem para que a respeitem e a temam, tudo ao mesmo tempo. Por favor, não se sinta ofendida com o que estou dizendo. Só quero ajudar.

Seu estilo de crítica – de forma indireta, usando a terceira pessoa – não era novidade para mim. Eu havia entrevistado muitos desertores no passado e era surpreendente ver a rapidez com que muitos deles atacavam as pessoas ao seu redor, muitas vezes pelas costas. Fiquei pensando se esse comportamento era resultado da doutrina de críticas semanais a que eram submetidos desde sempre e da constante espionagem de seus conterrâneos.

O sr. Hong meneou a cabeça e, estalando a língua, continuou:

– A camarada Kim Suki realmente tem um longo caminho pela frente. Lecionei na Universidade Kim Chaek por dez anos e faço parte do Comitê Nacional de Educação, responsável por conceder os graus de mestre e doutor, tudo graças à solicitude de nosso Grande Líder, e posso declarar, com toda a certeza, que a camarada Kim Suki não entende nada sobre dar aulas!

Eu estava começando a ficar um pouco preocupada que essa pudesse ser uma forma indireta de me dispensar do emprego, então perguntei:

– Meus alunos falaram alguma coisa? A faculdade está insatisfeita com a forma como ensino? Minhas aulas não são boas?

Estávamos falando em coreano e, para “não são boas”, usei o termo *byulro*, que também pode ser traduzido como “não são tudo isso”.

– *Byulro*? Que tipo de palavra é essa? – Ele desviou o olhar, fingindo estar entediado. Por um instante, pensei que talvez aquele termo não existisse na Coreia do Norte.

– Não sabe o que essa palavra significa? – perguntei.

– *Byulro*? *Byulro*? Não sei o que é, camarada Kim Suki! *Você* que é *byulro*!

Nesse momento, percebi que ele sabia exatamente o que a palavra significava e estava apenas fazendo graça.

Ele ainda não tinha terminado:

– Mas os alunos realmente gostam muito dela. Quando vejo a camarada Kim Suki lançando um olhar feminino na direção dos alunos no refeitório, me pergunto se eles não estão enfeitiçados por seu charme feminino. Eles devem passar a noite inteira acordados pensando na professora. São jovens viris, afinal de contas.

Eu estava me sentindo cada vez mais incomodada, embora não estivesse surpresa com aquele comportamento. Às vezes, os seguranças diziam coisas que beiravam o assédio sexual. Felizmente, o celular do sr. Hong tocou (seguranças e contrapartes sempre andavam com um) e eu me afastei.

Logo em seguida, fui falar com Beth, que me contou que, por ser uma “cara pálida”, que era como ela e Joan costumavam se referir a si mesmas, nunca tinha recebido aquele tipo de tratamento. Mary, que era uma sino-coreana de quase quarenta anos, disse que talvez eu devesse usar roupas mais recatadas, embora eu não fizesse ideia de como poderia ficar com uma aparência ainda mais séria. Para tentar me passar por missionária, geralmente usava saias longas, blusas de gola alta e cardigãs em tons de bege e marrom. Além delas, falei com Abigail, uma professora coreana-estadunidense de cinquenta e poucos anos que tinha uma longa experiência com norte-coreanos.

– Ah, os seguranças e as contrapartes fazem isso o tempo todo – disse ela. – Eles são extremamente reprimidos. Não podem fazer nada. Então, quando ficam nervosos, assediam as mulheres verbalmente para descontar a frustração. Mesmo aqueles em cargos altos, que você nunca imaginaria que pudessem fazer algo assim, de repente dizem alguma coisa que, nos EUA, seria considerada assédio. Esses caras também fazem esse tipo de coisa para conseguir subornos. É como uma espécie de chantagem. Eles reclamam de tudo. Vivem falando das dificuldades de cada etapa dos processos de visto. Ele estava tentando tirar uma graninha extra de você. Tudo o que você tem

de fazer é ser educada, mas firme. Sorria e diga: “Se você disser uma coisa dessas no meu país, pode até ser preso”. Isso os fará calar a boca!

Abigail, entretanto, era uma mulher de meia-idade e estava lá com o marido, então eu não sabia se essa abordagem também funcionaria para mim. De repente, a perspectiva de morar no mesmo lugar e compartilhar três refeições por dia com os mesmos homens que me observavam, faziam relatórios a meu respeito e me assediavam parecia insuportável.

Mais tarde naquela noite, conversei com Ruth, que entendeu meus sentimentos. Ela era uma neozelandesa-coreana de trinta anos, solteira, e dera aulas na UCTY durante anos. Passara por situações semelhantes e havia aprendido a melhor forma de agir. Para evitar ficar sozinha em público, sempre se juntava a outro professor, até mesmo nas refeições, e sempre tinha o cuidado de voltar para o alojamento acompanhada por mais pessoas. Embora falasse coreano muito bem (a mãe dela a obrigara a decorar uma página da Bíblia em coreano por dia), quando as contrapartes a abordavam, fingia não dominar a língua. Também se certificava de que as contrapartes soubessem que ela não tinha dinheiro sobrando, para que não tentassem pressioná-la por subornos. Quanto à minha corrida, ela não entendia por que isso deveria ser um problema.

– Basta sair para correr na hora da soneca deles – disse ela, dando de ombros.

– Que hora da soneca? Tipo uma sesta?

Ela irrompeu em gargalhadas e perguntou:

– Você não sabia disso? Eles dormem do meio-dia às duas! Você já viu alguém andando por aí nesse horário? Todos eles cochilam porque Você-Sabe-Quem mandou!

O *campus* ficava extremamente silencioso durante esse período, mas sempre pensei que os alunos estivessem se preparando para as aulas da tarde ou participando de mais aulas de Juche. Segundo Ruth, alguns dos trabalhadores sino-coreanos – os faxineiros e alguns membros da equipe de administração – reclamavam de não poderem trabalhar durante a “maldita hora da soneca”, que se aplicava a todos os norte-coreanos no *campus*, tanto os alunos quanto as contrapartes. Os meus alunos confirmaram que havia mesmo uma hora da soneca. Todos realmente voltavam para seus quartos e dormiam. Alguns me disseram que a hora da soneca era algo exclusivo da UCTP e que nunca tinham ouvido falar disso antes de irem para lá.

De qualquer forma, daquele dia em diante corri por aquele *campus* mergulhado em um silêncio mortal sem ser perturbada, enquanto todos dormiam profundamente, seguindo as instruções de seu Grande Líder.

NA REUNIÃO DE EQUIPE SEGUINTE, os rostos fechados que encontrei eram indício de que algo ruim havia acontecido. Uma das professoras missionárias do semestre de verão tinha escrito um artigo para o *Washington Post* sobre sua experiência na UCTP. Não o mostraram para nós, nem mesmo nos disseram o que ela havia escrito, e era muito arriscado acessar o site. Tudo o que sabíamos era que o presidente Kim estava profundamente chateado e disse que pretendiam monitorar os professores com mais cuidado.

– Eu disse a todos os professores que eles não deveriam falar com a imprensa e que, se fossem abordados, tinham de mandar tudo para mim primeiro – declarou Joan, um tanto quanto na defensiva.

– A equipe de verão assinou o mesmo contrato que assinamos no inverno passado? – perguntou um professor britânico que lecionava na faculdade desde que ela foi inaugurada.

– Não, mas eu disse a eles que tinham de manter a discrição! – respondeu Joan.

Uma outra professora acrescentou:

– Ela queria voltar para cá no próximo verão, e até mesmo trazer o marido, mas agora acho que não vai acontecer.

Todos assentiram, concordando em ser ainda mais cuidadosos dali em diante. Foi estranho ver a rapidez com que a censura imposta levava à autocensura. Eu estava com medo de que me obrigassem a assinar algum tipo de contrato, e instintivamente apertei meu chaveiro com força, no qual meus dois *pen drives* estavam pendurados. Eu sabia que, mais cedo ou mais tarde, contaria ao mundo o que tinha visto ali e que isso causaria muita angústia aos meus colegas. Pensar nisso era horrível. Só me restava esperar que me perdoassem e se lembrassem da Bíblia e de seu Senhor, que, de acordo com eles, criou todas as coisas, incluindo eu e minha futura e inevitável traição.

EM OUTUBRO, DESCOBRI QUE Steve Jobs tinha morrido e que Kadafi fora morto na Líbia. Os jornais do mundo todo falavam da Primavera Árabe, uma nova ordem na qual o descontentamento civil não seria mais reprimido com tanta facilidade. Na RPDC, contudo, a vida continuou exatamente como fora nos últimos sessenta e poucos anos, sem outras notícias senão aquelas que se referissem ao Grande Líder.

As aulas também seguiram de forma muito semelhante à do verão, mas, como o plano de estudos do outono era mais carregado, não havia tempo para atividades ou cartas semanais, então não pude ser tão criativa. Um novo sistema de ensino em equipe foi introduzido para garantir que mantivéssemos uns aos outros na linha, assim como os alunos faziam entre si. Seria completamente diferente da relação que eu tivera com Katie, que atuara como professora assistente e costumava seguir minhas instruções. Katie não voltou para o semestre de outono, assim como Sarah. Agora eu teria de repassar todas as aulas com Martha, a outra professora da equipe – uma britânica de vinte e quatro anos que lecionava para as Turmas 2 e 3 – e senti que a ínfima liberdade que eu tinha para lecionar havia desaparecido.

Ainda assim, usando a desculpa de ensinar aos alunos a diferença entre a linguagem formal e a informal, preparei uma tarefa envolvendo uma carta de candidatura a emprego e ela foi aprovada. Eu queria saber mais sobre como as decisões de trabalho eram tomadas por lá e também mostrar a eles que, no resto do mundo, as pessoas *escolhem* os próprios empregos. A tarefa consistia em escrever uma carta candidatando-se ao seu emprego dos sonhos. Muitos simplesmente seguiram o exemplo que estava na lousa, uma carta de alguém se candidatando a um cargo de tradutor. Apenas alguns apresentaram suas próprias possibilidades de trabalho. Um deles escreveu uma carta ao Manchester United pedindo para ser contratado, disponibilizando-se a enviar um currículo, como se essa fosse uma forma razoável de provar seu valor para um time de futebol profissional. Outros disseram que desejavam se candidatar a uma vaga na NBA, mas não

queriam pedir emprego a um ocidental, então eu disse que poderiam atribuir um nome coreano ao destinatário da carta. Um outro aluno me disse que queria pedir um emprego ao Bill Gates, mas que não sabia o endereço dele. Respondi que bastaria inventar um endereço qualquer, mas, como ele nunca tinha visto como se escrevia um endereço de outro país, ainda parecia confuso. Sem acesso à internet, até mesmo as tarefas mais simples lhes causavam dor de cabeça.

Quase ninguém entendeu a ideia fundamental por trás daquela carta. Eles escreveram coisas como “Não tenho emprego e gostaria de um emprego” ou então “Estou entediado e quero um emprego”. O conceito de se tornar comercializável aos olhos de um empregador em potencial simplesmente não existia para eles.

Como essa era uma tarefa que visava apontar as diferenças entre linguagem formal e informal, insisti com Martha que eu precisava verificar as habilidades dos alunos de escrever cartas informais. Por isso, pedi que escrevessem uma carta pessoal lembrando-me de quem eles eram. As cartas foram muito mais carregadas de emoção do que eu esperava. Muitos usaram os dois lados da folha. Em vez de assinarem os próprios nomes no final, alguns se descreveram e me pediram que adivinhasse quem eles eram, e um deles assinou a carta como “Menino tímido (só em inglês)”.

Outro tentou ser engraçado e escreveu: “Meu cérebro é ruim e minha aparência é feia. Minha cabeça parece uma abóbora e meu corpo parece uma batata. Agora, sabe me dizer quem sou?”. Um outro aluno escreveu: “Querida professora, levando em conta seus modos elegantes, achamos que você deve ter um namorado charmoso. Como foi que você encontrou esse cara?”. Eles falaram sobre o Dia do Esporte, sobre o concurso de soletrar e sobre a saudade que sentiam da Katie. Um deles contou como ficara emocionado quando, certa noite, eles tinham demorado mais que o normal cuidando dos jardins, e Katie e eu os esperamos para que pudéssemos jantar todos juntos. Outro escreveu: “No semestre de verão, você foi uma boa professora, mas também foi como uma irmã. Nós sentimos muito não termos nos despedido quando você foi embora para o aeroporto”. Outro escreveu: “Durante as férias, senti saudade do seu ‘cavalheiro’, que costumava nos confundir, mas conseguíamos ler na sua mente que você queria que agíssemos como cavalheiros a vida toda”.

Muitos recordaram a última noite do semestre de verão, quando cantei aquela música nacionalista com eles. Um aluno escreveu: “Seu canto nos

impressionou profundamente, pois você cantou aquela música com alegria e tristeza, e seus olhos ficaram marejados. Se estivesse pensando nos dias que passou conosco, você estaria feliz e, se estivesse pensando em se despedir de nós, estaria triste”. A maioria deles tinha permanecido impassível naquele dia, mas um aluno escreveu: “Você chorou naquela noite, professora, e é claro que, na nossa mente, nós choramos também”. Isso talvez fosse o máximo que eu poderia fazer para me conectar com eles, pensei.

Ou talvez pudesse ir além. Como a tecnologia era tão obsoleta na Coreia do Norte e eles tinham tão pouco acesso a ela, eu queria que vissem como eram as coisas lá fora. Eu poderia ter estrelado um comercial da Apple por todas as vezes em que fiz questão de exibir meu MacBook novinho em folha enquanto dava aula. Também usava meu Kindle sempre que podia. Estava sempre pensando em formas de torná-los cientes do mundo da tecnologia moderna. Para o exercício de escrita seguinte, decidi usar obituários do Steve Jobs para ensiná-los sobre a arte da biografia. O problema é que teria de mostrar o material para a outra professora da minha equipe antes de conseguir a aprovação das contrapartes.

Martha entrou no meu escritório segurando as cópias dos nove obituários que eu tinha selecionado. Ela meneou a cabeça e disse:

– A maioria não vai dar certo. Teríamos de remover todas as partes interessantes. Nesse da blogueira cubana, por exemplo, sobre como ela saiu de uma sociedade reprimida e se sentiu tocada por Steve Jobs em um nível pessoal, teríamos de tirar toda a parte que fala sobre política. E esse artigo sobre a reação chinesa não vai funcionar. Os chineses estão colocando flores no memorial de Jobs como se ele fosse Mao. As contrapartes nunca vão concordar com isso.

Martha era uma garota certinha e cristã que acreditava firmemente que deveria seguir as regras, mas também era jovem, então mantive-me firme.

– Por que a gente simplesmente não corta um ou dois parágrafos?

Então, sentamos no meu escritório, esquartejando artigos muito bem escritos. No fim, ficamos só com três: CNN, *Forbes* e MTV. Martha estava preocupada com o obituário que tínhamos pegado no site da MTV, que mencionava aparelhos que os alunos não conheciam, como iPods e iPads.

– Isso não vai significar nada para eles – insistiu Martha.

Embora as contrapartes tenham aprovado a tarefa, nenhum dos alunos – alguns deles cursando ciência da computação – tinha ouvido falar de Steve

Jobs. Quase não demonstraram interesse, nem mesmo quando contei que ele tinha sido um dos responsáveis por criar o equipamento que estava à minha frente.

Parecia estranho que todos eles já tivessem ouvido falar de Bill Gates, mas não fizessem ideia de quem era Mark Zuckerberg e Steve Jobs. Os únicos dois escritores de língua inglesa que os ouvi mencionar foram Sidney Sheldon e Margaret Mitchell. Vários alunos me contaram que já tinham lido *E o vento soprou*⁵ e citaram trechos dele. Quando fui à Universidade Kim Il-sung, em 2002, os alunos de lá haviam me dito a mesma coisa. Talvez tenha sido o conflito entre o Norte e o Sul, em que o Norte vence, que havia despertado a atenção deles. “Você conhece a letra de ‘Aloha Hawaii’?”, perguntaram as duas contrapartes mais jovens da minha classe, ambas com quase quarenta anos, referindo-se a uma música *pop* estadunidense “muito famosa”. Quando respondi que não conhecia, pareceram muito surpresos. Mais tarde, pesquisei e descobri que existiam um álbum e um show do Elvis Presley chamados “Aloha from Hawaii”, ambos de 1973. As coisas que eram trazidas pelo mar e encontravam o seu caminho até a Coreia do Norte eram aleatórias; parecia não haver nenhum padrão e nenhuma razão aparente para determinar quais aspectos da cultura ocidental – fosse um ídolo como Michael Jordan, fossem fragmentos culturais – teriam permissão de entrar.

AS COISAS NAQUELE SEMESTRE pareciam diferentes. Os alunos já estavam acostumados comigo àquela altura, e todos éramos menos cautelosos. Muitos deles já me diziam abertamente que celulares não eram permitidos na UCTP, mas, apesar disso, alguns às vezes os pegavam emprestados de funcionários do *campus* para ligar para casa. Tinham pais muito poderosos, então fazia sentido que conseguissem exercer certa influência sobre os funcionários. Embora os pais não tivessem permissão de entrar no *campus*, eles podiam, em raras ocasiões, dar uma passada no portão para ver os filhos ou deixar alguma coisa. Certo dia, um aluno não apareceu para almoçar comigo no horário que tínhamos combinado. Mais tarde, explicou-me que a mãe tinha passado por lá e deixado bolinhos de arroz e frango assado no portão, pois era aniversário dele. Era filho único, e a mãe chorou durante os vinte minutos que haviam passado juntos, então ele lhe dissera: “Se continuar chorando, vou voltar lá para dentro”. Ele riu ao contar isso diante dos amigos, mas seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Os alunos me perguntaram o significado da palavra “exclusivo”, então dei como exemplo um restaurante muito famoso de Pyongyang, o Okryu-gwan. Um aluno se animou e me contou que uma amiga do ensino fundamental era garçonete lá. Ela não tinha passado no vestibular, então fora designada para um emprego como garçonete. Perguntei se ela lhe dava *naengmyeon* a mais, e ele respondeu que não, mas que o atendia mais rápido. Estava claro que até mesmo os moradores locais tinham de enfrentar longas filas de espera nos restaurantes, assim como os visitantes. De todo modo, diante do meu exemplo, a turma inteira negou com a cabeça e disse: “Não, isso não é exclusivo, é popular!”. Depois, disseram que talvez eu estivesse me referindo ao restaurante do Hotel Koryo. Explicaram que, no Okryu-gwan, pagavam a conta com um tíquete de racionamento para refeições emitido pelo governo. No Hotel Koryo, por outro lado, era necessário pagar em dinheiro, o que deixava alguns clientes de fora.

– Todo mundo recebe a mesma quantidade de tíquetes de racionamento?
– perguntei.

Eles responderam que sim, embora alguns tenham acrescentado que a quantidade de tíquetes dependia da lealdade da pessoa ao Partido. Essa história de tíquete de racionamento *versus* sistema de dinheiro era muito confusa. Eu sabia que o Estado distribuía algumas coisas de graça enquanto outras eram pagas, mas nunca consegui descobrir onde é que eles arrumavam o dinheiro.

Fui pega de surpresa quando um aluno usou a Samsung como exemplo de marca ou empresa exclusiva. Eles não podiam enaltecer nada relacionado à Coreia do Sul e, além disso, a Samsung não tinha uma presença tão forte por ali quanto a Hyundai, cujo fundador, Chung Ju-yung, era da Coreia do Norte e já havia conduzido uma centena de caminhões, transportando mil e uma vacas, através da ZDC (zona desmilitarizada da Coreia) até o Norte, entre outros projetos intercoreanos.

Desta vez, eles também passaram a fazer mais perguntas sobre os Estados Unidos. No jantar, um aluno perguntou, com cautela: “Entre os universitários dos EUA, é segredo ter uma namorada?”, ao que respondi: “Não, é bem comum para nós, mas venho de uma sociedade diferente. E por aqui? É segredo?”. Ele assentiu, mas outro aluno negou com a cabeça. Eles estavam hesitantes, mas ainda assim já era um avanço; significava que confiavam o suficiente em mim para perguntar uma coisa dessas.

Como eles gostavam de esportes, decidi pedir que lessem um artigo curto sobre por que, nos Estados Unidos, o beisebol e o basquete eram considerados modalidades mais adequadas para a TV do que o futebol, e as contrapartes aprovaram. O principal argumento do autor era de que a contagem de tempo no futebol tornava mais difícil a veiculação de intervalos comerciais, o que diminuía o interesse dos canais em exibir partidas desse esporte. Não existiam comerciais na RPDC, então expliquei aos alunos que se tratava de um filme muito curto produzido por uma empresa para vender um produto. Usei como exemplo um dos poucos produtos produzidos localmente, uma água mineral engarrafada chamada Shinduk Saemul.

– Tudo bem – comecei. – Digamos que, durante um jogo de basquete, haja um intervalo para um comercial com o Michael Jordan. – Eles sorriram à menção do nome. Em seguida, fingi que eu era o Michael Jordan, batendo a bola e a enterrando na cesta. Depois, ainda fingindo, virei-me e enxuguei o suor da testa, dei um gole em uma garrafa de Shinduk Saemul e disse: – Uau, Shinduk Saemul é o que tem de *melhor*!

Todos eles desataram a rir e expliquei que esse seria um comercial típico do meu país. Disse a eles que, se a empresa que fabricava a Shinduk Saemul pertencesse a uma pessoa, e não ao governo, a empresa “miraria” nos espectadores de basquete ao contratar Michael Jordan e comprar o tempo de transmissão da emissora. O objetivo da empresa era fazer com que os telespectadores do mundo todo assistissem ao comercial e quisessem tomar a mesma água que Michael Jordan tomava e a comprassem. Eles gostaram da ideia do famoso astro de basquete estadunidense bebendo água norte-coreana e, surpreendentemente, pareciam compreender o conceito geral de marketing. A curiosidade deles aumentou.

– Quantos canais de TV existem nos Estados Unidos? – perguntou um aluno durante o jantar certa noite.

– Muitos – respondi.

– Cem?

Cem canais de televisão pareceria um absurdo para eles, já que só tinham três canais do governo, então o aluno provavelmente estava dando um palpite exagerado. Na realidade, porém, meu provedor de TV a cabo oferecia quase mil canais.

– Mais – respondi, encolhendo os ombros. – Temos uns trinta canais gratuitos, mas há centenas deles na TV a cabo, pelos quais temos de pagar.

São muito variados. Existem canais de filmes, de desenhos animados, de notícias, de esportes. A programação infantil, por exemplo, pode ser dividida em desenhos animados e programas *live-action*, mas também pode haver canais diferentes, com desenhos animados para crianças de três, cinco e dez anos. Isso também vale para os canais de esportes. Tem um só para basquete, outro para golfe, beisebol, futebol americano, e muito mais, o dia inteiro.

Alguns ficaram me encarando boquiabertos, e outros apenas desviaram o olhar. Não sei dizer se acreditaram em mim, mas minha resposta detalhada pareceu deixá-los incomodados. Eu estava sendo mais ousada do que nunca, mas, àquela época, eu tinha confiança de que eles não me denunciariam. Também sabia que poderia, de um jeito ou de outro, associar aquilo à aula sobre comerciais de TV, caso fosse questionada pelas contrapartes. Por várias semanas depois disso, muitos alunos me fizeram a mesma pergunta sobre a quantidade de canais de TV nos EUA, e minha resposta sempre tinha o mesmo efeito: um olhar de descrença e mais uma coisa que eu não conseguia decifrar – algo entre a inveja e a incerteza. Eu não estava me gabando da televisão estadunidense, até porque grande parte dela era péssima, mas queria que eles vissem que nós tínhamos como escolher, que fazíamos muitas escolhas, e que o que seus líderes lhes tinham dito sobre serem poderosos e prósperos não passava de fantasia. Eles estavam atrasados, mais atrasados do que quase todo o resto do mundo, e, se quisessem realmente se tornar uma nação poderosa e próspera que produzia mais do que apenas água mineral, era importante que acordassem.

Mas eu não podia lhes dizer nenhuma dessas coisas, então, em vez disso, não parava de repetir que tínhamos centenas de canais de televisão à nossa escolha. Em outra ocasião, eles falaram sobre programas de intercâmbio e um aluno comentou que seu colega de quarto queria ir para Stuttgart, na Alemanha. Contei-lhes que já tinha estado lá e eles perguntaram quando.

– Ah, muitos anos atrás, quando eu estava morando em Londres. A Alemanha fica perto da Inglaterra. A Europa é pequena. Demora apenas duas horas e quinze minutos de trem para ir de Londres a Paris, por exemplo.

– E o mar? – perguntou o aluno, chocado.

Expliquei que tinham construído um túnel, pelo qual passava um trem de alta velocidade.

– São quantos quilômetros de Londres a Paris? – quis saber ele.

Eu não sabia o número exato, então lhe disse que voltaria a falar com ele posteriormente. Alguns dias depois, contei ao aluno que eu tinha pesquisado na internet e descobrira que a distância era de 340,55 quilômetros. Ele pareceu incomodado com essa informação. Talvez tivesse percebido que minha internet era diferente da intranet que ele usava, e me perguntei se deduziria que o sistema de transporte do seu país estava décadas atrasado e que o mundo em que vivia fora projetado para restringir qualquer tipo de movimento.

Até mesmo as contrapartes não tinham muita noção de tempo e distância além do seu trajeto diário. Durante uma das aulas, perguntei a eles sobre suas rotinas matinais e descobri que a maioria deles saía de casa em Pyongyang por volta das seis e meia para chegar à UCTP às oito. Depois perguntei quanto tempo demorava para ir de Pyongyang a Wonsan, uma das principais cidades de lá. Era como perguntar a um grupo de professores estadunidenses quantas horas leva para ir de Nova York a Washington, D.C. Um deles respondeu três horas. Outro disse oito. Um terceiro disse catorze. Quando perguntei por que suas respostas eram tão diferentes, permaneceram calados. Não tinha certeza se era devido ao inglês insuficiente, ao constrangimento por seu sistema de transporte ineficaz, à ignorância ou se era porque pouquíssimos deles tinham viajado para Wonsan. Como se falasse em nome de toda a classe, um deles respondeu:

– Eu não gosto de trens. Vou de carro para lá. Por isso, não sei quanto tempo leva de Pyongyang a Wonsan.

Conceitos como *jet lag* e milhas aéreas os confundiam com frequência. Parecia que aqueles homens de meia-idade eram tão desinformados quanto os universitários.

Lembrei-me de como a sra. Johnson, a esposa coreana de quarenta e poucos anos de um professor estadunidense, tinha comentado que dar aulas para aqueles norte-coreanos era “uma perda de tempo” e que sua filha de nove anos sabia mais sobre computadores do que os estudantes de computação de lá. Naturalmente, a RPDC infantilizava seus cidadãos de propósito, tornando-os indefesos e impotentes para que tivessem de depender do Estado.

COM A APROXIMAÇÃO DAS PROVAS, os alunos estavam ligeiramente em pânico. Importavam-se muito com as notas. Alguns me disseram que, em vez de

dormir na hora da soneca, eles estudavam, e um tinha ficado acordado até tão tarde memorizando vocabulário que sofrera um sangramento nasal por estresse. No sistema deles, a hierarquia era tudo. Descobri que até a lista de chamada da manhã os elencava com base em seu desempenho. Muitos dos alunos tinham vindo da Escola Secundária Local Número 1, e os pais de alguns deles trabalhavam no Hospital Número 1 e moravam no Distrito Número 1. Era evidente que o valor de cada pessoa era determinado por meio de números.

Em outros aspectos, o mundo deles não era tão diferente do nosso. Embora não pudessem viajar livremente, as elites transitavam em um pequeno círculo. Um dos alunos me contou com orgulho que tinha frequentado a Escola Secundária Número 1 do Distrito Leste de Pyongyang, a segunda melhor escola de todo o país, logo atrás da Escola Secundária Número 1 de Pyongyang, a mesma em que o Grande Líder estudara. Sete outros alunos da Turma 1 também tinham estudado lá. Além de ter uma matéria sobre Mao, a escola tinha disponibilizado um programa de intercâmbio com a Escola Secundária Número 5 de Pequim, na China, onde eles tinham frequentado um curso inteiro dedicado a Kim Il-sung. Os pais dos alunos mais privilegiados pareciam ser membros importantes do Partido ou médicos proeminentes. Muitos de seus pais já tinham viajado para o exterior a trabalho, para a China, Líbia ou Rússia. As mães geralmente não trabalhavam. Se seus irmãos tivessem idade suficiente, frequentariam uma das universidades famosas de Pyongyang. Muitos dos meus alunos eram filhos únicos, no entanto.

Aqueles que não eram de Pyongyang – e sim de cidades como Hamhung, Saryun e Nampo – tinham histórias diferentes. Seus pais geralmente eram médicos locais ou cientistas, e seus irmãos serviam ao exército. Alguns admitiram que não tinham ideia de por quanto tempo seus irmãos ou irmãs teriam de servir – talvez nove ou dez anos. Até onde eu sabia, o serviço obrigatório era de dez anos para os homens e sete para as mulheres, mas parecia variar. Um deles comentou que o irmão mais velho estava no exército havia cinco anos e meio e fora estacionado no extremo norte do país. Respondi que devia ser muito frio por lá e ele assentiu com a cabeça, acrescentando que sentia muita saudade. O irmão dele só tinha recebido permissão de voltar para casa uma vez. Isso em um país do tamanho da Pensilvânia! Esses alunos pareciam ter sido mandados para a UCTP com base no seu mérito acadêmico. Sua criação mais modesta era visível em

seus sapatos, roupas, bolsas e canetas, que nunca eram tão bonitos ou elegantes quanto os dos alunos de Pyongyang.

Havia, contudo, algumas exceções – alunos que não eram de Pyongyang e pareciam ser os mais abastados de todos. Em tempos recentes, algumas das regiões fronteiriças tinham se beneficiado do comércio ilegal com a China, e suspeitei que os pais desses alunos talvez tivessem comprado a vaga dos filhos na UCTP. Essas diferenças de classe pareciam definitivamente capitalistas, mais uma rachadura na fachada da Coreia do Norte.

Quanto mais eu aprendia sobre o sistema deles, mais percebia que sua obsessão com as notas tinha raízes mais profundas que a mera preocupação acadêmica. Eles realmente acreditavam que as notas e o seu desempenho determinariam todo o seu futuro. Não prestavam vestibulares para universidades específicas, por exemplo. Faziam exames de admissão para a faculdade durante o primeiro e o último ano do ensino médio, e então o governo regional decidia quais universidades eles frequentariam. Não havia entrevistas de admissão. Mas nem tudo era determinado pelas notas. O histórico familiar, ou *songbun*, também era fundamental para determinar a que faculdades seriam enviados. De acordo com o presidente Kim, havia uma longa lista de espera para os alunos de graduação do próximo ano na UCTP porque todos os líderes do Partido do país queriam que os filhos fossem estudar lá em vez de serem enviados para um canteiro de obras. A corrupção estava em toda parte. As notas não eram as únicas coisas capazes de salvá-los, mas eram a única coisa que eles podiam controlar.

Também era assim com relação a suas carreiras. Os empregos, bem como a faculdade, eram determinados pelo governo. Meus alunos insistiam que essa era uma conduta justa. O governo levava três coisas em consideração na decisão: a capacidade da pessoa, conforme apontavam suas notas; os relatórios que os amigos e professores escreviam sobre ela; e, por fim, a lealdade da pessoa ao Partido. Eu queria saber mais detalhes sobre esse último critério, mas era proibido fazer perguntas sobre seu partido político.

Enfim, perguntei: “Então, por aqui vocês nunca escrevem uma carta de candidatura a emprego como a da tarefa?”. Todos responderam: “Isso mesmo, não escrevemos esse tipo de carta”. Mais tarde, um aluno me perguntou se os estadunidenses escreviam cartas como aquelas. Respondi que sim, e que eu mesma tinha escrito uma para conseguir meu primeiro emprego depois de sair da faculdade. Ele perguntou o que acontecia depois

disso e expliquei que, se fôssemos escolhidos, éramos chamados para uma entrevista. Ele pareceu perplexo. “E o que acontece nessas entrevistas?”. A única entrevista de que haviam participado fora a da UCTP, cujo intuito era avaliar seu nível de inglês. Eu sabia que eles provavelmente nunca teriam de escrever uma carta daquelas e me arrependi de ter passado a tarefa a eles. Será que eu os estava chateando desnecessariamente ao dar indícios do que existia além de suas fronteiras?

AINDA QUE ÀS VEZES FOSSE EXASPERANTE, dar aulas para eles nunca me pareceu “uma perda de tempo”. Os alunos *estavam* se tornando mais cientes do mundo que existia lá fora. Um deles me perguntou quando se comemorava o Dia Internacional da Juventude. Ele disse que não celebravam esse dia por lá, mas alguns professores estrangeiros falaram sobre isso no semestre anterior e ele não conseguia se lembrar se era no dia 11 ou 12 de novembro. Na verdade, era no dia 12 de agosto, conforme descobri no Google, no qual eu confiava quase tanto quanto eles confiavam nos livros escritos pelo Grande Líder. Quando contei a data ao aluno no dia seguinte, ele ficou eufórico.

Outro repetiu um enigma que tinha ouvido em algum lugar: “O homem que o criou não o queria. O homem que o construiu não precisava dele. O homem que o usou não se deu conta”. O aluno declarou que não conseguia saber a resposta de jeito nenhum. “Um caixão”, respondi a ele no dia seguinte. Então, na próxima carta, ele me escreveu: “Para ser sincero, eu não sabia que seria possível encontrar uma resposta para esse enigma na internet e, por causa disso, percebi como a internet pode ser útil”.

Certa noite, durante o jantar, resolvi me arriscar e contei aos alunos que eu podia ligar para casa. Alguns professores tinham começado a usar o Skype para falar com a família, embora a maioria de nós evitasse fazer isso, pois não queríamos expor nossos parentes àqueles que nos espionavam. Alguns alunos pareceram confusos e outros, desinteressados, mas continuei falando.

– Vocês já ouviram falar do Skype? – perguntei casualmente. Eles negaram com a cabeça. – É um programa da internet. Nós o usamos para fazer chamadas para qualquer lugar do mundo.

– É de graça? – quis saber um.

Respondi que sim, e isso pareceu impressioná-los. Mesmo assim, continuaram confusos e não perguntaram mais nada, embora eu continuasse

mencionando a palavra “Skype” nas semanas seguintes. Quando contei a eles que Katie, que estava trabalhando no Oriente Médio, tinha enviado um e-mail mandando um oi, Kim Tae-hyun perguntou:

– Você consegue entrar em contato com a srta. Katie daqui?

– Claro – respondi casualmente.

Ele não perguntou mais nada e pareceu absorto nos próprios pensamentos.

– Quando ela mandou o e-mail? – perguntou outro aluno.

– Ontem mesmo – respondi.

A mesa inteira ficou em silêncio.

Naquele semestre, montaram uma biblioteca no terceiro andar do prédio do refeitório. Uma das áreas estava repleta de estantes, com os livros doados, em sua maioria, por organizações sul-coreanas. Não havia imagens em quase nenhum deles, embora algumas inevitavelmente tivessem passado despercebidas. Havia, por exemplo, algumas revistas de arquitetura sul-coreanas, que contavam com algumas páginas de anúncios de condomínios, mostrando atores famosos e arranha-céus luxuosos. Um aluno contou a Ruth que tinha visto uma foto da Coreia do Sul em um livro da biblioteca. Quando ela perguntou o que o garoto achava daquilo, ele respondeu: “luminoso”. O cômodo também contava com algumas estações de computador e uma área de estudos com mesas amplas. Nenhum dos computadores tinha acesso à internet.

Havia também uma salinha com cerca de dez computadores, com uma guarda do lado de fora. A porta que dava acesso a ela ficava fechada, mas tinha janelas para que pudéssemos ver a parte de dentro. Os professores disseram que, em breve, alguns dos alunos de pós-graduação aprenderiam sobre a internet lá. (Os alunos de pós-graduação consistiam em um pequeno grupo de homens de vinte e poucos anos, cursando inglês, ciência da computação e economia. Eu só os via raramente, quando estávamos na fila do refeitório.) Isso representou um grande progresso, e estávamos todos aguardando ansiosamente mais novidades.

No original, “*Disappeared with the Wind*”. É como os alunos se referem ao livro *Gone with the Wind*, conhecido como ...*E o vento levou* no Brasil. (N. T.)

16

CHOVEU MUITO NAQUELE MÊS DE OUTUBRO. A chuva caía lá como em qualquer outro lugar, e isso me parecia assombroso. Lembrei-me das monções em Seul e, pela primeira vez, até senti falta delas. Foram muitas as vezes em que fiquei perto da janela, vendo a chuva cair por horas a fio, porque era como ter um gostinho de casa. A mesmice diária de viver sob constante vigilância estava começando a cobrar seu preço mais uma vez. Fui invadida por uma sensação de desesperança da qual não conseguia me livrar. As únicas coisas que poderia considerar minhas de fato eram meus pensamentos, e eles rodeavam minha mente o dia todo até que eu os anotasse. Mas as palavras não eram suficientes.

Eu sentia falta do meu namorado. A saudade dele me acompanhava por todo canto. Era como uma doença e, às vezes, não tinha nada a ver com ele. Sentir saudade dele era minha única lembrança da vida em Nova York e da garota que eu costumava ser. Eu sentia falta daquela garota que usava jeans – que tinha sido proibido por Kim Jong-il – em vez de minhas roupas monótonas de professora missionária. A garota que costumava bebericar uma taça de vinho no centro de Manhattan em vez de ir dormir às oito da noite só porque já estava escuro do lado de fora e não tínhamos permissão para ir a lugar nenhum, e porque as únicas pessoas que ainda permaneciam acordadas eram os alunos de guarda ou os outros professores lendo suas Bíblias. Naquele mundo, eu precisava de uma pessoa a quem amar, não importava o quanto fosse abstrato, e essa necessidade quase me deixava louca em algumas noites. Escrevi e-mails febris para ele e nunca enviei. E, além do mais, ele me respondia tão raramente que nem podia ser considerado um namorado em qualquer sentido mundano.

Nas poucas vezes que me escreveu, ele parecia ter entendido errado meus e-mails codificados. Antes de partir, eu lhe avisara de que nossas mensagens seriam monitoradas, mas ele sempre parecia esquecer-se disso e escrevia que estava confuso com o que eu tinha enviado, como se esperasse uma explicação. Certa vez, incluí uma palavra que ele costumava usar

quando se sentia triste: anedonia. Eu tinha receio de usar a palavra “deprimida” porque temia que uma varredura nos meus e-mails concluísse que eu estava tecendo comentários negativos sobre o país, então escrevi que “tivera” anedonia e errei a grafia de propósito para que ninguém pudesse buscar seu significado. Mas meu namorado não entendeu e simplesmente respondeu citando a grafia correta da palavra.

Às vezes, ele comentava sobre as dificuldades que passava em Nova York, as quais eu conhecia, ou costumava conhecer, mas que naquele momento pareciam irreais. Em uma ocasião, ele escreveu que estava de ressaca, não conseguia se concentrar e ia perder o prazo de um trabalho. Essas eram as aflições do mundo livre, a angústia de um artista, e ele não fazia ideia de como isso soava frívolo do meu ponto de vista. Em outra ocasião, me enviou o rascunho de um artigo que ele escrevera, com título e seu nome completo, embora eu lhe tivesse dito que nunca mandasse nada que pudesse revelar que ele era escritor. Eu sabia, porém, que ele não tinha como sentir a paranoia presente no mundo em que eu estava. E, assim, eu ansiava por notícias dele, mas fiquei aliviada quando ele passou um bom tempo sem me mandar nada.

Além disso, escrever e-mails era um processo longo e trabalhoso. Eu não sabia ao certo como eles monitoravam nossos e-mails, mas temia que ficar on-line tornasse mais fácil vasculhar meus outros e-mails ou até mesmo acessar meu disco rígido. Por isso, sempre escrevia os e-mails off-line, em um documento de Word, e depois o lia várias vezes à procura de qualquer coisinha que pudesse me colocar em apuros. Em seguida, me conectava à internet, copiava e colava o texto em um e-mail e pressionava “Enviar”, apenas para descobrir que estávamos sem eletricidade. Muitas vezes meu fim de semana transcorria desse jeito, escrevendo e reescrevendo e-mails curtos e depois esperando por uma conexão para enviá-los. Mas, de qualquer forma, não havia muito sobre o que escrever. Todo dia era praticamente idêntico ao anterior.

Minhas preocupações se tornavam menores a cada dia. Pesquisei qual era o teor de proteína do peixe em conserva, já que, em alguns dias, essa era a minha principal fonte de nutrição. A comida do refeitório consistia principalmente de legumes e verduras marinados, e eu quase não tocava na carne, que era servida muito raramente. Não era muito fã de carne e também suspeitava de que pudesse ser carne de cachorro, que tinha sido servida uma vez, durante o verão. Eu comia nozes e frutas secas que havia

levado de Nova York e comprava ovos nas idas ao supermercado para cozinhá-los na chaleira elétrica. Nunca fui fanática por saúde, mas sabia muito bem que não podia me dar ao luxo de ficar doente. Felizmente, a Loja Pyongyang no complexo diplomático vendia vários tipos de peixe espadilha em conserva vindos da Letônia, e o preço baixava à medida que a data de validade se aproximava.

Naquele semestre, além das lojas no complexo diplomático e da Loja de Departamentos Potonggang, tivemos permissão para fazer compras no Mercado Tongil (Unificação), um prédio de concreto que se estendia por um quarteirão, repleto de barraquinhas vendendo legumes, carne, frutas, roupas, equipamentos domésticos e aparelhos elétricos. A taxa de câmbio flutuava de semana para semana (durante o verão, era 2.500 won para cada dólar, mas no outono era de 3.500 won para cada dólar), e o preço dos alimentos também variava. O valor dos ovos, por exemplo, que eram vendidos em dezenas em uma caixa de palha improvisada, estava sempre mudando, de três dólares para dois, depois de volta para três. As frutas frescas eram tão caras que eu não entendia como as pessoas poderiam comprá-las. Cabides de plástico, que eram vendidos em pacotes de dez por noventa e nove centavos em lojas populares nos EUA, ali custavam um dólar cada. Um celular com tela *flip* fabricado na China e parecendo muito antigo custava oitenta dólares. Praticamente todos os produtos que não eram perecíveis tinham sido fabricados na China.

As vendedoras nos mercados eram todas mulheres, sempre vestidas com uniformes turquesa. Os clientes usavam casacos pesados e pareciam camponeses. Ninguém parecia reparar nos estrangeiros, já que o local parecia ter se tornado um ponto turístico obrigatório. Em certa ocasião, algumas vendedoras perguntaram de onde eu era, e quando lhes respondi que tinha crescido na Coreia do Sul, elas disseram que tinham presumido isso com base no meu sotaque de Seul, que acharam lindo. Foi a primeira vez que percebi que alguns norte-coreanos comuns gostavam de sul-coreanos, ou talvez até nos achassem glamorosos. A mesma coisa acontecia com os alunos. Embora não tivéssemos permissão para falar com eles em coreano, alguns tinham me ouvido conversar com os seguranças e comentado que acharam meu sotaque muito atraente. Isso me surpreendeu, já que o governo deles costumava se referir à Coreia do Sul de forma muito pejorativa. E, ainda assim, havia calidez em um nível pessoal.

A ÚNICA OUTRA OCASIÃO em que pudemos ver a cidade durante a semana foi em uma excursão à Sétima Feira Internacional de Outono de Pyongyang. No interior de um grande edifício chamado Three Revolution Exhibition, foram montados estandes em dois andares, com um pôster enorme de Kim Il-sung e faixas vermelhas com citações de Kim Jong-il. Os estandes continham uma seleção aparentemente aleatória de produtos à venda, incluindo laptops, máquinas de costura, painéis solares, meias-calças, hidratantes corporais, recipientes de palha e vitaminas. Embora tenha sido anunciada como uma feira internacional para expor o “comércio florescente” entre a RPDC e outros dezessete países, incluindo Itália, Alemanha e Suíça, quase todos os estandes que vi eram de empresas chinesas, com apenas um punhado representando empresas locais, como a Chosun Computer Center.

Depois de dar uma olhada em cada estande, o que levou menos de meia hora, Ruth e eu ficamos entediadas e saímos do salão de exposições. Tínhamos uma hora livre antes de nos reunir com os outros no ônibus. Nossos seguranças ainda permaneciam lá dentro com o restante do grupo e não estavam de olho em nós, pois sabiam que não tínhamos para onde ir, a não ser para a área bloqueada do lado de fora, vigiada por guardas. Então, seguimos até uma área na lateral do edifício, onde cerca de cinquenta ou sessenta pessoas estavam sentadas em cadeiras de plástico ao redor de mesas de plástico, e havia alguns *food trucks* vendendo *kebabs* de cordeiro, *naengmyeon*, lámen instantâneo e outros tipos de comida. Nós esbanjamos e nos deleitamos com um saco de batata chips de Singapura e latas de café instantâneo.

– Um brinde a, de repente, fazer nossas próprias escolhas... E eu não sei o que escolher! – exclamou Ruth, decidindo comprar o espetinho de cordeiro.

Pedi uma porção de lámen instantâneo, que na verdade era chinês e tinha gosto de algum tempero estrangeiro. Nós, sul-coreanos, crescemos comendo lámen industrializado da mesma forma que as crianças estadunidenses crescem comendo sanduíches de pasta de amendoim, e até mesmo uma criança consegue diferenciar os saborosos dos ruins. Os nossos geralmente eram mais apimentados e mais substanciosos; ali, porém, qualquer lámen vendido na rua era chinês. Nunca me deparei com lámen norte-coreano.

A tarde estava fria, apesar de ensolarada, e havia muitas pessoas comendo do lado de fora. Mais ou menos metade delas devia ser chinesa ou

sino-coreana, grupos que pareciam representar a maioria dos estrangeiros em Pyongyang, mas as outras pessoas eram moradores locais. A única coisa que distinguia os cidadãos de Pyongyang dos chineses eram os broches do Grande Líder que traziam no peito. Muitos deles estavam comendo *naengmyeon* e tomando cerveja, uma combinação popular principalmente durante os verões tórridos na Coreia do Sul, mas não no fim do outono. Nenhum deles tinha uma aparência tão bem-cuidada quanto a de nossos alunos, mas, bem, não tinha como alguém se parecer com nossos alunos. Ainda assim, aquelas pessoas tinham faces coradas e não pareciam tão famintas como a maioria das que eu via pelas janelas do ônibus ou mesmo no mercado.

Quanto mais eu conhecia a Coreia do Norte, mais percebia como ela se assemelhava às partes da China que já tinha visitado. No meu trajeto de volta para casa, depois do semestre de verão, tinha parado em Seul e dado um livro de receitas norte-coreanas para a empregada sino-coreana da minha irmã. Ao olhar as fotos dos pratos, ela exclamou: “Ah, essa é a nossa comida! É chinesa! Sinto saudade de casa só de olhar para essas fotos”. Para os sul-coreanos, contudo, muitos dos pratos presentes nos livros eram de fora. As pessoas nas ruas de Pyongyang pareciam chinesas para mim. Usavam roupas que tinham sido importadas da China. Praticamente todas as mulheres tinham permanente no cabelo, que adornavam com presilhas cintilantes, igual aos penteados que eu tinha visto as chinesas usarem. Kim Il-sung jazia embalsamado no Palácio Kumsusan da mesma forma que Mao repousava no seu Mausoléu. A paisagem que se estendia à minha frente poderia pertencer a uma pequena colônia chinesa.

Talvez não fosse surpreendente que houvesse tantas semelhanças. Por mais de sessenta anos, tirando a União Soviética, o aliado mais próximo da Coreia do Norte tinha sido a China. Enquanto os sul-coreanos eram consumidos pela influência dos Estados Unidos, a ponto de os jovens adotarem nomes, maneirismos e visual estadunidenses e de as jovens pintarem o cabelo de loiro ou ruivo e apelarem para cirurgias plásticas para ocidentalizar seus traços, os norte-coreanos adotavam a estética chinesa. A nação parecia ter se desenvolvido para se assemelhar à China tanto no âmbito cultural quanto no visual. E isso me levou ao questionamento: se os norte-coreanos vissem Seul nos dias de hoje, a cidade pareceria estadunidense aos olhos deles? Mais de sessenta anos atrás, as

superpotências traçaram uma linha imaginária dividindo a Coreia, e aquela Coreia chinesa era o legado dessa divisão.

Sentada ali, me senti cada vez mais desconfortável. Quando visitava qualquer uma das duas Coreias, sempre pensava que estava voltando às minhas raízes e que descobriria novas verdades sobre meu passado. Naquele momento, todavia, ocorreu-me que o passado que eu tanto buscava fora enterrado e dominado por influências estadunidenses e chinesas havia muitos anos. A Coreia da minha imaginação só existia em pinturas e livros de história, e na memória das gerações anteriores e nos vestígios que eu vislumbrava, vez ou outra, como cacos de vidro se projetando do passado enterrado.

— NÓS VAMOS SAIR AMANHÃ! — Ryu Jung-min deixou escapar durante o almoço.

Pelo jeito, ele não estava conseguindo controlar a empolgação, pois os alunos raramente forneciam informações voluntariamente. Perguntei a ele aonde iriam, ao que respondeu:

— Não sabemos. Mas vamos sair!

Outro aluno acrescentou:

— Sim, talvez por uma hora, ainda não sabemos. Mas é nossa primeira saída desde que chegamos à UCTP.

Eles disseram que foram informados de que isso fazia parte de seus estudos, e que talvez fossem levados para um canteiro de obras em Pyongyang. Não para trabalhar, só para dar uma olhada, insistiram eles.

Durante o jantar, Choi Min-jun confirmou a informação. Ele também não fazia ideia de para onde iriam. Quando comentei que talvez seus pais pudessem passar para vê-lo enquanto estivesse em Pyongyang, ele arregalou os olhos.

— Mas, professora, nossos pais não sabem que vamos sair!

No café da manhã do dia seguinte, os alunos estavam vestidos com seus paletós escuros e gravatas de sempre. Sairiam às nove horas, disseram, mas ainda não sabiam para onde iriam, nem mesmo como chegariam lá. Enquanto voltava para o alojamento, vi dois dos professores mais antigos conversando baixinho. Estavam comentando sobre o medo que os alunos de pós-graduação sentiam de ser enviados para trabalhar em construções, então perguntei sobre a viagem daquele dia e contei que meus alunos tinham dito que iriam a um canteiro de obras para dar uma olhada, não para trabalhar.

– E o que se tem para ver em um canteiro de obras? – perguntou um dos professores. – Se você é convocado a um desses lugares, é para trabalhar, não para ver. De todo modo, a cozinha recebeu instruções de embalar duzentos almoços para viagem.

Passei o dia todo preocupada com meus alunos. Eu os imaginei sendo levados a um canteiro de obras e ordenados a trabalhar, e tive medo de que isso se tornasse algo comum. Talvez tivessem de começar a passar os fins de semana trabalhando no campo em vez de jogando basquete ou caminhando por aí enquanto memorizavam o vocabulário em inglês com seus aparelhos de MP3. Será que os dias dedicados ao estudo de inglês e à escrita de cartas estavam chegando ao fim?

Saí para correr mais tarde do que o normal naquele dia e, lá pelas cinco da tarde, estava dando voltas pelo *campus* quando vi dois ônibus de dois andares se aproximando do prédio de TI. Eu nunca tinha visto aqueles ônibus antes, então talvez a faculdade os tivesse pegado emprestado. Os alunos tinham voltado! Fui invadida por uma sensação enorme de alívio. Mesmo que tivessem passado o dia carregando peso, pelo menos puderam voltar para o *campus* antes de anoitecer, com tempo suficiente para tomar banho antes do jantar. Abaixei o volume do meu iPod e analisei seus rostos através das janelas do ônibus. Não dava para ver muita coisa de longe, mas eles ainda estavam de terno, o que sugeria que não tinham feito trabalhos braçais. O que eles teriam feito nas últimas oito horas?

A resposta, quando chegou, foi estranha. Durante o jantar, eles me contaram que tinham ido ao Zoológico Central de Pyongyang e a Mangyongdae, o local onde Kim Il-sung nasceu. Procurei indícios de contradição em seus rostos, mas não encontrei nada. O sol brilhara forte aquele dia, mas o rosto deles não estava queimado, e não pareciam tão exaustos como estariam se tivessem passado o dia em um canteiro de obras. O estranho, é claro, era o fato de eles serem agraciados de repente com essa excursão. Estávamos na época das provas do meio do semestre, e os outros estudantes universitários do país estavam trabalhando. Aqueles alunos, porém, tinham sido levados a um zoológico e ao local de nascimento de seu Presidente Eterno. E, como se não bastasse, o guia de Mangyongdae tinha explicado as coisas para eles em inglês, conforme me contaram, e eles tinham entendido tudo, pois já haviam visitado aquele lugar muitas vezes antes.

Fiquei me perguntando se existia algum motivo para que duzentos alunos norte-coreanos, que tinham uma aparência muito melhor que a de seus colegas, estivessem presentes em Mangyongdae naquele dia específico. Talvez houvesse visitantes estrangeiros importantes, e o regime, famoso por colocar as pessoas no lugar certo e na hora certa, precisasse daqueles alunos como parte do cenário. Os alunos contaram que algumas pessoas os tinham encarado enquanto eles conversavam com o guia em inglês, mas não sabiam quem eram essas “pessoas”.

Nos dias seguintes, os alunos não paravam de falar dos animais e de como o zoológico era enorme e maravilhoso. Um aluno me contou que tinha visto um cachorro subindo nas costas de uma cabra, algo que ele achou hilário. Pareciam muito impressionados com os truques dos animais. Outro aluno comentou que o Parque de Diversões Daesung ficava lá por perto, um lugar que ele tinha visitado quando era criança e ao qual pretendia voltar quando tivesse filhos. Eles falaram sobre os leões e tigres e perguntaram se eu já tinha ido a um zoológico.

A última vez que eu me aproximara de animais selvagens havia sido em um safári na África do Sul. Tinha ido para lá em 2010 para cobrir a Copa do Mundo, quando o time Chollima, da Coreia do Norte, classificara-se pela primeira vez em quarenta e quatro anos. Mas não contei isso aos meus alunos, nem que seu time tinha enfrentado Portugal, o time adversário, sozinho em um estádio apinhado de mais de sessenta mil torcedores portugueses e apenas setenta trabalhadores norte-coreanos vindos da Namíbia. Assistir à Copa do Mundo presencialmente teria soado surreal para eles e, além disso, não gostavam muito do assunto. Os norte-coreanos ainda não pareciam ter superado a vergonha causada pela derrota do seu time, ainda que, aos olhos do mundo, aquele tenha sido um esforço admirável. Para eles, contudo, qualquer nível de fracasso era intolerável.

Em vez disso, então, disse-lhes que não ligava muito para zoológicos. E era verdade. Quando era criança, meus pais tinham me levado ao zoológico de Changgyeongwon, em Seul, e, uma vez lá, eu olhava para os tigres, girafas e pinguins e pensava em como deviam se sentir aprisionados, confinados em jaulas e tanques minúsculos o dia todo. Como devia ser humilhante ter de suportar os olhares e a objetificação.

– Por que você não gosta de zoológicos? – perguntaram os alunos, arregalando os olhos.

– Não gosto de ver coisas aprisionadas.

Tínhamos acabado de aprender a palavra “aprisionado”. Todos eles assentiram com a cabeça, aparentando ter entendido.

– Você quer dizer... como em uma prisão?

– Isso, eu quero que as coisas sejam livres. Eu gostaria de libertar esses animais, se pudesse.

Quando disse isso, percebi que estava sendo mais passional àquela altura do que deveria. Mesmo assim, eu sabia que eles continuavam falando sobre o passeio ao zoológico pelo mesmo motivo que nós, professores, aproveitávamos a chance de ir ao mercado em Pyongyang uma vez por semana, mesmo que não precisássemos comprar nada. Eu não conseguia imaginar um grupo de universitários estadunidenses gostando tanto de um dia no zoológico quanto meus alunos.

Sempre que a conversa tomava um rumo constrangedor, havia um aluno que quebrava o gelo.

– Sabe o Bae Young-taek? – perguntou Park Jun-ho. – Então, nosso ônibus passou bem pertinho do apartamento dele! Young-taek estava tão triste. Não parava de olhar pela janela para ver se avistaria alguém da família por acaso. Eles não faziam ideia de que estávamos por lá!

Outro aluno contou que tiraram uma foto juntos em Mangyongdae, e que todos os pais receberiam uma cópia. As fotos seriam entregues aos pais do monitor de cada classe, e esses pais, por sua vez, enviariam as fotos para cada família. Tudo aquilo parecia tão estranho. Deve ter havido um motivo para que uma excursão fosse planejada tão repentinamente e para que uma prova dela fosse entregue à família de cada aluno.

Depois do jantar, segui pela passarela fechada até o meu quarto. Desde os relatos de cães raivosos correndo à solta e mordendo trabalhadores, eu tinha parado de andar sozinha do lado de fora à noite. A passarela era como um túnel escuro, e tive de usar uma lanterna para não me perder. Pensei em mandar um e-mail para o meu namorado contando sobre os cachorros, já que quase todos os outros tópicos eram proibidos, mas então o imaginei no Brooklyn, onde as ruas arborizadas contavam com placas de “mantenha seu cão sob controle” por toda parte e as pessoas contratavam passeadores e mandavam seus cachorros para creches, e a ideia pareceu absurda. Em vez disso, enfiei-me debaixo dos cobertores. Por um instante, parecia que eu tinha me tornado um dos animais do zoológico e estava enjaulada, enquanto os cães selvagens vagavam livremente.

NESSE MEIO-TEMPO, RUTH COMEÇOU a introduzir o uso dos garfos e facas que ela trouxera da China. Todos usávamos colheres e *hashis* por lá, e ninguém pensava muito nisso. Ela, no entanto, explicou aos alunos que estava na hora de se tornarem “homens internacionais”. No início de cada refeição, dizia educadamente aos alunos à sua mesa: “Sejam bem-vindos ao nosso restaurante. Sinto muito, mas terei de confiscar suas colheres e *hashis* e lhes dar isto aqui em troca”.

A maioria dos alunos nunca tinha usado garfo e faca e não fazia ideia de o que fazer com eles. Quase nunca havia carne para se cortar com uma faca, e eles estavam acostumados a usar colheres para comer arroz. Ver Ruth lidando com os alunos era um pouco como assistir a Henry Higgins e Eliza Doolittle em *Pigmalião*. Alguns dos garotos não paravam de rir; outros estavam confusos e envergonhados. Posteriormente, um deles brincou: “Uma refeição com a professora Ruth não é só uma refeição, é uma aula. Precisamos usar garfos e facas enquanto nos concentramos em falar e ouvir em inglês. Muita coisa para fazer ao mesmo tempo. Isso nos dá dor de cabeça!”.

NAQUELES MESMOS DIAS, o tema da leitura do livro didático era o amor. Apresentei-lhes um conto sobre o amor intitulado “Amor sob os nazistas”, que tratava do amor impossível durante a guerra. Enquanto lia termos como “nazista” e “campos de concentração”, fiquei me perguntando se eles tinham alguma ideia de que seu Grande Líder era considerado um dos piores ditadores da atualidade, quase no mesmo nível de Hitler ou Stalin. De manhã, Martha me entregou um papel com as frases: “O amor __ bondoso. O amor __ paciente...”, com espaços em branco para que eles adicionassem os verbos – um exercício de gramática que tinha sido aprovado pelas contrapartes. Passei os olhos pela folha.

– Isso não é de uma música cafona dos anos oitenta? – perguntei. Havia momentos como esse em que eu baixava a guarda e me esquecia de onde

estava.

– Isso foi tirado diretamente da Bíblia! – respondeu Martha, estupefata.

Logo tratei de emendar:

– Eu sei, mas também é de uma música!

Tive sorte de ela ser muito jovem para se lembrar dos anos 1980, porque me olhou com seriedade e perguntou:

– Qual música?

Suspeitei que as contrapartes não tinham percebido, quando aprovaram a lição, que as citações foram tiradas da Bíblia. Foi uma jogada arriscada por parte da Martha, que tinha elaborado o exercício. Todos nós tínhamos intenções ocultas.

Depois, Martha me contou que havia tentado fazer com que os alunos escrevessem sobre o amor, mas isso não era possível.

– Os meus alunos matam todos os personagens nas histórias. Eles são obcecados com a morte. Não sei se é algo cultural ou se é só coisa de meninos.

Eles vinham de uma cultura na qual qualquer local de trabalho era chamado de *juntoojang*, ou “campo de batalha”. Eu tinha visto essa palavra espalhada por toda a cidade, até mesmo na porta dos fundos de um grande restaurante. Mais tarde, quando perguntei a um aluno sobre isso, ele explicou: “Isso significa que é a área onde os funcionários do restaurante preparam as refeições”.

Até mesmo a palavra “monitor”, que na Coreia do Sul se traduz como *banjang*, era substituída ali por *suhdaejang*, que significa “líder de pelotão”. Uma sala de aula não era uma sala de aula, e sim um pelotão. Eles marchavam em grupos, bradando canções sobre guerra. A cultura deles era impregnada de mensagens sobre matar sul-coreanos e estadunidenses, além de referências a atos grotescos e horripilantes, e parecia que simplesmente regurgitavam essas ideias sem pensar, talvez da mesma forma como jovens estadunidenses imitavam o comportamento que viam em filmes e videogames violentos. Realmente não havia sentido em discutir os diferentes tipos de amor, já que todos eles concordavam que o único amor verdadeiro era o da pátria.

– Vocês podem amar alguém de um país inimigo? – perguntei.

– Não! – gritaram eles.

– Vocês podem ser amigos de alguém de um país inimigo?

– Não! – tornaram a gritar.

- Mas e eu? – perguntei mais tarde, durante a refeição. Não era justo colocá-los nessa posição, mas eu estava curiosa. Um deles respondeu:
- Com você é diferente, já que é nossa professora.

A ADOÇÃO DE GARFOS E FACAS não estava dando certo.

– Eu me sinto muito mal-humorada aqui às vezes – comentou Ruth enquanto estávamos na fila reservada a professores e pós-graduandos no refeitório.

Ela me contou que, no café da manhã, um aluno da Turma 2 tinha se recusado a usar garfo e faca. Depois, outro também se recusara. Ela lhes explicou que os estava preparando para o dia em que teriam de jantar com um estrangeiro em um país estrangeiro, onde não haveria *hashis*. Eles responderam que não estavam preocupados em se tornar homens internacionais. Simplesmente não consideravam aquilo importante. Não iam ceder. Por fim, ela lhes dissera: “Se vocês não respeitarem os outros, eles não vão respeitar vocês”. Ruth estava com medo de que o grupo com quem ia almoçar em seguida também recusasse.

Eu tinha acabado de assistir, na CNN Ásia, ao secretário de Defesa dos EUA, Leon Panetta, expressando praticamente o mesmo sentimento com relação à Coreia do Norte. Em antecipação às conversas que aconteceriam em Genebra, entre autoridades dos Estados Unidos e da Coreia do Norte, Panetta participara de uma coletiva de imprensa na qual tinha dito que a proliferação nuclear da Coreia do Norte era “imprudente e provocativa”, e que as ações do país poderiam “acarretar possíveis agravamentos e confrontos”. Em uma escala menor, o mesmo drama estava se desenrolando naquele canto do distrito de Rang Rang, em Pyongyang, onde os futuros líderes da Coreia do Norte sentiam que estavam sendo comandados por professores estrangeiros e se recusavam a entrar no jogo. Martha meneou a cabeça e disse:

- Isso só me mostra como é profunda a divisão entre nós.

Os alunos da Turma 3 também se recusaram a usar garfos e facas. Depois disso, Ruth passou pela minha sala e confessou que se sentia desestimulada. A recusa partira do grupo como um todo, então ela cogitou que talvez os meninos tivessem levado o assunto às contrapartes durante a sessão mais recente da Síntese do Cotidiano.

- É a divisão... – disse Martha novamente.

COM AS PROVAS DE MEIO SEMESTRE se aproximando, saí em busca de chocolate durante uma visita ao mercado. Tínhamos permissão para presentear os alunos com guloseimas, se houvesse uma ocasião específica para tal, desde que déssemos a mesma coisa para todos. Infelizmente, não havia muitas opções quando se tratava de cem pedacinhos de chocolate embrulhados individualmente, já que eu não podia sair procurando em vários lugares. Muitos dos produtos disponíveis eram de qualidade duvidosa – vencidos, quase vencidos, ou de países que eu nunca tinha associado aos produtos, como biscoitos da Letônia. Vi alguns chocolates suíços, mas eram absurdamente caros, e um dos professores comentou que seria como dar um bom vinho a alguém que não bebe, já que os alunos não conseguiam distinguir um chocolate bom de um ruim. Eu nunca tinha sentido tanta saudade dos Kisses da Hershey's ou das minibarras de Snickers quanto naquela época.

Enquanto procurava o chocolate, lembrei-me do meu pai. A família dele morava em Seul durante a guerra e fugira quando as bombas caíram, assim como a família da minha mãe. Não tiveram a sorte de chegar a um caminhão, conforme meu pai contava, embora o uso da palavra “sorte” deixasse minha mãe estranhamente quieta. Se eles também tivessem ido a pé, ela devia pensar, então seu irmão poderia ter sido poupado. Meu pai, por sua vez, ficava absorto nas próprias lembranças. Sempre falava de um certo soldado estadunidense que tinha dado um chocolate para ele. “Chocolate era como ouro, melhor que ouro... diamantes. Eu nunca vou esquecer o gosto”. Lembrava-se do soldado sorridente jogando em sua direção um pedacinho de chocolate, que ele pegou. Tinha seis anos à época. Era uma lembrança muito estimada por ele, muito clara contra o panorama vago dos três anos terríveis de guerra. Ele se lembrava da gentileza, mas eu me retraía diante desse relato. Tinha crescido assistindo a muitos filmes em que estadunidenses heroicos salvam crianças pobres da Ásia, e não gostava da ideia de meu pai desempenhando o papel da vítima.

E, todavia, lá estava eu, décadas depois, uma estadunidense comprando chocolate para garotos norte-coreanos. Os únicos adequados eram chocolates ao leite malaios, minúsculos, com gosto de caramelo adoçado artificialmente – nem consegui comer um inteiro. Mary disse:

– Todos são assim, com menos cacau. Mas eu sou da China, estamos acostumados com isso.

Os alunos pareciam gostar deles, porém, e isso aliviou a tensão do dia de provas.

Duas turmas, cinquenta alunos no total, fizeram as provas juntas e, entre o primeiro e o segundo período, quando as duas outras turmas chegassem para o exame, os professores tinham de se certificar de que os grupos não se falassem, pois passar cola não era algo incomum. Mais tarde, perguntei aos alunos como eles achavam que tinham se saído. Vários disseram que a parte de interpretação de texto estava difícil, mas que os textos eram divertidos, especialmente aquele sobre a calça jeans. Estavam se referindo a um pequeno artigo sobre Levi Strauss e como ele tinha começado a produzir calças para os mineiros durante a Corrida do Ouro. Era exatamente o texto que deixara Mary preocupada, embora a prova tivesse sido aprovada pelas contrapartes.

Um aluno disse:

– Eu não fazia ideia de que as calças jeans tinham sido criadas para mineiros usarem, mas tem uma coisa que nunca consegui entender... por que jeans rasgados estão na moda?

Não havia nenhuma menção a jeans rasgados no texto, e eu duvidava que qualquer visitante estrangeiro tivesse usado algo do tipo em Pyongyang. Então, o aluno deve tê-los visto em algum lugar, provavelmente em um DVD proibido. De certa forma, eu tinha a mesma dúvida que ele: por que rasgar um tecido em perfeitas condições só para ficar estiloso? Todavia, analisar tendências de moda ocidental envolveria muitas outras informações, e eu não tinha permissão para fornecê-las. Então, em vez disso, tentei explicar o conceito de roupas casuais na cultura ocidental por meio do exemplo de bonés de beisebol, que muitos estadunidenses usavam, ao contrário deles (os alunos só os usavam no Dia do Esporte, quando os professores lhes emprestavam bonés). Ele respondeu:

– Isso é diferente para nós. Não usamos os bonés porque achamos que eles não são elegantes.

COMO OS ALUNOS ERAM extremamente competitivos, o dia seguinte às provas costumava ser difícil para os professores. Éramos bombardeados com perguntas sobre o exame. Se os alunos percebiam que tinham cometido erros, ficavam extremamente decepcionados. Para aplacar suas perguntas intermináveis, Ruth decidiu fazer uma reunião extra à tarde. Levou um projetor e fez uma apresentação em PowerPoint, explicando exatamente

qual fora seu método de correção na prova oral. Depois da reunião, Ruth apareceu na minha sala, indignada. Ela havia se esforçado para explicar seus métodos, mas os alunos ficaram tão irritados com as notas baixas que saíram em grupo antes mesmo de ela terminar.

– Isso é tão grosseiro – ela comentou. – Posso ensinar todo o inglês do mundo para eles, mas de que adianta, se não têm nenhum traquejo social e provavelmente nunca vão ter?

Ela se afundou ainda mais na cadeira, ainda chateada. Ofereci-lhe damascos desidratados, que eram preciosos para mim naquela terra onde frutas, mesmo secas, eram novidade. Ela enfiou um na boca e, parecendo profundamente incomodada, disse:

– Os alunos dizem que querem aprender inglês, mas não gostam de nós. Eles nos tratam com uma atitude que diz “Entreguem o inglês de que precisamos, mas não passem da linha”. Mas você não pode esperar receber tudo, se nunca dá nada em troca.

Essa era a contradição intrínseca. Aquela era uma nação encurralada. Eles não queriam se abrir para o mundo e, no entanto, não tinham escolha a não ser começar a criar laços, se quisessem sobreviver. Toda a base do país fora construída sobre a ideia de isolacionismo e de matar estadunidenses e sul-coreanos, mas eles precisavam aprender inglês e usar capital estrangeiro para manter os filhos alimentados.

OS ALUNOS, QUE ESTAVAM surtando por causa das notas, começaram a aparecer de dois em dois na minha sala, que logo ficou apinhada. Disseram que tinham dificuldade em melhorar suas notas de leitura porque o livro, além de confuso, era muito chato. Os livros didáticos estavam desatualizados – a UCTP tinha tanta fé na educação chinesa que só permitia provas e livros que tivessem sido aprovados na China, e eles costumavam ser bem antigos. Uma das leituras presentes no livro didático, por exemplo, era um texto chamado “Julgando pela aparência”, que contava a história de uma mulher que tentava pagar algo com um cheque de dois dólares; o caixa da loja não se dava ao trabalho de pedir a identidade dela, já que estava vestida como uma mendiga, e a expulsava. Eu tinha de acrescentar notas de rodapé nesse tipo de texto. Informava aos alunos que a maioria das pessoas já não usava cheques para comprar coisas, e sim cartões de crédito. No verão, Katie tinha mostrado seu cartão de crédito a eles e contado que o

usava para fazer compras. Os alunos alegaram ter entendido, mas depois disseram que ela devia estar usando um endereço de IP.

Além disso, o dicionário norte-coreano a que tinham acesso era tão pouco confiável que eles achavam que a palavra “rapaz” significava “desgraçado”. Um aluno me contou que, no semestre de verão, eles tinham ficado muito chateados com um professor estadunidense que começava quase todas as frases dizendo “Então, rapazes”. Os alunos frequentemente usavam palavras ou expressões britânicas ou obsoletas. Diziam coisas como: “Eu estava assistindo à TV, estava legal e eu gritei *hip-hip-hurra!*” ou “Professora, está chovendo canivetes lá fora”, ou então usavam palavras como “outrossim”. Tive de procurar algumas dessas palavras no dicionário do meu Kindle, que eu continuava usando o máximo que podia, na esperança de que perguntassem sobre ele. Ninguém havia comentado nada a respeito, mas o fitavam com curiosidade. Certa tarde, dois alunos apareceram no meu escritório para perguntar algo sobre a palavra *blockbuster*. De acordo com o dicionário deles, tratava-se de um tipo de bomba.

– A expressão “filme *blockbuster*” se refere a um filme sobre bombas ou apenas a um filme de guerra? – perguntaram eles.

Quando expliquei que a definição mais comum da palavra era “sucesso comercial”, suas expressões se alegraram.

– Igual a *Rei Leão*?

Além de *A marcha dos pinguins*, esse era o único filme estadunidense que eles admitiram ter assistido. Eu queria contar a eles que existia uma infinidade de filmes *blockbusters*, alguns dos quais eu tinha certeza que lhes agradariam mais.

Em outra ocasião, um aluno veio me perguntar a respeito de algumas frases sobre viagens aéreas que estavam em seu livro didático.

– O que é classe econômica? – ele quis saber. – Eles dão aula de economia em aviões?

Tentei explicar o conceito de classe, que também estava presente ali, sob o sistema de casta não oficial *songbun*, embora os norte-coreanos fingissem que ele não existia. Ainda assim, era difícil explicar a ideia de pagar por diferentes níveis de conforto.

Certa vez, um aluno me perguntou o que significava “pai biológico”. Meus alunos achavam o conceito de adoção bizarro. Não entendiam por que alguém pegaria uma criança desconhecida e a tomaria como sua. Quando

expliquei que algumas pessoas não podiam ter filhos ou achavam que adoção era preferível a ter um filho biológico, já que existiam tantos órfãos precisando de pais, um aluno declarou de pronto:

– Que triste deve ser para o bebê! Só porque o pai é muito pobre e entregou o bebê para o orfanato, um estadunidense rico poderia comprar a criança.

Suspeitei que eles talvez tivessem ouvido coisas ruins a respeito de estadunidenses adotando bebês chineses.

Muitos alunos ficavam confusos com o conceito de “estudos femininos”. Alguns sugeriram que devia ser um curso universitário em que as meninas aprendiam a cozinhar e a se maquiar. Depois que ficaram sabendo que tinha a ver com os direitos das mulheres, disseram que, em seu país, um curso desse tipo não era necessário. De acordo com eles, a igualdade de direitos para as mulheres tinha sido oficializada em 1946, quando Kim Il-sung anunciara que as mulheres constituíam “uma das rodas de um vagão na revolução e construção socialista”. Isso se referia à propaganda da RPDC sobre as mulheres sendo uma das forças motrizes para construir a nação.

Em outra ocasião, eles me disseram que apenas mulheres usavam joias, e só depois de terem se formado na faculdade.

– Por que só as mulheres? E os homens? – perguntei. – Eles não usam aliança de casamento?

Eles responderam que não. Pareciam horrorizados com a ideia de qualquer homem respeitável ser visto usando um anel.

– Os homens estadunidenses usam joias? – perguntaram eles. – Até brincos?

– Alguns usam, eu acho, mas principalmente os mais jovens.

Eles arregalaram os olhos. Um aluno disse:

– Tem algumas coisas estranhas nos Estados Unidos que eu nunca vou entender, como essa história de adoção de comprar bebês e homens usando joias!

Em seguida, eles perguntaram:

– E quanto a hip-hop e techno?

Havia uma menção a isso no livro didático de conversação, que não estava tão desatualizado quanto os outros, e eles não tinham entendido. Eu não sabia ao certo como explicar hip-hop para jovens que só tinham escutado – ou pelo menos era o que diziam – músicas sobre seu Grande Líder. Falei que era um tipo de música de que os jovens gostavam, mas não

parava por aí – era uma atitude que se expressava em vários aspectos da cultura jovem, incluindo moda e linguagem. Mas nem eu fiquei satisfeita com essa explicação e, por fim, disse que talvez fosse o tipo de coisa que era preciso ver para entender. Então, um deles assentiu com a cabeça e declarou:

– Verdade, só entendemos as coisas de verdade depois de vê-las.

Mas nada os deixou tão confusos quanto a frase “dedução de Previdência Social”. Eles entendiam o significado da palavra “dedução”, mas todo o resto era um mistério. Também estavam confusos com o conceito de impostos, e me senti mais segura para abordar o assunto naquele momento, já que tinha a ver com a aula. Então, expliquei que os impostos dos estadunidenses são deduzidos de seus salários e usados para financiar programas que beneficiam os desfavorecidos, incluindo pessoas pobres, pessoas com deficiência ou aposentadas. Como o argumento que usavam para justificar a superioridade de sua sociedade era que tudo era de graça na Coreia do Norte, minha explicação os deixou confusos. E, no entanto, já confiavam em mim o suficiente para saber que eu não mentiria para eles. Expliquei que a Previdência Social era exatamente o que seu nome indicava: medidas de previdência para garantir a segurança dos membros da sociedade, e que quase se poderia encarar isso como um aspecto socialista do capitalismo. Todos no país contribuíam, mas a contribuição de cada um era baseada em sua renda. Eles assentiram, mas eu não tinha certeza se tinham entendido tudo. Além disso, era quase impossível fazê-los entender palavras como “passaporte” e “seguro”, que também apareciam no livro didático.

Como eu poderia explicar o mundo inteiro para eles, esse mundo de diversidade incomensurável e repleto de possibilidades, onde os jovens árabes estavam virando seus regimes podres do avesso com o poder das redes sociais; um mundo onde todos, exceto os norte-coreanos, estavam conectados por meio da internet; um mundo onde a morte de Steve Jobs poderia comover uma nação tão estoica quanto a China? Esse mundo parecia completamente impossível de acessar daquele país e, ainda assim, havia leves indícios dele por toda parte, até mesmo nas páginas daquele livro de inglês desatualizado, outrora aprovado na China.

Então, um deles disse:

– Tudo isso é interessante, essa coisa de ser internacional. Mas alguns de nós não querem ser internacionais. Igual ao que aconteceu com a professora

Ruth.

Ele estava se referindo ao incidente entre Ruth e as Turmas 2 e 3. O aluno contou que, ao conversar com alguns dos seus amigos da Turma 4 que também haviam se recusado a usar talheres, perguntara o seguinte: “Por que vocês deixaram a professora Ruth nervosa e chateada?”. Mas ele confessou que também achava muito complicado ter de usar garfo e faca.

– É muito difícil usar os talheres para comer comida coreana – disse ele.

Perguntei se tinha achado aquele pedido um desrespeito à sua identidade coreana, mas ele disse que não. Dois dos meus ex-alunos, que tinham passado para a Turma 2, também mencionaram o assunto durante a refeição, dizendo que se sentiam constrangidos com a reação de alguns colegas. Alguns tinham se ofendido, outros não, e, antes que se dessem conta, o assunto tinha saído de controle. A Turma 2 como um todo decidira não usar garfo e faca, e as outras turmas a imitaram.

– A professora Ruth simplesmente desistiu! – gritou um outro aluno, que tinha ficado ofendido. Foi uma das raras ocasiões em que vi um aluno protestar contra algo por conta própria, e foi um alívio ouvir vozes individuais, vê-los discordar uns dos outros e de uma figura de autoridade. Mesmo assim, todos eles se recusaram a usar garfo e faca, pois agiam sempre como um grupo.

POUCOS DIAS DEPOIS, Ruth me contou que ela não tinha simplesmente desistido. Uma contraparte havia passado pela sala dela e sugerido que parasse de forçar os alunos a usar garfo e faca.

– Mas a questão é que eu tinha a permissão das contrapartes desde o início – insistiu Ruth, com um tom indignado. – Eles aprovaram. Apresentei a ideia e eles aprovaram. Eu jamais teria feito uma coisa dessas sem permissão. A faculdade é mais tolerante. São os alunos que são mais conservadores.

Ela parecia magoada, e o incidente com os garfos e facas continuou sendo o assunto do *campus* por um tempo.

18

A MESMICE DO DIA A DIA se estendeu às nossas raras saídas. Os professores eram levados para as mesmas excursões no outono e no verão – para uma montanha, uma igreja e alguns dos principais pontos turísticos. A excursão pela qual estava mais ansiosa era para Kaesong, a antiga capital da Coreia. Ficava a apenas oito quilômetros da Zona Desmilitarizada da Coreia e da Área de Segurança Conjunta, que eu nunca tinha visto pelo lado norte-coreano. Os professores que serviam de intermediários entre nós e as contrapartes tinham de entrar com um processo complicado para aprovar a viagem, que envolvia solicitar passes de viagem não apenas para os visitantes, mas também para os veículos, e isso costumava levar várias semanas. A excursão tinha gerado muita discórdia entre os seguranças e os missionários. Aos sábados, os seguranças participavam das sessões de crítica na Síntese do Cotidiano e, além disso, a Zona Desmilitarizada era controlada pela Coreia do Sul e não era aberta a visitas do lado norte-coreano. Os domingos, por outro lado, também estavam fora de cogitação, pois os professores tinham suas celebrações religiosas. No fim das contas, a viagem foi remarcada para uma sexta-feira, quando a maioria de nós estaria ocupada dando aulas e, portanto, não poderia ir.

Em vez de Kaesong, fomos levados para nossa única viagem com pernoite, dessa vez para a região turística de Kumgang-san (Monte Kumgang), um projeto intercoreano que, desde 1998, era desenvolvido e operado com capital sul-coreano para turistas da Coreia do Sul, embora eles não pudessem mais visitar o local desde 2008, quando, sem nenhum motivo, uma dona de casa sul-coreana foi morta a tiros por um soldado norte-coreano.

Por conta da situação precária das estradas, levava oito horas para ir até lá e mais oito para voltar. Durante o trajeto, avistamos vários caminhões e ônibus parados na beira da estrada, os motores expelindo fumaça cinza. Era uma visão tão frequente que comecei a contar os veículos quebrados, e parei quando cheguei a dez. Quando nosso ônibus também quebrou, a cerca

de uma hora de Pyongyang, alguém sussurrou que devia ser o combustível péssimo vendido por lá.

Mandaram um ônibus substituto para nos buscar e, cerca de uma hora depois, retomamos nosso trajeto. A vista da rodovia era igual à de nossas outras viagens. Depois de cinco ou dez minutos sem nada além de fazendas de ambos os lados, eu via, assomando ao longe, um grupo de casas idênticas, um edifício maior, que parecia uma escola, adornado com um retrato do Grande Líder, e uma torre alta com os dizeres “NOSSO GRANDE LÍDER KIM IL-SUNG ESTARÁ CONOSCO POR TODA A ETERNIDADE”. Grupos de edifícios iguais a esse apareciam de tempos em tempos, como se fossem cópias idênticas. A certa altura, avistei um prédio com a mesma placa da Sala de Estudos de Kimilsungismo no *campus*. A UCTP, pude perceber, era apenas mais uma versão daqueles vilarejos.

Ao passarmos pela cidade de Wonsan, o mar surgiu de repente e meu coração saltou no peito. Ali estava o Mar Oriental da Coreia, parecendo totalmente imaculado, tão diferente do lado sul-coreano, que era movimentado e superdesenvolvido e ficava muito perto dali, a apenas algumas horas ao sul. Não havia hotéis naquela orla marítima, nem condomínios, bares praianos e logotipos comerciais – não havia nada além da costa, e todos nós suspiramos ao mesmo tempo. Era lindo, mas lúgubre, pois parecia que ninguém tinha permissão de pisar lá, nem na praia nem no mar. Eu não sabia de que outra forma poderia interpretar todo aquele vazio.

Dirigimos por mais duas horas até chegar à região turística do Monte Kumgang, que parecia uma cidade fantasma, já que os turistas sul-coreanos não a visitavam mais. Havia alguns turistas chineses e sino-coreanos, mas eram poucos. Naquela noite, faltou eletricidade em todos os lugares, e fomos informados de que o único lugar servindo o jantar era o restaurante ao lado do hotel. Em cada uma das mesas havia pratinhos cheios de pedaços brancos e rosados de carne crua para assar. Descobrimos que se tratava de carne de porco preto, embora parecesse algo prestes a estragar. A sopa estava morna e tinha um cheiro forte de peixe.

Eu me sentei com a secretária do presidente Kim, uma sino-coreana de Pequim. Sua família era originária da Coreia do Norte e ela ainda tinha parentes por lá.

– Antigamente, as pessoas daqui eram mais ricas do que nós na China – comentou ela, lembrando-se das décadas de 1970 e 1980, quando a União Soviética ainda existia e a economia norte-coreana era mais próspera. –

Quando éramos crianças, minha mãe vinha visitar os pais dela e trazia tantas coisas daqui... roupas e utensílios, todo tipo de coisa. Agora é o inverso. É difícil manter contato com nossos parentes daqui porque eles sempre pedem dinheiro.

Eu tinha ouvido queixas semelhantes de outros sino-coreanos que tinham parentes na Coreia do Norte. Todos sempre diziam a mesma coisa: como eram membros da família, não tinham escolha a não ser dar aos parentes tudo de que precisavam.

Depois do jantar, alguns dos professores se animaram e ficaram de pé para cantar. Primeiro, cantaram uma versão de “Amazing Grace” e, em seguida, um professor coreano-estadunidense se levantou e disse:

– Normalmente não canto músicas assim, mas hoje vou cantar a música de Choi Jin-hui. Sr. Ri, acho que deve conhecer essa... todo mundo conhece Choi Jin-hui por aqui, não?

Choi Jin-hui é uma cantora sul-coreana que faz sucesso entre o público mais velho. O sr. Ri não respondeu e saiu do cômodo, o que deixou quase todos nós intrigados. Depois, outro professor se levantou e cantou “Woorinun”, uma canção tradicional da Coreia do Sul. O outro segurança, sr. Han, e os dois motoristas norte-coreanos também deixaram o cômodo. Então, um dos professores mais velhos explicou que os norte-coreanos podem ser punidos por escutar músicas sul-coreanas.

– Agora sabemos o que precisamos fazer se quisermos nos livrar deles! – comentou outro professor.

Na manhã seguinte, todos nós começamos a escalar a Colina Manmulsang, mas tive um ataque de vertigem e decidi voltar e esperar pelos outros no estacionamento externo. Os dois motoristas esperaram comigo, com mais dois motoristas de grupos chineses que também estavam fazendo a escalada com guias. Quando peguei meu laptop, que eu carregava para todos os cantos, eles se reuniram à minha volta para espiar, mas logo perderam o interesse e se sentaram no pavimento, onde os outros motoristas jogavam pôquer e ouviam, no volume máximo, o que devia ser um CD de Simon & Garfunkel contrabandeado. Achei estranho que tivessem escolhido uma banda estadunidense tão icônica dos anos 1960, principalmente porque poderiam ser punidos por escutá-la. Sentada em um banco com meu laptop, com “Bridge Over Troubled Water” tocando ao fundo, por um instante aquele pareceu um dia de outono como qualquer outro. Porém, reparei depois que no banco havia uma placa que dizia:

“Banco comprido usado por nosso Grande Líder Kim Il-sung – 19/08/1973”. Levantei-me de imediato e fitei os arredores em busca de uma pedra para me sentar. Foi então que percebi que todas as pedras estavam adornadas com citações do Grande Líder (segundo dizem, há cerca de quatro mil inscrições desse tipo naquela cordilheira). Naquele momento, vimos pessoas descendo a colina. Os motoristas imediatamente começaram a ouvir música norte-coreana e, com a mesma rapidez com que surgira, o encanto tinha se quebrado.

No caminho de volta, passamos mais uma vez por Wonsan, e a paisagem estava árida como antes. Tornei a ver as pessoas agachadas na rodovia, afastando-se apenas quando o ônibus se aproximava. Às vezes, eram duas ou três sentadas conversando, e às vezes era um grupo maior, sentado em círculo e comendo. Essas cenas não faziam o menor sentido para mim – eles estavam sentados no acostamento, ou então na rodovia, no meio do nada. E aí eu me dei conta: aquilo era como uma cafeteria para eles, uma praça pública. O trecho de estrada vazia perto de onde moravam era o único lugar onde podiam ver evidências do mundo exterior. Eles se sentavam na calçada para se sentir conectados.

A OUTRA EXCURSÃO QUE FIZEMOS NOS levou às tumbas de Dangun, o mítico fundador da Coreia, e do rei Dongmyeong, o fundador de Koguryo, o antigo reino que ficava onde hoje é a Coreia do Norte. Levando em conta que não paravam de nos dizer que os Grandes Líderes eram seus reis, era um pouco estranho ser levada aos jazigos daqueles reis antigos. Certa vez, Martha tinha planejado uma atividade que incluía uma notícia sobre o casamento real britânico. (De acordo com os meus alunos, na RPDC os casamentos geralmente eram celebrados apenas com um jantar em casa, com os vizinhos; não havia vestido de noiva nem troca de alianças.) Os alunos nunca tinham ouvido falar de William ou Kate, então expliquei que a Grã-Bretanha tinha sua própria rainha e perguntei quais países ainda tinham reis. Eles responderam: “Japão!” e “Camboja!” e “Coreia!”. Perguntei onde estava o rei deles, já que a monarquia coreana tinha acabado em 1910, e todos gritaram: “Palácio de Kumsusan!”, onde Kim Il-sung jazia embalsamado, parecendo assustadoramente vivo.

Mas, ao que parecia, o Palácio de Kumsusan não era a única morada final de um rei na Coreia do Norte, e estávamos a caminho da outra. Depois de cruzarmos os limites da cidade, fomos parados duas vezes nos postos de

controle. Reconheci aquela estrada vazia: era a mesma que tínhamos trilhado rumo à fazenda de maçãs.

– Eu já morei aqui perto. Quando tinha quinze anos, tive de ajudar na construção da Universidade Kim Il-sung – declarou um senhor coreano que estava sentado ao meu lado no ônibus.

Aqueles que tinham nascido na Coreia do Norte frequentemente faziam confissões desse tipo para quem quisesse ouvir. Quando a Guerra da Coreia começou, esse homem tinha dezessete anos, a mesma idade do meu tio quando desapareceu. Ele era o único homem entre quatro irmãos, e a família decidiu que ele deveria ir para o sul sozinho primeiro, e que o seguiriam logo depois. Então ele fugiu sozinho, mas, antes que a família pudesse se juntar a ele, a fronteira fechou. Na década de 1980, ele deu um jeito de ir a Pyongyang e pôde ver os pais duas vezes; em ambas as ocasiões, só teve permissão para passar uma noite na casa deles. Agora, todos da sua família já tinham morrido, exceto uma das irmãs, e ele só podia visitá-la por algumas horas, em um restaurante no Hotel Koryo. Mas essas visitas eram caras demais. Ele tinha que dar dinheiro às autoridades norte-coreanas responsáveis por aprovar e organizar o encontro, bem como ao zelador e ao motorista, e, por fim, aos membros de sua família, já que todos passavam por necessidades.

Perguntei se ele se sentia em casa ali, já que alguns dos bairros não deviam ter mudado muito.

– Não, de jeito nenhum – ele respondeu, meneando a cabeça. – Isso tudo parece estrangeiro para mim. A UCTP fica muito perto da casa da minha família, mas não posso manter contato com eles. Não tenho permissão nem de ligar para eles. Não posso visitar nenhum dos lugares do meu passado, já que não temos permissão de circular livremente. E dei tanto por esta terra, então é inevitável não ficar ressentido.

Os sussurros se tornaram acalorados, então olhei para a parte da frente do ônibus para verificar se os seguranças podiam nos ouvir. Estávamos quase chegando às tumbas e, depois disso, não falamos mais nada.

Os restos mortais de Dangun e do rei Dongmyeong tinham sido escavados e as tumbas foram construídas por Kim Il-sung em 1993. A tumba de Dangun consistia em uma grande pilha de tijolos de cimento, vagamente moldada como uma pirâmide de topo plano. Não havia nenhum visitante, apenas o guia e um guarda vigiando a tumba. O discurso do guia turístico concentrou-se, como sempre, no Grande Líder. Rodeada por

colinas nuas, a tumba do filho de um urso de milhares de anos atrás parecia surreal, como uma miragem.

A tumba do rei Dongmyeong era muito parecida com a primeira. Mais um túmulo imaculado, sem ninguém por perto. Dentro de uma estrutura de pedra que servia como um pequeno museu, as paredes eram adornadas com pinturas bastante modernas, em estilo mangá, que, segundo diziam, tinham sido escavadas, embora não se parecessem nem um pouco com a arte da era Koguryo.

Ao lado da tumba havia um pequeno templo budista, também reconstruído em 1993. Um monge solitário nos saudou no portão como se tivesse passado a tarde toda à nossa espera. Diferentemente das túnicas cinzentas, comuns na Coreia do Sul, a dele era vermelha, fina e parecia tibetana. Havia um Buda dourado no Salão de Adoração, e foi ali que o monge entrou para acender velas. Assim como a igreja para a qual tínhamos sido levados em Pyongyang, o templo passava um ar de encenação, exceto que ali não havia fiéis. A maioria dos missionários se recusou a entrar.

Ali também havia uma fronteira e, nela, talvez residisse o nosso maior medo: o medo do outro.

19

QUANDO NOVEMBRO CHEGOU, o vento noturno começou a soprar com força e carregado de gelo. Na UCTP, eles só ligavam os aquecedores do alojamento no inverno, então eu me escondia sob camadas de roupas térmicas, blusas de lã e um casaco forrado de plumas para me manter aquecida. À noite, eu me enfiava debaixo de dois cobertores e me obrigava a dormir cedo porque estava frio demais para ficar acordada. Os cães ferozes que tinham mordido quatro trabalhadores foram mortos com veneno de rato e, de acordo com Ruth, os funcionários norte-coreanos os tinham comido. Como não havia mais os cachorros, eu queria voltar a caminhar sozinha do lado de fora, mas as noites eram tão frias que todos nós preferíamos usar a passarela coberta. Em algumas noites, quando os passos dos alunos ecoavam pelos longos corredores escuros, era quase como se eu estivesse em um filme do Harry Potter, em alguma passagem sombria do castelo de Hogwarts.

Porém, quando olhava para o outro lado do pátio e avistava os seis alunos que ficavam de guarda todas as noites, eu me sentia uma estadunidense mimada. Naquele clima, ficar de guarda significava passar horas de pé sob temperaturas abaixo de zero. Os alunos de guarda, trajando uniformes cáqui e anoraques, chegavam para jantar um pouco mais cedo que os demais. Portavam-se com uma sobriedade inabalável e mal me olhavam nos olhos. Era como se estivessem prestes a entrar no campo de batalha. Às vezes eu tentava falar com eles, mas quase sempre permaneciam muito sérios e comiam em silêncio. Eu não sabia se eles estavam apenas deprimidos por ter de passar a noite toda do lado de fora, naquele frio siberiano, ou se encaravam aquilo como uma missão sagrada e não conseguiam conversar comigo porque, de repente, tinham passado a me enxergar como uma imperialista estadunidense. Nas poucas ocasiões em que falavam comigo, era apenas para dizer que, sim, estava frio lá fora, mas não estava tão ruim e isso não os incomodava. Em seguida, iam embora às pressas.

As guardas também deviam sofrer muito, é claro, mas aqueles eram meus alunos, e eu não queria que ficassem congelando na frente de um prédio

vazio. De vez em quando, eu queria sacudi-los e dizer: “O homem está morto! Ele morreu em 1994, e vocês não precisam passar a noite inteira aí fora por causa dele!”.

Embora eles provavelmente não soubessem, tínhamos uma ascendência confucionista em comum, e me perguntei se aquela era a versão deles de um ritual de adoração aos ancestrais. Se realmente fosse, então havia se tornado algo tão obcecadamente focado no Grande Líder que não podia mais ser visto como um resquício do confucionismo. Ademais, eles foram criados para acreditar que podiam ser atacados a qualquer momento, e tinham de estar prontos para se defender contra invasões. Lá estava eu, uma espécie de espiã, não com o intuito de plantar bombas, e sim ideias. Eles tinham sua missão, que era vigiar o santuário de seu único ancestral, e eu tinha a minha.

À MEDIDA QUE O FRIO AUMENTAVA, a eletricidade caía quase todos os dias. Às vezes, aprontava a cafeteira para preparar meu café pela manhã e descobria que não havia eletricidade. Ou então, quando ia escovar os dentes antes de dormir, via que o banheiro estava escuro como breu. Eu tinha levado três lanternas para lá, uma pequenina, que preendi no meu chaveiro para que pudesse iluminar o caminho de volta ao quarto durante a noite, e duas maiores. Uma eu mantinha ao lado da cama e a outra, no meu escritório.

Quando as luzes se apagavam, a escuridão caía de forma tão abrupta e completa que eu quase conseguia tocá-la. Em certas ocasiões, poderia estar sentada com um grupo de alunos no meu escritório repassando as diferenças entre participio passado e participio do pretérito perfeito e, de repente, a sala ficava escura. Imediatamente, sacava a lanterna e continuávamos, usando-a como uma vela, porque as coisas eram daquele jeito. Houve muitas noites em que fiquei parada no corredor com uma lanterna para que os alunos conseguissem enxergar o caminho até o refeitório. A imprevisibilidade dos apagões dificultava o planejamento das aulas. Todos nós compartilhávamos uma impressora e uma fotocopiadora. Quando a energia caía, não podíamos usar nenhuma das duas e, às vezes, tínhamos de mudar as atividades de última hora. Havia, contudo, momentos em que os apagões pareciam uma aventura, já que eu era uma visitante e sabia que aquilo não passava de um inconveniente temporário.

Certa noite, enquanto voltávamos do jantar, um aluno gritou: “A energia está de volta!” em coreano, e todos ficamos felizes com a perspectiva de

voltar para quartos iluminados. Em seguida, ele me perguntou como dizer aquilo em inglês, então criei uma lição improvisada com frases diferentes: “A energia voltou”, “A energia caiu de novo” e “A energia foi religada”. Eles gostavam de aprender frases práticas que pudessem usar no dia a dia.

– A energia também cai desse jeito em Nova York? – perguntou um deles.

– Não, nunca desse jeito – respondi, meneando a cabeça.

Alguns deles riram um pouco sem jeito, e me perguntei se minha resposta tinha soado insensível. Tentei lembrar em que ano o último grande apagão tinha acontecido e pensei que talvez devesse falar a respeito com eles. Mas então percebi que poderiam achar ainda mais estranho que um único blecaute pudesse ter causado tanta comoção na minha cidade, levando-se em conta que esses apagões eram uma ocorrência cotidiana por ali. Decidi não dizer nada e um deles perguntou:

– Já que você paga aluguel no seu país, também tem que pagar pela eletricidade?

Eu já esperava essa pergunta. Toda vez que algum professor tecia qualquer comentário que fazia a vida lá fora parecer melhor do que na Coreia do Norte, eles sempre mencionavam a solicitude do Grande Líder, em cujo reinado tudo era de graça. Então, simplesmente respondi:

– Sim, é verdade, temos que pagar pela eletricidade, mas sei que é de graça aqui no seu país.

Não assinalei que essa eletricidade gratuita não era distribuída igualmente em todas as partes da Coreia do Norte. Eles pareceram aliviados e me encararam com um semblante levemente compassivo antes de dizerem, com orgulho:

– Sim, é de graça para nós.

Naquele momento, senti-me aliviada por eles encontrarem conforto em sua superioridade, por mais ilusória que ela fosse.

Muitos deles viviam me perguntando se em Nova York fazia tanto frio quanto lá, ao que eu respondia: “Sim, mais ou menos a mesma coisa. Mas parece um pouco mais frio aqui”. Eles pareciam intrigados por eu sentir tanto frio mesmo tendo vindo de um lugar que também enfrenta invernos rigorosos, mas eu não podia lhes dizer que não parecia tão frio em Nova York porque, lá, a maioria dos lugares contava com aquecimento.

Quando havia força, eu ligava a TV para afastar a solidão. Ruth tinha prendido um cabide de metal na minha TV para servir de antena

improvisada, então de vez em quando eu conseguia sintonizar os canais locais: Televisão Central da Coreia, Rede de Educação e Cultura Coreana (KECN) e Mansudae TV. Diziam, porém, que a KECN só transmitia durante algumas horas por dia e nunca estava disponível quando eu tentava assistir. O mesmo acontecia com a Mansudae TV, um canal que só funcionava aos fins de semana e era voltado aos cidadãos de Pyongyang. Então, na verdade, só havia um canal funcionando, cuja transmissão começava por volta das cinco da tarde e se encerrava às onze da noite.

Às sete horas, a emissora transmitia um noticiário de 25 minutos que falava quase exclusivamente sobre Kim Jong-il. Não havia filmagens ao vivo, apenas fotos antigas dele visitando fábricas, e o âncora lia, palavra por palavra, tudo o que Kim Jong-il supostamente tinha dito nessas ocasiões. Em seguida, havia um programa de meia hora sobre música, no qual as letras rolavam pela tela como em um karaokê. As canções tinham títulos como “Defenda a Sede da Revolução”, que descrevia os norte-coreanos como “bombas e balas”. Depois, havia um horário reservado para um seriado ou um filme, seguido por outro noticiário narrando os feitos mais recentes de Kim Jong-il. Esse era o jornal a que meus alunos assistiam todas as noites. Não havia comerciais, é claro, mas às vezes as notícias eram interrompidas e citações de Kim Jong-il preenchiam a tela. Depois disso, mais um programa de música; certa noite, a atração foi um grupo de homens tocando acordeão ao som de uma canção sobre Kim Jong-il. Em seguida vinha um programa peculiar intitulado “O Relatório do Comitê de Unificação e Paz”. Todas as noites, o locutor fazia um solilóquio criticando a Coreia do Sul e os Estados Unidos, usando expressões estranhamente coloquiais como “pirando” e “deixe de papo furado”.

Em alguns aspectos, assistir ao noticiário era quase como escutar uma radionovela ou um audiolivro. Não havia muita ação ao vivo; pelo contrário, o âncora falava em um tom melodramático, como um ator exagerando na performance, enquanto descrevia os feitos do Grande Líder em detalhes tão intrincados que Kim Jong-il se tornava extremamente vivaz na cabeça dos ouvintes. Aquela obsessão por cada movimento dele, desde a forma como ria até o ângulo exato de seu olhar, só acontecia porque ele era o único assunto. Não seria possível se estender muito sobre um homem que provavelmente estava doente e acamado, então eles preenchiam o tempo dissecando cada aspecto da vida de Kim Jong-il.

Pelo que me lembro, a única notícia internacional que não envolvia o Grande Líder dizia respeito a uma enchente na Tailândia, com imagens das áreas devastadas e de pessoas sendo arrastadas pela água. No resto do tempo, os comentaristas gastavam todos os adjetivos existentes para glorificar Kim Jong-il, que era “tão grandioso” e “muito grandioso” e o “maior de todos”. Isso se repetia, é claro, no jornal, *Rodong Sinmun*, bem como na aula de Juche dos alunos. Certa vez, vi no caderno de um aluno uma página cujo título era “A Grande Conquista de Nosso Grande General”.

Houve uma época em que o assunto preferido dos alunos era um seriado chinês baseado em um romance russo de 1936, escrito por Nikolai Ostrovski, chamado *Assim foi temperado o aço*. Era exibido das oito e meia às nove e meia em algumas noites. Havia uma televisão em cada andar do alojamento estudantil, e pelo menos sessenta dos cem calouros se reuniam em frente a uma delas. Era como uma festa, eles diziam. “Aço” era uma metáfora para a índole do protagonista, e o seriado era repleto de boas lições de moral, segundo me contaram. Como a Rússia e a China eram suas aliadas, eles diziam que entendiam melhor a cultura desses países e vice-versa. Quando o filme norte-coreano *The flower girl* foi exibido na China, por exemplo, disseram aos meus alunos que as ruas ficaram vazias porque todos os chineses estavam em casa assistindo. Não tive coragem de lhes dizer que, naquela época, o que fazia sucesso na China não era mais um filme velho norte-coreano, e sim novelas sul-coreanas espalhafatosas, estreladas por atores viciados em cirurgias plásticas. Lançado em 1972, *The flower girl* tratava da perseguição de camponeses pobres durante a ocupação japonesa. Era baseado em uma ópera supostamente escrita pelo Presidente Eterno Kim Il-sung e estrelado por Hong Yong-hui, com dezessete anos à época, que ficou conhecida como uma das amantes de Kim Jong-il. Eu tinha tentado assistir ao filme certa vez, mas o considerara muito lento e datado.

Prometi aos alunos que tentaria assistir ao seriado preferido deles para que pudéssemos conversar sobre isso durante as refeições. Já tinha tentado assistir a um outro, chamado *The age of steel*, e achado chato, então perguntei se esse era melhor. A maioria respondeu que sim, mas um deles me disse: “Bem, não temos mais nada para ver”. Foi a primeira vez que um deles admitiu algo assim.

JÁ FAZIA MAIS DE UM MÊS que eu tinha voltado e a sensação de ser constantemente observada era exaustiva. Era como ser enterrada viva, com terra sendo despejada sobre meu rosto. Comecei a sentir náuseas, quase como se estivesse em um barco, por conta da mesmice do dia a dia. Para combater essa sensação, passei a jogar basquete nas raras tardes em que, apesar do frio, fazia um pouco de sol. Tinha levado uma bola de futebol e uma de basquete de Nova York para dar de presente aos meus alunos, pois, no verão, eu tinha percebido que as que eles usavam estavam ficando gastas e murchas. Tínhamos instruções para entregar os presentes para as contrapartes, que depois os distribuía aos alunos no momento certo, mas eu tinha receio de que eles pudessem guardar aquilo para si. Em Nova York, imprimi cinquenta cópias de um álbum com as melhores fotos dos meus alunos tiradas no verão e, ao retornar, entreguei tudo às contrapartes para que dessem aos alunos. Embora alguns dos alunos tenham me agradecido pelo presente, a maioria evitou o assunto, então eu não sabia ao certo se eles puderam ficar com as fotos. Por essa razão, fazia semanas que eu estava esperando uma oportunidade de lhes entregar as bolas diretamente. Certa tarde, quando vi as duas turmas na quadra, corri para o meu quarto, apanhei as bolas e voltei para onde eles estavam. Então, entreguei-as casualmente aos monitores de cada classe, dizendo:

– Ei, vocês querem ficar com elas? Comprei para mim, mas não tenho muito tempo para jogar.

Foi simples assim, e eles jogaram com elas durante o resto do semestre.

Às vezes eu jogava com eles, mas era mais comum que pegasse uma bola no armário dos professores e brincasse sozinha nos fins de semana ou enquanto eles estavam cochilando. A quadra ficava logo abaixo do alojamento estudantil, e muitas vezes eu avistava rostos sorridentes pressionados contra as janelas para me ver jogar. Eles adoravam registrar as raras ocasiões em que eu conseguia fazer uma cesta. Logo se tornou um de seus assuntos preferidos durante as refeições. Um deles diria: “Você está ficando boa nisso, professora. Antes você acertava uma a cada cinquenta, agora está mais para uma a cada dez. Ontem vi que você acertou 32 de 164 tentativas!”. E então outro comentaria, em tom brincalhão: “Você está indo bem, professora, mas ainda pode melhorar. Que tal assim: você me ensina inglês e eu lhe ensino basquete?”.

Em alguns dias, entretanto, fazia frio demais, ou então a quadra ficava muito encharcada para jogar, já que o sistema de drenagem da faculdade era

quase tão ruim quanto o do centro de Pyongyang, e havia poças de água por todos os lados. Aqueles dias vazios e sombrios pareciam mais longos. Escurecia às quatro e meia da tarde, e o *campus* de concreto, já extremamente lúgubre, ficava ainda mais sombrio. A luz do início do inverno era impiedosamente cinzenta, e eu tinha pavor dos fins de semana. Embora visse os alunos durante as refeições, não dava aulas nesses dias, e as únicas coisas pelas quais ansiava eram as idas às compras aos sábados e os cultos aos domingos.

– As pessoas nos observam mesmo dentro do mercado – Mary me alertou. – Não tem como saber quem pode denunciá-la, então não faça nada que possa nos colocar em apuros.

Apesar de seus avisos, a própria Mary vivia comprando bolinhos de arroz para distribuir entre as crianças sem-teto que vagavam pelo mercado e batiam carteiras. Ela andava rápido, depositava a comida nas mãos dos meninos e continuava em frente para que ninguém percebesse. Eu tinha medo de ela ser denunciada.

Nos fins de semana, à noite, eu me sentia ainda mais desamparada. Ansiava por telefonemas, uma ida ao cinema, restaurantes... as pequenas coisas às quais não dava a devida importância no mundo lá fora. Andava me lamentando pelo *campus* e, às vezes, dava uma espiada no quarto da Ruth. A Bíblia grossa estava quase sempre sobre a mesa, ao lado de um caderno aberto no qual ela anotava passagens e sublinhava frases. Era assim que a maioria dos missionários passava o tempo: reliam a Bíblia e reuniam-se à noite para compartilhar suas opiniões sobre as escrituras. Nem todos os professores frequentavam esses estudos bíblicos, já que havia panelinhas entre os missionários, então minha ausência era justificada. Ao olhar para Ruth, eu tinha a impressão de que ela parecia confortada.

Certa noite, enquanto voltávamos do jantar, um aluno perguntou:

– Você mora sozinha lá em Nova York?

Eu não sabia se as pessoas moravam sozinhas na RPDC, mas respondi que sim. Em seguida, outro perguntou:

– Então, o que acontece com seu apartamento enquanto você está aqui?

Respondi que uma amiga estava morando lá.

– E o aluguel? – ele quis saber. – Como você faz para pagar, se está aqui?

Respondi que tinha combinado de fazer os pagamentos pela internet e eles assentiram, como de costume. Provavelmente achavam que a nossa internet era a mesma coisa que a intranet deles, mas talvez alguns

estivessem começando a perceber que existia uma grande diferença entre ambas.

Outro aluno me perguntou em que parte de Nova York eu morava e se havia muitas gangues por lá. Era o terceiro aluno que me perguntava sobre gangues nova-iorquinas naquela semana. Perguntei onde tinha ouvido falar sobre essas gangues, e ele respondeu que seu livro de conversação mencionava o filme *Gangues de Nova York*. Outra coisa aleatória que eles gostavam de repetir era “A Grande Maçã”. Logo depois, outro aluno perguntou: “E o Brooklyn?”. Para ele, não passava de uma palavra estranha tirada de um livro didático, mas Brooklyn era onde meu namorado morava e, de súbito, fui inundada de saudade. Parei de andar. Estava na metade do caminho entre o refeitório e o alojamento. Avistei, ao longe, a fábrica e a fumaça espiralando de sua chaminé, e dava para ver o contorno da paisagem urbana de Pyongyang. O Brooklyn estava muito longe dali.

20

– VOCÊ TEM UM PARCEIRO? – perguntou-me a sra. Davis.

Ela era casada com o médico da clínica e ambos eram missionários coreano-estadunidenses de cinquenta e poucos anos. Eu tinha passado por lá para visitar Ri Sang-woo, que estava gripado havia alguns dias.

– Aqui, você precisa de um parceiro – declarou ela.

Era fácil para um casal manter um ao outro na linha, ela disse, mas, para as pessoas solteiras, qualquer passo em falso poderia ser perigoso.

– Preste atenção a tudo o que você faz ou diz, porque eles vigiam cada passo seu como se fossem falcões – continuou. – Eles têm medo de que possa haver um espião entre nós.

Eu sabia que era uma espécie de espiã, mas será que havia outra pessoa?

Em seguida, a sra. Davis me contou que, no decorrer do último ano, não importava onde ela e o marido estivessem à noite, os seguranças conseguiam encontrá-los em um instante caso houvesse uma emergência médica. Podiam estar sentados na sala dos professores e o telefone tocaria, com um segurança do outro lado da linha. Durante a década de 1990, na China, quando trabalhavam para a UCTY, até os e-mails dos seus amigos foram hackeados, e a Coreia do Norte costumava usar os mesmos truques dos chineses. Por isso, antes de assumirem aquele cargo, tinham pedido a todos os amigos que criassem novas contas de e-mail apenas para se corresponder com eles.

A sra. Johnson me contou algo semelhante. Na primavera, tinha pedido a um dos seguranças que comprasse um pacote de lámen Shin para ela no Mercado Tongil. Como o lámen Shin era um produto sul-coreano oficialmente proibido, foi uma espécie de transação clandestina. (Os professores que ajudavam na loja da UCTP tiveram de cortar as etiquetas das roupas doadas por igrejas sul-coreanas antes de entregá-las aos alunos.) Às vezes, os seguranças se ofereciam para conseguir coisas difíceis de encontrar, e havia um entendimento tácito de que haveria uma recompensa, uma taxa extra para eles. O fato é que você conseguiria comprar lámen Shin

no mercado clandestino, com embalagem chinesa, com a mesma facilidade com que compraria maconha no centro de Nova York. Também era fácil encontrar o lámen Samyang, outra marca sul-coreana, porque ele costumava ser incluído em pacotes destinados a grupos humanitários e acabava indo parar no mercado paralelo. O lámen da marca Shin, porém, era o preferido. Um dos meus alunos declarava, com orgulho, que sua comida preferida era lámen, mas não qualquer um – apenas o da marca Shin. Parecia haver uma espécie de prestígio associado ao lámen Shin por ser o mais popular na Coreia do Sul.

De todo modo, quando o segurança voltou com um pacote para a sra. Johnson, retornou o troco errado, ou por engano ou de propósito, e ela comentou sobre o ocorrido com a sra. Davis ao telefone. Poucos minutos depois, houve uma batida na porta da sra. Davis, e lá estava o segurança, chateado por ter sido acusado de ser desonesto. Ele tinha escutado toda a conversa delas ao telefone.

A sra. Davis e a sra. Johnson eram mulheres bondosas que muitas vezes me davam conselhos úteis, em parte porque tinham medo de que eu ficasse de saco cheio da UCTP e não retornasse. Havia poucos professores. Algumas pessoas achavam impossível viver sob vigilância constante. Um professor de Hong Kong, um empresário aposentado que dava aula de economia para alunos de pós-graduação, disse que não pretendia voltar na primavera. Tinha conhecido o presidente Kim por acaso em uma igreja e fora recrutado, mas não lhe deram muitas informações de antemão e ele não fazia ideia de que não poderia se locomover livremente. Perguntou-me a data do meu voo de volta e, quando respondi que seria no dia 20 de dezembro, declarou:

– Sortuda. O meu é no dia 21.

Confessou que estava contando os dias para voltar para casa. Tinha visitado vilarejos na China onde às vezes dez pessoas chegavam a dormir em um único quarto ou locais em que três irmãos tinham apenas duas calças e se revezavam para usá-las, e ainda assim a Coreia do Norte era o pior lugar no qual já havia estado. Perguntei o motivo.

– Não existe liberdade – suspirou ele. – Eles estão sempre nos vigiando. Sei que gravam tudo o que dizemos e mantêm arquivos a nosso respeito, e eu me sinto muito mal o tempo todo. Simplesmente não me sinto confortável aqui. Não tem nada a ver com a comida horrível nem com a

escassez material de tudo. Trata-se de humanidade básica. É isso que está em falta por aqui.

Todos nós tínhamos nos tornado paranoicos, mas havia um bom motivo. Mas seres humanos são resilientes e também se esquecem facilmente. Eu me pergunto se, às vezes, me forçava a esquecer as coisas para conseguir seguir em frente, e se meus alunos também faziam isso. Em mais de uma ocasião, deixei um dos meus *pen drives* dando sopa na mesa do dormitório e, mais tarde, quando me dava conta disso, entrava em pânico. Estava ficando descuidada. Fazia mais de um mês que havia chegado lá e, depois de trinta dias, ocasionalmente até mesmo uma prisão pode parecer um lar.

DENTRO DA CLÍNICA, vi Kim Yong-suk sentado bem perto de Ri Sang-woo, que estava passando por terapia intravenosa, com um livro didático de inglês aberto ao lado. O sistema de parceria entre os alunos era levado muito a sério. Os parceiros pareciam ficar o tempo todo juntos. Sentavam-se juntos, faziam as refeições juntos e, às vezes, ficavam de mãos dadas enquanto caminhavam ou assistiam a uma aula. Quando um dos alunos torceu o tornozelo, mancou um pouco e não precisou de muleta, mas seu parceiro estava sempre por perto para lhe dar apoio, aonde quer que fosse. Sendo assim, era Yong-suk quem pegava todas as refeições no refeitório e as levava para Sang-woo na clínica, e quem ficava o tempo todo, exceto durante o período de aulas, ao lado da cama dele, ajudando-o a estudar a matéria que estava perdendo. Chegou até a dormir em um colchão de ar para passar a noite ao lado de Sang-woo.

O sistema de parceria me deixava impressionada e um pouco perturbada ao mesmo tempo. Reparei que, com a mudança do semestre de verão para o de outono, a maioria das duplas também tinha mudado, e os alunos não eram mais vistos com seus antigos parceiros. Yong-suk tinha sido o parceiro de Hwang Jae-mun durante o verão, mas no outono, embora estivessem na mesma classe, Yong-suk se devotava apenas a Sang-woo. Talvez fosse normal fazer outras amizades no início de um novo semestre, mas, naquele caso, as duplas de parceiros eram formadas pela faculdade, por meio de lugares marcados e divisão de quartos. A lealdade que nutriam um pelo outro parecia infinita e, com isso, sua capacidade de trocar de alianças de uma hora para outra soava estranhamente insensível. Além disso, a facilidade com que acatavam prontamente a ordem de se tornarem melhores amigos de alguém não me parecia natural.

No entanto, nem todos os parceiros se davam tão bem. Para alguns, parecia um mero dever, e eles faziam o mínimo. Estavam lá para ajudar um ao outro quando um deles ficava doente ou precisava de uma mão para executar uma tarefa simples, e sentavam-se juntos durante as aulas e refeições. Fora isso, contudo, não permaneciam juntos o tempo todo. Nem todos andavam de mãos dadas ou viviam rindo juntos. Alguns dos meus alunos que tinham sido transferidos para uma nova turma se esforçavam para se sentar com seus ex-colegas de classe, embora fosse tecnicamente proibido. Mesmo ali, a química era algo presente.

Talvez a vida comunitária afastasse a solidão, mas também tinha suas desvantagens. Não havia nenhuma privacidade, e essa proximidade constante facilitava a propagação de doenças. Como o aquecimento nunca era suficiente, vários deles pegavam resfriados ou gripes, e muitas vezes isso significava que seus parceiros também adoeceriam. Eram jovens, porém, e pareciam se curar rápido.

Quando me viu, Ri Sang-woo sentou-se e abriu um sorriso alegre. O quarto parecia grande e vazio sob a luz fluorescente, com vários colchões de ar espalhados pelo chão e uma única mesa junto à parede. Era um lugar deprimente e fiquei feliz por ele ter a companhia de seu parceiro. Ao lado da cama havia uma grande lata de leite em pó da marca sul-coreana Imperial, e eu sabia que era algo tão proibido quanto caro. Também reparei em uma caixa com garrafas de água gaseificada sabor maçã, que eram vendidas na loja do *campus*.

– O que são todas essas coisas? – perguntei. Sang-woo ficou vermelho.

– Meus colegas de classe trouxeram para mim. Eles têm sido muito atenciosos.

A julgar pela quantidade de garrafas, parecia que quase todos os colegas de classe tinham comprado uma para ele. Isso era inusitado. Os alunos recebiam uma quantia modesta de créditos da UCTP, com os quais compravam materiais escolares e petiscos na loja do *campus*. Esse sistema era semelhante ao de tíquetes de alimentação. Ao que parecia, seus pais mandavam mais dinheiro quando os créditos acabavam. Parecia extravagante que cada aluno tivesse dado uma garrafa de água com gás para Sang-woo; eles não tinham feito nada do tipo quando outro aluno adoecera, semanas antes. Talvez Sang-woo fosse simplesmente mais popular. Falava um inglês melhor do que o de quase toda a classe. Media um metro e oitenta, o que o tornava alto, algo muito invejado por ali. Além disso, ele se

destacava tanto nos estudos quanto no basquete. O mais importante de tudo, talvez, era que ele vinha de uma família muito poderosa. Eu sabia disso pelos detalhes que tinha captado em suas cartas, por nossas conversas e pelo fato de que seu pai já tinha viajado para o exterior.

Ele era a nata da nata entre os alunos, mas, quando o vi deitado naquela cama com seu agasalho de náilon, provavelmente importado da China, minha vontade era pegá-lo no colo e levá-lo às compras em algum shopping gigantesco dos EUA. Era absurdo pensar que bens materiais poderiam consertar as coisas, mas, naquele momento, odiei vê-lo enfiado em um agasalho patético, agarrando-se a uma lata de leite em pó. Eu tinha desejos muito simples. Queria leite fresco e roupas boas e quentinhas para os meus alunos, e queria que a energia voltasse quando escurecesse, ou pelo menos que houvesse lanternas e pilhas suficientes para todos eles. Queria que houvesse aquecimento suficiente para afastar o frio e comida de qualidade para aqueles meninos em fase de crescimento. Havia momentos em que satisfazer as suas necessidades básicas – luz, aquecimento, alimentos nutritivos – parecia tão importante quanto lhes garantir a liberdade.

CERTA TARDE, quando eu voltava para o meu quarto depois de jogar basquete, Ruth entreabriu a porta do seu e acenou para que eu entrasse. Eu deveria ter apenas acenado de volta e seguido em frente, mas acho que estava querendo companhia. Sempre me esquecia de que eu não era um deles.

– Quero conversar sobre domingo! – ela disse, tão empolgada que por um instante pensei que havia uma viagem sendo planejada, mas ela na verdade estava se referindo ao domingo anterior. – Vi você comungando e não acho que deveria fazer isso.

Ela me perguntou se eu costumava comungar na minha igreja nos EUA. Isso me deixou apreensiva. Respondi que não, já me preparando para o pior. Ela pensou por um instante e então declarou:

– Se você não acredita em tomar uma parte do corpo de Jesus para si, não deveria receber o pão. Só estou dizendo isso porque me preocupo. Se você não tem fé, aceitar a comunhão lhe fará mal. Sei que parece superstição, mas não é.

Em seguida, começou a falar que sabia que eu me importava com meus alunos, mas que talvez minha razão de estar ali fosse diferente da dela, que era exclusivamente levar a palavra do Senhor àquela terra. O Senhor tem

seus caminhos e seus desígnios para essas pessoas, disse-me Ruth, e era a função dela prepará-los para receber a graça de Deus.

– Porque esta vida aqui é apenas temporária, Suki. Eles serão recebidos por Ele no céu.

Eu sabia que era melhor ficar quieta e ir embora antes que ela falasse mais alguma coisa, mas fui invadida por uma enorme onda de raiva. Tive a impressão de que ela estava desvalorizando o sofrimento do povo norte-coreano. As semanas de silêncio enfim tinham se tornado demais para suportar, e perdi o controle.

– Então, você está me dizendo que tudo bem haver norte-coreanos apodrecendo em *gulags*, porque, na sua opinião, isso não é real?

Ruth pareceu espantada, mas continuei:

– Eu acho que essa sua vida “temporária” como professora em um dormitório bacana durante um semestre antes de voltar para a Nova Zelândia é diferente da vida “temporária” dessas pessoas, que são praticamente escravas de seu próprio regime. Se a vida eterna que os aguarda no céu é tão incrível, então os milhões que sofrem aqui deveriam simplesmente cometer suicídio em massa? Por que você não visita um *gulag* para ver se ainda terá coragem de me dizer que é temporário?

Eu me arrependi de dizer aquelas palavras tão logo elas deixaram meus lábios. Sabia que tinha sido desnecessariamente hostil, mas a distância entre nós era tanta que parecia um abismo.

Ruth me olhou com pena e meneou a cabeça. Abriu a boca para dizer alguma coisa, mas disse que estava cansada e fui embora. Estava tão irritada que precisava ficar sozinha para me acalmar. Aquela discussão me deixou tão chateada que mal consegui pregar os olhos durante a noite.

No domingo seguinte, não compareci ao culto e fiquei chorando no meu quarto. Tentei escrever um e-mail para o meu namorado, mas nenhum dos assuntos que eu podia abordar livremente lhe interessariam. Nossas vidas estavam tomando rumos diferentes. Ele escrevia dizendo que sentia saudade, mas também estava ocupado. Frequentava inaugurações de galerias, exposições de filmes e jantares. Mais uma vez, pensei em contar a ele sobre os cães ferozes, sobre como os funcionários os tinham matado e comido, mas fiquei com receio de que aquilo só servisse para deixá-lo chateado e que pudesse desagradar quem quer que monitorasse meus e-mails. Eu não achava que eles desaprovavam a parte sobre comer

cachorros, já que isso era normal por ali, mas tinha receio de que parecesse que eu estava reclamando das minhas condições de trabalho.

Queria contar a ele que Ruth tinha me confrontado a respeito da minha fé, que meu disfarce fora descoberto, que existia a possibilidade de eu ser expulsa pelos missionários, e não pelos norte-coreanos. Queria contar a ele sobre meu medo e solidão profundos, mas não sabia como conseguiria explicar tudo. Pensei em me comparar à Pequena Sereia da história de Hans Christian Andersen. Ela tinha trocado a própria voz por um par de pernas; eu tinha trocado a minha voz para estar ali. Mas eu duvidava de que ele fosse capaz de decifrar o que eu queria dizer. Por fim, percebi que a saudade e o desejo por ele simplesmente não importavam. Enquanto eu estivesse lá, ele não era relevante. O amor não poderia me salvar.

21

NA SEGUNDA SEMANA DE NOVEMBRO, chegou ao *campus* um caminhão com caixas e mais caixas de alho e repolho. Era hora do almoço, e vários alunos foram chamados ao lado de fora para descarregá-las. Levaram o alho para o refeitório e, nos dois dias seguintes, alunos e professores passaram mais de uma hora descascando tudo. Foi assim que descobri que aquela era a semana do *kimjang*.

No fim do outono, tanto na Coreia do Norte quanto na do Sul, a maioria das famílias tem o costume de preparar *kimchi* suficiente para durar até o inverno. Essa tradição teve início mais de mil anos atrás, quando nem sempre havia vegetais disponíveis o ano todo. Durante a minha infância, a temporada de *kimjang* era sempre uma época festiva. As mulheres da minha vizinhança ficavam atarefadas de uma hora para outra, encarregadas de comprar os ingredientes – repolho, rabanete, pimenta malagueta, cebolinha, gengibre, camarõezinhos marinados e anchovas. Depois, elas se reuniam para lavar os repolhos e rabanetes, colocá-los na salmoura e fazer tachos e mais tachos de *kimchi*. Era um período repleto de risos, fofocas e sentimentos bons por toda parte. Eu ficava rodeando a minha mãe na esperança de conseguir um pedacinho de *kimchi* recém-preparado, encharcado de pimenta. Aquele sabor pungente de repolho crocante e condimentos ficou marcado na minha memória como o primeiro sinal do inverno. Depois de pronto, o *kimchi* era armazenado em potes de barro e colocado do lado de fora para uma fermentação lenta. O sabor cada vez mais pungente do *kimchi* nos mantinha fortes durante as noites nevadas do longo e rigoroso inverno coreano.

Fazia muito tempo que eu não pensava em *kimjang*. Quando nos mudamos para os Estados Unidos, minha mãe trabalhava sete dias por semana e fazia *kimchi* cada vez mais raramente, então passamos a comprá-lo pronto no mercado. Além disso, como havia vegetais frescos praticamente o ano inteiro, não fazia sentido preparar tanto *kimchi* de uma vez, sem contar que não tínhamos um jardim ou uma varanda para

acomodar os potes durante a fermentação. No entanto, lá estava eu em Pyongyang, descascando alho para o *kimjang* ao lado de centenas de jovens norte-coreanos, que arregaçavam as mangas e obedeciam sem hesitar, todos compartilhando alegremente suas lembranças do *kimjang* quando estavam em casa.

Um contou que sempre carregava baldes de água escada acima para ajudar a mãe: “Precisa de muita água para lavar cento e cinquenta quilos de repolho”. Isso sugeria que não havia água potável na casa dele, embora viesse de uma família da elite. Outro entrou na conversa e comentou que sua família era pequena, só ele e os pais, então só precisavam de oitenta quilos.

Em seguida, eles me perguntaram quantos quilos eu recebia do governo para o *kimjang*. Não tive coragem de lhes dizer que a tradição do *kimjang* estava desaparecendo entre as novas gerações e que a cidade de Nova York não distribuía uma porção de repolho para cada família, então apenas respondi que minha mãe tinha parado de fazer *kimjang*. Eles pareceram confusos e perguntaram de onde minha família tirava *kimchi* durante o inverno. Expliquei que os Estados Unidos eram um país grande e que o clima variava de região para região, e que todos os tipos de alimentos estavam disponíveis durante o inverno porque tínhamos relações comerciais com muitos outros países. Usei o comércio entre a Coreia do Norte e a China como exemplo, o que os ajudou a entender.

Admiti que também estava confusa com a forma como preparavam *kimjang*. O que faziam com as pimentas, rabanetes e cebolinhas, já que cada família provavelmente tinha sua própria receita, com ingredientes ligeiramente diferentes? Um aluno explicou que os legumes recebidos variavam. Naquele ano, por exemplo, a colheita tinha sido ruim e não havia repolho suficiente para todas as famílias, então algumas pessoas tinham de comprar o que estivesse faltando. Foi a segunda vez que um aluno admitiu que havia escassez por ali.

Também fiquei surpresa ao descobrir a ligação entre *kimjang* e acidentes de carro. De acordo com os alunos, havia tantos caminhões transportando repolho em novembro que o governo o considerava um mês perigoso, com um risco muito maior de haver acidentes de trânsito. (O mês de maio também era considerado perigoso, pois havia muito mais chances de afogamento.) Achei improvável que houvesse muitas batidas envolvendo

caminhões de repolho, pois quase não havia carros por lá, nem mesmo nas ruas de Pyongyang.

No segundo dia descascando alho, acordei com a notícia dos protestos na Universidade Estadual da Pensilvânia. A CNN Ásia transmitiu uma cobertura ao vivo de universitários estadunidenses derrubando uma van da imprensa para demonstrar sua revolta com a demissão de um técnico que não tinha investigado outro técnico acusado de estuprar garotos. O escândalo foi a principal notícia do segmento internacional, e o âncora enfatizou repetidamente a importância do futebol americano universitário – e do dinheiro que ele gerava – na cultura estadunidense. “Quase um bilhão em lucros!”, exclamou ele, fazendo uma crítica implícita a uma cultura que se preocupava mais com dinheiro do que com o combate ao abuso infantil. As reprimendas do canal pareciam o verdadeiro motivo por trás da cobertura exagerada daquela história sensacionalista em particular, já que havia notícias muito mais urgentes no resto do mundo. Na Itália, Berlusconi estava deixando o cargo depois de dezessete anos; o primeiro-ministro grego tinha acabado de renunciar; a Líbia estava um caos após a morte de Kadafi. Ainda assim, a tela só mostrava fotos de universitários estadunidenses embriagados empunhando garrafas de cerveja e agitando os punhos em solidariedade ao seu time de futebol americano.

Depois disso, parecia surreal entrar no refeitório e dar de cara com aqueles universitários norte-coreanos, quase da mesma idade que os estadunidenses, descascando alho alegremente e comentando sobre a culpa que sentiam por não poder ajudar as mães naquele ano. Alguns se levantaram e varreram as cascas de alho do chão. Outros conferiram as cascas para ver se nenhum dente de alho fora descartado por engano. Mesmo quando o pessoal da cozinha apareceu e disse a eles que interrompessem o serviço e se preparassem para a aula, muitos continuaram trabalhando, insistindo com educação que seria mais fácil e rápido se todos ajudassem.

A AULA QUE EU DAVA PARA AS CONTRAPARTES fora cancelada naquela semana, mas vi alguns deles durante o almoço, vestidos com agasalhos esportivos em vez dos paletós e gravatas habituais. Perguntei onde haviam estado, e um deles respondeu que tinham ido trabalhar em uma fazenda cooperativa de professores para conseguir repolhos suficientes para o *kimjang* de suas famílias. Ele parecia constrangido, então perguntei casualmente:

– Foi divertido trabalhar com seus colegas?

Ele meneou a cabeça e disse:

– Mais ou menos. – Essa era sua forma de dizer: “De jeito nenhum”.

Eram homens orgulhosos e pareciam ter vergonha de admitir que faziam trabalhos braçais. Entre eles estavam os ex-reitores da Universidade Kim Chaek e da Universidade Kim Il-sung, além de um novo membro: um professor de inglês que havia lecionado em uma das universidades e falava um inglês tão bom que eu me perguntava por que ele próprio não lecionava para os alunos e por que razão estava participando das minhas aulas. Outra das contrapartes disse:

– Não foi divertido. Muito trabalho. Levantei coisas e as carreguei. É mais fácil para as mulheres, mas não faz bem aos homens.

Pertenciam a uma cultura chauvinista. Certa vez, um aluno me contou que tinha morado em um alojamento em sua antiga universidade e que lá, ao contrário do que ocorria na UCTP, havia meninas. Em seguida, admitiu que só havia duas delas na sua sala, pois era uma faculdade de ciências e as garotas não são boas nisso. Depois, contou que costumava dar suas camisas para elas, o que as deixava muito contentes. Pensei que se tratasse de uma espécie de brincadeira ou tentativa de flerte, mas ele explicou: “Aí elas lavavam para mim! É difícil aqui na UCTP, porque tenho que lavar não apenas as camisas, mas também os paletós e as calças. Em casa, minha mãe e minha irmã é que faziam isso”.

Mais tarde naquele dia, passei pela biblioteca e espiei pela janela da sala da internet. Havia pós-graduandos do segundo ano em frente aos computadores, acompanhados por uma das contrapartes, que tinha sido reitor, para quem eu lecionava. Pareciam estar aprendendo a fazer pesquisas no Google. Fui até lá para cumprimentar o ex-reitor. Ele tinha acabado de pesquisar um termo de computação, que retornou mais de seiscentas mil ocorrências. Um dos alunos estava explicando que aquele era o número de resultados. O ex-reitor parecia não ter entendido o que o número significava, então o aluno repetiu.

– Mais de seiscentos mil? – perguntou ele, espantado. Fiquei me perguntando se a contraparte estava ali para ficar de olho no que os alunos estavam procurando na internet.

Os alunos de pós-graduação tinham recebido ordens estritas de não revelar nada sobre a internet, incluindo que tinham acesso a ela. Uma das professoras mais velhas disse que um dos pós-graduandos tinha reclamado

de uma dor de cabeça crônica, mas ela acreditava se tratar de confusão ideológica e tinha sugerido que a sra. Davis orasse em segredo pelo aluno na clínica, enquanto apoiava a mão na têmpora dele e media sua temperatura. Não sabíamos, porém, qual era o nível de acesso à internet que os alunos tinham. O diretor do Departamento de Informática disse achar que eles tinham um acesso bastante limitado, já que sempre o procuravam para fazer perguntas extremamente simples sobre os seus trabalhos de pesquisa.

Fora da salinha de internet, meus alunos de graduação ficavam nas escrivaninhas ou nas estações de computador normais, que não tinham acesso à internet. Vários deles vieram até mim para dizer que a lição de casa que eu tinha acabado de passar – um parágrafo contando em detalhes como era o *kimjang* de sua família – era muito difícil, porque fazer *kimchi* era coisa de mulher, e não de homem. Havia muitas palavras que eles não conheciam e não conseguiam avançar nas descrições. Teria sido uma tarefa fácil se pudessem usar a internet, mas não tinham essa opção.

Havia apenas alguns programas instalados nos computadores sem internet: o *Longman Dictionary*, o *Cambridge Learner's Dictionary*, o *Oxford Dictionary*, uma enciclopédia em coreano e um documento intitulado “Juche”. Sentei-me em frente a um dos computadores, abri o programa mais recente e vi as palavras “Estudo Juche de Kim Jong-il e Kim Il-sung”. Mary, outra professora de Leitura e Escrita, tinha conseguido permissão para colocar nos computadores cerca de sessenta livros clássicos, como *O grande Gatsby*, *O morro dos ventos uivantes*, *Guerra e paz* e *Robinson Crusoe*. Mas os alunos disseram que não os liam porque eram difíceis e pareciam muito velhos. Além desses materiais, não havia muita coisa.

Apesar disso, os alunos pareciam gostar dos computadores. Não os usavam para digitar seus trabalhos; não sabiam usar o teclado e, como não havia impressora, digitar seria inútil. Na maior parte do tempo, apenas consultavam os dicionários, embora os achassem complicados e preferissem usar seus dicionários coreanos. Ver os melhores alunos de ciência e tecnologia do país encarando as telas sem entender nada era tão patético que fui tomada por uma pontada de raiva e tristeza e logo saí da sala.

EU HAVIA COMEÇADO A NOTAR um padrão na minha relação com os alunos: assim que pensava que havíamos avançado e relaxado um pouco, eles me

frustravam. Era semelhante ao comportamento notoriamente imprevisível (e, ironicamente, bastante previsível) do regime norte-coreano, que frequentemente atacava a Coreia do Sul assim que as relações intercoreanas começavam a melhorar. Por isso, não ficava surpresa quando, de uma hora para outra, nossas conversas passavam a ser todas iguais, como se os alunos tivessem sido instruídos sobre o que dizer e quando dizer.

– Eu poderia ter ido para Singapura, mas amo nosso país e decidi ficar aqui – comentou um dos monitores de classe durante o jantar.

Era a quinta refeição consecutiva em que um aluno me dizia isso. Em todas elas, o aluno falava que havia passado em provas que lhe permitiriam estudar no exterior, mas recusara a oportunidade porque preferia estudar na Coreia do Norte. Dois deles mencionaram a Universidade Tsinghua de Pequim como a faculdade na qual foram aceitos, e alegaram que o governo tinha se oferecido para arcar com os custos de mensalidade, hospedagem e alimentação, mas eles recusaram e foram para a UCTP. Outros dois alunos comentaram que haviam recebido a oportunidade de ir para a Alemanha, mas preferiram recusar.

Os assuntos frequentemente pareciam forçados. De uma hora para outra, começariam a falar de alguma coisa como se tivessem uma lista de tópicos para abordar durante as refeições, valendo-se da frase: “Que tal mudarmos de assunto?”. Isso os ajudava quando as conversas tomavam um rumo que os deixava nervosos, como a vez em que estávamos falando sobre programas de intercâmbio e um aluno perguntou quantos países eu já visitara.

Eu tinha evitado esse assunto durante o verão e, mesmo em outubro, tinha tomado todo o cuidado para não revelar muito. Em novembro, porém, estava me tornando cada vez mais imprudente e honesta, então lhes contei mais ou menos quantos países já tinha visitado e fui além, declarando como eram lindas algumas das cidades da Europa e como torcia para que eles tivessem a chance de ver o mundo. Depois disso, acabei me empolgando demais e acrescentei:

– Ah, e as cidades asiáticas também são lindas, como Kyoto.

E então me calei, lembrando-me de que o Japão era inimigo deles.

Após uma pausa, um aluno me perguntou:

– E a nossa cidade? Você a acha bonita?

A pergunta me fez parar por um instante. Não achava Pyongyang bonita. Era uma cidade monótona e desolada, repleta de edifícios de concreto e

peessoas com aparência famélica vestindo trapos. Mas não eram as características físicas de Pyongyang que a tornavam tão feia aos meus olhos. Era o que ela representava. Era a cidade mais horrível do mundo, na minha opinião, e sempre que eu a via ao longe, no horizonte, fora da janela da van, sentia uma onda de desânimo. Pyongyang era a Xanadu da Coreia do Norte – o resto do país era escravizado para abastecê-la. Era um monstro ganancioso e sanguessuga, e às vezes eu desejava que ela simplesmente se esvaísse em fumaça. No entanto, também era a cidade para a qual meu tio poderia ter sido levado, sozinho, aos dezessete anos; era a cidade com a qual minha avó tinha sonhado até morrer. Era o lar dos meus alunos, a cidade da esperança para todos os norte-coreanos. A única coisa que eles almejavam era ir para lá, onde a eletricidade funcionava, onde carros, bondes e ônibus circulavam, onde era possível ter um vislumbre da civilização. Sentada em frente aos meus jovens alunos, que me fitavam com rostos cheios de expectativa, esperando que eu dissesse que Pyongyang, a cidade deles, era realmente a mais bonita de todas, percebi que não tinha escolha a não ser mentir um pouco. Por isso, disse:

– Bem, algumas partes.

Sabia que a resposta era decepcionante e isso partiu meu coração, mas não vi alternativa. Em seguida, como sempre, um aluno da mesa perguntou:

– Então, que tal mudarmos de assunto?

Para compensar minha resposta insatisfatória, contei a eles que, um tempo antes, tinha passado um ano na Universidade para Mulheres Ewha, destinada ao público feminino em Seul. Sempre que eu mencionava Seul, eles não perguntavam nada a respeito, a não ser talvez: “Então você nasceu lá?”. Era claramente um assunto proibido. Mas o fascínio de haver uma universidade só para mulheres do outro lado da fronteira pareceu despertar o interesse deles, embora tivessem timidamente desviado o olhar. A Ewha era parecida com a Wellesley College, mas é claro que essa comparação não faria o menor sentido para eles, então simplesmente lhes disse que era uma universidade renomada na Coreia do Sul e que as alunas eram garotas ótimas e vinham de boas famílias. Todos me encararam como se quisessem que eu continuasse. Por fim, um aluno perguntou, um tanto tímido:

– Elas eram bonitas?

Assenti com a cabeça e respondi:

– Sim, eram as garotas mais bonitas de Seul, tão lindas quanto os meus cavalheiros de Pyongyang.

Isso não foi suficiente para me redimir por ter ferido seus sentimentos um pouco antes, mas levou todos eles ao riso. Um deles perguntou:

– Elas também têm monitores por lá?

A ideia era tão absurda que tive de me esforçar para não rir. Não podia dizer a eles que não havia monitores nas universidades sul-coreanas, e certamente não havia líderes de pelotão, e que os alunos não iam marchando para a sala de aula ou para o refeitório. Por isso, me limitei a responder:

– Bem, a maioria delas não mora no *campus*. As garotas da Ewha simplesmente vão e voltam sozinhas, sem monitores.

COMO O INVERNO ESTAVA CADA VEZ mais próximo, o trabalho de jardinagem se tornou mais difícil, pois o solo estava quase sempre lamacento e, depois, congelado. Quando demonstrei preocupação por terem de trabalhar naquelas condições, um aluno disse, com a maior naturalidade, que eles tinham botas, então não havia problema. Ele me contou que todos tinham crescido cuidando de árvores e plantas. Todos os cidadãos da RPDC plantavam árvores em outubro, que era o mês do “plantio de árvores”, e todos os residentes de Pyongyang recebiam ordens para fazer trabalhos de jardinagem durante o inverno. *Jardinagem* era apenas uma palavra rebuscada para “trabalho braçal”, que geralmente incluía cavar e transportar água. Com isso comecei a entender por que, na nossa visita semanal às mercearias da cidade, eu sempre via pessoas de cachecol e luvas aparando a grama e os arbustos nas ruas e nas margens do rio. Meu aluno disse que se lembrava de já carregar baldes d’água quando tinha apenas cinco anos. Declarou com tanto orgulho que percebi que ele considerava aquilo um ato patriótico. Além disso, acrescentou, o trabalho de jardinagem durava só umas três ou quatro horas, o que lhes dava algum tempo para praticar esportes, ao passo que limpar o chão ou os banheiros demorava mais e ocupava todo o seu tempo. Então, eles preferiam ficar encarregados da jardinagem.

Naquela semana, os alunos passaram três horas cavando um buraco em meio a um frio congelante. Na semana anterior, foram quatro horas. Eles viviam me garantindo que o trabalho lhes fazia bem, mas alguns tinham começado a admitir que se sentiam muito cansados. Um deles confessou que nunca tinha trabalhado tanto antes de ir para a UCTP.

Nas noites em que o vento passava uivando pelas janelas, eu pensava nos alunos que estavam lá fora, de guarda até o amanhecer. Nenhum deles tinha um casaco pesado o suficiente para protegê-lo. Seus Grandes Líderes eram sempre comparados ao sol – o aniversário de Kim Il-sung era o Dia do Sol e Kim Jong-il era chamado de “o sol do século XXI” –, mas aquele sol não fornecia nenhum calor. Durante o jantar, certa noite, finalmente expus minha preocupação quanto ao frio, e eles, a princípio relutantes, me explicaram.

– Sim, realmente é muito difícil para nós... mas ficamos felizes em fazer isso porque é uma grande honra ajudar nosso Partido e construir uma nação poderosa e próspera.

Todos os alunos da mesa concordaram com a cabeça, então perguntei se eles já tinham feito algo do tipo antes da UCTP.

– Sim, também fazíamos isso nas outras universidades.

Em seguida, perguntei se isso também acontecia antes de eles irem para a faculdade.

– Sim, desde que tínhamos treze ou catorze anos. No nosso país, todo mundo cresce fazendo esse tipo de coisa.

A frequência com que teriam de ficar de guarda era determinada pela posição profissional, mas todos eles acabariam desempenhando esse dever ao longo da vida. Isso também se aplicava às mulheres, embora não precisassem continuar fazendo isso depois de dar à luz.

Como eu já suspeitava, aquele dever estava presente em cada um dos vilarejos que eu tinha visto nas estradas, durante as excursões. Aqueles edifícios semelhantes a santuários, conhecidos como Salas de Estudos de Kimilsungismo, existiam em todos os vilarejos do país, da mesma forma que havia igrejas ou McDonald's espalhados pelo resto do mundo.

“ARTIGO” ERA UMA PALAVRA muito temida por meus alunos naquele outono. Estavam muito estressados por precisarem escrever um, já que teria o mesmo peso que as provas em sua nota final. A ideia era que decidissem sozinhos o tema e entregassem uma tese e um esboço. Quando eu perguntava sobre o andamento do trabalho, eles suspiravam e respondiam: “Desastroso”.

Enfatizei a importância dos artigos, visto que, como cientistas, um dia eles teriam de escrevê-los para provar suas teorias. Na realidade, porém, nada era provado naquele mundo, pois tudo acontecia de acordo com os caprichos do Grande Líder. Suas habilidades de escrita eram tão pouco desenvolvidas quanto as de pesquisa. Ao escrever, inevitavelmente valiam-se de uma repetição interminável de seus feitos, nenhum dos quais jamais fora provado, visto que careciam do conceito de usar evidências para respaldar suas alegações. Uma rápida olhada nas matérias do jornal do dia revelava que usavam o mesmo tom da primeira à última página, sem progressão nem ritmo. Não havia começo nem fim.

Por esse motivo, toda a estrutura básica de um artigo de três a cinco parágrafos – com tese, introdução, um parágrafo principal com informações relevantes e a conclusão – era inteiramente desconhecida por eles. A parte que mais tiveram dificuldade para entender foi a introdução. Eu lhes dizia que era como acenar para alguém. Como tornar esse cumprimento interessante, para que o leitor fosse “fisgado”? Dei vários exemplos diferentes, mas mesmo assim eles me procuravam fora do horário de aula, meneando a cabeça e perguntando: “Então, e aquela história de *fisgar*... como funciona?”.

CERTA MANHÃ, assim que entrei na sala de aula, eles gritaram em uníssono:

– Nós derrotamos o Japão!

A seleção deles, Chollima, tinha acabado de ganhar da seleção japonesa, a Samurai Blue, nas eliminatórias para a Copa do Mundo. A partida tinha

acontecido no estádio Kim Il-sung e fora transmitida ao vivo pela TV.

Ali, o sentimento de raiva pelo Japão permanecia tão vívido quanto na época em que a nação japonesa tinha colonizado a Coreia, mais de meio século antes. Os alunos estavam radiantes e me contaram com orgulho sobre Jong Tae-se, o atacante da seleção norte-coreana, e sobre mais um de seus jogadores, que tinha chamado a atenção do Manchester United. Eles não reconheciam o fato de que Jong era, na verdade, um coreano Zainichi de terceira geração, termo usado para descrever pessoas de etnia coreana nascidas e criadas no Japão e que residiam lá, mas que eram leais à Coreia do Norte. Aos olhos deles, os coreanos Zainichi eram japoneses, seus inimigos jurados, mas, em momentos oportunos, eles os consideravam norte-coreanos.⁶ Eu sabia que era melhor não comentar sobre isso.

– Que incrível! – disse com animação. – Não seria maravilhoso se o Chollima conseguisse ir ao Brasil para a Copa do Mundo?

Todos eles assentiram, sorrindo.

Foi só mais tarde naquele dia que pesquisei na internet e descobri que a Coreia do Norte já estava desclassificada e que os resultados foram anunciados havia já algum tempo. A partida contra o Japão servia só para cumprir tabela. Ou os alunos não admitiam isso ou simplesmente não sabiam a verdade. Como se não bastasse, descobri que o jogo não tinha de fato sido transmitido ao vivo pela TV. Em vez disso, foi transmitido após o término, depois de o regime ter certeza de que seu time havia ganhado. Um aluno me disse que era muito sem graça assistir apenas aos jogos que eles venciam. Além do mais, embora eu tivesse vasculhado a internet, não encontrei nenhuma menção a um jogador de futebol norte-coreano jogando pelo Manchester United. Como sempre, o governo tinha semeado informações falsas, então as alegações dos meus alunos não tinham nenhum respaldo verdadeiro. Por isso, eu dificilmente poderia esperar que eles conseguissem fundamentar suas teses.

COMO OS PÓS-GRADUANDOS tinham começado a usar a internet – por cerca de três ou quatro horas por dia, segundo me contaram –, meus alunos perceberam que estavam perdendo alguma coisa. Em uma das refeições, peguei meu laptop para lhes mostrar as fotos que havia tirado no Dia do Esporte. Eles gostavam de olhar fotos de si mesmos e sempre me pediam que desse zoom em seus rostos. “Nossa, o mais bonito!”, poderia declarar um aluno atrevido. “Pode imprimir essa aí!”. Coloquei uma foto da linha do

horizonte de Manhattan como fundo de tela, assim eles poderiam ter um vislumbre de lá. Às vezes, eu abria um programa fofo chamado Photo Booth e tirava fotos de todos nós juntos e adicionava coraçõezinhos cor-de-rosa que rolavam pela tela. “O que é isso? Por que essas coisinhas cor-de-rosa estão se mexendo desse jeito?”, eles perguntavam, e depois caíam na gargalhada. Tinham aprendido desde o nascimento que eram soldados, e talvez fosse por isso que eu gostava de vê-los contagiados por uma alegria pura.

Eles também começaram a demonstrar admiração mais abertamente.

– Nunca vi um computador tão fino! – comentou um aluno ao ver meu laptop.

Outro disse que nunca tinha ouvido falar de um Mac até então e perguntou se era igual ao Windows. Eu os lembrei da tarefa que havíamos feito sobre obituários e Steve Jobs. Alguns também comentaram que meu dicionário era bem diferente, ao que respondi que o Kindle não era um dicionário, e sim um dispositivo eletrônico que poderia abrigar milhares de livros, da mesma forma que um dicionário eletrônico abriga milhares de palavras.

Um aluno disse que estava muito curioso a respeito do meu computador, pois ele estava se formando em tecnologia da informação. Em sua antiga universidade, ele fora encarregado de lidar com a intranet e esperava que, depois de se formar, fosse mandado para trabalhar no Chosun Computer Center. Ele acrescentou que, se não tivesse sido transferido para a UCTP, teria aprendido a “hackear” no segundo ano da faculdade. Quando lhe perguntei se realmente existia um curso sobre hackear, ele me contou a história de um aluno do segundo ano de sua antiga universidade que era famoso por sua inteligência. Certo dia, o aluno invadiu o sistema do governo e aumentou todas as suas notas. Alguns funcionários do governo descobriram, mas decidiram que, já que o aluno era tão brilhante, eles o deixariam ficar com as notas altas. A moral dessa história parecia ser que hackear é crime, a não ser que seja bem feito.

Em seguida, o aluno perguntou se meu MacBook estava conectado à internet. Uns dias antes, um aluno tinha me perguntado se eu conseguiria me conectar à internet pelo meu iPod. Eles me viram ouvindo música por meio dele enquanto eu corria. Não entendiam que não bastava ter um aparelho capaz de se conectar à internet; também era preciso ter acesso a um sinal. Expliquei da melhor maneira que pude e acrescentei que poderia

me conectar à internet em qualquer computador, praticamente em qualquer lugar, inclusive parques e cafés, menos no país deles. Eu sabia que não deveria falar sobre aquilo, mas não consegui ficar em silêncio. Logo, um por um, meus alunos começaram a fazer perguntas.

- Você assistiu a filmes na internet hoje?

- Quanto tempo você poderia ficar assistindo a filmes?

- A quantos filmes você pode assistir?

- Bem, imaginem o infinito – respondi, esforçando-me para explicar. – A internet é um pouco parecida com o infinito. Existem centenas de milhares de sites para visitar e dezenas de milhares de filmes para escolher.

Os alunos assentiram, mas, para falar a verdade, eles sempre assentiam. Um dos meus alunos mais requintados, Song Seung-jin, me perguntou se eu poderia ajudá-lo a encontrar informações sobre álcool. Ele queria escrever sobre as vantagens e as desvantagens da bebida, mas nunca tinha ingerido álcool e não sabia muito bem como poderia pesquisar sobre isso. Era filho de um médico e tinha passado a vida toda cercado de informações médicas, e ele próprio tinha a ambição de se tornar médico um dia. E, ainda assim, não tinha a menor ideia de quais eram os efeitos do álcool. Percebi que ele estava sugerindo que eu procurasse para ele na internet.

Esse vazio de informação estava se tornando uma inconveniência que os alunos não podiam mais ignorar, já que moravam com os professores: os detentores do conhecimento que lhes faltava, que esperavam que eles aprendessem pelo menos um pouquinho com os trabalhos que passávamos e as horas de conversas travadas durante as refeições. Nós, os produtos da cultura ocidental, éramos lembretes de que aquele vazio era um obstáculo e tanto ao aprendizado.

Mas as informações falsas e a falta de informação não eram os únicos problemas no processo de ensiná-los a escrever um artigo. Quando escreviam uma narrativa, sua conclusão era sempre predeterminada. Por exemplo, tínhamos organizado um concurso, assim como no verão, no qual os alunos deveriam apresentar esquetes breves e originais, e Ruth, que estava ajudando alguns deles, apareceu no meu escritório certa tarde para me fazer uma pergunta. Eu a estava evitando havia um tempo, mas fiquei aliviada porque, aparentemente, meu disfarce não tinha sido descoberto, já que ela presumiu que eu era cristã, apenas não tão devota quanto ela.

- As pessoas vendem órgãos nos Estados Unidos? – ela perguntou.

Neguei com a cabeça e respondi:

– Não, isso é ilegal.

Ela explicou que um dos alunos teve a ideia de fazer um esquete sobre um homem que fica horrorizado com a compra e venda de órgãos nos EUA, mas fica maravilhado quando chega à Coreia do Norte e descobre que o atendimento médico é gratuito, graças à solicitude do Grande Líder.

A Turma 4 apresentou um esquete sobre um grupo de bombeiros que resgata um casal de um incêndio e em seguida começam a cantar uma música sobre o Grande Líder. O esquete vencedor foi sobre a brutalidade de um latifundiário contra os fazendeiros, ambientado em uma época anterior à libertação coreana, que, de acordo com a explicação do narrador, fora conduzida heroicamente por seu Presidente Eterno Kim Il-sung. No fim da peça, todo o elenco começou a cantar sobre a gratidão que sentiam pelo Partido dos Trabalhadores da Coreia. Não ficou claro por que agradeceram ao Partido de forma tão repentina, mas, independentemente do enredo, todos os esquetes terminavam com uma canção expressando como eram gratos ao Grande Líder ou ao Partido.

EM VEZ DE ENSINAR A ELES sobre a importância de pesquisar fontes confiáveis, o que não era possível ali, pedi que lessem um artigo simples de 1997, que citava a fala do presidente Bill Clinton sobre a importância de todas as escolas terem acesso à internet. Consegui a aprovação das contrapartes porque isso tinha relação com o tema atual do livro didático, educação universitária. Eu esperava que eles percebessem como estavam atrasados. Também pedi que lessem quatro artigos mais recentes – da *Princeton Review*, do *The New York Times*, do *Financial Times* e da *Harvard Magazine* –, que mencionavam Mark Zuckerberg, o Facebook e o Twitter. Nenhuma das reportagens suscitou comentários. Nem mesmo a parte que dizia que Zuckerberg tinha amalhado cem bilhões de dólares graças a uma ideia concebida em seu dormitório da faculdade pareceu despertar o interesse dos alunos. Talvez achassem que fosse mentira. Ou então o enfoque capitalista os tivesse repellido.

No dia seguinte, vários alunos passaram pelo meu escritório depois da aula. Todos queriam mudar o tema de seus artigos. Curiosamente, todos os novos temas que eles propunham tinham a ver com os males da sociedade estadunidense. Um disse que queria escrever sobre os castigos corporais infligidos nas escolas de ensino fundamental estadunidenses e japonesas. Outro queria argumentar que a política do governo dos EUA de decidir o

futuro de um bebê com base em testes de QI deveria ser proibida. Um terceiro aluno desejava abordar os perigos de se liberar o porte de armas sem tantas restrições, como era feito nos Estados Unidos. Outro disse que biocombustível é tóxico e que os EUA eram os principais produtores da substância. Um quinto aluno queria mudar o tema para divórcio. Não existiam divórcios na RPDC, mas nos Estados Unidos a taxa era de mais de cinquenta por cento e, segundo ele, o divórcio levava a crimes e doenças mentais.

– Então, o que acontece por aqui se as pessoas estiverem infelizes depois de casadas? – perguntei.

O aluno me encarou de forma inexpressiva. Outro aluno disse que queria escrever sobre como o McDonald's era horrível. Um tempo depois, esse mesmo aluno me perguntou:

– Então, que tipo de comida o McDonald's vende?

Um aluno me perguntou qual país tinha mais hackers; tinham dito a ele que eram os Estados Unidos. Essa pergunta me deixou perplexa, principalmente porque tinha acabado de ver uma notícia na CNN Ásia sobre os crimes cibernéticos cometidos pela Coreia do Norte. Todavia, limitei-me a dizer que esse tipo de crime pode ser cometido em qualquer lugar e por qualquer pessoa, até mesmo um turista, então era difícil apontar algum país como o mais prolífico.

Quando os trabalhos começaram a chegar, vi que um dos alunos tinha escrito: “Apesar do efeito prejudicial das armas nucleares, alguns países, como os Estados Unidos, continuam a desenvolvê-las”. Ele parecia não fazer ideia de que o desenvolvimento e os testes de armas nucleares pela Coreia do Norte eram uma preocupação internacional. Outro escreveu que era impossível resolver o problema da fome, especialmente na África, principalmente porque até mesmo países ricos, como a Inglaterra e os Estados Unidos, eram acometidos pela fome. Outro escolheu discorrer sobre o dinheiro e como ele levava algumas sociedades a fazer coisas antiéticas.

Uma coisa estava clara: a decisão coletiva de mudar o tema dos artigos para condenar os EUA parecia ter sido motivada pelas matérias sobre Zuckerberg. A minha intenção era inspirá-los, mas eles devem ter encarado aquilo como uma forma de eu me gabar e sentiram-se menosprezados. O nacionalismo instilado ao longo de gerações tinha criado uma população com o ego tão frágil que se recusava a aceitar o resto do mundo.

Minhas tentativas de expandir o conhecimento dos alunos continuaram saindo pela culatra. A tarefa sobre *kimjang* resultou em uma pilha de discursos moralistas e arrogantes. Quase metade dos alunos afirmou que *kimchi* era a comida mais famosa do mundo e que todas as outras nações a invejavam. Um aluno escreveu que o governo estadunidense a tinha nomeado comida oficial das Olimpíadas de Atlanta em 1996. Quando o questionei sobre essa afirmação, ele disse que era algo de que todos sabiam e que poderia até me provar, já que estava escrito em seu livro didático coreano. Uma rápida pesquisa na internet revelou que um fabricante japonês tinha alegado que *kimchi* era uma iguaria japonesa e proposto que fosse considerada a comida olímpica oficial, mas tivera seu pedido negado. De algum modo, essa notícia fora transmitida a eles de uma forma totalmente distorcida e passara a ser tratada como de conhecimento geral.

Corrigir meus alunos a respeito de cada informaçãozinha falsa era cansativo e às vezes significava que eu tinha de andar por um terreno perigoso. Martha me disse:

– Nem pensar. Não se meta nisso. Se o livro deles disse que é verdade, você não pode desmentir.

Às vezes os alunos me perguntavam por que eu não comia tanto arroz branco. Eles enchiam suas bandejas com montanhas de arroz em todas as refeições, ao passo que eu só pegava um pouquinho. Expliquei que gostava de arroz branco, mas não fazia questão de comer sempre. Eles me perguntaram que tipo de coisa eu comia além de arroz e *naengmyeon*, seu prato típico. Não era como se eu pudesse falar sobre *smoothies* de frutas frescas e ovos Benedict, então citei dois pratos ocidentais que sabia que eles conheciam: espaguete e cachorro-quente. Eu sabia que os norte-coreanos tinham sua própria versão de salsicha, pois os tinha visto fazer fila para comprar na Feira Internacional de Comércio. Um dos alunos tinha escrito o seguinte em seu dever de casa sobre *kimjang*: “Os coreanos que preferem cachorros-quentes e espaguete a *kimchi* são uma vergonha para sua pátria, pois se esqueceram da superioridade do *kimchi*”. Ao que parecia, nada seria capaz de romper aquele isolamento hostil. Além disso, a atitude deles não deixava margem para discussão, porque todos os argumentos levavam a uma única conclusão. Ao corrigir a tarefa, deixei o seguinte comentário: “Por que não se pode gostar de espaguete e *kimchi* ao mesmo tempo?”.

Apesar do fracasso de seu experimento com os talheres e embora não fosse algo encorajado, Ruth ainda queria ensinar aos alunos sobre a cultura

ocidental. Baixou a canção “Around the World” da dupla de música eletrônica Daft Punk, além de temas de hip-hop da banda Roots, para que os alunos escutassem diferentes estilos musicais. As contrapartes aprovaram, já que tinha relação com o livro didático, mas todos os alunos odiaram as canções. A única coisa que não odiavam, embora também não parecessem gostar muito, era rock, inspirados por “Yesterday”, dos Beatles. Um tempo depois, alguns alunos me disseram:

– Esse tal de hip-hop só tem palavras e a música eletrônica só tem batidas. Muito chato!

Outro meneou a cabeça e concordou:

– Horrível!

Outros se juntaram à conversa:

– Parece a música “Yanji Bomb”, sobre a bomba que nosso Presidente Eterno Kim Il-sung usou contra os imperialistas japoneses. Também só tem palavras, mas foi feita há muito tempo. É uma canção muito antiga. Então, estamos à frente dos estadunidenses!

DEPOIS DE VÁRIAS AULAS SOBRE a escrita de artigos, um aluno me disse o seguinte durante o jantar:

– Aconteceu uma coisa estranha durante nossa aula de ciências sociais hoje à tarde.

Eles nunca forneciam informações sobre a aula de Juche voluntariamente, então ouvi com atenção. O aluno continuou:

– Tivemos que escrever um artigo!

Ele explicou que, normalmente, escreviam redações curtas em coreano e nunca as tinham enxergado como artigos, mas ele tinha começado a vê-las dessa forma e estava achando estranho.

– O que tem de tão estranho nisso? – perguntei.

– Não sei – ele respondeu, fazendo uma pausa para pensar. – Encarei o trabalho como um artigo e percebi que agora é diferente. Escrever em inglês e escrever em coreano são coisas tão diferentes, mas também iguais, e continuei me lembrando da estrutura do artigo enquanto escrevia, e achei isso estranho.

Não fiz mais perguntas, mas senti que tinha entendido. Deve ter sido muito confuso escrever sobre Juche no formato de um artigo. Evidências eram ignoradas naquele país, e não havia freios e contrapesos – a menos, é claro, que quisessem provar que o Grande Líder tinha escrito centenas de

óperas e milhares de livros sozinho, além de ter salvado a nação e realizado um número milagroso de feitos. Todo o sistema fora projetado para evitar questionamentos e inviabilizar o pensamento crítico. Por essa razão, o pressuposto de um artigo de que uma tese tinha de ser comprovada era a antítese daquele sistema. O autor de um artigo reconhece os argumentos contrários à sua tese e os refuta. Na Coreia do Norte, porém, não havia lugar para oposição.

Fitei o aluno atentamente e fui invadida por uma sensação familiar de mal-estar. Talvez aquele fosse apenas o começo. As perguntas que eles fariam. As perguntas que deveriam fazer. As perguntas que eles perceberiam que não estavam fazendo porque achavam que não podiam, ou porque fazê-las significava que não poderiam mais existir dentro daquele sistema.

A coreana Zainichi mais famosa é Ko Yong-hui, que morreu em 2004. Por ter sido uma das várias esposas de Kim Jong-il e por ser mãe de Kim Jong-un, seu nascimento de classe baixa, ou nível *songbun*, foi encoberto e ela é conhecida como a “Mãe da Grande Coreia Songun”.

23

O DIA DE AÇÃO DE GRAÇAS ESTAVA se aproximando, e a principal notícia nos EUA, de acordo com a CNN Ásia, era a possível candidatura de Herman Cain, seguida por acusações de assédio sexual. Uma das manchetes dizia: “Deus me disse que eu deveria concorrer à presidência”. Isso me soava familiar. Quando perguntei aos outros professores por que eles tinham decidido ir para a UCTP, todos deram uma resposta semelhante. “Deus me trouxe a este lugar”. Quando perguntei quanto tempo pretendiam ficar, muitos responderam: “O tempo que Deus quiser. Ele sabe tudo. É Ele quem vai decidir”.

Isso me lembrou da declaração da Ruth, de que o Senhor tem seus próprios desígnios e que o sofrimento dos norte-coreanos era apenas uma fase temporária em sua jornada rumo ao céu. Os *gulags*, portanto, serviam a um propósito em nome de Jesus, e era com base no mesmo tipo de perspectiva que meus alunos foram ensinados a seguir seu Grande Líder apesar da fome, ou melhor, *por causa* da fome, que fora reinterpretada como uma forma de martírio necessária para se construir uma “nação poderosa e próspera”. Por esse motivo, a Marcha Árdua se tornou um rito de passagem que serviu para uni-los contra um mundo exterior que os demonizava.

Voltei a frequentar o culto dominical, embora Ruth me tivesse recomendado que não participasse da comunhão, que, por algum motivo, só acontecia de vez em quando. Mais tarde, na hora do almoço, um aluno perguntou:

– O que você fez hoje de manhã?

Hesitei por um momento e então respondi:

– Fui a uma reunião de professores.

Mal conseguia respirar.

– Vocês também se reúnem aos domingos? – Ele arregalou os olhos. – Onde? No alojamento?

Era possível ver todos os pontos do *campus* de todos os ângulos e, da mesma forma que nós nos perguntávamos o que acontecia quando os alunos, como um grupo, passavam algumas horas fora de vista, eles deviam se perguntar o mesmo sobre nós. Respondi, da forma mais sincera que pude, que às vezes nos reuníamos para discutir alguns detalhes, como as excursões dos professores, quanto teríamos de pagar e quem participaria. Eles assentiram, embora não parecessem muito convencidos.

O clima esfriava mais a cada dia. Em algumas ocasiões, meus dedos chegavam a ficar dormentes demais para segurar o giz enquanto dava aula. Não tirávamos nossos casacos pesados em nenhum momento, nem mesmo em sala de aula. Eu ainda tinha de usar saia, então usava duas meias-calças em vez de uma. Como o Dia de Ação de Graças estava quase chegando, sentia ainda mais saudades de casa, embora tivesse crescido comemorando o Chuseok, o Dia da Colheita coreano, e não o Dia de Ação de Graças, e também não comesse peru. Os alunos tentavam me distrair com histórias engraçadas em algumas das refeições, quase como se conseguissem sentir meu estado de espírito tristonho.

Certa noite, Chang Min-su, um aluno trapalhão de uma das minhas turmas, contou-me que a irmã mais velha estava prestes a se casar. Ela tinha vinte e sete anos e trabalhava na piscina de Changgangwon. Tinha conhecido o noivo na faculdade, e ele também trabalhava lá. Era um boxeador amador e um bom homem, mas tinha uma “aparência péssima”, a qual Min-su começou a descrever nos mínimos detalhes: era baixinho e gordo; o nariz era tão grande que ocupava todo o rosto; a boca ficava muito para baixo, quase na ponta do queixo; seus olhos eram minúsculos e muito afastados um do outro. Para piorar, as sobrancelhas eram tão claras que praticamente não existiam. Na primeira vez que o viu, Min-su contou que ficou muito chocado, pois nunca tinha visto um homem sem sobrancelhas. O sujeito ficava em frente à casa deles esperando a irmã de Min-su todas as manhãs; a irmã dele era muito bonita, pois tinha feito plástica no nariz e nos olhos.

Àquela altura, vários alunos já tinham dito que cirurgias plásticas eram relativamente comuns, e um dos professores mais velhos, que tinha passado anos trabalhando com norte-coreanos, me contou que as mulheres de lá descreviam a cirurgia plástica como uma espécie de recompensa que o governo concedia a algumas delas para melhorar sua aparência. Em minhas visitas anteriores, eu tinha notado várias mulheres em Pyongyang que

pareciam ter feito cirurgia de pálpebra dupla, a intervenção estética mais comum na Coreia do Sul.

Outro aluno, Park Se-hoon, começou a contar uma história sobre a namorada. Durante o verão, todos eles tinham insistido que não namoravam, mas as barreiras entre nós estavam ruindo. O aluno contou que namorava uma garota em sua antiga universidade e que ela ficou muito triste quando ele foi transferido para a UCTP. Mas ele agora tinha uma nova namorada, supostamente graças à lição de casa sobre “Como conquistar uma garota”, que eu havia passado. Ele tinha se lembrado da tarefa e, durante as férias, conhecera uma garota no Grande Palácio de Estudos do Povo, onde se encontravam todos os dias. Os outros alunos riram e disseram que ele estava brincando, mas o garoto permaneceu firme. Ela era bonita e estudava na Universidade de Línguas Estrangeiras de Pyongyang, e tinha se apaixonado porque o inglês dele era melhor que o dela e porque o achava muito bonito. Comentei que estava muito impressionada por ele ter arranjado uma namorada nos poucos dias que tinha passado em casa. Os outros alunos desataram a gargalhar e disseram:

– Esse cara faz muito sucesso com as garotas!

Era aniversário de Hong Mun-sup naquele dia, e os alunos tinham planejado se reunir às sete e meia da noite, em um dos quartos do alojamento, para comemorar. Todos, com exceção dos seis que teriam de ficar de guarda, se revezariam para cantar uma música para Mun-sup, e em seguida iriam para a frente da TV para assistir ao seriado chinês de que gostavam. Perguntei a Mun-sup o que a mãe dele costumava lhe dar de aniversário, e ele respondeu ursinhos de pelúcia. Já tinha uns dez. Outro aluno, Kim Yong-suk, contou que os pais lhe davam um relógio todo ano, mas ele era tão distraído que tinha perdido todos eles. Por fim, o pai decidiu parar de lhe dar relógios. No último aniversário, o pai tinha dito: “Prefiro dar um relógio a um cachorro em vez de dá-lo a você!”. Em seguida, o aluno contou que a mãe tinha comprado carne de cachorro no mercado e preparado o prato preferido dele: sopa de carne de cachorro. Outro disse que a mãe lhe dava filés de gato para colocar sobre a pele, pois aliviava a dor nos músculos. Eles adoravam descrever coisas nojentas. Sabiam que eu não gostava muito de carne e ficavam me olhando para ver se eu ficaria enojada com os detalhes, até eu não aguentar e dizer: “Tudo bem, já chega, já entendi!”. Diante disso, todos na mesa explodiam em gargalhadas.

Então, de uma hora para outra, Chang Min-su perguntou:

– Os estadunidenses são racistas?

Ele disse que tinha lido algo sobre isso em um livro didático e ficara preocupado com a possibilidade de os estadunidenses brancos me tratarem mal, já que eu não era parecida com eles. Fiquei em silêncio por um instante, não por conta do medo habitual de colocar alguém em apuros, mas porque era uma pergunta complicada. Ele estava genuinamente curioso e eu tinha muito a dizer sobre o assunto. Antes que pudesse responder, contudo, ele acrescentou:

– E as pessoas escuras?

Estava se referindo aos afro-americanos. Eles nunca tinham visto nenhuma outra etnia além da sua até chegarem à UCTP, onde havia professores brancos, mas nenhum professor negro, então esse era um conceito muito abstrato para eles. Fiquei impressionada por ele levantar esse questionamento depois de ter passado tão pouco tempo com professores estrangeiros, mas Mun-sup logo o silenciou.

– Que tédio! Por favor, mudem de assunto. Isso não tem nada a ver com a nossa vida.

Era sempre assim. A discussão era imediatamente encerrada. No entanto, eles retinham pedacinhos de informações novas, em parte porque eram jovens, mas também porque quase nada acontecia em suas vidas. Um aluno, por exemplo, perguntou:

– A J. K. Rowling é uma escritora famosa?

Em seguida, outro quis saber:

– Hogwarts é um lugar legal?

E então mais um:

– Quadribol parece *realmente* divertido!

Parecia até que tinham lido os livros ou assistido aos filmes, mas é claro que nenhuma dessas coisas teria sido possível. Ao que parecia, a história tinha sido mencionada muito brevemente em um de seus livros didáticos na primavera anterior, mas eles se lembravam muito bem. Comecei a fantasiar sobre exhibir um dos filmes de Harry Potter para eles. Por essa razão, mal consegui acreditar na minha sorte quando Martha mencionou que tinha uma cópia do terceiro filme da saga. Fiquei extasiada. Tínhamos marcado um dia de cinema para a turma dos calouros depois das provas finais e sugeri que pedíssemos permissão às contrapartes para passar o filme do Harry Potter para os alunos.

Infelizmente, Ruth ouviu nossa conversa e me disse que os professores já tinham escolhido *As crônicas de Nárnia*. Sugerí que fizéssemos uma sessão dupla ou, melhor ainda, que só trocássemos um pelo outro. Ruth não concordou. *Nárnia* tinha sido escolhido pela mensagem cristã que passava, explicou-me ela. Alguns professores não concordavam com a mensagem de *Harry Potter*. Além disso, ela achava que *Harry Potter* seria a primeira coisa a que os alunos seriam expostos quando a Coreia do Norte se abrisse para o mundo. Comentei sobre isso com Mary, mas ela também disse que meu desejo era impossível.

– Os filmes têm o poder de influenciar! As contrapartes podem não ter nada contra *Harry Potter*, mas nós temos. *As crônicas de Nárnia* foi escolhido por uma razão. É a vontade Dele – disse ela, apontando para o teto.

Qualquer informação nova tinha de passar por dois conjuntos de barreiras. O que eu via como cultura pop, os missionários viam como heresia, assim como as contrapartes, de modo que qualquer informação que chegasse aos alunos seria duplamente censurada. Parecia estranho, porém, que Deus não gostasse de *Harry Potter*, mas tivesse permitido que a história ganhasse o mundo com mais rapidez que qualquer outra na atualidade.

POR MAIS LEVES QUE FOSSEM algumas dessas trocas com os alunos, ou talvez por conta da alegria que compartilhávamos, eu me sentia mais pesarosa do que nunca ao colocar a bandeja de metal de lado e caminhar pela passarela coberta, fria e escura, até o alojamento dos professores. Era como se qualquer raiozinho de esperança que irradiasse sobre nós naqueles momentos fosse apagado a cada passo que eu dava para longe deles. Quando chegava ao meu quarto, refletia sobre o dia com os alunos, repassando cada detalhe, anotando tudo, e era invadida por um sentimento mordaz, uma sensação perturbadora, quase física, de que havia alguma coisa muito errada acontecendo.

Estar na Coreia do Norte era extremamente deprimente. Não havia outro jeito de descrever. A fronteira não ficava apenas no paralelo 38, mas em todos os lugares, no coração de cada pessoa, bloqueando o passado e sufocando o futuro. Por mais que eu amasse aqueles garotos, ou talvez justamente por causa disso, estava ficando cada vez mais convencida de que era impossível destruir o muro entre nós; e não apenas isso – parecia algo permanente. Esse pensamento me causava uma tristeza tão profunda que,

em algumas daquelas manhãs geladas, quando eu acordava com o barulho dos garotos praticando exercícios em grupo, tinha de me esforçar para não fechar os olhos e voltar a dormir.

24

– TENHO A IMPRESSÃO DE QUE os dias consistem apenas em esperar por alguma coisa – disse um aluno durante o jantar. Eles raramente expressavam seus sentimentos, e eu compartilhava daquela sensação, então respondi:

– Eu também.

– A professora Kim Suki também se sente assim? – ele perguntou. Parecia surpreso por eu ter concordado com ele.

Assenti.

– Pelo que você está esperando? – perguntei.

– Para ver minha mãe e meu pai, é claro! – exclamou, abrindo um sorriso largo.

Eles também estavam apreensivos com os estudos. Só continuariam nas aulas de inglês até a chegada dos professores de ciência e tecnologia. Até lá, já teria se passado um ano e meio desde sua chegada à UCTP, quando seus estudos tinham sido interrompidos.

– Estou preocupado – confessou um aluno. – Não sei se não terei problemas por ficar tanto tempo sem cursar as matérias da minha graduação.

Para o último trabalho do semestre, pedi que escrevessem uma carta para alguém de sua escolha. Eu estava dando um descanso para eles depois da última tarefa, que consistira em escrever um artigo de cinco parágrafos, porque a tinham achado muito difícil. Também estava dando um descanso para mim mesma, já que ler e corrigir esses trabalhos, que tratavam de temas como proibição do uso de celular e tabagismo, era algo muito tedioso. Eu estava com medo de que mais um trabalho poderia fazer com que desistissem da escrita para sempre, mas, surpreendentemente, eles pareceram felizes com a ideia. Depois de ler as cartas, entendi o motivo.

Muitos deles escreveram para as mães. Eram cartas sinceras. Um deles escreveu:

Querida mãe,
Quanto mais rápido os dias passam, mais tenho saudade de você. Mas isso tem um preço: prejudica os meus estudos. Então, tento evitar sentir saudades de casa. Olho para sua foto todas as noites antes de dormir. Quero que tenha orgulho de mim.

Alguns escreveram que, aos domingos, carregavam uma foto da mãe para que lhes desse força para cumprir as tarefas do dia. Alguns falaram sobre o medo de não conseguirem dominar o inglês e isso envergonhar suas famílias. O conteúdo das cartas era similar, mas parecia transmitir a mesma verdade. Os meninos estavam sozinhos e amedrontados.

Aqueles que escreveram para os amigos foram estranhamente francos quanto a suas frustrações. “Estou de saco cheio”, escreveu um deles. “Sei que você está trabalhando no canteiro de obras. Sinto-me mal por reclamar da minha vida, mas estou de saco cheio da minha rotina. Eu me levanto todo dia no mesmo horário, como no mesmo horário... só saio do quarto para aprender inglês. Fico estressado com as notas.”

Outro escreveu: “Estou estudando só inglês, e comecei a esquecer algoritmo básico”.

Vários comentaram sobre a escrita de artigos com os amigos: “Não estou aprendendo nada sobre nossa matéria, mas estou aprendendo muito de inglês. Você sabe o que é um ‘artigo’?”.

“Uma das coisas mais difíceis e desafiadoras é passar na prova escrita e conquistar a nossa professora de Leitura e Escrita, Kim Suki, com meu artigo. Escrever um artigo em inglês é completamente diferente de escrever em coreano. Quando comecei a escrevê-los, não achei que conseguiria terminar, porque escrever artigos era muito confuso para mim. Mas, quanto mais eu aprendia, mais atraído me sentia pelos artigos, e, por meio deles, posso mudar a opinião das pessoas.”

“Há muitos professores bons por aqui, mas uma em particular, que é a Kim Suki. Somos muito próximos. Ela nos ensinou sobre artigos. Considero que escrever artigos é como escalar uma montanha que todos têm medo de escalar.”

Alguns escreveram aos amigos de serviço nos canteiros de obras, usando o endereço de tais lugares: “Tenho medo de que esteja muito cansativo para você no canteiro de obras da avenida Mansudae. Penso em você o tempo todo, meu caro amigo”.

“Em agosto, você me mostrou o vídeo dos prédios sendo demolidos com uma grande explosão. Foi uma cena maravilhosa. Agora você está construindo um edifício moderno de ensino no lugar. Sinto muito por não poder trabalhar com você.”

“Agora que o inverno está piorando, as coisas devem estar difíceis no canteiro de obras, e você pode pegar um resfriado. Lembre-se de que, para o mundo, você é só uma pessoa, mas, para mim, você é o mundo.”

Nas cartas que escreveram a amigos e familiares, eles mencionaram a última vez que se encontraram, em geral mais de um ano antes. Pediam desculpas por não manter contato, aludindo a eventos que tinham perdido, como aniversários. Mas nunca confessavam que não tinham permissão para escrever. Em vez disso, atribuíam a culpa a si próprios:

“Pensei em você, querida mãe, no seu aniversário. Peço desculpas por não ter enviado nenhuma carta, mas você sabe que sou um menino preguiçoso.”

“Sinto muito por não ter ligado para você no seu aniversário, meu amigo. Eu estava muito ocupado fazendo lições de inglês.”

“Tenho certeza de que você nunca imaginou que ficaria três anos sem ter notícias minhas. Não sei se está doente ou como anda a sua vida. Você ficará surpreso ao receber esta carta amanhã, e sinto muito por não ter mantido contato, mas estava ocupado com as provas.”

Alguns escreveram para as namoradas ou as mencionaram em suas cartas. Um deles escreveu sobre a beleza da destinatária e sobre como sentia saudade e queria vê-la nas férias de inverno. Outro escreveu sobre a namorada ao amigo: “Minha namorada, que é muito ativa, gosta de jogar boliche. Do que a sua namorada, cujo apelido é Pardal Tagarela, gosta? Por favor, mande lembranças ao meu anjo fabuloso”.

Outro aluno escreveu para o melhor amigo, que tinha começado a namorar a irmã dele e acabara de terminar com ela. Sua carta descrevia um romance entre duas pessoas que se conheciam havia muito tempo e chegava ao fim quando o menino terminava com ela por algo bobo, e a garota ficava muito magoada. Ele pedia ao amigo que a perdoasse para que, quando ele voltasse para casa, durante as férias de inverno, pudesse ver o casal feliz. Eu sabia que ele era filho único e não tinha irmã, então aquela parecia ser uma carta velada para sua ex-namorada falando sobre a situação dos dois.

A carta mais detalhada foi escrita por um aluno cujo inglês falado não era tão bom quanto o dos outros. Ele era quieto e quase nunca participava das

aulas, então fiquei surpresa quando ele me entregou uma carta muito longa, dizendo que se tratava de um segredo:

Eu tinha dezesseis anos quando a conheci. Você tinha catorze. Ensinei matemática para você na sua casa e seus pais ficaram felizes. Depois, você se mudou e eu não sabia como encontrá-la, até que você me ligou um dia para contar que ia prestar vestibular. Liguei para você todos os dias para saber se tinha passado. Então eu a convenci a sair, e nos encontramos várias vezes. Eu a acompanhava até a sua casa, depois você me acompanhava até a minha. Na última vez que nos encontramos, na pista de patinação, nós brigamos. Quero pedir desculpas. Da próxima vez que eu voltar para casa, farei o que você quiser. Você pode me ensinar russo. Eu lhe ensinarei inglês. O grande navio se move lentamente, então espere por mim.

Ele adicionou uma nota ao fim – “Professora Kim Suki, ela é uma pessoa de verdade” – e em seguida escreveu o nome dela.

Um escreveu ao irmão que não via há três anos por estar no exército. Outro escreveu para Katie sobre o Dia do Esporte e sobre como todos os alunos tinham se divertido, mas não deixavam de pensar no bem-estar dela. “Em nossos corações, corremos junto com você”, escreveu ele.

Apesar da postura fechada dos alunos, aquelas cartas revelaram algo surpreendentemente terno e profundamente sincero. “Estou tão feliz com essa oportunidade de escrever o que se passa em minha mente”, escreveram vários deles. Aquela vida, que mais parecia de prisioneiros, estava realmente afetando os alunos. Estavam longe de qualquer pessoa com quem pudessem se abrir. Aquelas cartas, que eles sabiam que jamais chegariam aos destinatários, eram seu único escape e, embora tivessem sido escritas em um idioma que não era o deles e fossem apenas uma lição de casa, pela qual receberiam uma nota, eles abraçaram o trabalho como se as cartas fossem de verdade. E nenhum deles mencionou o Grande Líder ou a “nação poderosa e próspera”.

Então, deparei-me com uma carta preocupante endereçada a mim. Fora escrita por Kang Sun-pil, que explicou, em riqueza de detalhes, que tinha ido até a minha sala depois da aula algumas semanas antes para me mostrar seu dever de casa sobre *kimjang*. Disse que eu dei uma olhada e falei que

estava “bom”. Porém, quando recebeu a tarefa corrigida, viu que só tinha tirado 87. Ele considerava isso uma traição. Parte da carta dizia:

Fiquei decepcionado e tive a impressão de que você é volúvel e me enganou. Depois disso, perdi a paciência por vários dias por conta do arrependimento. É claro que não é aceitável criticar um professor com base nas notas. E eu achava que não era apropriado ignorar o respeito e as expectativas de um aluno. Acha que estou sendo grosseiro com você e que a estou criticando, mas não quero enganá-la e fingir que estou feliz. [...] Mesmo que você não ache que sou um cavalheiro, quero escrever com franqueza.

Em vez de terminar a carta com um “Atenciosamente”, ele escreveu o seguinte em coreano: *De um aluno que já a respeitou um dia.*

Sun-pil, um dos alunos mais bem classificados, estava nervoso com a possibilidade de cair de posição. Desde muito jovem, era selecionado para as escolas Número 1. Eu quase nunca conseguia ler os sentimentos dele, então fiquei surpresa ao receber aquela carta tão emotiva. Além de tudo, ele tinha assinado seu nome em coreano em um trabalho de inglês, o que não era permitido. Daquele momento em diante, passou a evitar meu olhar e não fazia mais nenhum esforço em sala de aula. Finalmente, pedi a ele que fosse me encontrar depois da aula.

Como esperado, ele apareceu com seu parceiro, Shin Dong-hyun. Ficou sentado lá, visivelmente chateado, e o clima estava carregado de tensão. Mas outros alunos chegaram para me fazer perguntas e agiram como se ele não estivesse lá. De repente, todos pareciam tê-lo deixado de lado.

– Por que não esperamos até que você responda às perguntas de todos eles? – disse-me baixinho.

Depois de todos irem embora, quando restávamos apenas eu, ele e o parceiro, começamos a falar... ou melhor, eu comecei a falar. Disse-lhe que entendia que tivesse se sentido traído por pensar que eu era “volúvel”, mas que achei sua acusação dolorosa, pois não o tinha enganado de propósito. Ele permaneceu sentado, sem dizer uma palavra. Dong-hyun apenas ficou parado ao lado da porta, como se não estivesse nos escutando. Pude notar que Sun-pil estava à beira de irromper em lágrimas.

– Eu gostaria da sua permissão para falar em coreano – pediu ele por fim.

Embora eu normalmente não tivesse permissão para deixá-los fazer isso, assenti. Era a primeira vez que algum dos meus alunos falava comigo na língua materna que tínhamos em comum.

– Quando a conheci no verão, fiquei muito impressionado. Você nos ensinou sobre parágrafos e prometeu nos ensinar a escrever artigos, e fiquei muito feliz. Então, quando você disse que voltaria, fiquei até com medo de acreditar, temendo que você não voltasse. Mas quando você realmente voltou para o semestre de outono, fiquei radiante. Por isso, vinha falar com você depois das aulas todos os dias, mesmo não precisando da sua ajuda. Queria aprender com você e, acima de tudo, eu a respeitava. Acho que fiquei decepcionado com a forma como você lidou com meu pedido de ajuda. Você disse que meu trabalho estava bom, mas não deve ter achado mesmo que estava bom, porque depois me deu nota baixa. Se você não achou que o trabalho estava bom, por que disse que estava?

Era uma pergunta justa. Pedi desculpas por tê-lo chateado e expliquei que, quando ele colocou o trabalho na minha frente e pediu minha opinião, havia mais uns cinco alunos disputando minha atenção. Quando disse que estava bom, quis dizer apenas que o trabalho estava bom o suficiente, mas isso não significava que não poderia melhorar, e era responsabilidade dele se esforçar para fazer isso acontecer. Eu não era sua babá, nem estava disponível depois das aulas só para ajudar os alunos a tirar notas melhores. Só porque eu disse que estava bom, não queria que ele tomasse aquela resposta como algo absoluto. Disse que ele precisava ter sua própria opinião. Era um homem de vinte anos que tinha passado a vida toda sendo o primeiro da turma. Eu respeitava sua opinião, a estima que nutria por si mesmo, sua capacidade de assumir responsabilidades. Eu realmente acreditava nisso e, enquanto falava, percebi que também estava ficando emotiva. Queria que ele soubesse que deveria pensar por si mesmo, algo que jamais era incentivado naquele país.

Ele assentiu com a cabeça e, após uma longa pausa, disse exatamente o que eu sempre quis que ele – e todos os outros – dissesse:

– Acho que já se tornou um hábito simplesmente acreditar em tudo o que me dizem.

Em seguida, confessou que era a primeira vez que tinha uma desavença com um professor e acrescentou:

– Acho que talvez eu tenha contado como me sentia porque senti que podia e que me importava. Acredito que eu e você ficaremos mais próximos

depois desse mal-entendido.

Concordei, fazendo as pazes:

– Sim, foi apenas um pequeno desentendimento causado por nossas diferenças culturais.

Então Dong-hyun, que tinha permanecido em silêncio durante toda a conversa, disse:

– Mas nunca a enxergamos como alguém diferente de nós. Vivemos em circunstâncias diferentes. Mas você é igual a nós. Queremos que saiba que realmente a consideramos uma igual.

CERTA NOITE, DURANTE O JANTAR, Jun Su-young veio falar comigo e me mostrou um desenho detalhado de um apêndice. Ele ficara sabendo que outro aluno havia me perguntado sobre termos anatômicos em inglês e eu tinha respondido que não conhecia muito sobre a anatomia humana. Por essa razão, Su-young tinha passado horas na biblioteca procurando toda a terminologia relevante em inglês e desenhara um gráfico para me mostrar. Foi comovente vê-lo falar sobre algo em que estava realmente envolvido, e larguei meus talheres e parei de fingir que estava comendo os brotos de feijão e a sopa de repolho, tão orgulhosa quanto uma mãe assistindo ao filho contar alguma coisa nova que havia aprendido na escola.

Em seguida, Ri Dae-sung, que estava ao lado dele, declarou:

– Isso está parecendo uma aula de medicina, não um jantar. Esse assunto é *tão* chato. Ele cursa medicina, mas nós não. Parece que está falando outra língua. Nem mesmo inglês, e sim alguma outra língua estrangeira. Então, é possível dizer que ele está falando sozinho.

Todos caímos na gargalhada.

Foi nesse momento que vi um rosto familiar do outro lado do salão. Era um colega estadunidense, um correspondente estrangeiro que eu tinha conhecido durante a cobertura da Filarmônica de Nova York, em 2008. Ele vinha tentando voltar para Pyongyang desde então e buscava cair nas graças do presidente Kim, da UCTP, para atingir esse propósito. De repente, fiquei apavorada, pois sabia que não poderia cumprimentá-lo. Ele também me viu, mas sabia que eu estava ali disfarçada de professora missionária e era um jornalista experiente o bastante para conseguir desviar o olhar casualmente – embora nossos olhares tivessem se cruzado por um instante. Fiquei com medo de que alguém reparasse, então imediatamente desviei o olhar. Ali, porém, nada escapava. Os alunos da minha mesa olharam para trás para ver o que tinha chamado minha atenção. Dae-sung perguntou:

– Você conhece aquele homem? Quem é?

Apenas dei de ombros.

– Talvez um novo professor?

Sorrindo com os olhos, ele respondeu:

– Bem, tarde demais! O semestre está quase acabando e nós vamos para casa!

Os meninos desataram a rir. Fiquei mais calma, embora meu coração estivesse acelerado, como se eu tivesse sido descoberta.

Os garotos então começaram a falar sobre seu retorno para casa durante as férias de inverno, mas Su-young disse que gostaria de poder ficar na UCTP. Declarou que não sentia saudade de casa e preferia ficar ali, ao que Dae-sung revirou os olhos e soltou:

– Que besteira.

Não sei por que isso soou tão engraçado na hora, mas todos nós achamos hilário. Talvez tenha sido a forma como ele disse, ou a expressão que fizera, ou o fato de que nossos dias eram tão mundanos que até as coisas mais insignificantes nos divertiam. Talvez fosse parecido com o que um aluno me disse uma vez: não importava a qual seriado de televisão assistissem, era sempre divertido quando sessenta deles assistiam juntos. Ou, talvez, naquele momento vulnerável, eu tivesse buscado refúgio em meus alunos. Por um momento, o mundo exterior, aquele ao qual eu pertencia de verdade, onde eu era uma escritora, tinha entrado naquele refeitório em Pyongyang e me deixado confusa. Senti-me incomodada, como se não quisesse ser tirada daquele novo mundo no qual eu compartilhava piadas internas com jovens norte-coreanos, unidos em nosso isolamento.

Então, Dae-sung me despertou do meu devaneio e, apontando para Su-young, disse:

– Todos os coreanos sentem saudade da mãe. Todos os alunos estão com saudade de casa. Mas esse cara estranho aqui diz que não sente. Então, parece que está falando outra língua. Nesse caso, podemos dizer que ele está falando sozinho mais uma vez!

Todo mundo caiu na gargalhada novamente.

Em seguida, Su-young olhou para mim e perguntou:

– Professora, você vai voltar para dar aula na primavera?

No decorrer daquela semana, eles não tinham parado de falar sobre esse assunto. Conversávamos sobre um eclipse e eles diziam que, na noite anterior, ao olhar para a lua, tinham desejado que a professora Kim Suki voltasse na primavera. Eu perguntava o que tinham feito no fim de semana e eles respondiam que tinham sonhado que a professora Kim Suki lhes

dissera que voltaria na primavera, o que os deixava muito felizes. Tudo o que me restava diante daquela pergunta insistente era dizer que me esforçaria, mas não podia prometer nada. Ainda não tinha certeza se aguentaria voltar para lá. Então, eu mudava de assunto e perguntava o que fariam durante as férias de inverno.

No dia 24 de dezembro, eles prestariam homenagens a Kim Jong-suk, pois era aniversário dela. Também era o dia em que, em 1991, Kim Jong-il havia recebido o título de Comandante Supremo das Forças Armadas da Coreia do Norte, então eles também celebravam essa data. Era um de seus feriados mais importantes. Havia outros, como 16 de fevereiro, aniversário de Kim Jong-il, e 15 de abril, aniversário de Kim Il-sung, conhecido como o Dia do Sol. Nesses dias, as crianças ganhavam presentes do Partido, como mochilas e brinquedos. No dia 1º de janeiro, todos se levantavam cedo e iam até as estátuas dos dois Grandes Líderes para prestar homenagens.

Um aluno contou que havia duas festas por ano na casa dele, uma no Dia do Sol e outra na véspera de Ano-Novo. No ano anterior, vinte amigos haviam comparecido; eles fizeram um boneco de neve e passaram a noite acordados, conversando e tomando cerveja. Foi a primeira vez que um aluno admitiu que ingeria bebidas alcoólicas. Outro aluno contou que a sua família se reunia durante o inverno. Era uma família grande e estava espalhada por todo o país, e uma vez por ano eles se reuniam. O local dependia de qual parente poderia disponibilizar a casa.

– Mas nunca nos reunimos nas que ficam em Pyongyang, porque todo mundo precisa de uma autorização especial para entrar lá – acrescentou ele. Foi a primeira vez que ouvi um aluno mencionar alguma restrição às viagens.

DE VOLTA AO MEU QUARTO, sentia-me agitada por saber que meu amigo jornalista estava na UCTP, provavelmente hospedado no alojamento dos professores, onde os visitantes costumavam ficar. Mas isso não fazia a menor diferença. Não podia entrar em contato com ele. Não podia lhe contar nada do que estava acontecendo comigo e ele não podia me contar nada do que ocorria com ele. Naquele sistema, simplesmente não era permitido que nos conhecêssemos. Ele provavelmente ficaria ali por alguns dias e depois partiria. Veria o que tinha permissão para ver e iria embora quando mandassem, e então escreveria sobre o fragmento específico que o regime lhe dera permissão para observar. Não teria nada a ver com o que

acontecendo de verdade naquele lugar, e ele sabia disso, mas estava de mãos atadas.

Nada disso tinha relação com o meu cotidiano, e foi estranho ver com que rapidez consegui afastar esse pensamento. A presença dele era irrelevante porque, naquele momento, pertencíamos a mundos diferentes. Essa constatação foi alarmante. Parecia uma amostra de como meus alunos me viam ou do que poderia estar por trás dos olhares vazios dos cidadãos de Pyongyang. Um visitante estrangeiro jamais conseguiria adentrar o seu mundo, muito menos apaziguar seu sofrimento. Ninguém jamais se desviava do roteiro.

No dia seguinte, o jornalista passou na minha sala “por acaso”. A porta estava aberta, e ele estendeu um bloquinho de notas com os dizeres: *Tem algum lugar onde a gente possa conversar?* Ele não sabia muito sobre a UCTP, mas ao menos sabia que tudo o que disséssemos em voz alta seria gravado. Neguei com a cabeça e rapidamente escrevi no bloco: *Não. Todo mundo está de olho em mim.* Eu não podia convidá-lo a entrar na minha sala, pois isso levantaria suspeitas.

Então, em vez disso, cheguei mais perto dele e sussurrei:

– Os outros professores estão nos observando.

Ele murmurou:

– Isso é surreal.

– Você vai ficar aqui por quanto tempo? – perguntei.

– Só até quinta-feira. Recebi um visto de cinco dias – respondeu. Era terça-feira.

– Ótimo, isso parece ótimo – falei, parada na porta enquanto espiava o corredor. Não parecia haver ninguém por perto, mas alguém poderia aparecer a qualquer momento. Tive de pensar rápido. Ele já tinha guardado o bloco de notas na mochila, mas então percebi que ele estava tossindo. Apanhei um lençinho de papel no meu bolso e escrevi: *O café da manhã começa às seis e meia, mas, se você chegar cedo, talvez consiga se sentar com alguns alunos e conversar com eles sem que os seguranças vejam.* Em seguida, ofereci o lenço e disse:

– Está com tosse. Quer um lenço?

Ele o pegou e respondeu:

– Claro, obrigado.

A conversa não poderia se estender muito mais que isso, então apenas sussurrei:

– Foi bom ver você.

Ele assentiu e seguiu andando, mas vê-lo novamente me deixou inquieta. De repente, fiquei apreensiva e senti saudade de casa. Queria ir embora dali e voltar para minha civilização. Lá estávamos nós dois, dormindo no mesmo prédio, comendo no mesmo refeitório, e nossa comunicação se limitava àquelas poucas palavras cautelosas. Talvez fosse uma amostra do que sentiam os professores mais velhos, nascidos na Coreia do Norte, quando falavam sobre o sentimento de impotência de retornar e não conseguir se conectar com pais e irmãos que não viam há décadas. Tudo ali fora planejado para nos subjugar e tomar nosso poder de decisão. Éramos todos controlados pelo regime. Até mesmo aquele correspondente estrangeiro veterano. Até mesmo eu.

Assim que ele saiu andando pelo corredor e sumiu de vista, me arrependi de ter recomendado que entrevistasse os alunos. E se ele os colocasse em apuros? Senti que tinha traído meus alunos e fiquei confusa com essa dupla lealdade. Gostaria de ter pensado rápido o bastante para perguntar em que quarto estava hospedado. Queria lhe implorar que não tentasse enganá-los com perguntas ardilosas, mas não conseguia pensar em uma forma de transmitir essa mensagem.

Então reparei que a porta dos aposentos da Ruth estava aberta. Tanto seu quarto quanto sua sala ficavam adjacentes aos meus. As paredes eram extremamente finas, então ela devia ter escutado tudo o que dissemos. Passei os minutos seguintes mergulhada em pânico e paranoia.

O que eu tinha dito? Teria ficado óbvio que éramos amigos?

Isso parece ótimo, eu dissera.

Os outros professores estão nos observando.

Foi bom ver você.

Eu tinha certeza de que tinha sussurrado: “Os outros professores estão nos observando”. Mas Ruth dava aulas de Fala e Compreensão Oral. Sua audição era mais afiada que o normal. Além disso, eu não sabia ao certo se dissera “Foi bom ver você” em voz baixa ou se simplesmente tinha deixado escapar. *Foi bom ver você*. Nunca teria imaginado que uma frase tão pequena e inocente poderia me assombrar de forma tão impiedosa.

Por fim, entrei na sala da Ruth. Ela estava debruçada sobre o trabalho. Perguntei algumas coisas aleatórias sobre as aulas e ela ergueu o olhar, mas não consegui detectar nada em sua expressão.

MAIS TARDE, muito mais tarde, quando ambos já tínhamos ido embora em segurança da Coreia do Norte, o jornalista me enviou este e-mail:

Achei aquele lugar horrível. Faz a Prisão de Guantánamo parecer um resort de férias... A Prisão de Guantánamo é um campo de detenção para combatentes da Al-Qaeda e radicais islâmicos, mas lá existe um campo de futebol e eles se alimentam muito melhor do que os jovens da UCTP. Um é uma universidade, o outro é um campo de detenção. Mas boa sorte para qualquer aluno que tentar sair do *campus* no meio da noite... Quando peguei um resfriado durante aquela viagem e o presidente Kim me levou até a clínica do *campus*, passamos pela quadra de basquete e eu a vi. Você estava com o fone de ouvido, assistindo ao jogo de basquete dos garotos, e eu não podia falar com você. E tudo o que eu mais queria era falar com você, porque sabia a dor que você estava sentindo.

COM A APROXIMAÇÃO DAS PROVAS FINAIS E DO NATAL, aconteceram duas coisas que pareciam uma bênção. Primeiro, as contrapartes rejeitaram *As crônicas de Nárnia*. Os outros professores ficaram sem entender o que havia acontecido, já que o filme fora aprovado e exibido na primavera, mas, ao que parecia, as contrapartes ficaram desconfiadas com a insistência de passarem aquele filme em particular.

Então, a segunda coisa aconteceu. Surpreendentemente, *Harry Potter e o prisioneiro de Azkaban* foi aprovado para a minha aula de inglês. Como quase não havia tempo para encontrar outro filme e conseguir a aprovação, os professores acharam que não havia opção a não ser passar *Harry Potter* para toda a turma de calouros no Dia do Filme, que aconteceria no mesmo dia das provas finais. A notícia não tardou a se espalhar pelo *campus*.

- Nós realmente vamos assistir a *Harry Potter*?
- Vamos poder ver todos eles, Harry, Rony e Hermione?
- Também vamos ver Quadribol?

Um por um, eles vieram correndo para me perguntar as mesmas coisas. A notícia os dominara por completo. Até então, a história do menino bruxo não passava de um conceito abstrato para eles, e não conseguiam acreditar que de fato assistiriam a um filme baseado nela. Não era tanto o enredo que os atraía, já que não sabiam praticamente nada sobre ele, e sim o fato de que o resto do mundo tinha assistido ao filme e amado, o que o tornava um verdadeiro *blockbuster*. Essa oportunidade inesperada de se juntar à onda de Harry Potter fez com que se sentissem parte de um mundo que sempre lhes fora negado. Eles queriam saber tudo sobre o assunto, e a cada refeição eu tinha de explicar o fenômeno Harry Potter. Certamente com um certo atraso, visto que todos os filmes já tinham sido lançados e os atores mirins já estavam na faculdade e eram adultos com a mesma idade dos meus alunos.

Os professores planejavam fazer pipoca no dia do filme. Tinham levado pipoca de micro-ondas comprada na China. contei aos alunos – de forma

um tanto prematura, como eu viria a saber – que eu faria um bolo de chocolate. Beth tinha feito brownies para seus alunos no verão e, desde então, os garotos ficavam maravilhados ao falar da iguaria; um dos alunos disse que era a melhor coisa que já tinha comido. A questão era que, além de eu nunca ter preparado um bolo de chocolate na vida – nem qualquer outra coisa do tipo –, teria de fazer o suficiente para cem alunos.

Pesquisei várias receitas na internet e logo descobri que não seria possível encontrar os ingredientes em Pyongyang. Alguns professores tinham levado fermento em pó e extrato de baunilha, mas o problema seria achar a manteiga e o cacau em pó. As lojas só vendiam margarina e a única coisa de cacau disponível era uma mistura para bebida instantânea. Decidi que ia simplesmente comprar um montão de chocolate e derreter tudo. O resultado não seria um bolo de chocolate autêntico, mas um pão com sabor de chocolate parecia melhor do que nada. Não havia nenhum forno a não ser os da cozinha da faculdade, e consegui permissão para usar um deles, mas não se parecia em nada com qualquer forno que eu já tivesse visto. A tarefa de fazer um bolo de chocolate para cem alunos na Coreia do Norte foi muito mais complicada do que eu imaginava.

A empolgação com o Dia do Filme que se aproximava, coroado pela espera por um bolo de chocolate, durou pouco. Mary irrompeu no meu escritório furiosa.

– Eu nunca vou mostrar *aquilo* para os meus alunos! – gritou. – O que você pretende ao mostrar aquela coisa horrível aos nossos alunos? – Ela, que geralmente se portava com educação, estava nitidamente lívida de raiva. – Que tipo de cristã é você? O que os cristãos do mundo todo diriam dessa decisão de expor nossos alunos a tal heresia?

Eu não tinha sido informada de que todos os outros professores tinham concordado, ainda que a contragosto, com o filme escolhido, com exceção da Mary, a mais fundamentalista em suas crenças. Ao contrário dos outros missionários, que vinham de famílias cristãs devotas, a sino-coreana Mary tinha se formado na UCTY e fora doutrinada quando estudara lá. Isso me levava a questionar se algum dos meus alunos se portaria como ela, caso a Coreia do Norte se abrisse para o mundo um dia.

Perguntei a Mary se ela já tinha lido algum dos livros de Harry Potter ou assistido a algum dos filmes. Foi uma pergunta ingênua. Na minha opinião, aquilo não passava da história de um garotinho que luta contra os caras maus, com uma magia lançada aqui e ali para satisfazer o fascínio das

crianças pelo sobrenatural. Para Mary, porém, Harry Potter era a encarnação do diabo. Declarou que jamais assistiria àquela coisa, tampouco a mostraria aos nossos alunos, nem que ela mesma tivesse de tomar as providências para cancelar o Dia do Filme inteiro. Em seguida, saiu às pressas em busca de filmes substitutos.

Algumas horas mais tarde, ela convocou uma reunião de emergência em sua sala. Tinha conseguido achar alguns DVDs aleatórios com outros professores. Acharam que *Indiana Jones e o Reino da Caveira de Cristal* era muito violento. *Madagascar* era uma animação e os alunos tinham deixado claro seu desejo de ver alguma coisa que não fosse desenho daquela vez. Ela gostava de *Um sonho possível* porque passava bons valores cristãos, mas os outros professores acharam que havia algumas cenas de amor inapropriadas. Isso também valia para *Titanic*. Por fim, Mary sugeriu *O senhor dos anéis*. Martha comentou que também havia magos nesse filme e que ele tinha três horas e quarenta minutos de duração.

Durante toda a reunião, enquanto os outros professores analisavam cada DVD da coleção minúscula de Mary, meu coração bateu acelerado. Eu estava com medo de que escolhessem outro filme para substituir *Harry Potter*. Meus alunos estavam tão ansiosos para assistir àquilo que eu não teria coragem de lhes dizer que não fariam isso. Ademais, como aquela seria a nossa última semana juntos, o filme parecia a minha última chance de expô-los a alguma coisa do mundo exterior. Então, fui firme ao dizer a Mary que, como professora, eu não quebraria a promessa que tinha feito aos meus alunos. Mary respondeu, igualmente firme, que definitivamente não permitiria que o filme fosse exibido. Os outros professores pareceram apreensivos quando Mary e eu começamos a erguer nossas vozes. A tensão ficou tão elevada que, no fim, nós duas estávamos chorando. Foi então que Beth, a diretora do Departamento de Inglês, interveio e chegamos a um acordo. Ela enviaria um e-mail instruindo todos os professores a reunir seus DVDs, de modo que pudessem escolher outro filme e pedir a aprovação das contrapartes, mas depois das provas finais, como parte da minha última aula em 19 de dezembro, eu poderia passar *Harry Potter* para apenas uma das duas turmas para as quais lecionava.

Era um acordo péssimo, mas eu sabia que mostrar o filme a apenas vinte e cinco alunos era melhor do que mostrá-lo a nenhum deles. Sofri e chorei por horas até escolher a Turma 1, pois eles tinham sido os primeiros a perguntar sobre Harry Potter e porque não era um filme de fácil

compreensão para quem não falava inglês, e eu sabia que a Turma 1 conseguiria acompanhá-lo melhor que a Turma 4.

Então, foi assim que *Avatar* acabou sendo escolhido para o Dia do Filme, que aconteceu no dia 17 de dezembro, em vez de *Harry Potter*. A prova começou depois do horário marcado, oito da manhã, por conta de uma queda de energia. A manhã de inverno estava tão escura que, mesmo depois de abirmos todas as cortinas da sala de aula, os alunos mal conseguiam enxergar as provas em meio à penumbra. Esperamos até que o dia clareasse e, como em um passe de mágica, começou a nevar. A neve continuou caindo ao longo de todo aquele dia, que era o último, como se pudesse encobrir o que quer que estivesse prestes a acontecer naquela terra devastada. Depois da prova, os alunos correram para o lado de fora para tirar fotos, e a neve continuou caindo. Enquanto lutavam para decidir quem ia se sentar ao lado dos professores para a foto, os garotos estavam tão felizes que pareciam crianças.

À época, nenhum de nós sabia que realmente era o último dia de toda uma era. Foi o último dia de vida de Kim Jong-il, embora a notícia só viesse a ser divulgada dois dias depois, em 19 de dezembro.

Mais tarde naquele dia, para a exibição de *Avatar*, consegui assar um pão muito fino com sabor de chocolate, e os garotos pareceram satisfeitos. Um declarou, sem rodeios, que *definitivamente* não era um brownie, mas o bolo foi rapidamente deixado de lado quando se reuniram para assistir, pela primeira vez na vida, a um *blockbuster* hollywoodiano repleto de efeitos especiais espetaculares.

DURANTE A MINHA ÚLTIMA SEMANA LÁ, sonhei com vômito. Vomitava as imagens dos vilarejos silenciosos ao longo das estradas, os rostos descarnados do outro lado da janela da van, os *slogans* do Grande Líder e as canções do Grande Líder e os retratos do Grande Líder que marcavam cada construção, cada criatura viva, cada respiração abafada como se fossem um ferrete. No meu sonho, eu jogava cada partezinha dos meus últimos dias em um saco plástico preto, que estava tão pesado que eu tinha de arrastá-lo com as duas mãos e jogá-lo em um buraco perto do alojamento dos professores. Sozinha em meio aos ventos siberianos, baixei o olhar para fitar o saco plástico, que parecia respirar, tão resiliente que se recusava a morrer.

Então acordei e eram cinco e quarenta da manhã. Estava escuro como breu do lado de fora, mas eu sabia que os alunos já tinham acordado. Às cinco e cinquenta, eles já estavam do lado de fora correndo, enfileirados, aos berros de *Joguk Tongil*, que significa “Reunificação da Pátria”. Durante as refeições, eles sempre afirmavam que fazia bem à saúde acordar tão cedo para correr no escuro e gritar tal desejo. Meus soldadinhos também eram como robosinhos. Em grupo, sempre davam a resposta certa, que depois seria analisada nas críticas semanais da Unidade do Cotidiano; sozinhos, porém, suas vozes reverberavam.

Todo dia é sempre igual.

Todo dia consiste em esperar por alguma coisa.

Estou de saco cheio.

Na manhã daquela segunda-feira, 19 de dezembro de 2011, apresentei *Harry Potter* para a Turma 1. Foi uma manhã cheia de emoções, porque eu sabia que estava magoando a Turma 4. Assim que o filme começou, alguns garotos das outras turmas, que haviam recebido instruções para estudar sozinhos em outras salas, começaram a espiar pelas janelas. Por fim, houve uma batida na porta e eu disse à minha turma que continuasse assistindo ao filme. Saí da sala e encontrei vários alunos parados no corredor.

– Também queremos ver o filme, professora – eles disseram.

O monitor da Turma 4 também estava lá, querendo saber por que a turma dele não estava assistindo ao filme, já que eu também era sua professora. Eu disse a eles que escolher apenas uma turma não tinha sido ideia minha, que isso me magoou mais do que qualquer outra coisa na vida, e que, se pudesse, teria mostrado o filme a cada um deles, mas que eu era apenas uma professora e não tinha esse poder.

– Vocês me perdoam? Por favor? – perguntei, irrompendo em lágrimas.

Então, um deles disse:

– Nós entendemos, professora. Só queríamos assistir ao filme também. Como sabe, não temos muitas oportunidades.

Em seguida, o monitor da Turma 4 disse:

– Não se preocupe, professora. Nós entendemos. Queríamos convidá-la para ir à nossa sala depois que o filme terminar. Temos uma surpresa para você.

No fim das contas, descobri que a surpresa eram canções: “Our Unforgettable Teacher” e “Song of Suki”, uma balada popular com a qual estavam vagamente familiarizados, cujas letras eles tinham pesquisado durante as férias de agosto e anotado cuidadosamente em um pedaço de papel, como um presente de despedida. Todos eles cantaram juntos e me pediram um último favor.

– Você pode nos dizer algo em coreano?

O pedido me pegou de surpresa, já que eles sabiam que, como professora de inglês, eu não tinha permissão para falar com eles em nossa língua materna. Mas também entendia o motivo. Eles tinham medo de que eu não retornasse e queriam compartilhar um momento de proximidade que se estendesse além das palavras.

Então, eu lhes agradei: *Gamsahamnidah...*

Em seguida, disse isto a eles em coreano:

– Obrigada por me deixarem ser sua professora pelo tempo que nos foi dado. Obrigada por me ensinarem muito mais do que eu ensinei a vocês. Enquanto eu viver, guardarei o rosto e o nome de cada um de vocês, como um tesouro, no meu coração. E, mesmo de muito longe, sempre pensarei em vocês, e espero que se tornem verdadeiros cavalheiros. Quero que nunca se esqueçam de que sinto muito orgulho de cada um de vocês.

Depois, inclinei o corpo para a frente, como nós, coreanos, fazemos ao nos despedir. Eu sabia que não ia voltar e não conseguia conter minhas lágrimas. Ainda havia tanto a dizer e, além disso, ainda me sentia péssima

por tê-los decepcionado, mas achei que conseguiria explicar melhor mais tarde. Meu último almoço seria com a Turma 1 e o último jantar, com a Turma 4.

QUANDO CHEGUEI AO REFEITÓRIO, às onze e meia da manhã, vi que a maioria deles já tinha terminado de almoçar, mais cedo do que de costume, e estava saindo. Alguns alunos da Turma 1 acenaram para mim, contudo, e disseram:

– Professora, sente-se aqui, por favor. Vamos esperar que termine de almoçar.

Em seguida, um deles explicou que todos os alunos tinham sido convocados para uma reunião extraordinária ao meio-dia. Não perguntei do que se tratava, porque eles frequentemente tinham reuniões misteriosas à tarde.

Eles ainda estavam alucinados por causa de *Harry Potter*, pois tinham achado o filme incrível. Amaram, acima de tudo, a cena em que Hermione diz a Harry que ela tinha de terminar de escrever um artigo sobre lobisomens para a aula do professor Snape. Acharam graça do fato de Harry e Hermione também não gostarem de escrever artigos.

Mas não havia muito tempo sobrando para discutir *Harry Potter*, já que eles tinham de ir à reunião e estavam abatidos por eu ir embora na manhã seguinte. Um deles disse:

– Faz dias que estamos muito tristes porque você vai nos abandonar, professora.

E então perguntaram mais uma vez:

– Você vai voltar no próximo semestre, professora?

Respondi que, sinceramente, não tinha certeza se teria permissão para voltar ao país, mas que, mesmo que não voltasse, talvez um dia eles tivessem acesso à internet e então poderíamos conversar por Skype. Eles permaneceram em silêncio até que um deles, que parecia absorto nos próprios pensamentos, enfim disse com seriedade: – Talvez eu possa me tornar um delegado da ONU. Aí eu poderia ir para Nova York vê-la pessoalmente!

Eles se levantaram para ir para a reunião e já estavam se afastando quando um deles se virou e disse:

– Quando vamos nos ver de novo, professora? Cara a cara? Comecei a rir da insistência infantil deles e respondi:

– Ora, cavalheiros. Ainda não fui embora! Estarei aqui na hora do jantar! Vejo vocês mais tarde!

Diante disso, eles sorriram e foram embora, e nenhum de nós tinha a menor ideia de que nunca mais nos veríamos – *pelo menos não daquele jeito*.

ERA UM POUCO ANTES DO MEIO-DIA quando voltei para o alojamento dos professores. Dei uma paradinha na clínica para visitar um aluno que havia fraturado o tornozelo jogando basquete. Eu estava ficando de olho nele, já que, por conta das provas, seu parceiro não podia passar tanto tempo por ali quanto antes. Ele não podia participar de nenhum encontro e eu sabia que isso o deixaria chateado. O rosto dele se iluminou ao me ver e conversamos sobre o que ele faria durante as férias, mas ele não parava de interromper a conversa para fazer a mesma pergunta: “Então, você vai voltar na primavera, professora?”. Nenhum de nós dois fazia ideia de que, na reunião extraordinária que estava acontecendo no prédio de TI naquele momento, todos os alunos estavam assistindo ao anúncio da morte de Kim Jong-il.

Uns vinte minutos depois, Martha bateu à minha porta e disse:

– Você precisa ir à reunião imediatamente.

Quando abri a porta, ela baixou a voz e, apontando para o teto, sussurrou:

– Ele morreu.

Corri até a salinha especial onde todos os professores recebiam a notícia e descobri que, ao saber da morte do Grande Líder, os alunos saíram correndo, em grupos, para a Sala de Estudos de Kimilsungismo. Nosso intermediário nos informou de que, se quiséssemos, também poderíamos ir até lá prestar uma última homenagem.

De volta ao meu quarto, coloquei no canal da Televisão Central da Coreia, que não parava de exibir o comunicado. A âncora, que vestia um *hanbok* preto, chorava ao dar a notícia à nação. Kim Jong-il – Secretário-Geral do Partido dos Trabalhadores da Coreia, presidente da Comissão de Defesa Nacional da RPDC e Comandante Supremo das Forças Armadas da Coreia do Norte – sofrera um ataque cardíaco durante uma viagem de trem, em uma excursão. Ele havia trabalhado dia e noite e estava exaurido tanto física quanto mentalmente, tudo por conta de sua preocupação gigantesca de construir uma nação socialista poderosa e próspera, de garantir a felicidade de seu povo, a unificação coreana e a independência de todas as

nações ao redor do mundo. Ele morreu às oito e meia da manhã do dia 17 de dezembro no ano Juche 100.

Olhei pela janela e vi alguns alunos saindo da Sala de Estudos de Kimilsungismo, então saí correndo para ir até lá. Quando uma das contrapartes me viu chegar perto do prédio, hesitou apenas por um instante antes de me acompanhar até o lado de dentro. Eu nunca havia estado lá antes e, mais tarde, fiquei sabendo que nenhum outro professor, com exceção de nosso intermediário, tinha entrado lá. Naquele momento, entretanto, a única coisa na minha cabeça era o sofrimento dos meus alunos. O homem que tinha morrido era o pai deles, e o mínimo que eu poderia fazer, como alguém que os amava e tinha passado meses dando aula para eles, era mostrar meu respeito ao reconhecer sua tristeza.

Lá dentro, dava para sentir o cheiro de incenso queimando. Alguns alunos se enfileiravam em cada lado do enorme retrato de Kim Jong-il. Era um visão familiar: os filhos ficavam posicionados desse jeito nos velórios coreanos para cumprimentar os visitantes enlutados que entravam, curvavam-se e acendiam velas. Eu sabia que deveria me postar em frente ao retrato e permanecer em silêncio por um instante. Não houve pressão para que eu me curvasse, então não me curvei. Não vi nenhum aluno chorando, mas o clima era solene e fúnebre. Enquanto me dirigia para a saída, passei por alguns alunos, mas nenhum retribuiu o olhar. Eles baixaram o rosto e passaram direto por mim. Ao longo da tarde, as coisas continuaram desse jeito. Eu sabia que eles estavam em algum canto do *campus*, mas o lugar parecia assustadoramente vazio. Os poucos que vagavam por ali nunca tiravam os olhos do chão. Mesmo quando o faziam, era como se não me enxergassem mais. O jantar foi cancelado. Fomos avisados de que levariam pão para o alojamento dos alunos e os professores deveriam comer o que tivessem em seus quartos.

Não restava mais nada a fazer a não ser terminar de arrumar a mala e assistir à TV. A âncora anunciou um luto de dez dias e deu detalhes do funeral, que seria realizado no dia 28 de dezembro. A capital de cada distrito organizaria uma cerimônia fúnebre e as pessoas foram instruídas a ficar três minutos em silêncio todos os dias. Durante esse período, haveria uma salva de tiros e toques fúnebres de trombetas dos navios da Marinha, e a bandeira seria hasteada a meio mastro. Não haveria nenhum tipo de festejo e nenhuma homenagem estrangeira seria aceita. Toda reportagem terminava com um lembrete ao povo: que honrassem seu falecido Grande

Líder, unindo-se para ajudar o Capitão Kim Jong-un a continuar construindo uma nação poderosa e próspera.

Andei de um lado para o outro no meu quarto. Mesmo ao relatar uma morte, as mensagens na TV eram circulares, as mesmas informações e imagens repetidas sem parar. Meu voo estava previsto para sair na manhã seguinte e, por um momento, temi que ele não tivesse permissão de decolar, já que o país inteiro parecia estar se fechando diante dos meus olhos. Não havia como estabelecer contato com meus alunos e a noite foi muito longa. Eu ainda tinha uma pilha de trabalhos corrigidos que pretendia entregar a eles no jantar. Naquele momento, porém, parecia que eu nunca mais os veria de novo. Então, enfiando os papéis debaixo do braço, segui pela passarela coberta em direção à clínica. Estava um breu total, e não cruzei com ninguém pelo caminho. A clínica também parecia vazia, mas vi em um canto escuro uma figura encolhida, soluçando sobre o colchão de ar. Era meu aluno machucado. Ele mal se moveu quando chamei seu nome, e eu não disse mais nada. Então, coloquei a pilha de trabalhos ao lado da cama e lhe disse que sentia muito. Ele nem se virou para olhar.

ÀS SEIS E MEIA DA MANHÃ SEGUINTE, fui correndo para o refeitório. O ônibus me pegaria às sete horas para me levar para o aeroporto, mas eu queria ver meus alunos – se eles estivessem lá – uma última vez. Eles estavam no refeitório, mas não ergueram o olhar. Seus olhos estavam inchados e vermelhos, e não havia expressão em seus rostos. Era como se a vida tivesse sido tirada deles. Eu sabia que não era mais bem-vinda entre eles durante seu período de luto, então peguei minha bandeja e me sentei do outro lado do refeitório, de frente para eles. Olhei sem parar para cada um dos meus lindos meninos, que eu sabia que não veria nunca mais. Fiquei assistindo enquanto levavam as colheres à boca. Assisti enquanto pegavam as bandejas e seus olhares recaíam na minha direção sem esboçar o menor sinal de reconhecimento, como se eu tivesse deixado de existir naquele mundo em que não havia mais o Grande Líder. Mesmo assim, continuei a encará-los, só para o caso de algum deles erguer o olhar e perceber que seu mundo tinha de fato mudado... talvez para melhor.

AGRADECIMENTOS

QUERO AGRADECER ÀS SEGUINTESS PESSOAS e instituições por sua ajuda e apoio inestimáveis durante a escrita deste livro: Molly Stern, Rachel Klayman, Domenica Alioto, Suzanne Gluck, John Glusman, à Fundação Memorial John Simon Guggenheim, ao Programa de Bolsas Fulbright, à *Harper's Magazine*, à Open Society Foundation, ao programa de residência MacDowell Colony e à comunidade de Yaddo.

NOTA DA AUTORA

ESTE LIVRO É UM RELATO DAS MINHAS MEMÓRIAS, feito com base em diários e anotações mantidos a partir de 2002, quando fui à RPDC pela primeira vez; entre 2008 e 2011, quando fui atrás da história da UCTP; e durante minha estada em Pyongyang, de julho a dezembro de 2011. Sempre que possível, eu anotava e transcrevia eventos e conversas no dia em que ocorriam, de modo que pudesse reproduzir os diálogos palavra por palavra. Recorri a algumas fontes externas para verificação: mapas, fotografias e artigos de jornal, tanto em coreano quanto em inglês.

Com exceção de James Kim, presidente da UCTP, os nomes e, em muitos casos, os detalhes de identificação dos missionários, seguranças e alunos foram modificados. Sobretudo, em algumas passagens alterei a identidade dos alunos para protegê-los de represálias. Embora alguns tivessem nomes coreanos, atribuí nomes ocidentais a todos os missionários para que fosse mais fácil distingui-los dos alunos.

Em alguns casos, alterei a ordem cronológica dos eventos. As histórias de algumas das excursões mencionadas no livro, por exemplo, são contadas fora da sequência para que a narrativa flua melhor. Além disso, vi a UCTP pela primeira vez em 2009, durante uma breve cerimônia de inauguração antes de a faculdade entrar em funcionamento, mas não mencionei essa ocasião no livro e me baseei nessas impressões ao escrever o relato sobre tê-la visto em 2011. Minhas descrições dos eventos em si não foram alteradas, e relatei-os com a maior precisão possível.

Para a transliteração, usei o sistema McCune-Reischauer (usado nos EUA desde 1937) e o sistema de romanização revisado (o estilo oficial na Coreia do Sul). Como o sistema McCune-Reischauer é usado com mais frequência na língua inglesa, muitas de suas grafias estão consagradas. Dois exemplos são meu próprio sobrenome, Kim, que seria transliterado mais precisamente como Gim, e a palavra *kimchi*, que deveria ser *gimchi*. Mas Kim e *kimchi* já são nomes amplamente reconhecidos, então adotei essas grafias. Ao romanizar palavras que não são tão usadas em inglês, contudo,

usei o sistema de romanização revisado, que é mais preciso. Por isso, grafiei Gwangsan com G no início em vez de K.

A grafia dos nomes de lugares no livro também é propositalmente inconsistente, a depender do estilo predominante. Usei hífen para palavras que designam províncias, montanhas e palácios em substantivos compostos: Chungcheong-do, por exemplo, para a província de Chungcheong, e Myohyang-san para a montanha Myohyang. Omiti, no entanto, o hífen em Gyeongbokgung (Palácio Gyeongbok), porque é assim que costuma ser grafado em inglês.

Ao escrever nomes completos em coreano, o sobrenome sempre vem primeiro, como em Kim Jong-il, Lee Myung-bak ou Kim Suki. Neste livro, refiro-me aos seguranças, às contrapartes e a alguns dos professores pelos sobrenomes. Com os alunos, entretanto, uso os nomes completos com o sobrenome primeiro, como em Park Jun-ho, ou apenas seus primeiros nomes, como em Jun-ho, já que era assim que eu me dirigia a eles e como eles se chamavam entre si.

Não tenho a pretensão de que este livro ofereça um panorama completo da Coreia do Norte, mas acredito que ofereça algo raro. Ao longo da minha carreira, viajei pelas rotas de fuga mais utilizadas pelos desertores, para a China, Coreia do Sul, Mongólia, Tailândia e a fronteira do Laos, e entrevistei mais de sessenta desertores norte-coreanos, bem como mediadores de deserção e líderes de grupos que ajudam os desertores. Este livro, por outro lado, busca capturar um fragmento da vida das elites na RPDC, o setor da sociedade sobre o qual há menos informações disponíveis, com base nas minhas observações e interações com jovens privilegiados de dezenove e vinte anos. O contato prolongado que tive com meus alunos na UCTP é extremamente incomum e me permitiu vislumbrar um mundo geralmente fechado para jornalistas e outras pessoas estrangeiras. Várias circunstâncias únicas me permitiram vivenciar uma experiência mais plena: o fato de a UCTP estar em seu primeiro ano de funcionamento e ainda desorganizada; a iminente mudança no regime, que parecia fazer meus alunos se sentirem mais vulneráveis; a juventude e a inocência dos garotos; minha posição como a segunda professora estrangeira que tiveram; e o fato de eu ser uma falante nativa de coreano, o que nos dava um idioma em comum.

Escrevi este livro sabendo que despertaria a ira do regime da RPDC, do presidente da UCTP e dos meus ex-colegas de lá. Embora eu lamente

causar desconforto ao presidente e ao corpo docente da UCTP, sinto um grande senso de dever, tanto como escritora quanto como uma pessoa profundamente preocupada com o futuro da Coreia, de contar a dura verdade sobre a RPDC, na esperança de que a vida dos norte-coreanos, incluindo a de meus amados alunos, um dia melhore.

SOBRE A AUTORA

SUKI KIM É AUTORA DO ROMANCE PREMIADO *The Interpreter* e ganhadora das bolsas Guggenheim, Fulbright e Open Society. Tem viajado para a Coreia do Norte como jornalista desde 2002, e seus ensaios e artigos foram publicados no *The New York Times*, na *Harper's* e na *New York Review of Books*. Nascida e criada em Seul, atualmente mora em Nova York.

INFILTRADA

• GUIA DO LEITOR •

• UMA CONVERSA COM SUKI KIM •

UM GUIA DO LEITOR PARA



INTRODUÇÃO

INFILTRADA APRESENTA AS MEMÓRIAS da premiada romancista Suki Kim. Neste livro, ela narra sua experiência como professora de inglês dos filhos da elite da Coreia do Norte durante os últimos seis meses do reinado de Kim Jong-il – um raro relato da vida no país mais obscuro do mundo e dos jovens privilegiados aos quais ela se refere como “soldados e escravos”.

Na Universidade de Ciência e Tecnologia de Pyongyang, Suki partilhava três refeições diárias com seus alunos e se esforçava para ensiná-los a escrever, tudo sob o olhar atento do regime. No decorrer das semanas, Suki começou a sugerir aos alunos que havia um mundo além do deles e, em troca, eles lhe ofereceram vislumbres atormentadores de suas próprias vidas, de seus problemas com garotas à curiosidade que nutriam pelo Ocidente proibido. Então, Kim Jong-il morre, deixando os alunos arrasados e levando Suki a questionar se o abismo entre o mundo dela e o deles poderá ser superado um dia.

Assombroso e inesquecível, *Infiltrada* certamente suscitará muito debate em seu clube de leitura. Esperamos que este guia incremente a discussão.

Para recursos adicionais, acesse <sukikim.com>.

PERGUNTAS E TÓPICOS PARA DISCUSSÃO

1. Antes de ler o livro de Suki Kim, quais eram as suas impressões sobre a vida na Coreia do Norte? Após a leitura do livro, sua percepção mudou? Em que aspectos o relato de Suki Kim difere de outros que você possa ter lido?
2. No [Capítulo 1](#), Suki escreve que o “sofrimento não correspondido” da separação que a família dela sofreu durante a Guerra da Coreia a motivou a fazer várias viagens à Coreia do Norte. Como esse contexto é apresentado na narrativa? Você já voltou ao país (ou países) de origem da sua família? Em que medida você se sente conectado com a cultura de seus antepassados?
3. No prólogo, Suki se refere à UCTP como uma “prisão disfarçada de *campus*”. Como o isolamento da UCTP afeta a cultura dessa universidade? Como Suki e os outros professores lidam com a vida monótona na UCTP?
4. Suki prepara suas aulas cuidadosamente, com o objetivo de mostrar aos alunos pedacinhos de informações sobre a vida fora da Coreia do Norte, especialmente no que se refere à tecnologia e à internet, sem entrar em conflito com as “contrapartes”. Se você estivesse no lugar de Suki, quais assuntos ou ideias gostaria de abordar?
5. Na viagem para a fazenda de maçãs, a princípio Suki fica encantada com a paisagem rural idílica, mas fica horrorizada ao descobrir que os trabalhadores são raquíticos e desnutridos. Como os encontros de Suki com norte-coreanos fora da UCTP afetam a forma como ela vê seus alunos? Houve algum momento que você achou particularmente marcante?
6. No [Capítulo 20](#), Suki descreve o rigoroso sistema de parceria da UCTP. Embora esteja impressionada com a devoção que os garotos têm uns pelos outros, ela fica transtornada com a rapidez com que essas alianças podem mudar: “Reparei que, com a mudança do semestre de verão para o de outono, a maioria das duplas também tinha mudado, e os alunos não eram mais vistos com seus antigos parceiros”. O que isso sugere a respeito da natureza dos relacionamentos na Coreia do Norte? Nessas circunstâncias, é possível cultivar amizades verdadeiras?
7. Embora os alunos de Suki sejam inteligentes e esforçados, eles têm dificuldade para escrever artigos simples. Por que eles acham essa tarefa tão complicada?

8. O plano de estudos da UCTP sofria restrições não apenas por parte do governo, mas também por conta dos valores religiosos dos missionários. Como essas restrições afetavam a qualidade da educação? O que Suki conquistou para os alunos ao deixá-los assistir a *Harry Potter*?
9. Você ficou surpreso ao descobrir que o governo norte-coreano aceita uma universidade dirigida por cristãos evangélicos em seu território? Qual é o propósito da UCTP para o governo norte-coreano? E para os cristãos evangélicos?
10. Embora os alunos de Suki tivessem em torno de vinte anos e muitos houvessem frequentado escolas mistas antes, eles pareciam ter pouca experiência com namoros. O que as crenças deles sobre o amor revelam sobre a questão de gênero e família na Coreia do Norte? Qual papel a relação de Suki com “o homem do Brooklyn” desempenha na narrativa?
11. No [Capítulo 1](#), Suki escreve: “Os historiadores frequentemente se referem [à Guerra da Coreia] como a ‘guerra esquecida’, mas nenhum coreano se esqueceu dela”. Como a guerra afeta a vida de Suki nos dias de hoje? E a vida dos alunos dela? Você ficou surpreso ao descobrir que a Coreia do Norte considera os Estados Unidos seu “inimigo número um”?
12. O título original do livro, “Without you, there is no us”, foi tirado de uma música que Suki frequentemente ouvia os alunos cantarem: “Sem você, não há nós, sem você, não há pátria”. Como os rituais do cotidiano ajudam a vincular os alunos ao regime norte-coreano? Que outros aspectos do dia a dia deles servem a esse propósito?
13. Os alunos de Suki aprendem a condenar os Estados Unidos e a Coreia do Sul durante seu treinamento Juche, mas ficam ávidos por ouvir Suki contar sobre a vida dela em Nova York. Como eles conciliam a origem de Suki com seu papel como figura de autoridade? Houve algum momento em que o relacionamento deles passou por percalços?
14. No [Capítulo 13](#), Suki fica profundamente comovida quando os alunos se aglomeram em volta dela para tirar uma foto da turma. Ela escreve: “Mais tarde, o professor que tirou as fotos me contou que todos os alunos queriam ficar perto de seus professores. Estar perto deles fisicamente era o máximo que podiam fazer para demonstrar seu amor”. Houve outros momentos no livro em que sentimentos intensos não foram expressos em voz alta? Você já passou por algo semelhante na sua vida?

15. Os alunos de Suki acreditam que o idioma coreano é superior e universal. Ainda assim, o governo deles permite, e até mesmo incentiva, o ensino da língua inglesa para seus melhores alunos. De que forma Suki foi capaz de usar a linguagem como ponte? O que significou para os alunos quando ela ousou falar coreano nos últimos dias que passaram juntos?
16. Embora Suki fique nervosa com a facilidade que os alunos demonstram para contar mentiras, ela enfim passou a amá-los. Por que você acha que isso aconteceu? Depois de ler o livro, você acha que os garotos são compreensivos?
17. Algumas pessoas no Ocidente especularam que a morte de Kim Jong-il desestabilizaria a ditadura norte-coreana e poderia abrir caminho para a reunificação. Depois de ler este livro, você está esperançoso com o futuro da Coreia do Norte? Por quê? Quais responsabilidades, se houver, a comunidade internacional tem de assumir para aliviar o sofrimento do povo norte-coreano?

ENTREVISTA COM SUKI KIM

Em 2011, você viajou para a Coreia do Norte para dar aulas em uma universidade repleta de funcionários estrangeiros e fez suas anotações em segredo durante todo o tempo. Se elas tivessem sido descobertas, você poderia ter sido deportada ou até mesmo presa. O que a motivou a correr esse risco?

Sempre fui obcecada pela Coreia do Norte. Nasci e fui criada na Coreia do Sul e imigrei para os Estados Unidos quando tinha treze anos. Parentes de ambos os lados da minha família foram levados para a Coreia do Norte durante a Guerra da Coreia e nunca mais foram vistos. No início de 2002, viajei para lá para escrever reportagens para várias revistas. Quando fiquei sabendo da UCTP (Universidade de Ciência e Tecnologia de Pyongyang), percebi que essa poderia ser uma oportunidade incomum de ter acesso aos bastidores e me candidatei para trabalhar lá.

Meu objetivo era escrever um livro que humanizasse os norte-coreanos. Queria ir além dos retratos quase cômicos do Grande Líder – de um homem maluco com penteado e roupas engraçadas, cujo passatempo é fazer ameaças sobre uma guerra nuclear. A verdade é tão mais terrível e assustadora. Eu queria ajudar as pessoas de fora a enxergar os norte-coreanos como pessoas de verdade, como pessoas com quem podemos nos identificar, para que possamos começar a nos importar com o que acontece com elas. Esse era o meu objetivo, e parecia valer a pena correr esse risco.

Você pode nos dar um panorama de como é a vida por lá?

Só posso dar um panorama da vida na UCTP, já que os professores e os alunos quase nunca tinham permissão de sair. Havia uma guarita e um portão no *campus*, e só podíamos sair durante as viagens em grupo, fosse para passear, fosse para fazer compras. Éramos sempre acompanhados por seguranças, cujo trabalho era nos vigiar e garantir

que não fizessemos nada sem autorização. Às vezes, eles chegavam a nos seguir até quando íamos ao banheiro. Os lugares que visitávamos eram as atrações costumeiras que o regime permitia que os estrangeiros vissem, por isso eram inevitavelmente imaculados e não revelavam quase nada. Fosse uma montanha, um museu, um pomar ou um metrô, tudo seguia um roteiro, e o roteiro era sempre focado nos feitos extraordinários do Grande Líder, fosse Kim Jong-il, fosse Kim Il-sung.

A UCTP foi estabelecida e financiada com recursos de missionários evangélicos, então, para conseguir um emprego lá, você teve de se passar por missionária e professora. Isso representou um dilema ético para você?

Não é uma sensação boa mentir de forma deliberada, especialmente quando você sabe que pode magoar outras pessoas, mas estou em paz com as escolhas que fiz. Eu me senti culpada por fazer meus colegas evangélicos acreditarem que eu era um deles, mas minha prioridade era contar a história de vida dos meus alunos. E, na verdade, meus colegas também mentiram, pois seu principal objetivo não era educar os alunos, e sim converter norte-coreanos ao cristianismo no futuro. O outro dilema era saber que publicar meu livro poderia acabar afetando negativamente meus ex-alunos ou a universidade. Embora nenhum dos alunos tenha feito nada além de expressar sua curiosidade, mudei todos os nomes e detalhes de identificação para protegê-los. Não sei se haverá consequências negativas para a UCTP, mas não é a eles que devo lealdade.

O que mais a surpreendeu sobre os jovens para quem lecionou?

A dualidade da personalidade de cada um deles. Eram a nata da nata da Coreia do Norte, a maioria vinda de famílias abastadas de Pyongyang, e ainda assim eram respeitosos, sinceros, quase provincianos. Eles podiam ser doces e infantis, mas eram seguidores fervorosos do Grande Líder e, quando estavam com esse modo ativado, pareciam unidimensionais e quase robóticos. Três vezes ao dia, marchavam até o refeitório, em formação, entoando canções patrióticas, como soldados. Eles falavam de um jeito que parecia muito roteirizado. Havia algumas frases que todos os meus alunos repetiam o

tempo todo, como “nação poderosa e próspera”, uma expressão que eu já tinha escutado de outros norte-coreanos em visitas anteriores. Suas canções eram extremamente violentas e agressivas em relação aos Estados Unidos – por exemplo, a letra de uma música falava sobre caçar a cabeça de estadunidenses –, mas, ao mesmo tempo, eles estavam incrivelmente animados com a oportunidade de assistir a *Harry Potter*.

Você diz que passou a amar seus alunos. O que você amava neles?

Estávamos praticamente aprisionados juntos em um complexo murado e, nessas circunstâncias, o amor, a compreensão e a camaradagem costumam se desenvolver. Era impossível não amá-los. Meus alunos eram muito inocentes, quase infantis, porque viviam separados do resto do mundo. Ainda tinham aqueles conceitos de ética do velho mundo, de respeitar os professores e obedecer aos pais, e eram tímidos. Timidez é algo que não vejo com muita frequência em jovens da mesma idade nos Estados Unidos. Desse modo estranho, eles pareciam puros.

No livro, você menciona que os alunos mentiam muito. Sobre o que eles mentiam e por quê?

Eles mentiam sobre quase tudo com uma facilidade que eu achava enervante. Contavam que tinham dormido até muito tarde em dias nos quais eu os vira fazendo exercícios às seis da manhã. Diziam que ligavam para os pais o tempo todo, quando na verdade nem tinham permissão para fazer isso. Contaram que tinham ido a festas com seus amigos durante as férias de verão, quando eu sabia que a maioria de seus amigos de outras universidades fora enviada para trabalhar em canteiros de obra naquela época. As mentiras pareciam ter a ver com o sistema e as restrições que eles não tinham permissão para revelar. Por exemplo, todos tinham de ficar de guarda às vezes. Do anoitecer até o alvorecer do dia seguinte, independentemente de quanto o clima estivesse severo, seis alunos se revezavam do lado de fora de um prédio vazio no *campus* conhecido como Sala de Estudos de Kimilsungismo, vigiando o espírito de seu Grande Líder morto. Mas eles não admitiam que faziam isso e, mesmo quando admitiam, não falavam sobre o assunto.

Bem, é claro que mentira e sigilo eram tudo o que eles conheciam. Desde seu nascimento, ensinaram a eles que a Guerra da Coreia foi iniciada pela Coreia do Sul e pelos Estados Unidos, que seu Grande Líder Kim Jong-il era admirado no mundo todo e que sua nação era a mais poderosa e próspera do planeta. Em um país em que o governo inventa a sua própria verdade, como esperar que eles não inventassem as deles também?

Como os seus alunos se sentiam e o que sabiam com relação ao Ocidente?

Eles eram muito ingênuos às vezes. Um aluno me perguntou se as pessoas falavam coreano no resto do mundo e outro perguntou se era verdade que o *naengmyeon* (o prato típico de lá) era considerado a melhor comida do mundo. Fiquei surpresa com a falta de conhecimento geral deles. Muitos não sabiam o que era a Torre Eiffel ou o Taj Mahal. Pensavam que a intranet, uma rede censurada com informações pré-baixadas, era a mesma coisa que a internet. E, embora estivessem estudando para se formar no ramo de ciências e tecnologia, não sabiam quando o homem tinha pisado na Lua pela primeira vez. Mas todos sabiam recitar exatamente quando e por quanto o Alasca fora vendido para os Estados Unidos – uma lição sobre o imperialismo. E todos conheciam o livro *E o vento levou*, embora o chamassem de *E o vento soprou*. Sempre me perguntei se eles tinham recebido permissão para ler esse livro porque ele fala sobre a guerra entre o Norte e o Sul, e o Norte vence!

Do que você mais teve medo enquanto esteve na UCTP?

Eu tinha medo de que encontrassem minhas anotações e me acusassem de espionagem. Eu poderia ser facilmente enviada para um campo de trabalhos forçados por causa disso. Todos os dias, também sentia medo de colocar meus alunos em perigo. Criamos um laço genuíno com o tempo, e eu temia incutir na mente deles dúvidas sobre o regime. Até mesmo ensiná-los a escrever um artigo acabou sendo perigoso, porque a ideia de conceber sua própria tese e apresentar um argumento com base em evidências não existe na Coreia do Norte. Era um conceito totalmente novo para os meus alunos. Dizem a eles o que

devem pensar, e isso não requer provas. O pensamento crítico é muito perigoso por lá.

A vida em Pyongyang era muito diferente da vida nos Estados Unidos. No período em que viveu lá, qual foi a coisa mais difícil com a qual teve que se acostumar?

É extremamente cansativo nunca ser deixada em paz. Os seguranças estavam sempre nos vigiando, os alunos estavam sempre fazendo relatos sobre nós; toda refeição, toda conversa, toda aula, tudo estava sob vigilância. Nossos quartos e escritórios estavam grampeados. Todo prédio do *campus* era interligado a outro por uma passarela coberta e ladeada por janelas, de modo que tudo sempre estava à vista. Precisávamos pedir permissão para tudo, como se fôssemos crianças. Pensar era perigoso e, ao mesmo tempo, não havia tempo para pensar. Às vezes, parecia que “eu” não existia. Era um sentimento muito estranho – profundamente claustrofóbico e, às vezes, quase insuportável.

Como foi estar na Coreia do Norte no dia em que a morte de Kim Jong-il foi anunciada? Como foi a reação dos alunos?

Era meu penúltimo dia na Coreia do Norte, 19 de dezembro de 2011, e eu estava fazendo as malas para voltar para casa quando chegou a notícia. Foi nesse dia que os professores foram convidados a entrar no prédio em que nossos alunos tinham aulas diárias de propaganda política com seus professores norte-coreanos. Era um edifício sagrado para eles, em homenagem ao espírito de Kim Il-sung, aquele que eles vigiavam literalmente dia e noite. Lá dentro estava acontecendo uma espécie de velório, com alguns alunos cumprimentando os enlutados em frente a um grande retrato de Kim Jong-il, que ficava no centro do saguão. Não vi nenhum deles chorar, mas suas expressões eram fantasmagóricas, como se o céu tivesse desabado. Pelo restante do dia, o *campus* pareceu assustadoramente vazio. O jantar foi cancelado, e os poucos alunos que encontrei não olharam na minha cara. A última vez que vi meus alunos foi no café da manhã do dia seguinte. Pela sua aparência, parecia que tinham passado a noite inteira chorando, como se suas almas tivessem sido sugadas para fora do corpo, como se tivessem acabado de perder um dos pais.

A sua tristeza parecia tão absoluta e irrevogável que me lembrei de um trecho da canção cantada repetidas vezes pelos alunos: “Sem você, não há nós”.

Você acha que um dia a Coreia do Norte se tornará uma sociedade mais aberta?

Sinceramente, não vejo como isso seria possível enquanto o atual regime permanecer no poder. Para sobreviver, a Coreia do Norte precisa manter vivo o mito do Grande Líder, o que só é possível se o povo permanecer ignorante e impotente. Por isso, tornar-se uma sociedade mais aberta seria suicídio para o regime de Kim Jong-un. Já podemos ver o lado implacável desse jovem líder. A maioria dos sete figurões que caminharam ao lado do carro fúnebre de Kim Jong-il, em dezembro de 2011, perderam seus títulos e foram enviados para campos de trabalho forçado ou executados. As duas superpotências – China e Estados Unidos – que poderiam pressionar a Coreia do Norte não fizeram praticamente nada para suscitar uma mudança. Enquanto isso, o povo norte-coreano continua submetido a um sofrimento desumano.